



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

**NIZIANNE ANDRADE PICANÇO**

**ALÔ MUNDO, ME AJUDE A SER GENTE:**  
interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais

**Santarém- Pará  
2020**

**NIZIANNE ANDRADE PICANÇO**

**ALÔ MUNDO, ME AJUDE A SER GENTE:**  
interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto

**Linha de Pesquisa:** Formação Humana em Contextos Formais e Não-Formais na Amazônia

**Santarém- Pará**  
**2020**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

Picanço, Nizianne Andrade.

Alô mundo, me ajude a ser gente: interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais / Nizianne Andrade Picanço. - Santarém, 2020.

213f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Hergos Ritor Fróes de Couto.

1. Educação. 2. Habilidades Sociais. 3. Futebol. 4. Desenvolvimento Humano. I. Couto, Hergos Ritor Fróes de. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas

CDD 23 ed. 302.14



Universidade Federal do Oeste do Pará  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA Nº 39

Aos vinte dias do mês de fevereiro do ano de 2020, às 09:00 horas, no Miniauditório Edil Salomão do Instituto de Ciências da Educação, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as), Prof.Dr. Hergos Ritor Froes de Couto (orientador e presidente), Profa. Dra. Patricia Reyes de Campos Ferreira (membro externo), e a Profa. Dra. Irani Lauer Lellis (membro interno) a fim de argüirem a mestranda Nizianne Andrade Picanço, com a dissertação intitulada "ALÔ MUNDO, ME AJUDE A SER GENTE: interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais". Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as argüições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Educação.  
 Reprovada

**Dra. Patricia Reyes de Campos Ferreira, UEPA**

Examinadora Externa à Instituição

**Dra. IANI DIAS LAUER LEITE, UFOPA**

Examinadora Interna

**Dra. IRANI LAUER LELLIS, UFOPA**

Examinadora Interna

**Dr. HERGOS RITOR FROES DE COUTO, UFOPA**

Presidente

**NIZIANNE ANDRADE PICANÇO**

Mestrando

A **Deus**, por ter me sustentado em todos os momentos e principalmente naqueles em que pensei não ser mais possível prosseguir, por ter consagrado a mim todas as capacidades necessárias para realizar este percurso e por ter me dado condições físicas e emocionais para que pudesse cumprir com mais esta etapa da minha vida.

Aos meus pais, **Sávio Picanço** e **Ana Valda Picanço** que ao longo da minha existência dedicam-se a mim de maneira incondicional e incentivam a buscar os meus sonhos, por sempre acreditarem em mim e por terem me ensinado a importância da dedicação, responsabilidade e perseverança em tudo que faço.

Aos meus irmãos, **Naianne Silva** e **Nathan Picanço**, aos meus sobrinhos, **Anna Luize**, **Arthur** e **Lívia**, por todo amor que dedicamos uns pelos outros e por se alegrarem junto a mim com cada conquista.

Ao meu companheiro, **Max Cavalcante** por ser meu apoio diário ao longo desta caminhada, por cuidar de mim e apoiar todos os meus sonhos, me ajudando todos os dias na concretização de mais esta conquista de minha/nossa vida.

A minha amiga querida, **Irani** por todo cuidado, amor e dedicação que tem comigo e por me inspirar a cada encontro a ser uma pessoa melhor, por acreditar em mim e me mostrar as possibilidades de “voos” que posso alcançar.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGE-UFOPA) e a todos os **professores** pelos conhecimentos compartilhados e construídos ao longo das aulas e pesquisa.

Ao meu Orientador **Dr. Hergos Couto** pelo qual tenho profunda admiração e carinho. Sou grata pela confiança, incentivo e acolhimento, por me proporcionar o desafio de estudar as relações sociais dentro do ambiente futebolístico, por dedicar a mim os seus conhecimentos, experiências e expertises contribuindo com a minha formação pessoal e profissional.

Ao **diretor** e aos **treinadores** do clube estudado por toda a prontidão em fornecer informações e permitir acompanhar o trabalho que desenvolvem com os adolescentes. A todos os **adolescentes** que participaram do estudo compartilhando as suas experiências na trajetória esportiva e, assim, contribuindo com a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**) pela concessão da bolsa de estudo durante o mestrado.

À professoras da banca de qualificação e defesa, **Dra. Edna Galvão, Dra. Patrícia Ferreira** e **Dra. Irani Lellis** que contribuíram de maneira ímpar com o aprimoramento do estudo.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Habilidades Sociais e Educação, pelas discussões realizadas sobre habilidades sociais que contribuíram com o aprimoramento da pesquisa, em especial a **Andréa Imbiriba** que me auxiliou no início deste percurso e sempre esteve disposta a compartilhar conhecimentos.

Às minhas amigas de trajetória do mestrado, **Adriane, Ana Hilguen, Milany, Núbia** que nos momentos de angústia com a pesquisa e a vida me acolheram, apoiando, compartilhando aprendizados e demonstrando gestos de carinho e apreço.

Agradeço em especial a minha amiga de todas as horas de mestrado, **Ana Hilguen Marinho** que sem medir esforços sempre me ajudou, incentivou e esteve ao meu lado do início ao fim desta pesquisa e contribuiu muito com as discussões que são nela desenvolvidas.

E o mais importante, agradeço imensamente a **Deus** que é dono de toda a minha vida e a **minha família** que são meus alicerces aqui neste mundo.

**Tudo é processo, o sendo é certo e não o ser.**  
**Hergos Couto**

## RESUMO

Os estudos relacionados à aprendizagem de valores sociais por meio do esporte são amplamente realizados na literatura brasileira. Entretanto, pesquisas voltadas para as habilidades sociais desenvolvidas por meio da interação social nos ambientes esportivos, especificamente no futebol, ainda são tímidas. Ressalta-se que desde a infância e adolescência muitos brasileiros, movidos pelo sonho de se tornarem grandes jogadores e alcançarem o status de ídolos, passam a integrar equipes das categorias de base de diversos clubes. Assim, boa parte deste período da vida é vivenciado no contexto esportivo, logo, as experiências advindas das relações sociais estabelecidas neste ambiente interferem de maneira significativa no desenvolvimento humano desses jovens. Ressalta-se que as habilidades sociais é um conjunto de atitudes que possibilitam melhores resultados nas trocas interpessoais e atuam como fatores de proteção para o desenvolvimento humano, pois são essenciais para a qualidade de vida e bem-estar das pessoas. Diante disso, o presente estudo objetivou averiguar a relação entre as interações sociais no contexto futebolístico e o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores. Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa com (8) adolescentes na faixa etária de 16 e 17 anos que atuam em uma equipe de futebol em Santarém-Pará. Os instrumentos metodológicos selecionados para este estudo foram: questionário sociodemográfico, roteiro de entrevista e observação não-participante e o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-DEL PRETTE, 2009). Para analisar os dados da observação utilizou-se de categorização, no IHSA foi empregada a análise informatizada e nas entrevistas aplicou-se a Técnica de Elaboração e Análise de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005). Os resultados evidenciaram que nas interações sociais no ambiente investigado ocorrem mais emissão de comportamentos com ausência de HS, em que as HS assertividade, autocontrole e expressividade emocional e empatia com o adversário são menos desenvolvidas nestas relações. Entretanto, constatou-se o favorecimento de habilidades sociais como: fazer amizade, empatia entre a equipe e civilidade. A relevância desta pesquisa se direciona à ampliação de discussões dos estudos científicos sobre o desenvolvimento de habilidades sociais no contexto esportivo, contribuindo para o conhecimento das interações sociais que fazem parte dos processos educativos do ambiente futebolístico/esportivos na região Amazônica.

**Palavras-chave:** Educação. Habilidades Sociais. Futebol. Desenvolvimento humano.



## ABSTRACT

Studies related to the learning of social values through sport are widely carried out in Brazilian literature. However, research on social skills developed through social interaction in sporting environments, specifically in football, is still timid. It is noteworthy that since childhood and adolescence many Brazilians, moved by the dream of becoming great players and reaching the status of idols, become part of teams from the grassroots categories of different clubs. Thus, a good part of this period of life is experienced in the sports context, therefore, the experiences arising from the social relationships established in this environment significantly interfere in the human development of these young people. It is noteworthy that social skills are a set of attitudes that enable better results in interpersonal exchanges and act as protective factors for human development, as they are essential for people's quality of life and well-being. Therefore, the present study aimed to investigate the relationship between social interactions in the football context and the development of social skills in young players. This is a qualitative approach field research with (8) teenagers aged 16 and 17 who work for a football team in Santarém-Pará. The methodological instruments selected for this study were: sociodemographic questionnaire, interview script and non-participant observation and the Social Skills Inventory for Adolescents (IHSA-DEL PRETTE, 2009). To analyze the observation data, categorization was used, at IHSA, computerized analysis was used and in the interviews, the Elaboration and Meaning Analysis Technique was applied (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005). The results showed that in social interactions in the investigated environment there is more emission of behaviors without HS, in which HS assertiveness, self-control and emotional expressiveness and empathy with the opponent are less developed in these relationships. However, it was found that social skills were favored, such as: making friends, empathy between the team and civility. The relevance of this research is directed to the expansion of discussions of scientific studies on the development of social skills in the sports context, contributing to the knowledge of the social interactions that are part of the educational processes of the football / sports environment in the Amazon region.

**Keywords:** Social Skills. Education. Soccer. Human development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b>	Esquemas dos requisitos da Competência Social.....	33
<b>Figura 2 -</b>	Fluxograma das etapas do levantamento realizado.....	42
<b>Gráfico 1 -</b>	A relação das Habilidades Sociais com o Esporte.....	57

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 -</b>	Portfólio de Habilidades Sociais.....	27-28
<b>Quadro 2 -</b>	Descrição dos estudos sobre Habilidades Sociais e Esporte encontrados - 2000 a 2018.....	43
<b>Quadro 3 -</b>	Relação dos objetivos traçados e os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa.....	93
<b>Quadro 4 -</b>	Demonstrativo do número de participantes por equipe.....	98
<b>Quadro 5 -</b>	Dados pessoais dos adolescentes integrantes de uma equipe de futebol da categoria de base do Município de Santarém em 2019.....	106
<b>Quadro 6 -</b>	Dados sobre o percurso dos adolescentes na prática futebolística.....	109
<b>Quadro 7 -</b>	Unidades de Significados da situação-problema referente à classe Autocontrole e expressividade emocional.....	127
<b>Quadro 8 -</b>	Unidades de Significados da situação-problema referente à classe Civilidade.....	129
<b>Quadro 9 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe empatia.....	131
<b>Quadro 10 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe empatia.....	134
<b>Quadro 11 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema referente à classe Assertividade.....	136
<b>Quadro 12 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema referente à classe Fazer amizades.....	140
<b>Quadro 13 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe Solução de problemas interpessoais.....	142
<b>Quadro 14 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe Solução de problemas interpessoais.....	144
<b>Quadro 15 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe Acadêmicas.....	147
<b>Quadro 16 -</b>	Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe Acadêmicas.....	148

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Número de estudos encontrados nas bases de dados de acordo com os descritores utilizados.....	41
<b>Tabela 2</b> - Dados relacionados à constituição familiar dos adolescentes da categoria de base do futebol Santareno.....	107
<b>Tabela 3</b> - Descrição da interpretação da posição dos escores (total e fatores) do respondente no IHSA-Del Prette.....	112
<b>Tabela 4</b> - Resultados obtidos no IHSA para o repertório de HS dos jovens jogadores integrantes de uma equipe da categoria de base do futebol santareno.....	113
<b>Tabela 5</b> - Descrição e Média da frequência de cada fator dos IHSA-Del Prette dos jovens jogadores.....	114-115
<b>Tabela 6</b> - Categorização das HS observadas nas interações no campo.....	118

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
<b>Capes</b>	Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Pessoal de Nível Superior
<b>CBF</b>	Confederação Brasileira de Futebol
<b>CS</b>	Competência Social
<b>DSC</b>	Discurso do Sujeito Coletivo
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>HS</b>	Habilidades Sociais
<b>IHSA</b>	Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes
<b>LILACS</b>	Literatura Latino Americana e do Caribe em ciências Sociais e de Saúde
<b>MBDH</b>	Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>PPGE</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>Scielo</b>	Scientific Eletronic Online
<b>SISNEP</b>	Sistema Nacional de tica em Pesquisa
<b>TA</b>	Treino Assertivo
<b>THS-</b>	Treino em Habilidades Sociais
<b>UEPA</b>	Universidade Estadual do Pará
<b>UFOPA</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>WOS</b>	Web Of Science
<b>MBDH</b>	Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>PPGE</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>Scielo</b>	Scientific Eletronic Online
<b>SISNEP</b>	Sistema Nacional de tica em Pesquisa
<b>TA</b>	Treino Assertivo
<b>THS-</b>	Treino em Habilidades Sociais
<b>UEPA</b>	Universidade Estadual do Pará
<b>UFOPA</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará
<b>WOS</b>	Web Of Science

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>CAMPO TEÓRICO-PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>Histórico do constructo das Habilidades Sociais.....</b>	<b>24</b>
2.1.1	Os principais conceitos no campo das Habilidades Sociais.....	25
<b>3</b>	<b>O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO.....</b>	<b>64</b>
<b>3.1</b>	<b>Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner.....</b>	<b>65</b>
<b>3.2</b>	<b>Implicações do contexto do futebol no desenvolvimento humano de jovens jogadores.....</b>	<b>73</b>
<b>3.3</b>	<b>Reflexões sobre educação não-formal no ambiente futebolístico.....</b>	<b>86</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>90</b>
<b>4.1</b>	<b>Natureza da pesquisa.....</b>	<b>90</b>
<b>4.2</b>	<b>Local da pesquisa.....</b>	<b>91</b>
4.2.1	Caracterização da equipe.....	91
<b>4.3</b>	<b>Participantes da pesquisa: critérios de inclusão e exclusão.....</b>	<b>93</b>
<b>4.4</b>	<b>Instrumentos e técnicas de coleta de dados.....</b>	<b>93</b>
<b>4.5</b>	<b>Etapas da pesquisa de campo.....</b>	<b>96</b>
<b>4.6</b>	<b>Aspectos éticos.....</b>	<b>103</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>105</b>
<b>5.1</b>	<b>Perfil sociodemográfico de jovens jogadores da categoria de base de uma equipe Santarena.....</b>	<b>105</b>
<b>5.2</b>	<b>Repertório de Habilidades Sociais dos jovens jogadores e Observações de Campo.....</b>	<b>110</b>
<b>5.3</b>	<b>Análise das Unidades de Significado.....</b>	<b>126</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>155</b>
	<b>APÊNDICE A - MODELO DE TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>166</b>
	<b>APÊNDICE B - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>168</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO PARA FICHA DE OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>170</b>
	<b>APÊNDICE D - MODELO DE QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO....</b>	<b>171</b>

<b>APÊNDICE E -</b>	<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE F -</b>	<b>QUADRO DE ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DE CAMPO.....</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE G -</b>	<b>QUADROS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO A -</b>	<b>INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES (IHSA-DEL-PRETTE).....</b>	<b>210</b>
<b>ANEXO B -</b>	<b>DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	<b>212</b>
<b>ANEXO C -</b>	<b>FICHA DE APURAÇÃO (FRENTE) DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTE (IHSA).....</b>	<b>213</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é considerado um esporte de grande fascínio no mundo por ser praticado e estar presente em quase todas as culturas e regiões. No Brasil, consolidou-se como paixão nacional, desempenhando um grande significado no cotidiano dos brasileiros, despertando interesses que alimentam rodas de conversa e a prática propriamente dita de aficionados por tal modalidade. Diante desse cenário, desde a infância os brasileiros são estimulados a envolverem-se no mundo desse esporte, que reúne milhões de torcedores e jovens atletas em busca de construir um futuro de sucesso como jogador profissional de futebol, muitas vezes com o intuito de mudar a própria realidade e garantir melhor sustento para a família (ROCHA; MONTEIRO, 2012).

De acordo com o Relatório da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) há no Brasil mais de 75 milhões de jogadores registrados, sendo 29% atletas da categoria de base<sup>1</sup> do futebol, a qual compreende as subcategorias a partir do Sub-12 ao Sub-20. Evidentemente, os dados mencionados, referem-se apenas aos clubes que são federados à CBF, compreende-se que se fossem inseridos dados em relação às equipes constituídas em projetos sociais e escolinhas de futebol comerciais, esses números aumentariam (CBF, 2019).

Deste modo, há considerável participação de jovens no esporte – especificamente no futebol - vivenciando interações sociais próprias do contexto, uma vez que no processo de formação futebolística é requisitado dos adolescentes um conjunto de habilidades como a disciplina, dedicação, compromisso, exigências por alto desempenho no jogo e constante motivação para atuar na equipe; conseqüentemente, estes adolescentes e jovens precisam se adequar às situações da prática esportiva e do convívio social que o ambiente demanda, portanto, sofrem interferências significativas no desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, social e cultural.

Ressalta-se que o esporte em geral, e particularmente o futebol, constitui-se como um ambiente propício ao desenvolvimento de práticas educativas, as quais são atividades que geralmente ocorrem baseadas na interação entre pessoas, objetos e locais, em diferentes espaços, que resultam na construção do conhecimento e na influência sobre o desenvolvimento humano dos indivíduos participantes das interações (MENEZES; PAIVA; STAMATTO, 2016). Nesse sentido, pode-se dizer que as trocas sociais são essenciais para

---

<sup>1</sup> Prática esportiva realizada por crianças e adolescentes dentro de uma agremiação esportiva, ou seja, regularizada por um clube e possui o objetivo de formar e revelar novos jogadores (CARDOSO, 2019).



o desempenho das atividades humanas, por consequência, é através das relações estabelecidas em todos os ambientes de interação dos indivíduos, que eles desenvolvem os próprios repertórios comportamentais, isto é, aquilo que sabem, podem e estão preparados a executar (SILVA, *et al*, 2018).

Para que esses relacionamentos sejam favoráveis ao desenvolvimento humano de crianças e adolescentes é necessário a aprendizagem de habilidades sociais (HS), uma vez que estas contribuem para a construção e manutenção da autoestima, autoimagem e bem-estar dos indivíduos. As HS são comportamentos sociais divididos em classes como: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizade, solução de problemas interpessoais e acadêmicos, que quando emitidos pelas pessoas em situações de convívio ou de trocas de comunicação favorecem a qualidade e a efetividade das interações resultando em relacionamentos bem-sucedidos para os envolvidos, estando associados, inclusive, à resolução de problemas interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Além disso, o desenvolvimento de HS é importante para o bem-estar, saúde, rendimento acadêmico, sucesso profissional e desenvolvimento socioemocional das pessoas, direcionando ao ajustamento psicossocial, o que requer a existência de comportamentos pró-sociais no repertório dos indivíduos, ou seja, a aprendizagem dessas habilidades pode auxiliá-los a lidar com as frustrações, pressões e possível reconstrução de vida. A autoestima, a participação escolar e o cultivo de expectativas futuras positivas são alguns exemplos de comportamentos pró-sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011; INFANTE, 2005).

O processo de aprendizagem das habilidades sociais ocorre “naturalmente” por meio das interações sociais. Entretanto, quando os ambientes não proporcionam satisfatoriamente o desenvolvimento das HS o prejuízo nas interações do indivíduo, ao lidar com os desafios do cotidiano, pode ser desencadeado, resultando em condutas indesejáveis nas relações interpessoais e, conseqüentemente, no desenvolvimento humano desses indivíduos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011).

De acordo com o levantamento teórico realizado, a inserção de jovens em ambientes esportivos - que preconizam a educação pelo esporte - pode ser benéfico para a aprendizagem de comportamentos sociais habilidosos, como o desenvolvimento de respeito ao outro, empatia, cooperação e etc. (SANCHES; RUBIO, 2011; ROCHA; MONTEIRO 2012; RIBEIRO, 2017; SEHNEM; CRUZ, 2015). Além disso, o “envolvimento e participação desportiva produz comportamentos positivos como percepção de habilidade

física, desenvolvimento do caráter, desenvolvimento de aptidões sociais, autoestima [...] e etc.” (DOMINGUES; CAVICHIOILLI; GONÇALVES, 2014, p. 249). Deste modo, o futebol pode ser um importante instrumento para o ensino de comportamentos sociais benéficos às relações humanas.

Nesta perspectiva, cabe evidenciar que o interesse pela pesquisa surgiu primeiramente da participação da pesquisadora no Grupo de Habilidades Sociais e Educação (GHASOE) da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, pois, por meio das discussões realizadas no referido grupo, aproximou-se dos conhecimentos sobre o constructo das Habilidades Sociais fato que aguçou o interesse da pesquisadora por estudos que tratam sobre o desenvolvimento de HS e relação com o desenvolvimento humano.

No Programa de Pós-Graduação em Educação por meio dos encontros com o orientador foi proposto o desafio de adentrar no ambiente futebolístico com a temática das habilidades sociais – abarcando neste contexto, jovens em busca do profissionalismo no futebol. Contudo, percebeu-se que são baixas as possibilidades destes jovens efetivarem esse sonho e as frustrações vivenciadas na tentativa podem direcionar tais candidatos a envolverem-se em condutas prejudiciais posteriormente. Portanto, estudos que visam ampliar conhecimentos de aspectos que possam favorecer o desenvolvimento humano mostram-se imprescindíveis no contexto do futebol.

A partir disso, debruçou-se em leituras que ampliassem os conhecimentos referentes aos aspectos próprios do ambiente esportivo, em específico do futebol, realizando também visitas a campo, com o objetivo de conhecer o ambiente das categorias de base do futebol em Santarém-Pará. Além disso, na prática profissional como psicóloga clínica, a pesquisadora observou ao trabalhar com pacientes acometidos de transtornos de humor e dificuldades interpessoais e acadêmicas, o baixo repertório de habilidades sociais como um dos fatores perpetuadores do sofrimento destes. Essas experiências impulsionaram ainda mais o interesse em desenvolver este estudo sobre o desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes, pois, esta é uma importante fase de formação dos aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais dos seres humanos.

Neste sentido, compreende-se que as habilidades sociais são fatores de proteção para o desenvolvimento humano (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Deste modo, no presente estudo foi utilizada a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, dando ênfase a alguns aspectos que interferem no desenvolvimento humano com foco principal nas interações sociais e nas discussões do Campo Teórico e Prático das Habilidades Sociais, uma vez que tanto para o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano quanto para

o campo teórico-prático das Habilidades Sociais a compreensão do desenvolvimento humano depende fundamentalmente da qualidade das relações interpessoais, isto é, da interdependência e da influência mútua entre a pessoa e os contextos imediatos e remotos em que desempenha interações (LEME *et al*, 2015).

Dessa forma, entende-se que os ambientes sociais desempenham interferências na vida das pessoas que podem resultar em consequências favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social. De acordo com a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, essas interferências dependem das características da pessoa, do contexto, dos processos de interação (Pessoa-Contexto) e do tempo da relação, isto é, numa troca social elas resultam da inter-relação dos quatro núcleos construídos por Bronfenbrenner (Processo, Pessoa, Contexto, Tempo – PPCT) (NARVAZ; KOLLER, 2004).

Destarte, a problemática deste estudo configura-se da seguinte maneira: como as interações sociais no contexto futebolístico interferem no desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores, especificamente, na cidade de Santarém-Pará? Esses jovens jogadores encontram-se em uma fase de desenvolvimento peculiar, que é a adolescência, em que as relações estabelecidas se mostram de relevante interferência para a formação do indivíduo, não apenas como jogador de futebol, mas como ser integrante de uma sociedade.

Salienta-se que o percurso de formação do jogador de futebol é um fenômeno complexo que ocorre nas interações sociais do sujeito com a “sociedade, a cultura, a equipe, os demais jogadores, treinadores, dirigentes, funcionários dos clubes, pais e torcedores” (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016, p. 149), envolvendo aspectos importantes para o próprio desenvolvimento, como os relacionados às dimensões física, psicológica, educacional, social, tática e técnica. Portanto, mesmo que os clubes não possam garantir que todos os jovens construam carreiras como jogador profissional, eles devem assumir a responsabilidade de auxiliar no desenvolvimento humano destes aspirantes, pois, é necessária também a preocupação em ajudá-los a desenvolverem-se enquanto seres sociais, pertencentes a uma sociedade que não se reduz ao futebol (COUTO, 2014).

De acordo com Calleja (2008), os contextos sociais realizam de algum modo práticas educativas que influenciarão no processo de desenvolvimento humano, pois a educação constitui-se de ações realizadas sob as pessoas. Ressalta-se que o espaço estudado caracteriza-se como ambiente de educação não-formal, pois as atividades educacionais

acontecem fora de um lugar convencional de educação – como a escola – com práticas não-formais de ensino que promovem a aprendizagem de conteúdos técnicos e táticos do futebol, mas, também, conhecimentos referentes a comportamentos, valores, socialização e competências importantes para o desenvolvimento humano dos adolescentes participantes.

Dessa forma, no presente estudo, evidencia-se a necessidade de realização de pesquisas que se ocupem em investigar aspectos referentes aos ambientes não-formais de educação, neste caso, no contexto do futebol, contribuindo para o conhecimento das interações sociais que fazem parte dos processos educativos na região Amazônica. Para isso, objetivou-se averiguar a relação entre as interações sociais no contexto futebolístico e o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores. Especificamente levantou-se o perfil sociodemográfico de tais jovens; observou-se as interações sociais no contexto do futebol; identificou-se o repertório de habilidades sociais dos referidos jogadores e verificou-se a existência de relação entre as interações sociais no contexto futebolístico com o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores.

As habilidades sociais são “[...] componentes indispensáveis na educação e formação de crianças, jovens e adultos, para a construção de um mundo mais harmonioso e comprometido com valores de justiça, generosidade, solidariedade etc.” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 90). Logo, o desenvolvimento de HS são componentes indispensáveis para a constituição do ser humano, tornando-o mais competente para agir de maneira crítica e responsável nas relações interpessoais.

Nesse sentido, identificar como as relações que se estabelecem no cenário futebolístico possibilitam o desenvolvimento das habilidades sociais, poderá favorecer a construção de conhecimentos que servirão de embasamento para a elaboração de políticas e práticas ou de treinamentos focados nessas habilidades, as quais são capazes de auxiliar no desenvolvimento humano de jovens jogadores de futebol e desportistas em geral; ampliando as discussões na literatura sobre aspectos envolvidos no desenvolvimento humano da juventude e os seus contextos formativos.

Para isso, o estudo está dividido em seis seções, sendo a primeira esta apresentação da pesquisa. A segunda seção intitulada “*Campo teórico-prático das Habilidades Sociais*”, possui uma subseção expondo a constituição histórica das Habilidades Sociais, outra subseção que trata sobre os conceitos da área e, em seguida, aborda o levantamento bibliográfico das pesquisas encontradas na literatura sobre habilidades sociais e a relação com o esporte/futebol. Nesta seção os principais autores utilizados foram: Del Prette e Del Prette (1996; 2000; 2011; 2013; 2017a), Portella e Padula

(2011), Falcone (2001), Aquino (2010), Sanches e Rubio (2011), Rocha e Monteiro (2012), Ribeiro (2017), Pereira (2019).

A terceira seção, intitulada “*O Processo de Desenvolvimento Humano no Futebol*”, os principais autores utilizados foram: Couto (2012; 2014), Balzano e Morais (2012), Galatti (2017), Tubino (2001), Bronfenbrenner (2011), Narvaz e Koller (2004), Trilla e Ghanem (2008), Gadotti (2005) e está organizada em três subseções. Na primeira apresenta-se a compreensão da Teoria Bioecológica sobre o processo de desenvolvimento humano; na segunda debruça-se sobre os estudos que versam sobre o fenômeno futebolístico e as implicações para o desenvolvimento de jovens jogadores; e a última subseção, traz argumentações referentes aos aspectos educativos do futebol, com ênfase nos ambientes de educação não-formal existentes no esporte.

A quarta seção reúne informações do percurso metodológico planejado e percorrido para a realização do presente estudo, visando seu desenvolvimento de modo ético, científico e satisfatório para a construção de conhecimentos; encontrando-se a descrição das etapas da pesquisa para o alcance dos objetivos propostos, os instrumentos utilizados, como ocorreu o procedimento de coleta de dados e a maneira que os resultados foram analisados. Destaca-se, na seção, a caracterização dos instrumentos e técnicas de estudo empregadas - Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), observação e entrevistas, tornando-se possível através destes recursos metodológicos atender a questão levantada na problemática do estudo.

A quinta seção, intitulada “*Resultados e Discussão*”, divide-se em três subseções, nas quais apresenta-se os resultados obtidos na pesquisa empírica. A primeira delas apresenta o perfil sociodemográfico dos adolescentes reunindo informações a respeito da idade, escolaridade, situação familiar e, ainda, conhecimentos sobre o percurso futebolístico desses jovens jogadores, como idade que iniciaram a prática esportiva, em que ambiente iniciaram a participação no futebol, há quanto tempo atuam na equipe estudada e outras particularidades.

Na segunda subseção, apresenta-se os resultados referentes ao repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores de acordo com a aplicação do IHSA e, também, os dados coletados por meio da observação de campo; optou-se por apresentar esses resultados juntos visando responder ao objetivo específico de verificar a existência de relação entre as interações sociais do contexto futebolístico com o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores. E na terceira subseção, encontra-se os resultados das entrevistas obtidos com auxílio da Técnica de Elaboração e Análise de Significado (MOREIRA; SIMÕES;

PORTO, 2005), evidenciando os relatos dos jovens jogadores em relação às interações sociais vivenciadas no ambiente futebolístico com ênfase na identificação de presença ou ausência de habilidades sociais nestas.

Na sexta seção estão presentes as “*Considerações Finais*” que revelam as contribuições alcançadas na pesquisa, suas limitações, assim como, as impressões da pesquisadora, aplicabilidade e as possibilidade da realização de outros estudos a partir dos resultados alcançados neste trabalho.

## 2 CAMPO TEÓRICO-PRÁTICO DAS HABILIDADES SOCIAIS

As relações interpessoais fazem parte de todos os contextos de vida da sociedade, e é por meio desse contato com o outro que os indivíduos desenvolvem a percepção sobre si enquanto seres humanos e sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Além disso, todas as necessidades de sobrevivência são mediadas pelo outro e dependem dessa interação, por exemplo: ao nascer a criança precisa dos cuidados de um adulto para satisfazer suas necessidades básicas e de afeto, é esse contato que proporciona o seu desenvolvimento e auxilia na construção das percepções e aprendizagem sobre tudo que lhe cerca.

Em qualquer fase do desenvolvimento humano as necessidades se modificam, entretanto, as relações interpessoais continuam exercendo em cada uma delas um papel fundamental para a evolução do indivíduo, pois são parte integrante da natureza humana (PORTELLA; PADULA, 2011). Na adolescência, por exemplo, a busca pela construção da identidade é uma característica marcante, a qual desenvolve-se direta e indiretamente a partir das relações estabelecidas dentro do contexto familiar e principalmente com os grupos de pares. É notável nessa etapa do desenvolvimento, o quanto se intensificam os comportamentos, de copiar uns aos outros, na maneira de vestir-se, comunicar-se e etc., visando, entre outros objetivos, a aceitação em determinado grupo social.

Nesta perspectiva, os adolescentes envolvidos com o contexto futebolístico experienciam situações próprias deste ambiente, como as exigências por desempenho satisfatório na prática esportiva, que interferem de forma significativa no processo de desenvolvimento humano.

Estudos desenvolvidos por Del Prette e Del Prette (2001; 2013) apontam que a construção de um repertório de habilidades sociais desde a infância é benéfica para a qualidade de vida das pessoas e para suas interações, pois as peculiaridades das relações interpessoais interferem na convivência, na saúde e no bem-estar do indivíduo. Portanto, os comportamentos sociais constituídos por essas habilidades possuem funcionalidades para o desenvolvimento do indivíduo, do grupo social e da sociedade, resultando em relações interpessoais mais produtivas, satisfatórias e duradouras (PORTELLA; PADULA, 2011).

Nesse sentido, no ambiente educacional e por meio de movimentos sociais, estudiosos e profissionais buscam construir estratégias para favorecer, principalmente em crianças, habilidades sociais consideradas fundamentais para envolverem-se com os outros e com as próprias necessidades (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b). Os estudos que

englobam as relações/interações sociais e as Habilidades Sociais (HS) percorreram um longo caminho até a constituição deste campo teórico-prático e de pesquisa, desenvolvendo-se atualmente com ênfase na Psicologia, na Educação e no contexto do Trabalho.

## **2.1 Histórico do constructo das Habilidades Sociais**

O estudo sistemático referente à interação social dos indivíduos iniciou com os trabalhos sobre o desenvolvimento humano, tendo como marco os estudos de Darwin, os quais constituíram a ideia de que o ser humano é uma das espécies que evolui ao longo da sucessão de acontecimentos naturais. Além disso, “Darwin [...] fortaleceu a tese de que não basta estudar o homem desconsiderando sua relação com as variáveis ambientais, incluindo as relações dos indivíduos entre si”, esta afirmação, promoveu em larga escala o interesse em pesquisas sobre o comportamento social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000, p. 249).

A partir das décadas de 1950 e 1960, a Psicologia Comportamental ou Terapia Comportamental, ganhou destaque com trabalhos derivados das pesquisas em laboratórios, voltando-se para problemas de relacionamento, timidez, agressividade, apatia e fobia social, portanto, esses estudos já possuíam o viés das relações interpessoais e auxiliaram posteriormente, na construção do campo de estudos das Habilidades Sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000).

Diversos autores são citados como precursores de estudos sobre as relações interpessoais (ARGYLE, 1984; CABALLO, 1997). Entretanto, dois grandes movimentos no campo da Psicologia, que foram: o Treino Assertivo (TA) e o Treino em Habilidades Sociais (THS) constituem marcos importantes para compreender a construção do campo teórico-prático e de pesquisa das HS.

De acordo com Del Prette e Del Prette (2018), o campo de estudos das Habilidades Sociais surgiu com os estudos de Argyle na Inglaterra por volta da década 70 do século XX, na Universidade de Oxford. Enquanto nos Estados Unidos e Canadá desenvolviam-se, em concomitância temporal, os estudos sobre o Treino Assertivo tendo à frente Wolpe. Somente depois de 1970 as pesquisas no campo do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) ganharam ênfase e foram utilizadas prioritariamente para a ressocialização de pacientes psiquiátricos no retorno ao convívio em sociedade.

No Brasil os estudos no campo das HS iniciaram-se nas décadas de 1970 e 1980, com a tradução de alguns livros de autores pioneiros; entretanto, o interesse



concentrou-se na área prática (Treinamento em HS) do que em pesquisas teóricas sobre HS, resultando em poucas publicações nesse período, sendo a primeira desenvolvida por Del Prette e Del Prette em 1978 (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000). Ressalta-se que os principais direcionamentos do Treino em Habilidades Sociais e do campo teórico da HS foram para o tratamento de problemas psiquiátricos e psicológicos, problemas de comportamentos de crianças, treinamento de profissionais e etc. No entanto, desde o início do século XX observa-se juntamente a “uma notável ocorrência de conflitos interpessoais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000, p. 253), o crescimento da importância de estudos que objetivem contribuir com o desenvolvimento de Habilidades Sociais úteis na resolução de tais conflitos.

Desse modo, atualmente o desenvolvimento de Habilidades Sociais firma-se nas mudanças sociais que continuam a ocorrer no século XXI, pois, se observa que valores como cooperação, solidariedade, preservação ecológica e harmonia não se perpetuaram, portanto, “tais mudanças também não conseguiram gerar padrões relacionais saudáveis e nem normas e códigos (explícitos ou não) capazes de regular as relações de conflito potencial” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b, p.9).

Logo, as relações sociais sofreram mudanças que acarretaram em prejuízos para o bem estar individual e social. Contudo, a aprendizagem de Habilidades Sociais é tida como uma possibilidade de contribuir com o desenvolvimento e manutenção de relações sociais mais harmoniosas e benéficas aos envolvidos numa interação. Nesta perspectiva, torna-se necessário compreender os principais conceitos que fazem parte deste campo teórico, sendo estes: habilidades sociais, desempenho social e competência social.

### **2.1.1 Os principais conceitos no campo das Habilidades Sociais**

O termo Habilidades Sociais apresenta-se na literatura com dois significados: o primeiro é usado para definir o campo teórico-prático de produção e aplicação de conhecimentos; o segundo é mais restrito e refere-se a um dos conceitos desse campo de pesquisas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Na literatura são encontradas várias explicações para Habilidades Sociais, evidenciando a relevância e abrangência teórica e prática dessa área de estudos. Antes de apresentá-las, faz-se necessário explicitar dois conceitos, que também fazem parte dos estudos sobre as Habilidades Sociais, sendo eles: *interação social* e *relação social*.

De acordo com Hinde (1976, 1979, 1981 *apud* ARANHA, 1993, p. 23) “interação é um episódio onde A faz  $x$  para B e B faz  $x$  para A”, ou seja, é uma troca social em que ambos os indivíduos apresentam algum comportamento em relação ao outro e/ou como resposta. Enquanto que a relação segundo o mesmo autor, “[...] é um fenômeno que envolve algum tipo de interação intermitente entre duas pessoas” ( HINDE, 1976, 1979, 1981 *apud* ARANHA, 1993, p. 23), isto é, ocorre com períodos relativamente extensos de tempo, com um grau de continuidade entre as trocas sociais e com a existência de aspectos afetivos e/ou de intimidade.

Retornando para o conceito de Habilidades Sociais, Argyle (1984) afirma que estas são como um mecanismo de interação entre as pessoas por meio da comunicação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Enquanto que para Caballo (1997) as habilidades sociais são:

[...] conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo no contexto interpessoal, que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de um modo adequado à situação respeitando esses comportamentos nos demais, e que geralmente resolvem uma situação ao mesmo tempo em que minimizam a probabilidade de problemas futuros (CABALLO, 1997, p. 230).

No Brasil, Del Prette e Del Prette (1996) destacam-se pelos estudos pioneiros no campo das Habilidades Sociais, e de acordo com eles as HS são:

Comportamentos aprendidos e socialmente aceitáveis que permitem ao indivíduo interagir efetivamente com outros e evitar ou fugir de comportamentos não aceitáveis que resultem em interações sociais negativas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 20).

Atualmente, os autores citados, têm desenvolvido diversas pesquisas relacionando as habilidades com o fenômeno da educação em contextos escolares e não-escolares. Dentre as vertentes que vêm sendo estudadas, destacam-se:

a) a da competência social dos alunos como correlato ou fator de aprendizagem acadêmica; b) a das habilidades sociais como objetivos de uma educação (regular e especial) comprometida com a formação de cidadania e com a preparação para a vida social e c) a das condições sociais de ensino em suas implicações sobre o repertório de habilidades interpessoais profissionais do professor (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1998, p. 206).

Para Del Prette e Del Prette (2013), as Habilidades Sociais podem ser caracterizadas pela existência de diferentes classes de comportamentos sociais que

possibilitam ao indivíduo lidar com as demandas das relações interpessoais de maneira satisfatória, trazendo benefícios para si e para o grupo social. As classes referem-se a comportamentos funcionais, isto é, agrupamento de comportamentos que exercem a mesma função em uma interação social, por exemplo, a empatia é uma classe de HS que reúne comportamentos de demonstrar compreensão ou validar os sentimentos do outro; e as subclasses são especificações de cada comportamentos desejáveis que contribuem com a efetividade e harmonia das relações, tais como: fazer/responder perguntas, manter contato visual, fazer/receber elogios e etc.

Nesse sentido, Del Prette e Del Prette (2008) desenvolveram um portfólio, com base nas pesquisas e práticas que vêm realizando ao longo dos anos, que consiste na listagem e caracterização das classes e subclasses de HS. O Quadro 1 apresenta o portfólio de Habilidades Sociais proposto por Del Prette e Del Prette (2017a):

**Quadro 1 - Portfólio de Habilidades Sociais**

<p><b>1. Comunicação.</b> Iniciar e manter conversação, fazer e responder perguntas, pedir e dar feedback, elogiar e agradecer elogio, dar opinião, a comunicação tanto ocorre na forma direta (face a face) como na indireta (uso de meios eletrônicos); na comunicação direta, a verbal está sempre associada à não verbal, que pode complementar, ilustrar, substituir e às vezes contrariar a verbal.</p>
<p><b>2. Civildade.</b> Cumprimentar e/ou responder a cumprimentos (ao entrar e ao sair de um ambiente), pedir “por favor”, agradecer (dizer “obrigado/a”), desculpar-se e outras formas de polidez normativas na cultura, em sua diversidade e suas nuances.</p>
<p><b>3. Fazer e manter amizade.</b> Iniciar conversação, apresentar informações livres, ouvir/fazer confidências, demonstrar gentileza, manter contato, sem ser invasivo, expressar sentimentos, elogiar, dar feedback, responder a contato, enviar mensagem (e-mail, bilhete), convidar/aceitar para passeio, fazer contatos em datas festivas (aniversário, Natal etc.), manifestar solidariedade diante de problemas.</p>
<p><b>4. Empatia.</b> Manter contato visual, aproximar-se do outro, escutar (evitando interromper), tomar perspectiva (colocar-se no lugar do outro), expressão compreensão, incentivar a confidências (quando for o caso), demonstrar disposição para ajudar (se for o caso), compartilhar alegria e realização do outro (nascimento do filho, aprovação no vestibular, obtenção de emprego etc.).</p>
<p><b>5. Assertivas.</b> Por se tratar de uma classe ampla com muitas subclasses, são aqui destacadas entre as mais importantes: Defender direitos próprios e direitos de outrem; Questionar, opinar, discordar, solicitar explicação sobre o porquê de certos comportamentos, manifestar opinião, concordar, discordar; Fazer e recusar pedidos; Expressar raiva, desagrado e pedir mudança de comportamento; Desculpar-se e admitir falha; Manejar críticas: (a) aceitar críticas (ouvir com atenção até o interlocutor encerrar a fala, fazer perguntas, pedir esclarecimento, olhar para o interlocutor, concordar com críticas ou com parte dela, pedir desculpas); (b) fazer críticas (falar em tom de voz pausada e audível, manter contato visual sem ser intimidatório, dizer o motivo da conversa, expor a falha do interlocutor, pedir mudança de comportamento); (c) rejeitar críticas (ouvir até o interlocutor encerrar a fala, manter contato visual, solicitar tempo para falar, apresentar sua versão dos fatos, expor opinião, relacionar a não aceitação da crítica em relação à veracidade do acontecimento). Falar com pessoa que exerce papel de autoridade: cumprimentar, apresentar-se, expor motivo da abordagem, fazer e responder perguntas, fazer pedido (se for o caso), tomar nota, agendar novo contato (se for o caso), agradecer, despedir-se.</p>

Continua...

<b>Quadro 1 - Portfólio de Habilidades Sociais</b>
<b>6. Expressar solidariedade.</b> Identificar necessidades do outro, oferecer ajuda, expressar apoio, engajar-se em atividades sociais construtivas, compartilhar alimentos ou objetos com pessoas deles necessitadas, cooperar, expressar compaixão, participar de reuniões e campanhas de solidariedade, fazer visitas a pessoas com necessidades, consolar, motivar colegas a fazer doações.
<b>7. Manejar conflitos e resolver problemas interpessoais.</b> Acalmar-se exercitando autocontrole diante de indicativos emocionais de um problema, reconhecer, nomear e definir o problema, identificar comportamentos de si e dos outros associados à manutenção ou solução do problema (como avaliam, o que fazem, qual a motivação para mudança), elaborar alternativas de comportamentos, propor alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar cada alternativa ou combinar alternativas quando for o caso.
<b>8. Expressar afeto e intimidade (namoro, sexo).</b> Aproximar-se e demonstrar afetividade ao outro por meio de contato visual, sorriso, toque, fazer e responder perguntas pessoais, dar informações livres, compartilhar acontecimentos de interesse do outro, cultivar o bom humor, partilhar de brincadeiras, manifestar gentileza, fazer convites, demonstrar interesse pelo bem-estar do outro, lidar com relações íntimas e sexuais, estabelecer limites quando necessário.
<b>9. Coordenar grupo.</b> Organizar a atividade, distribuir tarefas, incentivar a participação de todos, controlar o tempo e o foco na tarefa, dar feedback a todos, fazer perguntas, mediar interações, expor metas, elogiar, parafrasear, resumir, distribuir tarefas, cobrar desempenhos e tarefas, explicar e pedir explicações, verificar compreensão sobre problemas.
<b>10. Falar em público.</b> Cumprimentar, distribuir o olhar pela plateia, usar tom de voz audível, modulando conforme o assunto, fazer/responder perguntas, apontar conteúdo de materiais audiovisuais (ler apenas o mínimo necessário), usar humor (se for o caso), relatar experiências pessoais (se for o caso), relatar acontecimentos (incluir subclasses do item anterior), agradecer a atenção ao finalizar.

**Fonte:** Del Prette e Del Prette (2017a, p. 28-30)

As dez classes e inúmeras subclasses gerais apresentadas no portfólio são relevantes para todas as etapas do desenvolvimento humano, modificando-se apenas a proficiência esperada para cada ciclo vital. Por exemplo: supõe-se que um adolescente apresente um melhor desempenho ao lidar com críticas do que uma criança em seus primeiros anos de vida; além disso, o adolescente apresenta habilidades específicas da fase de desenvolvimento em que se encontra, sendo estas inexistentes na criança, como aquelas relacionadas a namoro e sexo que desenvolvem-se da adolescência em diante (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Salienta-se que, Del Prette e Del Prette (2013) propuseram sete classes para avaliar o repertório social de crianças e adolescentes, sendo estas as classes: Autocontrole e expressividade emocional; Civilidade; Empatia; Assertividade; Fazer amizades; Solução de problemas interpessoais e Habilidades Acadêmicas. Os autores elegeram estas sete classes, como essenciais para o repertório comportamental na infância e na adolescência, considerando alguns dos principais problemas comumente encontrados nessas fases como a adaptação escolar vivenciada pelas crianças e a busca de grupos sociais de amizade, que é importante para o desenvolvimento dos adolescentes. Portanto, acredita-se que essas HS

contemplam as principais demandas da infância e adolescência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013), estando diretamente articuladas às etapas do desenvolvimento humano.

Considera-se que a compreensão deste campo de estudos perpassa ainda o entendimento de três conceitos-chave - Desempenho Social, Habilidade Social e Competência Social - os quais, apesar de designarem aspectos diferentes da análise do comportamento articulam-se diretamente, especialmente, para efeito de avaliação das interações e relações sociais desempenhadas pelos indivíduos.

Desse modo, o Desempenho Social refere-se a todo comportamento emitido pelo sujeito, podendo ser desejável ou não para a interação; e a Competência Social diz respeito à efetividade do comportamento do indivíduo nas interações sociais, portanto, ser competente socialmente é desempenhar comportamentos que alcancem resultados positivos para si e o contexto social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

A Competência Social é considerada um conceito central em relação aos demais conceitos do campo teórico-prático da Habilidade Social, anteriormente citados. Del Prette e Del Prette (2017a) salientam que possuir um repertório comportamental diversificado, ou seja, composto por diversas classes de habilidades sociais, não é o suficiente para que o indivíduo seja considerado competente socialmente. Isso ocorre devido a existência de alguns critérios para avaliar a competência do sujeito diante das interações sociais.

Del Prette e Del Prette (2017a) especificam cinco critérios que devem ser considerados no momento da avaliação:

(a) atingir objetivos imediatos por ambas às partes; (b) manutenção/melhora da autoestima de ambos; (c) manutenção/melhora da qualidade da relação; (d) equilíbrio de poder entre os interlocutores; e (e) respeito/ampliação dos direitos humanos interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 40-41).

A compreensão da diferença entre as Habilidades Sociais (HS) e Competência Social (CS) é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas, pois as habilidades sociais por serem comportamentos valorizados em uma determinada cultura ou subcultura, podem apresentar discordâncias entre o que é aceitável/valorizado em outra. Contudo, é importante pensar nos comportamentos que são valorizados universalmente e apresentam benefícios para a sociedade em geral.

Dessa forma, quando uma pessoa tem como objetivo em uma interação, “seduzir” o outro para que seus desejos sejam alcançados, ela pode apresentar habilidades

sociais ao interagir, entretanto, não ser competente socialmente. Ilustra-se tal caso, no exemplo, a seguir:

*O treinador Marcos quer que João e Yuri joguem em um campeonato por apresentarem um ótimo desempenho na hora do jogo, e acredita que sem eles o time estará desfalcado, com altas chances de perderem a partida, além disso o resultado desse jogo é decisivo para sua carreira como treinador. Porém, os garotos não estão se sentindo muito bem e, inicialmente, dão sinais de recusa. O treinador, então, inicia o pedido descrevendo para os jogadores o desempenho que ambos possuem no campo, elogiando-os; Marcos, olha para os meninos de maneira fixa, mas sem intimidá-los; expressa sua preocupação afirmando que compreende a desmotivação e de maneira enfática pontua que eles devem jogar; os meninos apresentando uma postura passiva, acatam o pedido.*

No exemplo citado, verifica-se que o comportamento do treinador não foi agressivo, nota-se em Marcos a utilização de componentes das habilidades sociais, como validação dos sentimentos dos meninos, dando-lhes feedback positivo em relação ao desempenho obtido nos jogos, expressando preocupação aparente. Entretanto, o fato dos garotos acatarem o pedido do treinador, nesta situação é muito mais benéfico para Marcos - que está preocupado com o rendimento do time no campeonato e, especialmente, com a própria ascensão profissional - do que para João e Yuri, que não se sentiam bem e tinham como objetivo na interação não participarem do jogo.

Deste modo, a avaliação do comportamento da pessoa pode ser feita por meio dos critérios de competência social, os quais priorizam a construção e manutenção de relacionamentos saudáveis que consigam manter o equilíbrio entre os indivíduos envolvidos, pois, nem sempre os objetivos da interação são os mesmos para ambas as partes. No entanto, a qualidade da relação a curto e a longo prazo é um requisito essencial para verificar se há ou não competência social. Observa-se, portanto, no exemplo explicitado, que não houve competência social, uma vez que o treinador não considerou as necessidades (objetivos) dos jogadores.

Ressalta-se que a aprendizagem das Habilidades Sociais ocorre por meio das relações estabelecidas no decorrer da vida, a partir das interações entre as pessoas, nos contextos formais, não-formais e informais de educação, considerando que esse desenvolvimento inicia-se primeiramente na família e se estende para outros âmbitos (escola, grupo de pares, etc.), portanto, é influenciado pela cultura e situações imediatas do contexto (família, escola, grupos de amigos, igreja e etc.) que o indivíduo está inserido (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2013).

Ressalta-se que durante a infância e a adolescência a família representa o principal suporte de relacionamentos significativos, entretanto, não são agentes únicos no desenvolvimento de crianças e jovens (BRONFENBRENNER, 1996). Sanches e Rubio (2011, p. 829) discorrem que “os adultos que interagem com a criança em outros ambientes além do familiar também podem contribuir ao complementarem o vínculo primário firmado nas relações familiares”. No entanto, tais contribuições possuem limitações referentes às condições do ambiente de convívio e da qualidade das relações constituídas.

A aprendizagem de comportamentos sociais e de normas de convivência inicia-se na infância, primeiramente com a família e depois em outros ambientes como vizinhança, creche, pré-escola e escola. Essa aprendizagem depende das condições que a criança encontra nesses ambientes, o que influi sobre a qualidade de suas relações interpessoais subsequentes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 51).

Neste sentido, quando os ambientes em que a pessoa interage não favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais, é provável ela apresente déficits em seus comportamentos, especialmente, na emissão das habilidades necessárias, e que são componentes importantes, para minimizar conflitos nas relações interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Existem três tipos de déficits em habilidades sociais, o primeiro é o déficit em *aquisição*, o qual ocorre quando o indivíduo não apresenta habilidades sociais em seus comportamentos; o segundo é o déficit em *desempenho*, ocorre quando há habilidades sociais nas condutas da pessoa, mas são desempenhadas com baixa frequência; e por último, o déficit em *fluência*, que se caracteriza por falhas e dificuldades na topografia que comprometem a efetividade dos comportamentos, isto é, o indivíduo apresenta habilidades sociais, mas não as emite de maneira efetiva nas relações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b).

Considerando-se que o processo de desenvolvimento humano é contínuo, pode-se dizer que as habilidades sociais são aprendidas durante toda a vida, logo, as dificuldades e déficits que uma pessoa possa apresentar em determinado período de sua existência, é provável que sejam superadas com o passar do tempo. No entanto, os comportamentos desenvolvidos em uma fase, são precursores e/ou requisitos, para as condutas que serão aprendidas nas etapas subsequentes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Salienta-se que fatores como temperamento e capacidade sensorial desempenham interferências na constituição de comportamentos pelos indivíduos, mas é

inegável o quanto as experiências sociais produzem os estilos interpessoais. Assim sendo, compreende-se que um bom repertório de Habilidades Sociais não é uma condição inata dos indivíduos, evidentemente, essas desenvolvem-se por meio da inter-relação da pessoa com o outro e com o ambiente.

A aprendizagem de HS pode ocorrer mediante três processos específicos: *instrução*, *modelação* e *consequência*. O processo de *instrução* ocorre baseado em explicações sobre o que é considerado certo ou errado durante uma relação/interação social, tais explicações, seguidas de uma ordem, são desempenhadas principalmente pelos pais. A *modelação* refere-se à aprendizagem desenvolvida por meio da observação dos comportamentos do outro, ou seja, a criança aprende novos comportamentos ao observar como as pessoas do seu convívio se comportam. A *consequência* relaciona-se com as aprendizagens construídas por meio dos reforços<sup>2</sup> e das punições<sup>3</sup> recebidas diante de comportamentos emitidos nas relações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Para Del Prette e Del Prette (2017a) o desenvolvimento de habilidades sociais contribui com o processo de desenvolvimento humano, pois a emissão de comportamentos habilidosos possibilita a expressão de opiniões ou direitos de maneira adequada à situação vivenciada, construindo resoluções de problemas e respeito para com os outros. Sobretudo, os estudos evidenciam que “as habilidades sociais têm sido relacionadas à melhor qualidade de vida, a relações interpessoais mais gratificantes, à maior realização pessoal e ao sucesso profissional” (FALCONE, 2001, p. 202).

Desse modo, ressalta-se que as habilidades sociais têm como função favorecer a resolução de problemas interpessoais, minimizando os conflitos e o surgimento de problemas futuros (CABALLO, 2003). Logo, as HS auxiliam o sujeito a alcançar de maneira efetiva os objetivos em uma interação interpessoal, adequando comportamentos sociais às reações imediatas das pessoas e às normas presentes nos contextos em que se relacionam (ARGYLE, 1984).

Com isso, as adaptações do indivíduo diante de demandas estressantes e/ou que representem adversidades e transições do ciclo vital dependem de características individuais, do suporte social e da presença de habilidades sociais no repertório comportamental. Pois, um desempenho social formado por HS possibilita a ocorrência de

---

<sup>2</sup> Indica o fortalecimento de uma resposta comportamental por meio de fatores como elogio, validação, retirada de situações que incomodam e etc. (SKINNER, 1980)

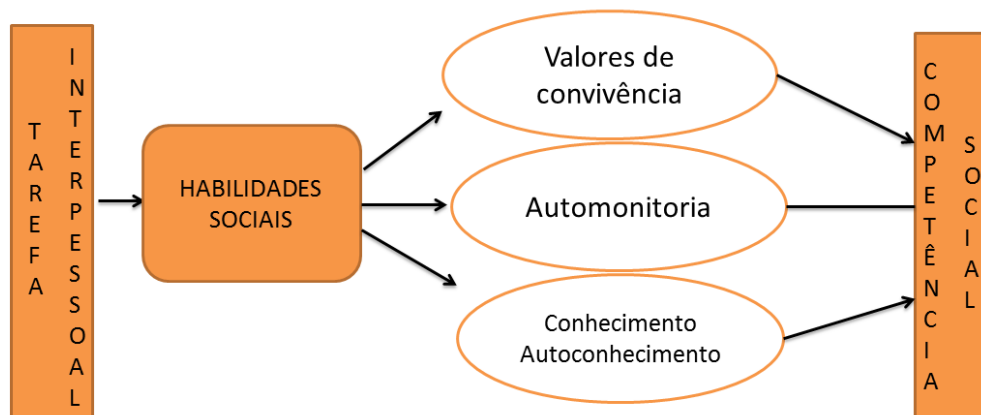
<sup>3</sup> Indica o enfraquecimento de uma resposta comportamental por meio da aplicação de “castigos” como proibições. (SKINNER, 1980)



comportamentos competentes nas relações interpessoais, favorecendo uma convivência satisfatória (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Apresenta-se a seguir um esquema construído por Del Prette e Del Prette (2017a, p. 49) para demonstrar os requisitos necessários para o desenvolvimento de Competência Social. Nele, é possível observar também, a relação das Habilidades Sociais com o desempenho competente do indivíduo, evidenciando que as habilidades são requisitos importantes, mas não suficientes para a obtenção da competência social.

**Figura 1** - Esquema dos requisitos da Competência Social



**Fonte:** Del Prette e Del Prette (2017a, p. 49).

Dessa forma, para a competência social é necessário considerar alguns requisitos, os quais são: habilidades sociais, valores de convivência, automonitoria, conhecimento e autoconhecimento. Além de ter que atingir o objetivo na interação, melhorar/manter a qualidade da relação e melhorar/manter a autoestima dos envolvidos na troca social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Sobre os valores de convivência considera-se problemática a tarefa de buscar conceituá-los, devido a variabilidade cultural existente em sua definição. Todavia, compreende-se que em toda sociedade os comportamentos dos indivíduos são orientados por normas e regras de convívio, ou seja, há condutas esperadas, toleradas e/ou valorizadas. Portanto, é importante considerar que o desempenho social de um indivíduo deve ser avaliado dentro do contexto cultural/social em que se encontra, pois os valores de convivência que nele vigoram, delimitam comportamentos benéficos para a pessoa, aos outros e para a cultura (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Desse modo, questiona-se quais os valores de convivência importantes para a Competência Social? Considerando a complexidade das relações sociais e que cada

agrupamento desenvolve valores normativos para eles, esta é uma questão bastante difícil de ser respondida. Entretanto, Del Prette e Del Prette (2017a), mencionam como parâmetro para a compressão dos valores de convivência que devem ser priorizados nas relações, os valores listados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, destacando-se o direito à liberdade de opinião e expressão.

A automonitoria é uma habilidade que quando desenvolvida possibilita ao indivíduo observar, descrever e regular os pensamentos, sentimentos e comportamentos nas interações sociais, sendo esta importante, por exemplo, para inibir condutas impulsivas e prever resultados de outras. Ressalta-se que o autoconhecimento está diretamente relacionado com a automonitoria, porém não devem ser confundidos, pois a automonitoria requer uma prática imediata de observar/descrever/regular os comportamentos durante a interação social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Nesse caso, autoconhecimento significa ter a capacidade de conhecer a si mesmo (crenças, potencialidades, dificuldades), observando/descrevendo comportamentos, associando-os de maneira coerente com as variáveis que o interferem (ambiente, crenças, etc.). Outro requisito necessário para a Competência Social é o conhecimento referente à capacidade de identificar as variáveis ambientais que intervêm na interação social, como as respostas/reações do outro, melhor momento para interagir e as normas de uma cultura. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Portanto, quando o ser humano está consciente do papel que estabelece nas relações, isso favorece o desenvolvimento de HS importantes para a construção de relacionamentos mais saudáveis e, que valorizam as diferenças sociais, culturais e individuais, proporcionando ao indivíduo bem-estar e melhores condições para os processos educativos. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que as Habilidades Sociais são “constructo *descritivo* dos comportamentos sociais valorizados” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 24), enquanto que a Competência Social é “um constructo *avaliativo* do desempenho do indivíduo (pensamentos, sentimentos e ações)” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 37). Ou seja, a simples emissão de habilidades sociais não resulta em um desempenho socialmente competente.

Para ter Competência Social o indivíduo além de atingir seus objetivos, deve alcançar por meio da interação social a melhora/ampliação de autoconceito e autoestima, a qualidade da relação e dos direitos humanos interpessoais, ou seja, a troca social deve considerar benefícios para os indivíduos que estão interagindo e, até mesmo, para o ambiente social no qual estão inseridos.

De acordo com Del Prette e Del Prette (2017a, p. 43-44) em estudos de alguns filósofos das sociedades antigas, é possível identificar em suas obras, leis que até hoje desempenham interferências nas relações sociais, destacando-se a Lei Talião, que possui filosofias como “olho por olho, dente por dente”, e, a Lei Áurea que estabelece comportamentos de “fazer ao outro o que gostaria que este lhe fizesse”. Nesse sentido, a Competência Social pode ser desempenhada e avaliada com base na regra da Lei Áurea, pois para o desenvolvimento de um repertório comportamental competente é essencial excluir condutas que causem danos aos outros.

De maneira simplificada os comportamentos podem ser divididos e classificados em comportamentos desejáveis e indesejáveis; aqueles que são desejáveis dentro de uma cultura ou subcultura englobam valores e respeitos mútuos enquanto os indesejáveis correspondem ao contrário disso. O modo de avaliar a indesejabilidade e a desejabilidade de um comportamento dá-se por meio das consequências que suscita para quem o desempenha, para o grupo social imediato e para a sociedade em geral e, em muitos casos depende da aceitação destes comportamentos na cultura (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

De acordo com os autores, dentre os comportamentos sociais encontram-se as classes de habilidades sociais (desejáveis) e os comportamentos indesejáveis, este último divide-se em duas classes: comportamentos “antissociais” (ativos) e comportamentos “associais” (passivos). Nos comportamentos ativos o indivíduo desempenha condutas agressivas nas relações interpessoais, e nos passivos emite comportamentos de aceitação exagerada, com dificuldade de se posicionar diante dos outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Na conduta agressiva o indivíduo emite comportamentos como coagir, agredir, desrespeitar; e na passividade, é comum condutas como isolar-se, omitir-se, retraindo-se, submeter-se ao outro, podendo resultar em prejuízos psicológicos e relacionais de médio e longo prazo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Além disso, a passividade pode acarretar para o indivíduo uma autoimagem negativa, perda de oportunidade, frustração, isolamento e outros problemas (BRANCO; FERREIRA, 2006).

A partir dessas afirmações, e do contexto social atual em que a intolerância e o desrespeito se apresentam de maneira enfática, questiona-se: por que os comportamentos indesejáveis se desenvolvem e perpetuam-se de maneira rígida nas interações? Del Prette e Del Prette (2017a) consideram que os comportamentos indesejáveis funcionam como concorrentes para o desenvolvimento e aprendizagem de Habilidades Sociais, isso acontece

pela possibilidade de produzir consequências, por vezes positivas, fazendo com que o indivíduo consiga atingir seu objetivo e/ou evitar consequências negativas para si. Por exemplo:

*Exemplo 1: Um indivíduo em determinada situação faz uso de comportamentos agressivos, através deles consegue manipular as pessoas e satisfazer suas necessidades.*

*Exemplo 2: Um indivíduo aceita dar carona a um amigo, mesmo estando atrasado, e sentir-se incomodado por ter que mudar sua rota habitual.*

No primeiro exemplo a pessoa alcançou seu objetivo na interação utilizando-se de comportamento agressivo. Considera-se que o fato de ter alcançado o objetivo pretendido acaba reforça esse tipo de conduta em seu repertório comportamental, com chances de voltar a desempenhá-la com maior frequência; no entanto, destaca-se que as relações desenvolvidas via esse padrão comportamental são geralmente marcadas por conflitos. Já no segundo exemplo, para evitar um clima ruim na relação de amizade, o indivíduo acaba acatando o que lhe foi solicitado, contrariando a própria vontade. Dessa forma, ao não se colocar na situação, ou seja, ao reprimir sua real vontade, ele age passivamente, reforçando o padrão passivo, mediante o desconforto que lhe traz a recusa de um pedido.

Compreende-se que os déficits em Habilidades Sociais podem estar relacionados aos conflitos e dificuldades na interação/relação com o outro, ao acometimento de diversos transtornos psicológicos, à baixa qualidade de vida e prejuízos nas relações de grupos sociais. Enquanto que um repertório social competente, ou seja, a Competência Social resulta em relações sociais e profissionais mais produtivas e duradouras, bem-estar físico/emocional e maior motivação pessoal (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1998, 2001, 2011).

Alguns aspectos nos estudos desenvolvidos por Del Prette e Del Prette (2017b), sobre as habilidades sociais, são importantes considerar, como:

- a) as habilidades sociais são comportamentos e **não traços de personalidade**, ainda que estejam correlacionadas com características pessoais de resiliência, consciência social, responsabilidade etc.
- b) as habilidades sociais **são aprendidas** ao longo da vida, quando as condições são favoráveis; quando não são favoráveis, podem ocorrer “**déficits**”, que comprometem a qualidade das relações interpessoais do indivíduo e são indicativos da necessidade de ajuda educacional ou de atendimento terapêutico.
- c) as habilidades sociais **são situacionais-culturais**, ou seja, dependem de valores, normas e regras vigentes em uma cultura ou subcultura; isso significa

que as habilidades valorizadas em um contexto sociocultural podem não ser valorizadas em outro. Por exemplo, o falar em público pode ser importante e valorizado no contexto de trabalho, mas não no contexto familiar.

d) As normas culturais criam expectativas diferenciadas para o desempenho social das pessoas, conforme idade, gênero, nível socioeconômico, etapas de desenvolvimento e papéis sociais [...] (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b, p. 17)

Sobre os aspectos situacionais-culturais, Del Prette e Del Prette (2013) ressaltam que:

A cultura e a subcultura estabelecem, ainda, padrões de expectativas e demandas diferenciadas de desempenho social conforme as *características sociodemográficas*) [...] como gênero, idade, ocupação, papéis sociais, *status* socioeconômico, situacional, cultura (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013, p. 196). (grifo dos autores)

Desse modo, os autores destacam que os contextos sociais têm um papel importante no desenvolvimento e na avaliação das habilidades sociais, advertindo diferenças nas classes de habilidades sociais de acordo com as *práticas culturais*, os *papéis sociais* e a *tarefa social* do indivíduo. Considerando-se que as habilidades também se caracterizam de acordo com as práticas culturais, tornam-se evidentes as implicações do contexto no qual o sujeito se insere e convive para o desenvolvimento das habilidades sociais.

Nota-se que as práticas culturais são variadas e envolvem tarefas sociais como o modo de cuidar dos filhos, vestir-se, alimentar-se, entre outras; são transmitidas por meio das trocas interpessoais e se mantêm conforme a funcionalidade para a sociedade ou para os grupos de maior poder, logo, algumas dessas práticas acabam se perpetuando mesmo quando não trazem bons resultados para o ambiente social.

Os papéis sociais caracterizam-se de acordo com a cultura e, as habilidades sociais podem ser organizadas conforme os diferentes papéis que uma pessoa pode desempenhar nas suas relações, os quais irão requerer o desempenho de tarefas interpessoais. Por exemplo, o papel social de educadores demanda uma série de habilidades sociais importantes para o desempenho desta função, tais como: suscitar motivação, manter disciplina e transmitir conhecimentos, sendo uma de suas tarefas interpessoais ensinar conteúdos aos seus alunos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

É importante destacar, Del Prette e Del Prette (2017a) citando MacFall (1982) definem o termo *tarefas sociais* como interações que respondem à pergunta: o que ele/eles está/estão fazendo? Entretanto, ao longo de seus estudos, os autores substituíram o termo “social” pelo “interpessoal”, por acreditarem que a tarefa *interpessoal* “se incide não

apenas sobre o desempenho de um dos interlocutores, mas sobre o das duas ou mais pessoas em interação” (DEL PRETTE; DEL PRETTE (2017a, p. 68).

Assim, para Del Prette e Del Prette (2001) o estudo das habilidades sociais deve considerar três importantes dimensões: (a) a pessoal, que são os comportamentos da pessoa, seus pensamentos, sentimentos, aparato fisiológico e características demográficas; (b) a situacional, que incluem os contextos físicos onde as pessoas vivem, os papéis sociais e os padrões comportamentais que são valorizados e os que são coibidos e constrangidos; e (c) a cultural, que são as normas e valores compartilhados por uma sociedade que define, delimita, valoriza e reprova comportamentos, dependendo do contexto em que são apresentados e dos interlocutores presentes nas relações.

Apesar de todas as classes e subclasses de HS serem necessárias para o estabelecimento de uma convivência harmoniosa diante das interações sociais, dependendo do papel social e tarefa social desempenhada, nota-se a preferência ao desenvolvimento de habilidades específicas, como no caso de pais e educadores, nos quais percebe-se que há uma preocupação maior em desenvolver habilidades das classes, empatia, civilidade, autocontrole, fazer amizades e sociais acadêmicas, do que as de solução de problemas e assertividade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Destaca-se que a assertividade “é saber expressar sentimentos e pensamentos e defender aquilo em que se acredita, de maneira direta, sem ter que magoar os outros” (MOREIRA, 2016, p. 26), prezando pelo respeito mútuo.

Entretanto, ressalta-se que as classes de habilidades sociais são interdependentes, por exemplo, o desempenho de habilidades empáticas requer a emissão de comportamentos de autocontrole, expressividade emocional e civilidade. Desta forma, constata-se que nenhuma classe de habilidades sociais deve ser negligenciada.

Incidentes no ambiente social ou exigências da subcultura grupal podem prejudicar o desenvolvimento harmonioso [...], favorecendo a aquisição de estilos disruptivos (antissociais) nas relações interpessoais, gerando consequências indesejáveis para o indivíduo e seu entorno. Por outro lado, a competência em habilidades sociais, particularmente as assertivas ou de enfrentamento, tem sido vista como fator de proteção e resiliência para um funcionamento psicossocial adaptativo do indivíduo diante dos fatores de risco que se apresentam em sua história de vida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014, p. 39).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2014) os indivíduos interagem nos ambientes sociais de acordo com as normas culturais mais amplas ou da subcultura do grupo, portanto, o contexto social é determinante para a compreensão das ações do sujeito,

bem como, para o entendimento e classificação dos comportamentos valorizados e dos que são indesejáveis.

Mediante o exposto, compreende-se que as pessoas que estão dentro do círculo social da criança e/ou do adolescente influenciam (direta ou indiretamente) no desenvolvimento humano deles. Dessa forma, tratando-se a pesquisa do ambiente futebolístico considera-se que os treinadores, diretores e outros profissionais que atuam com jovens jogadores, tornam-se referências de comportamentos e representam fontes de aprendizagens para os mais diversos aspectos da vida. Pode-se dizer que os comportamentos sociais aprendidos nesse ambiente, também poderão direcionar a forma de agir nas relações interpessoais em outros âmbitos da vida desses jovens. Logo, evidencia-se o quanto os envolvidos no contexto do futebol devem estar atentos ao desenvolvimento de comportamentos sociais que direcionem os adolescentes para relações sociais mais saudáveis com a existência de habilidades sociais nas ações que estiverem envolvidos.

## **2.2 Revisão Sistemática de Pesquisas em Habilidades Sociais e Esporte**

Esta seção compõe-se de pesquisas realizadas na área das Habilidades Sociais com relação ao esporte/futebol. A partir de uma revisão sistemática, verificou-se que os estudos desse campo científico surgiram no Brasil com publicações de Del Prette e Del Prette (1996, 1998, 1999) na Psicologia Clínica e do Trabalho. Atualmente expandiu-se para outras áreas do conhecimento, com destaque para o campo educacional, no qual estudos que tratam do fenômeno das Habilidades Sociais e Educação vêm sendo desenvolvidos com frequência, englobando aspectos das relações sociais no processo de ensino-aprendizagem.

Sobre isso, Del Prette e Del Prette (2006, p. 1) discorrem que “incluir as habilidades sociais como objetivos do processo de ensino e aprendizagem implica reconhecer [...] a importância de uma educação comprometida com a formação de cidadania e a preparação para a vida em sociedade”, é nesta perspectiva, que o campo de estudo das Habilidades Sociais (HS) tem crescido no Brasil. Entretanto, ainda são poucas as investigações que relacionam especificamente o constructo das habilidades sociais com o contexto esportivo, encontrando-se na literatura maior número de estudos sobre a importância do esporte no desenvolvimento de comportamentos benéficos para as relações sociais, uma questão importante a ser avaliada na realização de estudos que relacionam as HS com os esportes.

Desse modo, na presente revisão sistemática, objetivou-se investigar o que tem sido produzido sobre Habilidades Sociais e a relação com o esporte/futebol. Para isso, realizou-se um levantamento em fontes bibliográficas de artigos, teses e dissertações, publicados nos períodos de 2000 a 2018, considerando-se que as publicações sobre as habilidades sociais se iniciaram no Brasil a partir de 1996 e expandiram-se a partir de 2000 (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996). Para isso, utilizou-se as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), *Scielo* (Scientific Electronic Online), Google Acadêmico, LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em ciências Sociais e de Saúde), Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Web Of Science* (WOS).

Os descritores utilizados para a efetivação da busca foram: “habilidades sociais e esporte”, “habilidades sociais e futebol”, “habilidades sociais e práticas esportivas”, “habilidades sociais, competência social e futebol”, “habilidades sociais, futebol e esporte”, os quais foram escolhidos por referirem-se aos principais conceitos da área e da pesquisa em questão. Salienta-se que apesar do levantamento ter como foco o contexto do futebol, optou-se pela utilização da palavra-chave esporte, pois durante a realização da busca o número de estudos encontrados a partir do descritor “habilidades sociais e futebol” foi mínimo. Notou-se que com a inclusão do novo descritor, foi possível abranger pesquisas que associavam esportes e desenvolvimento de habilidades sociais.

Considera-se a importância de verificar pesquisas no contexto do esporte que trabalham com socialização e valores, pois nas classes de habilidades sociais encontram-se subclasses que estão em acordo com valores como respeito, cooperação e a classe de civilidade e, além disso, valores de convivência são um dos requisitos necessários para o desenvolvimento de relações sociais harmoniosas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Salienta-se ainda, que devido ao número reduzido de estudos sobre as habilidades sociais no contexto esportivo, especificamente do futebol, optou-se por considerar as contribuições acadêmicas que abordassem o esporte como fenômeno de desenvolvimento de comportamentos pautados em valores como respeito e cooperação, a partir disso, definiu-se as palavras-chave complementares: socialização, práticas esportivas e valores.

Deste modo, a busca com os descritores citados totalizou 16.106 artigos, teses e dissertações, os quais foram selecionados inicialmente a partir da leitura do título selecionando aqueles com palavras que constam nos descritores e pertinência com a presente pesquisa, resultando em 83 textos para a leitura dos resumos. Na análise por meio



dos resumos, foram aplicados os critérios de inclusão, como: pesquisas que possuíam como público-alvo adolescentes, realizadas em contextos não-formais de educação que tratavam de habilidades sociais no esporte e/ou comportamentos sociais pautados em valores. Quanto aos critérios de exclusão: estudos da área de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Exatas e trabalhos com temática em educação especial, desempenho acadêmico, desenvolvimento infantil, dificuldades de aprendizagem e psicopatologias (depressão).

Ressalta-se que especificamente na base de dados Web Of Science utilizou-se como refinamento pesquisas com acesso aberto, ou seja, disponíveis na íntegra. Portanto, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, constatou-se que a maioria dos estudos eliminados eram referentes à outras temáticas e/ou áreas do conhecimento, como sociologia e a maioria de psicologia clínica, os quais tratavam, por exemplo, das habilidades sociais de adolescentes talentosos e não talentosos, preconceito e esporte de aventura, entre outras.

Assim, o total de pesquisas selecionadas referentes às habilidades sociais e futebol e/ou desenvolvimento social por meio do esporte foram 35, as quais foram lidas na íntegra. Tais estudos foram encontrados da seguinte forma: 25 no Google Acadêmico, 03 na Base de Dados de Teses e Dissertações, 06 no Portal de Tese e Dissertações da CAPES e 01 no *Web Of Science*, conforme demonstra-se na Tabela 1.

**Tabela 1** – Número de estudos encontrados nas bases de dados de acordo com os descritores utilizados

Base de Dados	A	B	C	D	E	F
<b>BDTD</b>	3	0	0	0	0	0
<b>SciELO</b>	0	0	0	0	0	0
<b>Google Acadêmico</b>	7	2	3	2	0	11
<b>LILACS</b>	0	0	0	0	0	0
<b>CAPES</b>	1	0	0	1	2	2
<b>WOS</b>	1	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	12	2	3	3	2	13

Legendas: **A**= habilidades sociais e esporte, **B**= habilidades sociais e práticas esportivas.

**C**= habilidades sociais e futebol, **D**= habilidades sociais, competência social e futebol.

**E**= habilidades sociais, futebol e esporte, **F**= socialização, esporte e valores.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

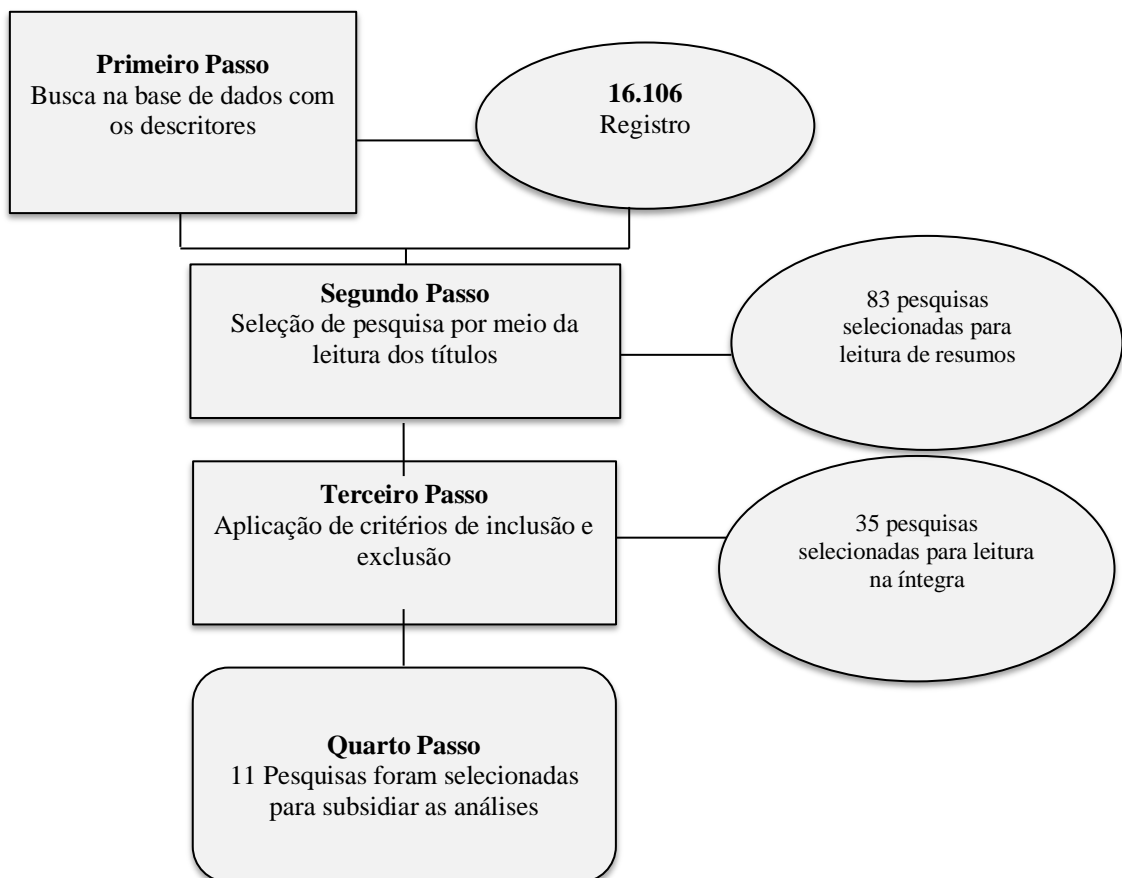
Após a leitura na íntegra das 35 pesquisas, foram selecionadas 11 para análise. Dentre as selecionadas encontram-se: 06 artigos, 04 dissertações e 01 tese. O foco dos estudos selecionados foram: aprendizagem de valores por meio do esporte, desenvolvimento de comportamentos competentes, empatia, intervenção com treinamento

em habilidades sociais para jogadores das categorias de base do futebol, atitudes morais e desenvolvimento social.

Após a seleção percebeu-se que a dissertação: “*Desenvolvimento de uma intervenção com foco preventivo baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental e na psicologia positiva para atletas de futebol adolescentes*” estava incompleta, portanto, buscou-se pelo nome do autor no Google Acadêmico e foi encontrado o artigo resultante da dissertação, e optou-se por substituir a dissertação pelo artigo, devido o mesmo apresentar os resultados completos da intervenção.

Ressalta-se que nas bases de dados SciELO e LILLACS não foram encontrados trabalhos que tratassem da temática do presente estudo, pois as poucas pesquisas que apareceram não se relacionavam com o objetivo desta revisão sistemática. Além disso, destaca-se que alguns descritores utilizados não geraram resultados nessas bases, incluindo-se nesta lista o descritor “habilidades sociais e futebol”. Supõe-se que isso ocorreu devido a essas bases de dados serem especificamente voltadas para pesquisas na área da Saúde.

**Figura 2** - Fluxograma das etapas do levantamento realizado



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Na base de dados *Web Of Science* (WOS) a maioria dos estudos era de acesso restrito e dois dos três trabalhos encontrados (acesso aberto), direcionavam-se ao desenvolvimento de habilidades sociais por meio da aula de Educação Física. Ressalta-se que se buscou considerar pesquisas que ocorreram em contextos não-formais de educação, portanto, do WOS foi selecionada apenas uma pesquisa para análise.

Após a realização do levantamento bibliográfico observou-se a importância em considerar a pesquisa de Pereira (2019) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFOPA), a qual tratou sobre o ensino de habilidades sociais por professores aos alunos de escolinhas comerciais de futebol. Entretanto, até o momento da realização do levantamento, a dissertação não estava disponível on-line, sendo cedida para inclusão no estudo pelo autor.

A seguir, apresenta-se o Quadro 2 com os estudos selecionados para análise, com intuito de compreender e expandir os conhecimentos referentes à temática, visando avaliar as pesquisas realizadas sobre as habilidades sociais e esporte/futebol.

**Quadro 2** – Descrição dos estudos sobre Habilidades Sociais e Esporte encontrados - 2000 a 2018.

<b>Autores</b>	<b>Título do estudo</b>	<b>Artigo/Dissertação /Tese</b>	<b>Área do conhecimento</b>
Aquino (2010)	O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens	Artigo	Psicologia
Sanches e Rubio (2011)	A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência	Artigo	Educação
Rocha e Monteiro (2012)	Programa de treinamento de habilidades sociais para a prática do futebol	Artigo	Psicologia
Assad <i>et al.</i> (2013)	O valor do futsal como um meio de desenvolvimento moral de adolescentes com dificuldade de relacionamento social	Artigo	Fisiologia do Exercício
Moura (2014)	Atitudes morais, Agressividade e Empatia: um estudo com atletas que participam de competições	Dissertação	Psicologia
Ferreira (2014)	Influência de um programa de Esporte educacional com base no atletismo sobre o desenvolvimento motor e social de crianças de 8 a 11 anos	Dissertação	Educação Física
Sehnm e Cruz (2015)	Avaliação do repertório de habilidades sociais de Crianças em um programa de educação pelo Esporte	Artigo	Psicologia
Lindern <i>et al</i> (2017)	Impacto de uma intervenção psicológica para atletas de futebol de categorias de base	Artigo	Psicologia
Ortenburger <i>et al</i> , (2017)	Taekwon-do: a chance to develop social skills	Artigo	Psicologia
Ribeiro (2017)	Esporte competitivo: empatia ou vontade de vencer?	Tese	Filosofia
Trusz (2018)	A relação entre a prática de judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância: a experiência dos professores do projeto bugre	Dissertação	Ciências do Movimento Humano

	Lucena da Esfid/UFRGS		
Pereira (2019)	As habilidades sociais na prática docente do professor de escolinhas comerciais de futebol	Dissertação	Educação

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Com base no quadro acima, observa-se que dos 12 estudos encontrados, 06 deles tratam sobre o constructo das Habilidades Sociais e os outros 06 apesar de não tratarem diretamente sobre a temática, dialogam com ela. Dessa forma, os trabalhos mencionados também foram analisados por apresentarem discussões que englobam aspectos das relações sociais, valores de convivência e classes ou subclasses das habilidades sociais, como a empatia. A análise dos estudos, estrutura-se do seguinte modo: primeiramente apresenta-se os trabalhos que tratam diretamente do constructo das habilidades sociais no contexto do esporte (futebol), e em seguida, as pesquisas que desenvolvem discussões sobre valores sociais/morais e que trazem em seus resultados direcionamentos importantes sobre os aspectos envolvidos nas relações sociais do contexto futebolista.

As pesquisas encontradas sobre habilidades sociais no contexto do futebol, duas delas são de intervenção, em uma foi realizado um Treinamento em Habilidades Sociais com jogadores profissionais do futebol (ROCHA; MONTEIRO, 2012) e a outra teve como um dos focos o desenvolvimento de habilidades sociais por meio de uma intervenção preventiva na Psicologia Positiva e Terapia Cognitivo-Comportamental realizada com jogadores da categoria de base do futebol (LINDERN *et al*, 2017).

O estudo de intervenção realizado por Rocha e Monteiro (2012) em um clube profissional de futebol com os jogadores juvenis de 14 a 16 anos, caracterizado como um Treinamento em Habilidades Sociais com o intuito de desenvolver a competência social de atletas de um time de futebol e verificar sua relação com o desempenho esportivo da equipe. Os autores tinham como hipótese que o treino em habilidades sociais com os atletas aumenta o desempenho esportivo, proporcionando o estabelecimento de vínculo entre eles, favorecendo desse modo, a formação de uma equipe.

Para isso, foi realizada a aplicação pré-teste do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e em seguida o grupo de 20 adolescentes foi dividido, de acordo com a escolha do clube, em dois subgrupos: experimental e de controle. Deste modo, foram realizados 11 encontros com duas sessões semanais de aproximadamente 1h30, primeiramente, com o grupo experimental e, posteriormente, com o grupo controle, totalizando aproximadamente 16 horas de atividade em cada um deles; nos encontros foram

exploradas algumas classes de habilidades sociais, como: autoconhecimento, habilidades de comunicação, civilidade e assertividade, empatia, expressividade emocional e resolução de problema, as atividades foram desenvolvidas por meio de vivências, discussão em grupo, filmes e histórias fictícias.

Os resultados apontam que após a intervenção os adolescentes apresentaram uma melhora significativa no escore geral do repertório de habilidades sociais, em que cinco dos nove participantes obtiveram aproveitamento do programa, com aumento do repertório que era *abaixo da média inferior* para *bom repertório* de habilidades sociais (P1 e P7), e *bom repertório* para *altamente elaborado* (P2, P3 e P6); os participantes P4 e P5 que apresentaram escore total *bom* em seus repertórios de habilidades sociais mantiveram-se neste, e os participantes P8 e P9 foram retirados da análise por não terem realizado o pós-teste.

As autoras concluíram que o desenvolvimento de Treinamentos em Habilidades Sociais para jogadores mostra-se eficaz para potencializar habilidades sociais essenciais para atuação nas relações interpessoais do ambiente futebolístico e em outros âmbitos. Além disso, ressaltam que outros programas devem trabalhar com maior ênfase o desenvolvimento das habilidades de comunicação assertiva e autocontrole da agressividade, pois acreditam que a comunicação é um importante elemento no esporte coletivo, a qual irá influenciar na motivação, concentração e estratégias da equipe (ROCHA; MONTEIRO, 2012). Em relação ao autocontrole da agressividade, os autores discorrem sobre a necessidade de serem realizados outros programas e intervenções que apontem a diferença entre ser agressivo e não comunicar seus pensamentos/emoções.

Dentre os cinco fatores avaliados por Rocha e Monteiro (2012) no IHS destacou-se o fator 3, *Habilidades de Conversação e Desenvoltura Social* e o fator 5, *Autocontrole da Agressividade*, pois, a maioria dos participantes diminuiu seu repertório de habilidades nestes fatores que se referem à comunicação e expressão de desagrado. As autoras acreditam que este fato decorre da constatação dos adolescentes, por meio do autoconhecimento, que em muitas situações apresentavam uma comunicação agressiva e, posteriormente, passaram a apresentar maior autocontrole. Entretanto, a comunicação e expressão de desagrado são elementos importantes para as relações interpessoais, e especialmente, no contexto do futebol existem situações que necessitam de comportamentos ousados, ou seja, mais agressivos, como quando um zagueiro provoca uma colisão com o receptor para que o mesmo seja impedido de receber um passe.

Desse modo, compreende-se que o desenvolvimento de programas de treinamento em habilidades sociais com jogadores de futebol suscita reflexões a respeito dos comportamentos agressivos que fazem parte dos jogos, mas que não têm o objetivo de gerar violências; buscando direcionar o desenvolvimento de uma comunicação e expressão de desagrado de forma não prejudicial ao esporte e aos jogadores.

O estudo, também interventivo, realizado por Lindern *et al* (2017) com objetivo de desenvolver e avaliar o impacto de uma intervenção, baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental e na Psicologia Positiva, realizada com atletas de futebol de alto rendimento, para prevenir ansiedade e promover habilidades sociais, habilidades de *coping*, afetos positivos e satisfação de vida. Para isso, participaram do estudo 20 atletas de futebol de 15 a 16 anos, distribuídos em grupo experimental (10 atletas) e grupo de comparação (10 atletas). Realizaram-se dez encontros somente com o grupo experimental, nos quais foram tratados temas como emoções positivas, habilidades de *coping*, responsabilidade com o bem-estar de si e do próximo, relacionamentos positivos e habilidades sociais.

Os instrumentos utilizados para avaliar os atletas, antes e após a intervenção, foram: *Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders* – SCARED (BIRMAHER *et al*, 1997, 1999), para avaliar sintomas de ansiedade na infância e adolescência; Inventário de Habilidades de *Coping* para Atletas (SMITH *et al*, 1995); Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009); Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPN-A) (SEGABINAZI *et al*, 2012); Escala Global de Satisfação de Vida para Adolescentes (EGSV-A) (SEGABINAZI *et al*, 2012); e Ficha de avaliação da intervenção (LINDERN *et al*, 2017).

Dentre os elementos trabalhados e avaliados no estudo tem-se como foco a análise das habilidades sociais desenvolvidas por meio da intervenção. Nesse sentido, sobre as HS constatou-se que houve um aumento significativo no escore geral das habilidades sociais dos participantes ( $p= 0,04$ ), em que os fatores abordagem afetiva ( $p= 0,04$ ) e assertividade ( $p= 0,06$ ) foram os que se destacaram por apresentarem aumento significativo em relação aos outros fatores avaliados. Salienta-se que nesta intervenção ocorreu melhor desenvolvimento de elementos que fazem parte da comunicação, como a assertividade, diferentemente do resultado encontrado no estudo de Rocha e Monteiro (2012). Acredita-se que o objetivo de promover outras habilidades como a de *coping* contribuíram para esse resultado.

Nos dois estudos de intervenção ocorreram desistências de participantes durante as atividades, devido à dificuldade dos atletas para dedicar tempo em atividades deste tipo,

por conta dos treinos e/ou desligamento do clube que acabaram prejudicando a continuidade desses sujeitos nas intervenções, sendo este um dos principais obstáculos encontradas em pesquisas com jogadores de futebol, pois as cobranças por desempenhos geram nesse contexto uma desvalorização de intervenções com foco no bem-estar dos atletas. Portanto, tais ações acabam sendo colocadas em segundo plano e em muitos casos não são vistas como fundamentais para o desenvolvimento desses jovens (ROCHA; MONTEIRO, 2012; LINDERN *et al*, 2017).

No estudo de Trusz (2018), o constructo das habilidades sociais foi investigado em um esporte individual, com o tema “*A relação entre a prática de judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância: a experiência dos professores do Projeto Bugre Lucena da ESEFID/UFRGS*”, com o objetivo de interpretar a relação que pode se estabelecer entre a prática do judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância, na perspectiva de professores do Projeto Bugre Lucena (PBL). Foram realizadas entrevistas com os participantes da pesquisa, sendo estes, oito professores e bolsistas que ministraram aulas de judô no PBL, e análise documental para buscar as propostas e relatórios que regulamentaram a ação de extensão Projeto Bugre Lucena na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os resultados do estudo evidenciaram que os professores participantes do PBL acreditam que na infância é fundamental que ocorra a aprendizagem de habilidades sociais, tendo em vista considerarem que nesta fase (infância) o ser humano está mais aberto e suscetível para o desenvolvimento de comportamentos, sejam eles socialmente competentes ou não. Além disso, o respeito e a empatia foram apontados pelos professores como a principal habilidade que a criança deve desenvolver mediante as suas interações sociais.

Neste estudo constatou-se que a principal motivação da procura do judô pelos pais, deve-se ao fato deste esporte possuir uma prática disciplinadora, o que contribui para o desenvolvimento de comportamentos sociais mais harmoniosos por parte das crianças e/ou adolescentes. Sobretudo, a filosofia do judô baseada na disciplina e respeito ao próximo é considerada por pais e professores como importante na aprendizagem de comportamentos socialmente competentes.

Dessa forma, Trusz (2018, p. 62) ressalta que “o saber cumprimentar, seguir regras e instruções, aguardar a vez de falar, apresentar-se ao grupo são algumas das habilidades que [...] podemos visualizar no dia-a-dia das aulas de judô”, sendo estes comportamentos descritos por Del Prette e Del Prette (2017a) como pertencentes à habilidade de civilidade. Outra habilidade social aprendida por meio da prática do judô

refere-se às habilidades de autocontrole e expressividade emocional, pois nesse esporte, evidencia-se a necessidade de lidar com frustrações, como “cair e levantar”. Tal aspecto, pode ser relacionado com as situações de derrota que podem ocorrer também no futebol, em que o jogador deve buscar formas para expressar sua frustração de modo que não prejudique a si mesmo e aos outros, visando manter a perseverança e a superação.

Um aspecto importante retomado na discussão do estudo de Trusz (2018) refere-se a evidente necessidade da presença de agressividade no meio do esporte, não podendo ser confundida com violência, mas considera-se que “devemos estar atentos para não permitir que ocorra a ultrapassagem do limite tolerável, o que pode caracterizar-se como prejudicial ao grupo e ao próprio indivíduo. O judô vai proporcionar o espaço para essa agressividade” (TRUSZ, 2018, p. 63). Assim como foi discutido por Lindern *et al* (2017) e Ribeiro (2017), que se referiram à necessidade da expressão da agressividade no futebol, de modo que o jogador não seja violento, mas ouse em seus passes.

Portanto, o autocontrole e expressividade emocional são habilidades sociais que merecem ênfase na prática esportiva, visando desenvolvê-las de forma a beneficiar as relações sociais que ocorrem neste contexto, com cumprimento das regras e respeito ao outro, sem descaracterizar ou prejudicar o desempenho esportivo do atleta. Compreendendo que fora do jogo ou da luta, o ideal é que seja desenvolvido um clima de respeito nas interações sociais dos agentes que fazem parte do contexto esportivo, para que o esporte seja um meio de desenvolvimento de habilidades sociais (empatia, por exemplo) essenciais para o desenvolvimento humano.

Desse modo, os professores entrevistados afirmaram, por meio das próprias experiências, que as aulas de judô são promotoras da aprendizagem de habilidades sociais nas crianças e/ou adolescentes. Nesse sentido, o autor considera que a prática do judô quando desenvolvida por meio da filosofia das regras, da hierarquia, do respeito e da disciplina que fazem parte desse esporte e não apenas através dos aspectos competitivos, pode ser um importante instrumento para o desenvolvimento de habilidades sociais de crianças e adolescentes.

Na pesquisa de Sehnem e Cruz (2015) os autores buscaram avaliar e comparar o repertório de habilidades sociais de educandos ingressantes e remanescentes de um programa de educação pelo esporte “Campeões da Vida”, desenvolvido pelo Instituto Guga Kuerten (IGK) na cidade de Campos Novos, Santa Catarina. Neste estudo, optou-se pela utilização do Inventário Multimídia de Habilidades Sociais com 20 educandos, sendo 10 ingressantes em 2013 e outros 10 que frequentavam o programa há pelo menos um ano.



Nos resultados foi estabelecida a relação da teoria das habilidades sociais com a dos quatro pilares da educação adotada pelo programa, que são: aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser. E, utilizou-se desta seleção de participantes, para que fosse possível relacionar o repertório de habilidades sociais de educandos ingressantes e remanescentes, conforme as metodologias utilizadas no programa. Diferentemente do estudo de Trusz (2018) o programa que foi lócus desta pesquisa, desenvolve atividades com diversas modalidades esportivas.

Os resultados não apontaram diferenças significativas entre os repertórios de habilidades sociais dos ingressantes e os dos remanescentes, apresentando, ambos os grupos, repertório mediano de habilidades sociais. Ressalta-se que a habilidade de *assertividade e enfrentamento* ficou abaixo da média na maioria dos participantes, sendo este fato atribuído à ausência de encorajamento por parte de pais e professores (por exemplo) para que crianças se expressem mais, expondo seus sentimentos e percepções diante de situações que consideram indesejadas (SEHNEM; CRUZ, 2015).

Além disso, não foram observados resultados que mostrassem a existência de agressividade por parte das crianças participantes do programa, considerando as regras de convivência desenvolvidas; portanto, tais ações mostram-se elementos importantes para a aprendizagem de comportamentos sociais competentes. Entretanto, é imprescindível avaliar as condutas passivas que, por vezes, acabam sendo valorizadas pelo contexto, por não apresentarem imediatamente prejuízos para a relação social.

No que se refere à aprendizagem de habilidades sociais por meio dos quatro pilares da educação desenvolvido dentro do programa, notou-se que têm sido trabalhadas as habilidades sociais, destacando-se que a convivência realizada pelas crianças tem propiciado a aprendizagem de condutas de civilidade, empatia e respeito. Entretanto, o autor ressalta mais uma vez a necessidade de trabalhar as habilidades de comunicação assertiva e enfrentamento devido a maioria ter apresentado repertório abaixo da média, demonstrando possuírem mais comportamentos passivos.

Dessa forma, é importante que programas que visem por meio do esporte, o desenvolvimento de habilidades sociais que contribuam com a convivência, não inibam os participantes de expressarem-se de forma assertiva quando houver situações que consideram prejudiciais para si; pois, não são somente os comportamentos agressivos que acarretam prejuízos para a relação, a curto e a longo prazo, a passividade pode resultar em prejuízos nas interações.

Nos estudos desenvolvidos em outros países sobre as Habilidades Sociais, foi encontrada uma pesquisa com o título: *Taekwon-do: uma chance de desenvolver habilidades sociais* (tradução dos autores) de Ortenburger *et al* (2017), com o objetivo de conhecer o impacto do treinamento *taekwondo* no desenvolvimento de diferentes habilidades sociais. Participaram da pesquisa 17 homens e 14 mulheres de 16 a 28 anos que praticavam *taekwondo* em clubes da ITF (Federação Internacional de *Taekwon-do*), os instrumentos utilizados foram a Escala de Competência Pessoal e um questionário autoelaborado incluindo perguntas abertas e fechadas, referentes aos contatos sociais.

De acordo com os resultados da pesquisa, a prática do *taekwondo* auxiliou os participantes no desenvolvimento do sentimento de confiança quando experimentaram exposição social (90%), as possibilidades de gastar tempo livre com as pessoas que não se relacionavam bem aumentaram (94,5%), tornaram-se mais eficazes em lidar com situações de conflito (61,3%), voltaram mais rapidamente ao equilíbrio após situações difíceis (67,7%) e obtiveram a sensação de poder contar com amigos (45%) (ORTENBURGER *et al*, 2017, p. 16). Desse modo, no estudo de Ortenburger *et al* (2017) observou-se contribuições da prática desse esporte no desenvolvimento das habilidades citadas anteriormente.

Pereira (2019) desenvolveu um estudo com objetivo de examinar se na prática docente de professores das escolinhas comerciais de futebol ocorre o ensino das habilidades sociais voltadas para o desenvolvimento infantil. Para isso, foram utilizados como instrumentos, um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, aplicadas no público de quatro professores de escolinhas comerciais de futebol da cidade de Santarém-Pará. Os resultados apontaram que os professores desenvolvem nas práticas docentes, comportamentos sociais importantes para que a criança construa um repertório comportamental com atitudes de respeito ao próximo, cooperação, solidariedade, além, de confiança, autoestima, respeito, afetividade e perseverança. O autor ressaltou, que “ficou evidenciado que os professores se preocupam não apenas com as ações e atitudes que estejam voltadas para o desenvolvimento esportivo, mas também com o desenvolvimento infantil” (PEREIRA, 2019, p. 108).

Sobre as pesquisas que tratam de discussões que se relacionam com as habilidades sociais, mas não se utilizam do conceito da área de estudo das HS, a tese “*Esporte competitivo: empatia ou vontade de vencer?*” de Ribeiro (2017) realizou reflexões a respeito das contradições humanas entre os sentimentos envolvidos na vontade de vencer em um jogo de futebol (como o individualismo e egoísmos) e as condutas

empáticas que, de acordo com o autor, são naturais do ser humano, concentrando-se na seguinte problemática: “Seria a vontade de vencer uma motivação essencial à prática do esporte competitivo, porém, em permanente tensão com os motivos preconizados pelos princípios morais que fundamentam a cooperação social?” (RIBEIRO, 2017, p. 16).

Alguns conceitos de empatia utilizados pela autora são do dicionário Priberam e do filósofo que estudou sobre empatia, Adam Smith; o autor afirma que a empatia é um sentimento inato do ser humano e compartilhado por todos, para ele a empatia acontece por meio da imaginação dos sentimentos do outro. Tal discussão pode ser comparada com os estudos sobre empatia desenvolvidos no campo das Habilidades Sociais, pois, de acordo com Del Prette e Del Prette (2001), a empatia corresponde à compreensão do outro e dos sentimentos dele diante das situações diversas, comunicando-lhe esse sentimento, buscando auxiliá-lo.

O estudo de Ribeiro (2017) trata-se de uma pesquisa bibliográfica que visa por meio de discussões filosóficas dar ênfase a dois polos existentes e importantes dentro de uma competição futebolística: a vontade de vencer e a empatia. Nesse sentido, a autora discorre que o futebol é uma luta, na qual se necessita da vontade de vencer, por vezes, agressiva, não significando violência, mas sendo necessária para que os jogadores tenham garra para o propósito de vitória. Portanto, defende a ideia que existem agressividades que fazem parte do futebol, que geram sentimento de determinação para vencer, aquelas que de algum modo não violam as regras, mas acontecem como forma de assegurar o esforço, compromisso, disciplina e perseverança do jogador (RIBEIRO, 2017).

A autora ressalta que a empatia acaba sendo uma força oposta à vontade de vencer, entretanto, ela é um mecanismo essencial para que o jogo ocorra dentro dos parâmetros morais justos. Desta forma, Ribeiro (2017) denota que a empatia dentro de um jogo é demonstrada por meio das atitudes de *fair play*, uma vez que quando o *fair play* é apresentado favorece a manutenção do respeito entre os adversários em uma competição.

Os resultados da discussão apontam que existe no esporte uma tensão entre a vontade de vencer e a empatia, representando o desejo do desportista pela vitória e, também, o respeito ao adversário para que ocorra uma competição justa. Entretanto, em alguns momentos Ribeiro (2017) expõe que a empatia no meio do esporte deve apresentar-se de maneira diferente da que ocorre no cotidiano, pois se no jogo de futebol fosse preconizado o sentimento de empatia em detrimento da vitória, os jogadores seriam levados a uma competição contra si mesmo, em que não ousariam a uma jogada arriscada como bloquear o adversário.

Por conta disso Ribeiro (2017), com base nos estudos de Berlin (2013), os quais evidenciaram que no esporte existem dois impulsos opostos em que a inibição de um depende da inibição do outro, discorre que um bom desportista é aquele que consegue manter em uma competição o equilíbrio de forças, a tensão da vontade de vencer e a da empatia, devendo-se ser sustentado tal equilíbrio, para que um não venha suprimir o outro, conduzindo a uma vitória recheada de comportamentos violentos e/ou desonestos, ou ainda, à renúncia da vitória, em detrimento de colocar as necessidades do adversário acima da própria.

O valor do esporte está na medida em que ele consegue combinar esses dois recursos (conflitos) sem fazer com que eles sejam anulados. Durante uma competição não se pode anular a vontade de vencer, nem se pode anular a empatia. Pois, enquanto o jogo está acontecendo à vontade de vencer é o que torna o esporte algo admirável, que emociona torcedores e multidões. Por outro lado, se a empatia acontece de forma excessiva, pode prejudicar a competitividade que se exige do desportista. Talvez, esse desportista tenha que fazer uso da virtude da prudência para conseguir combinar as situações que na verdade são diferentes ou, por vezes, aparecem como uma tensão inconciliável (RIBEIRO, 2017, p. 93).

O estudo de Ribeiro (2017) desenvolveu reflexões importantes sobre a questão da empatia nas competições de futebol, discussões fundamentais para se pensar no futebol, não como um simples esporte, que envolve valores como respeito cooperação e amizade, mas, como um contexto que vivencia complexas relações entre os aspectos competitivos do jogo e os sentimentos humanos que favorecem a existência de comportamentos pautados em valores morais.

Nesta perspectiva, Moura (2014) desenvolveu um estudo com objetivo de investigar se a empatia exerce influência significativa sobre as atitudes morais e a agressividade dos atletas da modalidade de futsal durante as competições, bem como, propor uma nova medida de empatia voltada para o contexto esportivo. Desta forma, foram realizados dois estudos, dividindo-se em I e II, no primeiro participaram 201 atletas de ambos os sexos, que integram equipes de diversas modalidades em competições, com o objetivo de construir e testar as propriedades psicométricas dos itens que compuseram a Escala de Atitudes Empáticas para Atletas que Participam de Competições (EAEAC).

As análises do estudo I indicaram que o instrumento construído possui boas propriedades psicométricas, viabilizando o uso em pesquisas futuras, embora ainda seja necessário passar pelo processo de validação em uma população mais ampla. Salienta-se que o instrumento construído na pesquisa de Moura (2014), contribuiu para a construção

das situações-problemas do roteiro de entrevista utilizado no presente estudo, no que se refere à classe de habilidades sociais empáticas.

No estudo II objetivou-se investigar se a empatia exerce influência significativa para as atitudes morais e sobre a agressividade dos atletas da modalidade de futsal durante as competições. No estudo participaram 50 atletas do sexo masculino, que jogam em competições de futsal, os quais foram avaliados em relação aos comportamentos agressivos, empregando-se a observação, com auxílio de câmera digital e um protocolo de registro que continha categorias relacionadas à emissão de comportamentos agressivos no contexto esportivo.

Os mesmos atletas observados durante as competições responderam a Escala de Agressividade em Competição (EAGRESCOMP); um questionário contendo seis dilemas morais no contexto esportivo apresentado para mensurar as atitudes morais dos participantes; um questionário sociodemográfico para caracterizá-los; o instrumento *Attitudes to Moral Decision-making in Youth Sport Questionnaire* - Escala de Atitudes Morais no Esporte (AMDYSQ); e para avaliar a empatia foi utilizado a Escala de Atitudes Empáticas para Atletas que Participam de Competições (EAEAC).

Os resultados apontam que os jogadores declararam apresentar mais agressividade implícita durante as competições, o autor considera que este tipo de agressividade é mais permitido no meio esportivo e não apresenta riscos físicos. Moura (2014) ainda ressalta que as respostas dos jogadores sobre o tipo de agressividade apresentado relacionam-se mais com a desejabilidade social do que com os comportamentos que praticam. Ressaltando que “[...] uma vez que ações como xingar, desestabilizar o adversário psicologicamente, não são passíveis de punições rígidas” (MOURA, 2014, p. 95). Tal resultado relaciona-se com as discussões realizadas por Ribeiro (2017), Trusz (2018) e Lindern (2017) sobre a agressividade no âmbito esportivo.

Para avaliar as gravações em vídeos foram criadas categorias nas quais se agrupou os comportamentos que possuíam características comuns, quanto às intenções nas emissões, que foram: **Ofensas**: comportamentos gestos obscenos, palavrões e dedo na cara; **Entradas Duras**: Carrinho, solada, pisões e chutes no adversário; **Bloquear adversário**: Empurrão, agarrões, puxar e segurar o adversário; e **Agressão explícita**: tapa, cabeçada, soco, cotovelada e joelhada formaram a categoria (MOURA, 2014).

A partir disso, observou-se que os atletas da categoria adulto tiveram pontuação mais elevada nas categorias *Ofensas e Bloquear o adversário*, e os do time da categoria sub 17 obtiveram maiores pontuações na de *Entradas duras*. A autora discorre que o resultado

relaciona-se com as políticas de treinamentos diários que estimulam os jogadores a terem mais comportamentos agressivos instrumentais, ou seja, aquelas condutas agressivas que visam alcançar o objetivo de “acertar” uma jogada, pois, são estas que melhoram o desempenho deles no jogo, ao contrário do que ocorre quando utilizam-se de condutas violentas.

Sobre a variável idade, os resultados do estudo de Moura (2014) demonstraram que os atletas que disputam a categoria adulto apresentam mais comportamentos agressivos em relação aos da categoria juvenil. Entretanto, os jogadores mais jovens (sub 17) aceitam mais a situação de trapaça, a autora relaciona esse dado com a imaturidade do raciocínio moral nesses atletas. Além disso, em relação à empatia concluiu-se que quanto mais os jogadores de futebol apresentam sentimentos empáticos, mais se direcionarão para vitória justa nas competições. Ressaltando que “[...] quanto mais esses atletas sentem raiva empática, menos aceitam a emissão de comportamentos antidesportistas e são menos agressivos” (MOURA, 2014, p. 108). A autora, citando Batson *et al* (2007), afirma que a raiva empática se refere ao sentimento de ódio advindo da preocupação com o bem-estar do outro quando é tratado de maneira injusta.

Portanto, os resultados apontam que os sentimentos empáticos apresentados pelos jogadores nas competições influenciam significativamente o índice de agressividade e das atitudes morais, isto é, diminuem a agressividade dos jogadores e aumentam a emissão de condutas morais e de respeito ao adversário. Entretanto, afirma-se que, “No que se refere à empatia, esse dado sugere que os atletas da modalidade futsal tendem a emitir comportamentos empáticos para com seus adversários e/ou companheiros de clube à medida que emitem comportamentos agressivos físicos” (MOURA, 2014, p. 111). Isto é, a empatia é um elemento que direciona a emissão de comportamentos de *fair play* (RIBEIRO, 2017).

O estudo realizado por Aquino (2010) objetivou verificar como o esporte pode ser utilizado como um agente socializador dos principais valores adquiridos com o trabalho em equipe. Para isso, participaram da pesquisa 13 atletas na faixa etária de 12 a 16 anos que integravam as diferentes equipes esportivas de uma ONG (Organização Não Governamental) que atendia crianças e adolescentes no Rio de Janeiro, onde o principal esporte praticado era basquetebol. Utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada contendo tópicos relacionados aos objetivos da pesquisa, as quais foram submetidas a análise do discurso, com as seguintes categorias: a entrada no projeto; fazendo

novas amizades; trabalhando em equipe; os benefícios do atendimento psicológico e as mudanças pessoais.

Salienta-se que esse estudo avalia de que maneira o contexto esportivo pode favorecer o desenvolvimento social de adolescentes, sendo este o objetivo de outras pesquisas encontradas no presente levantamento bibliográfico (ASSAD *et al*, 2013; SANCHES; RUBIO 2014; FERREIRA, 2014), os quais foram considerados por apresentarem elementos que compõe e podem possibilitar o desenvolvimento de habilidades sociais, como: estabelecimento de novas amizades, aprendizagem do trabalho em grupo, respeito ao outro, diminuição da timidez. Portanto, Aquino (2010, p. 138) conclui que “a interação com novas pessoas pode provocar mudanças a nível pessoal e coletivo”, como os apontados acima.

Na pesquisa de Assad *et al* (2013) o objetivo foi desenvolver uma reflexão teórica acerca do valor do futsal, como um meio de desenvolvimento moral de adolescentes com dificuldade de relacionamento social. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura por meio de livros-texto, artigos científicos, utilizando-se principalmente o buscador *scholar google*, com as seguintes palavras-chave: adolescência, desenvolvimento, puberdade, esporte, futsal, moral; entre os anos de 2008 e 2013.

Os resultados encontrados pelos autores apontam que o esporte é um importante elemento a ser utilizado para o ensino de valores como: honestidade, lealdade, autocontrole e justiça; especificamente sobre o futsal, o estudo de revisão sugere que este pode ser de alta relevância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes, “[...] visto que na sua prática são aprendidos valores e regras que podem ser transferidas para muitas situações na vida social [...] aspectos como liderança, cooperação, solidariedade e atenção” (ASSAD *et al*, 2013, p. 150-151).

Ainda sobre os valores desenvolvidos por meio do esporte, na pesquisa de Sanches e Rubio (2014) foram investigadas situações e vivências de atletas de alto rendimento relacionadas ao aprendizado decorrente da inserção nesse contexto e aos valores preconizados. Para isso, foram realizadas entrevistas por meio do método de história de vida com quatro atletas, três homens e uma mulher, de duas equipes de atletismo profissional do interior do Estado de São Paulo, os quais atuavam no esporte de alto rendimento há pelo menos dez anos com participação em grandes competições esportivas (jogos olímpicos).

Ressalta-se que um dos aspectos citados pelos participantes do estudo de Sanches e Rubio (2014), vivenciado no meio do esporte, é a competitividade, a qual de

acordo com as autoras não deve ser tratada de forma intrinsecamente negativa, sendo considerada uma oportunidade para atrelar o desenvolvimento de valores como cooperação, ajuda, companheirismo, amizade e etc. A formação de vínculos de amizade dentro do contexto esportivo é outra característica vivenciada pelos participantes do estudo, os quais ressaltam que a inserção neste contexto favoreceu o desenvolvimento de relações de companheirismo.

Sanches e Rubio (2014, p. 837) afirmam ainda que “[...] esse contexto facilitou que a atleta trabalhasse sua timidez e sua segurança, participando com mais afinco das atividades grupais [...]”, estando estes aspectos relacionados com o desenvolvimento de habilidades sociais. Portanto, o estudo concluiu que o esporte desempenha um papel importante no processo de desenvolvimento humano, e quando são trabalhados os aspectos educativos pode propiciar a aprendizagem de valores que auxiliarão o indivíduo em diversos contextos de vida, em que os participantes consideraram ainda que por meio do esporte ampliaram o autocontrole, autoconhecimento e responsabilidade.

Na pesquisa de Ferreira (2014) o objetivo foi de investigar a influência de um programa de intervenção motora no âmbito do esporte educacional com base no atletismo, sobre desenvolvimento motor e social de crianças, assim como o de Sanches e Rubio (2014) o esporte no estudo preconizado foi o atletismo. Para isso, foram aplicados como instrumentos o Teste de Desenvolvimento Motor Grosso 2 (TGMD-2) e o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS- BR), em crianças de 8 a 11 anos.

Foram delineados dois grupos para o programa: grupo experimental, no qual 25 crianças participaram de aulas de atletismo durante 15 semanas com duas sessões semanais com duas horas de duração, e o grupo controle, com 23 crianças que não participaram do programa. A coleta de dados ocorreu antes e após o desenvolvimento do programa (FERREIRA, 2014, p. 7).

Ressalta-se que nos resultados foram abordados especificamente a relação com as habilidades sociais, aspecto de interesse da presente pesquisa. Desta forma, a partir da aplicação do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS- BR), após a participação no programa de esporte educacional, as crianças avaliadas no pré e pós-teste não apresentaram diferenças significativas no escore global e nas subescalas das habilidades sociais. Entretanto, a autora evidencia que na análise separada das subescalas foi identificada diferença significativa para a habilidade de empatia/afetividade apresentando melhoras no repertório das crianças no pós-teste.

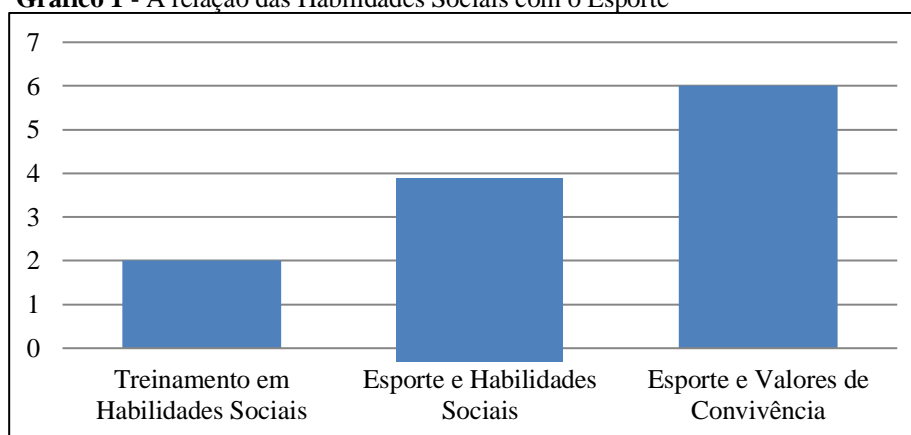


Os estudos encontrados nesta revisão sistemática da literatura que tratam das habilidades sociais no contexto do futebol podem ser ordenados conforme três tendências: 1) treinamento em habilidades sociais para jovens jogadores de futebol, discussões sobre 2) empatia e a competitividade existente no esporte (esporte e habilidades sociais) e o 3) desenvolvimento de valores como respeito e cooperação por meio de práticas esportivas (esporte e valores de convivência). Além disso, ressalta-se que a maioria das pesquisas ocorreu em projetos sociais de atividades esportivas.

Dentre os estudos encontrados que tratam sobre habilidades sociais e esporte constatou-se que foram realizados a partir do ano de 2011 e, posteriormente ocorreram mais no ano de 2017. Além disso, salienta-se que apesar da temática das habilidades sociais ser estudada mais na área da Psicologia e suas interfaces (Psicologia da Educação, Psicologia Clínica e Psicologia do Trabalho) alguns estudos encontrados que tratam diretamente da aprendizagem de habilidades sociais por meio do esporte foram realizados na área da Educação Física.

Observa-se no Gráfico 1 que as pesquisas encontradas no levantamento se dividem em três categorias: treinamento em habilidades sociais com jogadores de futebol, Esporte e Habilidades Sociais (empatia) e Esporte e Valores de convivência.

**Gráfico 1** - A relação das Habilidades Sociais com o Esporte



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Sobre a metodologia utilizada nos estudos ressalta-se que a maioria optou por instrumento quantitativo para avaliar o repertório de habilidades sociais dos participantes, como Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette (2001), o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015), Inventário Multimídia de Habilidades Sociais de Criança (DEL PRETTE; DEL PRETTE,

2005), Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (FREITAS, 2008) e Escala de Atitudes Empáticas para Atletas que Participam de Competições (MOURA, 2014).

A maioria das pesquisas deste levantamento trouxeram discussões nos resultados a respeito da agressividade, empatia, assertividade e enfrentamento no esporte, sendo essas condutas as principais elencadas dentro do contexto esportivo, em especial no futebol que é um esporte coletivo. As pesquisas que tratavam de investigações acerca de esportes individuais, como o atletismo, evidenciaram mais aprendizagem de habilidades sociais relacionadas ao respeito com o outro, autoconhecimento, civilidade, ressaltando a ocorrência do aumento de comportamentos passivos, contudo, o público alvo eram especificamente crianças, sendo este um dado a ser considerado para próximos estudos ou intervenções dentro desses contextos.

Compreende-se, pelos estudos descritos anteriormente, que há influência da prática de esporte com o desenvolvimento de habilidades sociais e ou valores morais importantes para o desenvolvimento humano dos indivíduos, entretanto, os autores Sanches e Rubio, (2011), Rocha e Monteiro (2012), Ribeiro, (2017), Sehneme e Cruz, (2015) ressaltam que quando o esporte atrela-se mais aos aspectos educativos do que competitivos tem mais possibilidade de favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais e de valores como respeito, cooperação.

Salienta-se que por meio dos processos educativos o sujeito desenvolve saberes diante da realidade, portanto, a construção de habilidades sociais significa também, o desenvolvimento de valores de convivência e conhecimento do ambiente social, logo, possibilita que o sujeito esteja mais “preparado” para viver em sociedade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). No ambiente futebolístico o adolescente vivencia diversos momentos de pressões relacionados às cobranças exercidas sobre o desempenho dentro do campo (COUTO, 2012). Desse modo, o desenvolvimento de maneiras saudáveis de regular-se diante dessas dificuldades e dos relacionamentos interpessoais conflitantes do contexto, é primordial para o futuro, uma vez que atuará como fator de proteção no envolvimento com situações e condutas desviantes.

Neste seguimento, a aprendizagem de habilidades sociais e o desenvolvimento de competência social são necessários para que o sujeito tenha formas de se expressar que designe necessidades próprias e considere também as do outro. O papel social dos diversos contextos educativos é propiciar o desenvolvimento de comportamentos participativos, críticos que favoreçam as relações interpessoais, tornando-as cooperativas e construtivas.

Entretanto, Couto (2012) discorre sobre algumas particularidades vivenciadas por ele no contexto futebolístico:

[...] em minha formação futebolística, encontrei alguns obstáculos que não se resolviam no campo, mas fora dele: problemas de relacionamento, de apadrinhamentos, de favorecimentos que poderiam mudar o curso de minha carreira (COUTO, 2012, p. 17).

Dessa forma, constata-se que as relações sociais permeadas nos ambientes futebolísticos exigem dos jogadores desempenhos sociais que direcionem a resolução de problemas, sendo esta uma habilidade social que envolve identificar a existência de um problema e buscar maior número de alternativas para solucioná-los, prevendo as consequências e preocupando-se com o resultado desta para todos os indivíduos envolvidos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006).

Considerando que o desenvolvimento das habilidades sociais ocorre por meio dos contextos sociais, o futebol desempenha na história de jovens jogadores aprendizados que os acompanharão no decorrer da vida. Além disso, ressalta-se que a educação, em todos seus aspectos e tipos (formal, não formal e informal), é um processo de formação humana vinculando-se às práticas culturais da sociedade e ao seu momento histórico, com o intuito de possibilitar ao indivíduo a construção da identidade e participação no meio social (GONÇALVES, 1994).

O ser humano enquanto ser social precisa construir uma visão crítica sobre a realidade; tal visão pode ser favorecida pelas práticas educativas que se estabelecem nas relações sociais em contextos formais, não formais e informais de educação. As habilidades sociais tem em seus pressupostos a necessidade do envolvimento nas interações sociais de interdependência, aceitação e solidariedade. Acredita-se que o sujeito se desenvolve por meio da condição natural de integrar redes de conexão que visam a organização e orientação entre os grupos, estando próximos ou não, para alcançarem a valorização e o respeito mútuo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2014, p. 46) “os diferentes contextos dos quais participamos contribuem, de algum modo, para a aprendizagem de desempenhos sociais que, em seu conjunto, dependem de um repertório de habilidades sociais”. Portanto, as interações sociais que os jovens jogadores estabelecem no contexto do futebol, com colegas, treinadores, dirigentes e outros profissionais podem servir de modelos de condutas, logo, além da formação técnica e tática, esse ambiente exerce influência na formação social, emocional e cultural.

Com isso, salienta-se que não há como pensar no desenvolvimento humano destes adolescentes sem considerar a constituição do indivíduo enquanto corpo-sujeito de si, ser histórico, social e cultural, pois, a relação com o mundo e com a própria realidade está em consonância com a possibilidade de transcender ao que é posto, tanto quanto as possibilidades para o futuro dependem das ações conscientes e críticas em relação às interações sociais que desempenha.

Além disso, para Ribeiro (2017) por meio de jogos competitivos o indivíduo tem a possibilidade de desenvolver capacidades como: “tolerar frustração, empatia em relação ao próximo, respeitar diversidade e superar limites” (RIBEIRO, 2017, p. 38). A autora também discorre sobre a possibilidade que o jogo coletivo tem de promover espaço para fortalecimento de relações humanas, inspirando o desenvolvimento da cooperação e compartilhamento de estratégias que instigam a competição em grupo. Entretanto, no futebol é visível a ocorrência de deturpação de valores, pois, ressalta-se que a profissionalização por vezes “não abre brecha para a cooperação, para a honestidade e tantos outros valores que eram tidos como essenciais a prática desportiva [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 50).

Compreende-se que o esporte possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais importantes para as relações humanas, contudo, é necessário considerar as barreiras que existem neste contexto competitivo para que sejam desenvolvidas formas de lidar com os conflitos. De acordo com Moura (2014) há um contraste nas práticas esportivas, pois “ao mesmo tempo em que o esporte incentiva comportamentos pró-sociais, também é possível perceber comportamentos antissociais, como a agressividade, que, de maneira geral, são incentivados pelo desejo de vencer nas competições” (MOURA, 2014, p. 27). Salienta-se que isso ocorre em muitos casos por conta da pressão que os diretores/gestores, comissão técnica e torcida exercem sobre os jogadores para que vençam a competição, resultando em um incentivo à quebra de regras e utilizando-se da justificativa de que esse rompimento é uma estratégia tática.

Ribeiro (2017) afirma que a empatia é um mecanismo importante para que o jogador desempenhe comportamentos de respeito ao próximo (*fair play*), a qual funciona como fator de proteção para que o jogo não se transforme em um campo de violência e para evitar a ocorrência de desvios de comportamentos. Neste sentido, para Lindern *et al* (2017) a convivência com técnicos, adversários, professores, colegas e outros que fazem parte do ambiente esportivo, auxilia na aprendizagem de competências sociais, cognitivas e emocionais, funcionando como fator de proteção para esses jovens.

Desse modo, Lindern *et al* (2017, p. 61) discorre que, “os atletas com maior competência social apresentam maiores chances para enfrentar estressores específicos à prática esportiva de maneira mais adaptativa”. Assim sendo, ao apresentar comportamentos decorrentes das habilidades sociais como as de comunicação assertiva, empatia e autocontrole emocional o atleta terá mais condições de regular-se diante de conflitos de relacionamentos, os quais – quando não resolvidos – podem gerar complicações para o desempenho em campo e para o bem estar, conforme afirmam Del Prette e Del Prette (2012).

Ressalta-se que o esporte é uma ferramenta eficaz para trabalhar a aprendizagem de valores que poderão ser transferidos para outros ambientes da vida dos esportistas. Entretanto, de acordo com Sanches e Rubio (2011) a repercussão das práticas esportivas na vida dos jogadores é resultante do modo como as relações de jogo são conduzidas, tendo em vista que os espaços esportivos poderão desenvolver um ambiente inclusivo ou extremamente excludente, neste último, quando ocorre a prevalência da noção de *vale-tudo* pela vitória.

A participação de jovens em ambientes sociais como escola, grupo de amigos e ambientes esportivos, conforme a pesquisa de Sanches e Rubio (2011), é vista como experiência essencial para o processo de aprendizagem e desenvolvimento social. Sobre os indivíduos que os jovens terão como modelos de conduta dentro do ambiente esportivo, Sanches e Rubio (2011) também destacam a importância do treinador, pois, é inegável especialmente nas categorias de base, a influência exercida na motivação dos jogadores e na aprendizagem de atitudes que farão parte do repertório comportamental.

Sobre isso, Pereira (2019) constatou que por meio da prática docente em ações esportivas nas escolinhas comerciais de futebol os professores desenvolviam formas de ensino (como quando reconhecem um erro e pedem desculpas aos alunos) que propiciavam a aprendizagem de habilidades sociais necessárias para as condutas das crianças em qualquer contexto social que possam estar inseridas, uma vez que por meio da observação das atitudes do treinador os alunos podem desenvolver essas habilidades e formas de se relacionar com o outro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b).

Por exemplo, em uma das situações-problemas apresentadas na pesquisa de Pereira (2019) sobre autocontrole e expressividade emocional após uma derrota, os treinadores afirmam que buscam evidenciar os aspectos positivos e esquecer os negativos, incentivando os alunos a lidarem de forma menos prejudicial com o resultado do jogo quando perdem. Tal resultado mostra-se animador para o avanço de pesquisas que visem

identificar nas práticas esportivas o desenvolvimento das habilidades sociais, uma vez que Del Prette e Del Prette (2012) afirmam que os déficits em habilidades sociais apresentados por crianças e adolescentes comprometem as fases posteriores do ciclo vital.

Capitanio (2003) destaca que quando o esporte é atrelado a uma abordagem educativa, muitas competências além da técnica e tática podem ser desenvolvidas, como a cooperação, solidariedade, participação e criatividade. Cabe ressaltar que no contexto do esporte profissional ocorrem relações que estão mais pautadas nos aspectos competitivos do jogo, por vezes, desvinculado e distante de práticas educativas. Nesse sentido, Sanches e Rubio (2011) consideram que as cobranças por desempenho nos clubes de futebol são o principal foco de trabalho com os jogadores, e acabam limitando a importância do bem-estar deles. Entretanto, salienta-se que nem todos os jogadores conseguem ingressar no futebol profissional ou permanecer nesta carreira, portanto, é fundamental a aprendizagem de habilidades sociais que auxiliarão esses jovens tanto no esporte quanto na vida.

[...] mesmo os atletas que não chegam ao nível profissional podem seguir outros planos de carreira com um prejuízo menor, quando suas expectativas são trabalhadas de maneira mais realista e quando eles possuem recursos emocionais e cognitivos que os possibilitem lidar com os estressores e situações de maneira mais adaptativa (SANCHES; RUBIO, 2011. p. 71).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2013) as habilidades sociais são necessárias para que o indivíduo estabeleça formas de se relacionar que direcionem a resolução de problemas interpessoais, uma vez que essas habilidades auxiliam o ser humano na adaptação às situações que envolvem expectativas da sociedade sobre condutas ou às demandas comportamentais requeridas em ambientes específicos, como quando os adolescentes conseguem estabelecer vínculo de confiança com os colegas e vivenciam aceitação social, possibilitando a ocorrência de desfechos socialmente importantes. Sobre isso, Assad *et al* (2013, p. 150) discorre que “um dos locais preferidos para reafirmar suas amizades e se divertirem é em instituições de práticas desportivas”.

A partir dos estudos, apontados nesta revisão bibliográfica, compreende-se a necessidade de adentrar no ambiente esportivo, em específico para esta pesquisa, no futebolístico, para o desenvolvimento de estudos que visem abordar a aprendizagem de habilidades sociais que podem ocorrer por meio das relações desse contexto. As pesquisas encontradas apontam as evidências da importância desses ambientes no desenvolvimento humano de crianças e adolescentes, entretanto, considera-se necessário o aprofundamento

das aprendizagens de habilidades sociais que ocorrem por meio de práticas esportivas, sendo este o direcionamento do presente estudo.

Além do mais, a aprendizagem de habilidades sociais é um componente necessário para o desenvolvimento humano, uma vez que as HS auxiliam nos processos educativos por constituírem comportamento sociais que facilitam a interação do sujeito nos ambientes. Salienta-se que a educação é um processo de formação humana que acontece vinculada a toda relação social, pois é por meio do contato com o outro que o ser humano se desenvolve e constrói repertórios comportamentais necessários para a manutenção de relacionamentos satisfatórios.

Assim, a seguir reúne-se discussões a respeito do processo de desenvolvimento humano de acordo com a teoria biotecnológica e as implicações do contexto futebolístico no desenvolvimento humano de jovens jogadores, considerando-se que o presente estudo tem como contexto (microsistema) o ambiente futebolístico de um clube da categoria de base do futebol em Santarém-Pará.

### 3 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

A palavra *desenvolvimento* significa ato ou efeito de desenvolver(-se), também pode designar desenvolvimento, crescimento, aumento ou progresso (FERREIRA, 2004). Em se tratando de *desenvolvimento humano*, considera-se que ele “[...] é mais bem entendido como uma fusão de processos biológicos, sociais e psicológicos interagindo na cultura humana” (COLE; COLE, 2004, p. 15), colaborando para o progresso das capacidades humanas e complexidade das relações socioculturais desencadeadas em um contexto imediatamente situado, ao longo do ciclo vital de um indivíduo. Desse modo, destaca-se que no campo da Educação e da Psicologia diversos estudos foram realizados para a compreensão do ser humano e seu desenvolvimento

Ressalta-se a visão de Vygotsky (2001), o qual discorre que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações com os parceiros sociais. Isto é, para o autor, o ser humano adquire conhecimentos e desenvolve-se através da interação com o meio social em que vive, denotando a importância do contexto no qual o indivíduo está inserido para seu próprio desenvolvimento. Outro autor que corrobora e destaca o papel do contexto social para o desenvolvimento humano é Urie Bronfenbrenner, para ele o desenvolvimento humano é um “fenômeno de continuidade e de mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, como indivíduo e como grupo” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 43).

Narvaz e Koller (2004) ao tratarem do assunto recorrem a Bronfenbrenner (1979) e consideram que:

O desenvolvimento consiste em um processo de interação recíproca entre a pessoa e o seu contexto através do tempo [...]. O desenvolvimento ocorre, então, através de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexa, de um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução com as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente imediato (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998 Apud NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 53).

Desse modo, ressalta-se que por meio das interações sociais ocorridas nos ambientes imediatos o ser humano passa por modificações nos seus aspectos biopsicológicos e, por sua vez, desencadeiam transformações no contexto. Nesse caso, considera-se que, “pela interação social, aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação neste contexto cultural complexo que nos recebeu, durante todo o ciclo vital” (RABELLO; PASSOS, 2010, p. 1).



Além disso, as relações proximais, isto é, as interações sociais atuam como modeladoras do desenvolvimento afetivo e cognitivo do indivíduo (VERÍSSIMO; SANTOS, 2008). Entretanto, para que isso ocorra é necessário haver uma reciprocidade nas relações, por meio da “estimulação da atenção, exploração, manipulação e imaginação dos indivíduos” (DINIZ; KOLLER, 2010, p. 68). Ressalta-se que diversas teorias se ocupam em estudar e explicar o processo de desenvolvimento humano, entretanto, nesta pesquisa optou-se pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner para analisar as interferências das relações sociais do contexto futebolístico para o desenvolvimento humano de jovens jogadores. A discussão desenvolvida a partir da teoria de Bronfenbrenner apresenta-se a seguir.

### **3.1 Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner**

O desenvolvimento humano é uma área de pesquisa que se expandiu nas últimas duas décadas, gerando diversos estudos para a compreensão do ser humano e suas relações, resultando em avanço significativo dos conhecimentos científicos, além de abrir espaço para outras abordagens de pesquisas nesse âmbito. A Teoria Bioecológica foi criada pelo psicólogo americano Urie Bronfenbrenner em 1970 com a exposição sistemática do modelo ecológico do desenvolvimento humano e, posteriormente, publicada em 1979 no livro *Ecology of Human Development* (NARVAZ; KOLLER, 2004).

Nessa teoria o desenvolvimento humano refere-se a processos de interação recíproca entre a pessoa e o contexto que acontecem no decorrer de todo o ciclo de vida, tendo como principal foco de estudo, os processos e as interações vivenciadas pela pessoa no contexto de desenvolvimento; portanto, as relações recíprocas atuam de maneira direta na constituição dos indivíduos (NARVAZ; KOLLER, 2004).

O desenvolvimento humano na perspectiva do criador da Teoria Bioecológica é um processo que perdura ao longo da vida e engloba aspectos temporais e históricos, esclarece o autor:

[...] o desenvolvimento é considerado um fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humana por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto do passado quanto do presente (BRONFENBRENNER, 2011, p. 43).

Destaca-se, ainda na visão de Bronfenbrenner (2011), o potencial contido nas relações sociais para a evolução humana. Nesse sentido, ele afirma que “os eventos ambientais que são mais imediatos e potentes em afetar o desenvolvimento da pessoa são as atividades que outras pessoas realizam com ela ou na sua presença” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 89).

Nesse caso, considera-se que para os indivíduos - principalmente os mais jovens, por estarem em fase de desenvolvimento da personalidade - a interação com as pessoas, com o contexto, objetos e símbolos existentes são fundamentais para a construção de motivação, conhecimento e habilidade para desempenhar atividades consigo e com as outras pessoas (NAVAZ; KOLLER, 2004).

Ao desenvolver a teoria Bioecológica, Bronfenbrenner definiu quatro núcleos de desenvolvimento, destacando a inter-relação existente entre eles e as funcionalidades de cada um no estudo do desenvolvimento humano. Tais núcleos são: o *Processo*, a *Pessoa*, o *Contexto* e o *Tempo* (BRONFENBRENNER, 2011)

O *Processo* é o primeiro componente e configura as formas de interação do organismo com o ambiente; e, é por meio dele que o desenvolvimento humano acontece, denominando-se na teoria de *processos proximais*, que são as formas de interação entre o indivíduo e o ambiente, podendo serem definidos por meio de cinco elementos:

- 1) Para que o desenvolvimento ocorra é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade; 2) para ser efetiva, a interação deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos prolongados de tempo; 3) as atividades devem ser progressivamente mais complexas, daí a necessidade de um período estável de tempo; 4) para que os processos proximais sejam efetivos, deve haver reciprocidade entre as relações interpessoais; 5) para que a interação recíproca ocorra, os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1999 *apud* NAVAZ; KOLLER, 2004, p. 54).

As características da pessoa interferem na direção e no conteúdo dos processos proximais, logo, os resultados podem ser: 1) efeitos de competência, ocorrendo a aquisição de conhecimentos, capacidades e habilidades para direcionar o próprio comportamento; e 2) efeitos de disfunções, dificuldade de manter o controle e adaptação de comportamentos nos domínios – físico, cognitivo, psicológico e social - do desenvolvimento humano (NAVAZ; KOLLER, 2004).

Portanto, o desenvolvimento humano pode ser compreendido a partir da função conjunta dos processos, da pessoa com as próprias características peculiares, dos aspectos

do ambiente imediato que vive, da frequência e intensidade dos períodos de tempo em que foi exposta ao processo e ao contexto no qual ocorreram as interações (NARVAZ; KOLLER, 2004).

O segundo componente do modelo bioecológico é a *Pessoa*, que envolve as características biopsicológicas e aquelas construídas por meio da interação com o ambiente. Nesse sentido, a *Pessoa* é o componente produtor e produto dos processos de desenvolvimento, pois, a interação recíproca (pessoa – ambiente) resulta em mudanças no contexto e nas características da pessoa. Deste modo, nos processos proximais a *Pessoa* influencia de maneira direta a forma, os conteúdos, as forças e o direcionamento desses processos (NARVAZ; KOLLER, 2004).

De acordo com as autoras mencionadas anteriormente, há na *Pessoa* três características que influenciam no processo de desenvolvimento humano, que são:

1) Força – descrevem elementos que colocam os processos proximais em movimento e sustentam. Referem-se a características ou disposições comportamentais ativas que tanto podem colocar os processos proximais em desenvolvimento e sustentar sua operação quanto colocar obstáculos ou mesmo impedir que tais processos ocorram. [...] 2) recursos biopsicológicos – envolvem experiências, habilidades e conhecimentos necessários ao efetivo funcionamento dos processos proximais ao longo dos diferentes estágios de desenvolvimento. [...] 3) demandas – aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou não o estabelecimento dos processos proximais. [...] Como exemplo, podem ser citadas características como aparência física (atrativa ou não atrativa) e comportamentos ativos, em contraposição a comportamento passivos (NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 56).

Nesta perspectiva, compreende-se que o desenvolvimento humano ao longo de todos os estágios da vida é um processo complexo, no qual uma rede de elementos está envolvida. Dentro do modelo Bioecológico, outro componente dos quatro núcleos inter-relacionados é o *Contexto*.

O *Contexto* interfere diretamente no desenvolvimento humano, tanto os contextos de interação imediata quanto os mais amplos, existindo na Teoria Bioecológica quatro níveis ambientais que se relacionam e formam o meio ambiente ecológico (BRONFENBRENNER, 2011). Os quatro níveis mencionados por Bronfenbrenner são: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, os quais podem ser compreendidos a partir da constituição de interações mais próximas e imediatas para as mais amplas e generalizadas.

O microsistema refere-se às interações face-a-face realizadas no contexto imediato em que a pessoa desempenha papéis sociais; o mesossistema envolve interligações

e processos que acontecem entre dois ou mais ambientes que fazem parte dos contextos de interação do indivíduo; já o exossistema, desempenha influências indiretas no desenvolvimento da pessoa, uma vez que esta não participa ativamente do ambiente, logo, são ligações e processos que têm lugar entre dois ou mais ambientes; e o macrosistema, são os padrões globais e generalizados de ideologias e organizações das instituições sociais comuns a determinada cultura ou subcultura (BRONFENBRENNER, 2011).

Pode-se utilizar como exemplo de microsistema no contexto do esporte o ambiente imediato dos treinos e jogos, como o clube ou as escolinhas de futebol; o mesossistema pode-se citar como exemplo, a relação existente entre o clube de futebol e a escola que a pessoa frequenta e faz parte, ou, a própria família. Enquanto para os contextos mais amplos de influências, como o exossistema, exemplifica-se citando a rede de apoio social e a comunidade do jovem jogador, e do macrosistema, fazem parte as instituições políticas e sociais presentes na vida de qualquer indivíduo – evidenciando a mídia como um contexto macro que gera diversas interferências no contexto futebolístico, e nos diversos contextos sociais, através da influência que exerce na sociedade em relação ao consumo, padrões de comportamento, estilo de vida, posicionamento político, e etc.

O quarto componente do modelo bioecológico é o *Tempo*, por meio do qual são analisadas as influências das mudanças e continuidades ao longo do ciclo da vida sobre o desenvolvimento humano. Constituindo-se de três fatores, o microtempo, o mesotempo e o macrotempo:

[...] microtempo – refere-se à continuidade ou descontinuidade dentro de pequenos episódios dos processos proximais; [...] mesotempo – refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas [...] e macrotempo – abarca as expectativas e os eventos de mudanças dentro da sociedade através das gerações [...] (NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 59).

Deste modo, deve ser considerado na compreensão do desenvolvimento humano os eventos históricos e os acontecimentos imediatos, ou seja, aqueles que a pessoa está vivenciando. Pois, de acordo com Bronfenbrenner (2011), o tempo influencia o desenvolvimento da pessoa por meio das heranças biológicas, sociais e culturais que se perpetuam no decorrer da história.

Nesse sentido, a teoria Bioecológica apresenta-se como um modo de compreender o desenvolvimento humano contemplando os processos de desenvolvimento e as forças do ambiente sobre eles. De maneira que, “o modelo bioecológico permite a

análise das variações dos processos e do produto do desenvolvimento enquanto função conjunta das características da pessoa e do ambiente em determinado período histórico” (NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 70).

Ressalta-se que diversas pesquisas tem se ocupado da tarefa de investigar o contexto esportivo utilizando-se da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. Dentre as principais temáticas destes estudos, constatou-se a utilização da abordagem do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano para compreender aspectos relacionados ao desenvolvimento motor (NOBRE, 2013), a influência do contexto esportivo no desenvolvimento dos atletas (DOMINGUES; CAVICHIOLLI; GONÇALVES, 2014;) e a formação de atletas (SOUZA, 2010).

No estudo de Souza (2010) objetivou-se investigar à luz do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano o processo de iniciação esportiva de duas equipes femininas de basquetebol, na qual participaram onze atletas com idades entre 14 e 15 anos que praticavam basquetebol em equipes que participavam regularmente de campeonatos organizados pela Federação Paulista de Basquetebol (F.P.B.). Os resultados obtidos no estudo de Sousa (2010) evidenciaram que as relações interpessoais desenvolvidas nos ambientes que os atletas participavam ativamente, isto é, no microsistema, desempenham influência direta sobre o envolvimento que possuem com a prática do basquetebol, com ênfase nas interações com os pais e familiares, ressaltando que a família é um sistema ecológico fundamental no desenvolvimento humano e, logo, no direcionamento dos comportamentos dos jovens atletas.

No estudo de Domingues, Cavichioli e Gonçalves (2014), os pais também aparecem como agentes fundamentais para o envolvimento dos jovens em práticas esportivas. Além disso, possuía como objetivo “examinar as influências contextuais e socioambientais nas atitudes e comportamentos dos jovens talentos na sua participação desportiva” (DOMINGUES; CAVICHIOLLI; GONÇALVES, 2014, p. 250), destaca-se também entre os resultados obtidos que, a relação com o treinador, mostrou-se um fator imprescindível para manter a motivação dos jovens na equipe e para moldar comportamentos.

Dessa forma, por meio de práticas esportivas o indivíduo desenvolve relações sociais amplas e vivencia diversos momentos de trocas sociais que requerem a construção de um elaborado repertório comportamental para lidar com as demandas desse contexto, especificamente nas interações com a equipe que integra e com as adversárias, com treinadores e diretores. Nesse sentido, “o envolvimento de uma criança com o esporte

compreende uma das relações mútuas mais importantes de sua vida” (SOUZA, 2010, p. 68).

Constatou-se que a permanência dos atletas no esporte é influenciada pelos recursos biopsicológicos que possuem; tais recursos são habilidades, conhecimento, destreza, experiências “que influenciam diretamente em sua capacidade de se efetivar ou não em uma atividade ao longo dos diferentes estágios do desenvolvimento” (SOUZA, 2010, p. 72). Evidenciando que fatores motivacionais como construir uma carreira profissional, ganhar títulos e ajudar a equipe atuam como molas propulsoras para a iniciação, permanência e persistência no esporte.

Segundo os atletas participantes do estudo de Domingues, Cavichioli e Gonçalves (2014) as experiências vividas no contexto futebolístico os auxiliam na aquisição de responsabilidade e maturidade, pois acreditam que as cobranças, regras e disciplinas do ambiente esportivo, os levam a uma transição precoce da fase da adolescência para a fase adulta. Além disso, consideram que dentro do clube desenvolvem relações interpessoais saudáveis e laços de amizade baseados em respeito, apoio e união, havendo uma boa comunicação entre todos.

Nesse sentido, considera-se que “[...] as relações entre um indivíduo em atividade com o contexto no qual ele a realiza e o multinível ecológico constituem a direção da força do desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 29). Isto é, as trocas entre a pessoa e o contexto ecológico, moldam e modificam tanto a pessoa quanto o ambiente, beneficiando a construção de relações que serão favoráveis para a constituição do ser humano.

Portanto, compreende-se que os processos proximais ocorridos dentro do contexto esportivo proporcionam a aquisição de experiências, habilidades e conhecimentos que geram mudanças no relacionamento do atleta com os membros familiares, na escola e entre os pares (SARTORI, 2003). Este exemplo denota que ao longo do desenvolvimento humano o indivíduo constitui diversos processos de interação recíproca, variando de acordo com as peculiaridades das pessoas, dos contextos e do momento, resultando em competências ou disfunções no referido desenvolvimento (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

As competências são resultados positivos no desenvolvimento da pessoa, nos contextos que interage no decorrer do tempo, as quais podem ser definidas em habilidades socioemocionais, cognitivas e físicas adquiridas. Enquanto que as disfunções são os

resultados negativos destas interações, os quais geram dificuldades no controle do próprio comportamento (LEME *et al*, 2015).

De acordo com Narvaz e Koller (2004), as características da pessoa, conforme o modelo bioecológico, podem ser referidas como *forças da pessoa*, as quais influenciam em seu desenvolvimento futuro, pois “são disposições comportamentais ativas que podem colocar os processos proximais em movimento e manter suas operações ou, ao contrário, interferir ativamente, retardar ou até impedir sua ocorrência” (NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 74).

Dessa forma, no modelo bioecológico o desenvolvimento humano é um fenômeno complexo e envolve uma rede de relações, pois pode ser influenciado pelas características da *Pessoa*, pelos *Processos Proximais* das interações recíprocas, pelas peculiaridades do *Contexto* e ao longo do *Tempo*. Tal compreensão vincula-se com os estudos sobre a aprendizagem das habilidades sociais (HS), uma vez que Del Prette e Del Prette (2017b) ressaltam que essas habilidades são desenvolvidas por meio de influências das dimensões pessoal, situacional e cultura (LEME *et al*, 2015).

Ressalta-se que as habilidades sociais são comportamentos aprendidos por meio das interações sociais nos contextos de desenvolvimento do indivíduo, como a família, escola, grupo de amigos e, no que se refere a este estudo, o esporte. Considera-se ainda, que são aprendidas no decorrer de toda a vida do indivíduo através das interações constituídas com seus pares e do que é socialmente valorizado na cultura e no momento histórico-social vivenciado, dessa forma, pode-se dizer que a qualidade das relações interpessoais exerce um papel fundamental para um bom desenvolvimento biopsicossocial do ser humano (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Salienta-se que os comportamentos indesejáveis no modelo bioecológico são conhecidos como resultados da disfunção e o repertório de habilidades sociais são resultados da competência. A competência social – já abordada em seção anterior - “é um conceito do campo das HS que pode contribuir para a avaliação dos resultados dos processos proximais sobre o desenvolvimento” (LEME *et al*, 2015, p. 08).

Desde o nascimento a criança é exposta a contextos de interação que podem ou não lhe proporcionar a aprendizagem de habilidades sociais; isso acontece por meio dos processos proximais nos microssistemas, como a família e a escola. Na adolescência, os microssistemas se ampliam ainda mais, tendo em vista que a pessoa passa a fazer parte de grupos de amigos e de ambientes esportivos, por exemplo.

Desse modo, a cada fase do desenvolvimento os microssistemas do indivíduo se modificam e outros vão sendo inseridos, logo, as situações vivenciadas exigem diferentes modos de reagir, sendo necessária a ampliação do repertório de habilidades sociais. Entretanto, as HS desenvolvidas na infância interferem na aprendizagem das HS requeridas na adolescência, uma vez que o processo de desenvolvimento humano é contínuo e influenciado pelas vivências de cada fase da vida. Assim, quando os contextos sociais não proporcionam a aprendizagem dessas habilidades, importantes para a construção e manutenção de relacionamentos sociais saudáveis, elas podem ser adquiridas por meio de treinamentos clínicos ou educacionais, considerando-se que os comportamentos indesejáveis podem ser modificados e novos comportamentos, pautados em habilidades sociais, podem ser desenvolvidos em todas as fases da vida das pessoas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b).

Na adolescência a família é um microssistema fundamental no estabelecimento de interações recíprocas que poderão auxiliar o indivíduo no desenvolvimento de habilidades sociais, entretanto, com a ampliação dos microssistemas nesta fase, os processos proximais vivenciados pelo adolescente, resultam na possibilidade de aprendizagens mais amplas de comportamentos sociais em diversos contextos - como no esporte. Sobre isso, Senna e Dessen (2012, p. 104) enfatizam:

[...] à medida que o adolescente passa a participar de outros microssistemas e a formar e ampliar sua rede de relações interpessoais, torna-se evidente a formação de novas relações e influências interdependentes entre a família, o adolescente e os demais contextos de interações proximais (mesossistema) (SENNA; DESSEN, 2012, p. 104).

Desse modo, todos os contextos de relações que proporcionam a ocorrência de interações recíprocas – ao longo do tempo – na vida do adolescente, desencadeiam interferências importantes, nos aspectos físico, cognitivo, emocional e social, de seu desenvolvimento. Bronfenbrenner (2011) avalia que o desenvolvimento humano necessita de relações cada vez mais complexas e ocorre atrelado aos contextos de interação que os indivíduos estão inseridos. Portanto, a seguir, apresenta-se algumas implicações do ambiente futebolístico no desenvolvimento humano de jovens jogadores.



### **3.2 Implicações do contexto do futebol no desenvolvimento humano de jovens jogadores**

Considerado como um elemento que preconiza o desenvolvimento humano em diferentes domínios (cognitivos, sociais, emocionais, psicológicos e biológicos) o esporte ganhou uma posição de destaque na sociedade, como quando passou a ser reconhecido como direito fundamental e relevante para todas as etapas da vida (REVERDITO, 2016), sendo um dos fenômenos socioculturais contemporâneos mais presente na vida das pessoas.

Neste sentido, considera-se que milhares de jovens participam de alguma prática esportiva, envolvimento associado à aprendizagem de vários aspectos relevantes para o desenvolvimento desses indivíduos, como: “Competências, habilidades, regulação do comportamento, autoeficácia e autoestima, qualidade de vida, relações interpessoais, valores, liderança, motivação para o esporte, sentido para a vida [...]” (REVERDITO, 2016, p. 68).

Dentre os esportes mais praticados no mundo destaca-se o futebol, o qual faz parte da identidade cultural e social do Brasil e que a partir do século XX tornou-se o principal esporte do brasileiro, além de ser conhecido como o mais popular no mundo (MASCARENHAS, 2014). Fato que reflete significativamente na adesão desta modalidade nas manifestações no âmbito do lazer, tanto na esfera da prática propriamente dita, como do espetáculo, enquanto torcedores, consumidores ou afins, pois tornar-se um jogador de futebol de sucesso é um sonho que permeia a mente da maioria das crianças e jovens no Brasil, e logo incorporam práticas direcionadas ao futebol como: torcer por um time, jogar na rua, praia, quadras, assistir jogos pela televisão ou estádio, disputar torneios escolares, jogos/games eletrônicos.

O esporte vem se provando, dentro dos princípios aplicados pela educação pelo esporte, uma via poderosa e privilegiada para desenvolver o potencial de crianças e jovens. Tem, em si, a capacidade de educar para promover o desenvolvimento de competências pessoais (como a autoestima, o autoconhecimento, o autocuidado), sociais (o espírito de equipe, a cooperação, a solidariedade), cognitivas (a resolução de problemas, o didatismo e o autodidatismo) e produtivas (criatividade e volatilidade). Ou seja: de promover o desenvolvimento humano (HASSENPFUG, 2004, p. 35).

Desse modo, o futebol é um esporte que desempenha um encantamento incontestável na população brasileira, e, vem sendo alvo de políticas públicas que visam utilizar esse esporte como meio de promover práticas educativas com intuito de

desenvolver valores sociais e morais na vida de crianças e adolescentes, uma vez que esse encantamento é estimulado na mentalidade dos brasileiros desde a mais tenra idade. Assim, apesar das mudanças ocorridas com o advento da tecnologia, o futebol continua sendo um dos maiores divertimentos das crianças brasileiras (COUTO, 2012).

Além disso, o futebol é uma das profissões preferidas por crianças e adolescentes que sonham desenvolver uma carreira de sucesso, sendo constatada tal afirmação no estudo de Damo (2005) ao identificar em uma amostra com 226 pré-adolescentes de três escolas públicas e 185 pré-adolescentes de duas escolas privadas (de 11 a 13 anos da 6ª e 7ª séries), o fascínio, principalmente dos meninos pela profissão de futebolista, em que nas resposta da escola pública a opção da profissão de jogador de futebol ficou em primeiro e nas escolas privadas ficou em terceiro, situando-se atrás apenas da Engenharia e Advocacia.

Neste sentido, Couto (2012) ressalta que:

Quando o pretendente reconhece a possibilidade de realizar o desejo de construir uma carreira futebolística, a atividade de jogar futebol, antes voltada para o lazer, toma outra proporção e se transforma em projeto de vida, em dever, alterando o enfoque de diversão e entretenimento, para assumir o caráter de obrigatoriedade, incluído na esfera do trabalho. [...] Começa, então, uma vida de prática permanente, como afinco, ainda que, inicialmente, de maneira informal, no universo ainda da ludicidade entre colegas, mas já com o objetivo de desenvolver as aptidões elementares da modalidade, aguçando cada vez mais o desejo do profissionalismo (COUTO, 2012, P. 54).

Nesse sentido, de acordo com Gonçalves (1994) o indivíduo constrói a própria identidade e modo de agir por meio das interações com o mundo. Portanto, os ambientes sociais influenciam diretamente a construção de valores, crenças, modos de sentir, pensar e agir das pessoas. Considerando que a profissionalização do jogador de futebol, advindo das categorias de base dos clubes formativos, firma-se até aos 20 anos, ou dificilmente o jovem consegue ingressar nos clubes profissionais (COUTO, 2012), entende-se que em toda a adolescência, ou pelo menos a maior parte dela, acontece vinculada ao contexto futebolístico. Logo, espera-se que este cenário proporcione ao jogador condições favoráveis para uma educação que colabore com o desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Compreende-se que as interações sociais fazem parte do desenvolvimento humano, o qual ocorre atrelado a um determinado ambiente; logo, o contexto futebolístico acaba sendo um espaço de construção para os jovens integrantes das categorias de base. De acordo com Balzano e Morais (2012) o clube é uma instituição com práticas culturais próprias e, por vezes, agrega as diferenças e cultiva valores humanos e sociais que são

relevantes no que se refere aos aspectos educativos e pedagógicos; ou pelo menos, é o que se espera de um espaço que reúne muitos jovens que visam desenvolver uma carreira no futebol profissional.

Ressalta-se que o processo de construção da identidade organiza-se na relação do individual com o social, isto é, a partir do envolvimento das características pessoais do sujeito com as representações sociais e culturais, as quais é exposto ou se expõe. Deste modo, a identidade do indivíduo se relaciona ao pertencimento, sendo individual (reconhecimento de si) e social (vinculação ao outro), portanto, os grupos sociais são fundamentais no processo de desenvolvimento da identidade do ser humano, principalmente na adolescência que é uma etapa de consolidação das características biopsicossociais do indivíduo (AMPURO; ALCES; CÁRDENAS, 2004).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) especifica que a adolescência começa a partir dos doze anos e se estende até os dezoito anos de idade (BRASIL, 2010). Enquanto que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que essa fase se inicia aos 12 anos de idade e se estende até os 19 anos. Além disso, a OMS retrata a adolescência como um período da vida em que estão acontecendo diversas mudanças comportamentais, físicas e psicológicas. No entanto, do ponto de vista psicossocial não existe uma idade definitiva que especifique as mudanças que ocorrem no ser humano, pois depende de questões inatas, fisiológicas, ambientais, sociais, culturais e subjetivas (ABERASTURY, 1980).

Compreende-se a necessidade da atenção sobre as mudanças que ocorrem na adolescência nos aspectos físico, cognitivo e psicossocial, como o início da puberdade, a busca pela afirmação da identidade e a construção de vínculos fora do ambiente familiar, pois esta passagem entre a infância e a idade adulta, dependendo do suporte e das situações vivenciadas, pode ocasionar problemas futuros para o desenvolvimento do indivíduo, como o envolvimento com a criminalidade, falta de perspectiva sobre a profissionalização e outras circunstâncias similares. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Considera-se que o desenvolvimento do ser humano acontece por meio de um processo contínuo, entretanto, é na infância, e, principalmente na adolescência, que as escolhas acarretarão a construção do plano de vida, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual, social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às suas expectativas e da sociedade em que vive (EISENSTEIN, 2005).

Dessa forma, a adolescência é a etapa essencial para a formação de hábitos e comportamentos sociais. Os hábitos adquiridos nessa idade podem ter uma importância-chave na vida futura dos adolescentes, porque possuem a capacidade de permitir ou impedir que alcancem um pleno desenvolvimento do próprio potencial (HAMBURG; HAMBURG, 1985). De acordo com Bronfenbrenner (2011) o adolescente, assim como todos os indivíduos, é sujeito ativo no desenvolvimento, dado que, ao mesmo tempo em que produz os ambientes e as relações, é produzido por eles. Além disso, o autor enfatiza que a família é o principal microsistema dos adolescentes e é por meio dela que o jovem vivencia experiências e interações mais significativas.

Levando-se em consideração que as HS aprendidas entre a infância e a adolescência tendem a serem mantidas nas condutas do indivíduo em etapas posteriores, e que o “[...] funcionamento interno do microsistema familiar, ou seja, o seu desenvolvimento, bem-estar e clima emocional, recebe influências também de outros contextos em que os familiares vivem e crescem” (SENNA; DESSEN, 2012, p. 104), é fundamental que os ambientes de interação favoreçam o desenvolvimento de HS nos jovens, pois acredita-se que o fator idade interfere diretamente sobre a aquisição, de modo que, mesmo sendo possível a qualquer fase da vida a aprendizagem de novos comportamentos, quanto maior a idade do indivíduo mais difícil se dá essa aprendizagem e/ou modificação dos já aprendidos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Neste ponto, salienta-se que, comumente quando a criança/adolescente mostra algum potencial para a carreira futebolística, pais e professores buscam inseri-los em ambientes, como as escolinhas de futebol, que lhes auxiliarão a desenvolver habilidades no futebol. Entretanto, Marques e Samulski (2009) constataram que a rua ainda é o principal espaço de início da prática esportiva dos jovens jogadores (54,8%), as escolinhas surgiram em segundo lugar como ambiente da aprendizagem inicial do futebol (33,9%) e outros locais foram a casa (9,7%) e o colégio (1,1%).

De acordo com o autor Cavichioli *et al* (2011):

A fase da infância e o início da adolescência são circundados por um regime de treinamento metódico bastante severo, sendo que, nesse processo dinâmico, as formas de conduta predominantes aprendidas e não aprendidas, inclinam-se fortemente em favor da primeira, por meio de trabalho exaustivo (CAVICHIOLO *et al*, 2011, p. 634).

A adolescência é, no entanto, um momento crucial e o mais difícil na vida do indivíduo, constituindo uma etapa decisiva de um processo de desprendimento que

converge para um conflito básico existente na adolescência - o sujeito deixa de ser criança para passar a uma condição de maior responsabilidade, entrando no mundo dos adultos, “desejado e temido”, por vezes, significando a perda definitiva da condição de criança (ABERASTURY, 1983).

Desse modo, os adolescentes ao vivenciarem a dinâmica de treinamentos e preparação intensiva para a possível construção da carreira no futebol acabam abrindo mão de vivências próprias da idade, como a vinculação com grupos de pares fora do contexto futebolístico e começam a perceber a dificuldade em conciliar os compromissos esportivos com os treinos e jogos, ocasionando renúncias sociais em detrimento da realização do projeto em tornar-se um jogador profissional de futebol (DAMO, 2005).

No contexto futebolístico, estudos com adolescentes mostram-se essenciais, já que os indivíduos que almejam adentrar no futebol profissional iniciam suas trajetórias antes mesmo dos doze anos de idade, logo, a adolescência passa a ser vivenciada por eles dentro dos ambientes do futebol (DAMO, 2005). Couto (2014) expõe esta questão afirmando que adolescentes que vislumbram tornarem-se jogadores de futebol, por vezes, sacrificam sua juventude, participando de treinamentos rígidos e, em muitos casos, descuidam ou abandonam os estudos.

Para Sales (2014) as relações vivenciadas nos grupos caracterizados como grupos de socialização secundária provocam transformações importantes na realidade do indivíduo, uma vez que elas dão continuidade ao processo de socialização primária vivido na família, por exemplo. Entretanto, a socialização secundária requer do indivíduo uma certa identificação com o contexto social, aspecto esse constatado nas relações que os jovens desempenham com o ambiente futebolístico, tendo em vista que desde a mais tenra idade desenvolvem a identificação e o pertencimento a esse contexto, seja por meio da participação direta em práticas esportivas ou como torcedor.

A adolescência enquanto uma etapa oportuna para o desenvolvimento de hábitos e projeções futuras, é o momento em que o ser humano precisa de auxílio para lidar com as questões de risco e vulnerabilidade de vida, como a existência de drogas, amizades negativas e a criminalidade. Neste sentido, na pesquisa de Couto (2012) jovens jogadores evidenciaram algumas dificuldades em conciliar a carreira com a vida pessoal e educacional, afirmando que por estarem em um clube da categoria de base do futebol necessitam ser mais responsáveis, abdicando dos momentos de lazer, como sair com os amigos e família, passando a organizarem mais as próprias rotinas para conciliar os estudos e os treinos/campeonatos.

Desse modo, compreende-se que apesar de serem considerados aprendizes, os jovens que fazem parte de clubes e categorias de base, acabam tendo uma rotina que pode ser comparada, em termos de esforços, treinos e cargas horárias, com a de um profissional, pois, estão sempre em busca de destacarem-se nos treinos e jogos, competindo por uma vaga e/ou por manterem-se como titulares da equipe (DANTAS, 2011). Nesse empenho e esforço, os adolescentes, de acordo com Damo (2005), despendem mais de cinco mil horas em treinos, visando adentrar na carreira de jogador de futebol profissional.

Além disso, alguns desses atletas alcançam a carreira profissional ainda aos dezessete anos, isto é, passam a desempenhar precocemente responsabilidades e exigências que fazem parte da fase adulta. E há casos em que, ainda na adolescência, esses meninos quando iniciam a carreira no futebol profissional recebem salários altíssimos, e ainda não possuem maturidade suficiente para gerenciar todas as mudanças advindas deste fato (COUTO, 2014).

Além disso, a adolescência é uma fase de construção da identidade, portanto, um momento de maior vulnerabilidade para o indivíduo, o qual vivencia sentimento de insegurança frente às mudanças físicas e psicológicas desta etapa. Deste modo, o adolescente ainda não possui de forma bem estabelecida algumas habilidades e, por isso, busca constantemente testar as possíveis maneiras de ser adulto (WAGNER; OLIVEIRA, 2007).

Nessa perspectiva, os adolescentes envolvidos com o contexto futebolístico experienciam situações próprias a esse ambiente, como as exigências por desempenho satisfatório, que interferem de forma significativa no processo de desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais. Por sua vez, a formação desportiva que ocorre dentro dos clubes de futebol, deve contemplar aspectos que propiciem o desenvolvimento humano dos jovens, além dos inerentes ao esporte, proporcionando a aprendizagem de condutas que lhes serão úteis para a prática futebolística como também para a atuação enquanto cidadão.

Ressalta-se que a prática esportiva - aplicada por equipes e profissionais devidamente instruídos e preparados, que respeitem as individualidades biológicas dos jovens e utilizem métodos apropriados para cada faixa etária - é considerada uma ferramenta com potencial lúdico e cognitivo, uma vez que proporcionam a construção da identidade e do reconhecimento de si próprio, auxiliando seus praticantes no desenvolvimento de autoconceito e na identificação de suas capacidades, portanto, poderá caracterizar-se como um contexto que pode proporcionar mudanças significativas na construção pessoal, social e profissional dos envolvidos (ABI-EÇAB, 2017).

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 595) “a construção do indivíduo está completamente imbricada ao ambiente no qual ele se desenvolve”. Dessa forma, assim como em todas as outras fases da vida, a presença do outro para constituir-se, ou seja, formar a própria identidade, é primordial, tendo em vista que o adolescente precisa de referências para se perceber como um ser singular. Sobre esta discussão, Pinto, Sousa e Saemi (2008) relatam que até a adolescência o indivíduo possui como principal referência a família, mas, a partir dessa fase, inicia a busca por grupos de identificação fora do âmbito familiar.

Portanto, considera-se fator de relevância que os grupos de referência do adolescente proporcionem um suporte apropriado para o seu desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social, pois, como já explicitado, estes constituem modelos que influenciam na construção da identidade. Logo, os ambientes que podem desempenhar interferências significativas na vida do jovem, como o futebolístico, retratado neste estudo, merecem atenção e mobilização de pesquisadores, sobretudo, porque a fragilidade ou desestruturação desses sistemas podem gerar nos adolescentes ainda mais inseguranças e, em alguns casos, podem fazê-los buscar meios de identificação que resultarão em modelos desviantes, como o envolvimento com práticas de ato infracional (ALVES, 2008).

Destaca-se que o atleta de futebol adolescente, estabelece dentro do contexto esportivo muitas relações que servirão de base para o desenvolvimento de condutas. Dentre os agentes de interação desse ambiente, encontram-se os colegas de equipe e o treinador. Sobre isso, Gomes e Cruz (2006) discorrem que durante o treino, por meio da postura do treinador, o caráter e a personalidade dos jovens praticantes são modelados, isto é, o treinador passa a ser uma figura de referência na vida desses adolescentes.

Sobre a influência do treinador no desenvolvimento dos praticantes, destaca-se que:

[...] as suas ações implicam não só o ensino e aperfeiçoamento de competências físicas, técnicas e motoras, mas também envolvem um efeito sobre o desenvolvimento psicológico dos atletas, seja através da transmissão de um conjunto de princípios e valores acerca do desporto, seja pela forma como ajudam a lidar cada vez mais eficazmente com as crescentes exigências da competição (GOMES; CRUZ, 2006, p.5).

Deste modo, compreende-se que o treinador não atua apenas nos aspectos técnicos dos atletas, mas nas relações humanas e competências individuais, como o caráter, confiança, isto é, sobre o desenvolvimento humano do atleta como um todo. Portanto, o

modo como o treinador desenvolve as relações interpessoais no ambiente esportivo influencia no que o atleta irá desenvolver nos próprios comportamentos (GALATTI, 2017).

Peixoto *et al* (2019) ressaltam que dentre os fatores que motivam crianças e adolescentes a participarem de práticas esportivas encontram-se as questões de “pertencer a um grupo” e “ser reconhecido no grupo”, portanto, de acordo com os autores o contexto esportivo proporciona a esses jovens o estabelecimento de relações sociais que lhes auxiliarão na aprendizagem de maneiras de lidar com o outro e com as emoções, uma vez que por meio da vivência dos sentimentos envolvidos nas vitórias e derrotas o adolescente pode ampliar as formas de reagir e aprender comportamentos que serão necessários para outros âmbitos da vida, como a construção da independência e o sentido de responsabilidade.

O estudo de Amblard e Cruz (2017) evidenciou que jovens atletas do alto rendimento realizam autoexigências, visando alcançar vitórias e melhores desempenhos em jogo. Os autores, concluem que a vivência no contexto esportivo possibilita que esses adolescentes desenvolvam condutas de disciplina, comprometimento e responsabilidade com as escolhas e comportamentos, levando-os a uma condição em que “[...] a responsabilidade exercitada na prática esportiva aproxima os atletas adolescentes da condição da adultez. Tais aprendizados são validados e aproveitados em suas próximas experiências” (AMBLARD; CRUZ, 2015, p. 117).

No entanto, considera-se que as competências dos atletas são desenvolvidas por meio do sucesso da interação dos aspectos biológicos, psicológico e sociológicos, os quais acontecem em dois fatores fundamentais: processo de treinamento e ambiente (BAKER, *et al*, 2003). Além disso, nesta perspectiva, Côté *et al* (2014) afirmam que, para que o desenvolvimento humano ocorra nos atletas de forma positiva, três elementos dinâmicos devem ser compreendidos e considerados durante todo o percurso da carreira esportiva, são eles: envolvimento pessoal nas atividades, qualidade das relações e contexto apropriado.

Na perspectiva do autor, o envolvimento pessoal nas atividades refere-se à motivação para a prática esportiva, podendo esta ser intrínseca (desejo de vencer) e/ou extrínseca (os prêmios por vitórias). Enquanto que a qualidade das relações constitui-se de apoio dos pares, da família e a coesão grupal entre a equipe esportiva, uma vez que esta funciona como um elemento fundamental para que o desempenho dos atletas seja favorável. No que se refere ao contexto, as condições e o espaço de treino podem resultar em oportunidades essenciais para o desempenho do indivíduo, favorecendo o desenvolvimento humano adequado (CÔTÉ *et al*, 2014).



Outra discussão no âmbito do desenvolvimento humano de jovens atletas é a relação com a formação escolar ou acadêmica; geralmente ao adentrarem em alguma equipe desportiva muitos deles distanciam-se da vida escolar (DAMO, 2004). Entretanto, ressalta-se que a escola desempenha um papel importante, pois constitui um dos microsistemas que garantem ao indivíduo interações de aprendizagem que auxiliam seu desenvolvimento pessoal e profissional. No contexto brasileiro, a relação atleta-escola é um aspecto frágil da formação desportiva, fato que acarreta prejuízos aos jovens, pois é necessário que participem das atividades propostas pelos clubes, e ao mesmo tempo que cumpram com a própria escolaridade – imprescindível para a aquisição de saberes que lhes darão suporte tanto dentro do contexto esportivo, como em outros ambientes e fases da vida.

Mediante o cenário, considera-se que deve haver uma combinação dos aspectos – “envolvimento pessoal nas atividades, a qualidade das relações e [...] os cenários apropriados” (GALATTI, 2017, p. 35) –, pois, há risco de ocorrer a diminuição de um em detrimento de privilegiar os outros, como ocorre em muitos casos no esporte de alto rendimento, em que a busca por resultados acarreta a desvalorização do atleta enquanto ser humano.

Neste sentido, Santos e Alexandrino (2012), afirmam que:

O desenvolvimento de um atleta depende basicamente do ambiente em que ele está inserido, seus componentes e estrutura. É neste espaço que seu talento como atleta será aprimorado, afinal não é só o talento inato que faz um atleta se destacar, deve haver a interação deste com a influência de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Um bom sistema de treinamento, apoio e motivação aos atletas são as maneiras mais eficazes de incentivar o sucesso esportivo (SANTOS; ALEXANDRINO, 2015, p. 190).

Entretanto, ressalta-se que as exigências do contexto futebolístico por desempenho e vitória acarretam distorções no processo de desenvolvimento desses adolescentes, uma vez que o caráter formativo das categorias de base deu lugar para a mercantilização e competitividade do futebol (ALMEIDA NETO; SANTOS, 2015), resultando na objetificação do jogador, a partir da excessiva valorização de seus potenciais esportivos e consequente descaso para com o seu estatuto de ser humano. Neste sentido a inserção de crianças e adolescentes no ambiente competitivo do futebol, exige que estes desempenhem “uma série de interações, que, por vezes, não são condizentes com sua idade cronológica, tanto mental como fisicamente” (ALMEIDA NETO; SANTOS, 2015, p. 20).

Outra implicação do contexto futebolístico ao desenvolvimento humano dos jovens jogadores, apontada na pesquisa de Almeida Neto e Santos (2015), refere-se à mobilidade destes para outros estados e até mesmo outros países, sendo na maioria das vezes países “futebolisticamente” periféricos e para clubes de segunda e terceira divisão. Deste modo, o caminho percorrido por esses jovens na tentativa de profissionalizarem-se é cada vez mais competitivo e com diversas dificuldades, como o distanciamento da cidade natal e da família.

Considera-se que a vida daqueles que adentram a formação futebolística significa percorrer um longo caminho, especialmente para os jovens que sonham constituir uma carreira profissional similar a dos jogadores de sucesso que têm suas vidas divulgadas e expostas pela mídia (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Durante esse percurso passam por uma série de seleções (peneiras) e outros obstáculos, como a separação da família e de amigos, cobranças por alto grau de desempenho, dificuldades em continuar os estudos e “a incerteza quanto à continuidade de sua carreira esportiva” (MARQUES; SAMULSKI, 2009, p. 103).

Referindo-se às implicações possíveis aos aspectos físicos dos jovens atletas de futebol, Almeida Neto e Santos (2015) ao entrevistarem crianças de 10 e 11 anos, depararam-se com respostas aos questionamentos que apresentavam em seu teor a crença de que no percurso da carreira futebolística, para ser um “bom atleta”, é necessário suportar e conviver com as dores acometidas pela dinâmica intensa de treinos e jogos. Entretanto, é necessário dar ênfase que há muitos riscos nessa crença, especialmente para o desenvolvimento físico saudável de crianças e adolescentes, os quais podem ser desencadeados pelos excessos de cargas usadas nos treinos esportivos realizados dentro ou fora do contexto esportivo, mas especialmente neste, devido as exigências de alto rendimento que objetivam.

Além disso, observou-se nesse mesmo estudo que a maioria das crianças sentem-se responsáveis em ajudar os pais financeiramente (ALMEIDA NETO; SANTOS, 2015). Portanto, compreende-se que desde a infância o indivíduo que busca carreira no futebol vivencia um cotidiano cheio de pressões que podem resultar em prejuízos para seu desenvolvimento humano, uma vez que crianças e adolescentes ainda não possuem condições biopsicossociais para lidar com responsabilidades da vida adulta, como as rotinas de treinos exaustivas, pressões por resultados e manutenção da vida financeira da família.

No entanto, a prática esportiva no período da adolescência caracteriza-se por um processo educativo de formação de valores como disciplina, autocontrole, respeito,

companheirismo e espírito de equipe (SANTOS; ALEXANDRINO, 2015). Contudo, quando nos ambientes esportivos é priorizada ou ocorre exclusivamente a aprendizagem dos aspectos técnicos e táticos pelo atleta, deixando de lado as necessidades de um ser humano complexo, o desempenho e o desenvolvimento humano podem ser prejudicados, ocasionando lacunas, por exemplo, na formação escolar, desmotivação, reações negativas de estresse e etc. (FONTES; BRANDÃO, 2013).

A pesquisa de Moita (2008) evidenciou que clubes de categoria de base do futebol em Portugal desenvolvem um trabalho amplo na formação desportiva de crianças e adolescentes, na qual é preconizada a necessidade de considerar todos os aspectos do desenvolvimento humano. Ressaltando que nesses clubes há um intenso trabalho para formar jogadores integralmente por meio de um processo holístico, indo além da formação esportiva, preparando-os para a vida.

Entretanto, nem todos os clubes atuam desta maneira, pelo contrário. Damo (2005) discorre que os jovens brasileiros durante a formação futebolística em clubes das categorias de base podem ser submetidos à situações, como mudança de cidade/país, conforme as estratégias do clube, sendo por vezes “recrutados e dispensados dos centros de formação/produção de acordo com a conveniência destes” (DAMO, 2005, p. 179), sem de fato haver uma preocupação com o desenvolvimento humano dos jovens, os quais investem a maior parte do tempo em atividades que os vinculam com a possível carreira profissional no futebol.

Desse modo, no percurso de formação o jogador de futebol perpassa diversas dificuldades – conciliação com os estudos, competições, dispensas, mudança de cidade/estado/país, acometimento de lesões – que podem inviabilizar a constituição da carreira profissional e/ou permanência no futebol. Nesta perspectiva, aponta-se que “não basta ter o dom para o futebol, é preciso saber resistir, constituir alianças dentro do grupo, cercar-se de amigos influentes, desenvolver mecanismos de autocontrole, disciplina e assim por diante” (DAMO, 2005, p. 51), questões que os aspirantes a jogador profissional só passam a ter conhecimento quando já estão imersos no processo formativo.

Portanto, o ambiente futebolístico desempenha na vida dos jovens jogadores exigências que podem desencadear prejuízos físicos, emocionais e sociais. A partir do estudo de Almeida Neto e Santos (2015) é possível dizer que muitos adolescentes do contexto esportivo acreditam que as habilidades específicas e os esforços individuais podem levá-los a uma carreira profissional, deste modo, em muitos casos têm o futebol como um projeto de vida, colocando outros aspectos como a escolaridade em segundo

plano. Entretanto, Damo (2005) e Couto (2014) apresentam circunstâncias da carreira futebolística – como apadrinhamento, falta de estrutura nos clubes e oportunismo – que evidenciam a baixa possibilidade de ascensão para a maioria dos jovens jogadores.

Considerando-se que a maioria dos jovens não desenvolve uma carreira profissional, é necessário pensar que as experiências vivenciadas nas categorias de base do futebol repercutirão sobre o todo o processo de desenvolvimento humano de forma ampla, portanto, servirão como experiências-chave para a aprendizagem de comportamentos e condutas que auxiliarão nas escolhas pessoais e profissionais, durante e após a experiência esportiva. Dessa forma, “é possível que uma preocupação com o desenvolvimento humano dos atletas ao longo de sua vida esportiva possa diminuir os problemas pessoais e sociais enfrentados por essas pessoas no pós-carreira” (GALATTI, 2017, p. 34).

O ambiente futebolístico vivenciado pelos jovens jogadores é diretamente influenciado pelas ações dos treinadores, colegas de equipe e pais. Portanto, os comportamentos emitidos por estes indivíduos, quando positivos, podem reduzir o medo de cometer falhas/erros presente nos jovens (SANTOS, 2017), além de potencializarem as aprendizagens ocorridas nesse ambiente por meio das relações de apoio, pertencimento ao grupo social e conhecimento de valores culturais, como seguir regras e respeitar o outro e o adversário.

Por meio do esporte os indivíduos desenvolvem uma rede de interação que os possibilitam individualizarem-se e socializarem-se ao mesmo tempo, tendo o futebol “[...] o poder de aproximar as pessoas, estimular o diálogo, a troca de experiências e informações, sendo assim, *locus* propício para o desenvolvimento humano e para o ininterrupto processo social de formação das identidades psicossociais” (CIAMPA; LEME; SOUZA, 2010, p. 30). O que configura implicações do contexto esportivo/futebolístico para o desenvolvimento humano dos jogadores.

Segundo Tubino (2001) o esporte pode ser dividido em três dimensões: esporte-educacional, esporte-participação e esporte-rendimento. Cada dimensão constitui-se de situações sociais próprias e o aprofundamento em qualquer uma delas requer a abordagem de relações sociais intrínsecas. O esporte-educacional, por exemplo, deve ser direcionado para a integração social, desenvolvimento psicomotor e atividades físicas educativas, isto é, é a utilização do esporte como ferramenta para viabilizar a educação, não numa perspectiva utilitarista, mas na busca de propagar o ensino de valores, respeito, colaboração e afins; ou para ensinar conceitos e empregar temáticas da educação-formal, sendo uma relação intrínseca.

Entretanto, o objetivo do esporte-educacional, por vezes, é distorcido tornando-se uma prática com foco no desempenho e na competição em si, ou seja, transforma-se em um ramo do esporte-rendimento, perdendo o sentido educativo da prática esportiva (TUBINO, 2001). Neste sentido, o esporte-rendimento se caracteriza por exigir resultado dos atletas, visando o aprimoramento de competências técnicas, táticas, físicas e emocionais, tendo o atleta a obrigação de garantir resultados satisfatórios para a equipe. Evidencia-se ainda, que o esporte-rendimento está diretamente vinculado com negócios financeiros, mas é uma atividade cultural que desempenha progresso nacional e intercâmbios internacionais (TUBINO, 2001).

Por sua vez, a dimensão do esporte-participação tem como finalidade o bem-estar social dos participantes, a perspectiva é principalmente a socialização e promoção da integração das diferenças por meio do esporte, no sentido de recreação, descontração, diversão, de estar junto, fortalecendo os grupos sociais e o desenvolvimento pessoal e das relações entre as pessoas (TUBINO, 2001).

Neste sentido, compreende-se que os esportes dividem-se em práticas que desenvolvem aprendizagens, treinos, competições e/ou práticas de recreio, socialização e tantas outras abrangências do esporte (TUBINO, 2001), que proporcionam para as pessoas envolvidas contribuições para o desenvolvimento humano, auxiliando na formação da cidadania e de fatores relacionados ao bem-estar do indivíduo e das interações sociais, pois propicia “oportunidades únicas para a convivência humana” (TUBINO, 2001, p. 89).

Sobretudo, o processo educacional por meio do esporte deve preconizar objetivos que estão além da formação tática, o que significa considerar o jovem jogador “enquanto praticante de uma modalidade esportiva; enquanto indivíduo merecedor de oportunidade para se desenvolver de maneira integral; e enquanto cidadão inserido na sociedade” (LEONARDI *et al.*, 2014, p. 42). Assim, o direcionamento das práticas esportivas deve considerar o indivíduo enquanto ser complexo e constituído por várias necessidades no desenvolvimento humano, não valendo-se apenas de questões competitivas.

O esporte – especialmente, o futebol – é um contexto que promove experiências importantes para o desenvolvimento humano dos atletas, isto é, constituem relações interpessoais que servirão de base para a aprendizagem de comportamentos sociais necessários para a vida. Portanto, o esporte compreendido a partir das três dimensões sociais (educação, participação e rendimento) evidencia a manifestação de diferentes práticas educativas, sejam elas formais – quando se trata do esporte educacional,

desempenhado geralmente nas escolas; não formais – que constituem as vivências em ambientes que promovem aprendizagens para a vida, realizadas em contextos amplos da educação; e informais – caracterizadas pelas atividades esportivas de lazer, que visam a integração e socialização dos participantes, sendo considerados ambientes oportunos para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das pessoas.

### **3.3 Reflexões sobre educação não-formal no ambiente futebolístico**

Para a realização deste estudo, notou-se a necessidade de discorrer sobre o fenômeno da educação não-formal, uma vez que o contexto investigado se caracteriza por práticas educativas fora dos sistemas formais da educação, mas com um percurso educativo organizado e sistematicamente orientado por objetivos que convergem na formação de jovens atletas no futebol. Nesse sentido, nas reflexões a seguir o cerne está em compreender o conceito e os aspectos da educação não-formal do contexto esportivo.

Ressalta-se que a educação é um fenômeno complexo, permanente, presente nos diversos contextos de vida das pessoas e se constitui por intermédio e no decorrer de um longo processo social. Deste modo, a educação é formada por ações desenvolvidas consoante as pessoas para desenvolvê-las de maneira integral, eficiente e consciente, com intuito de auxiliá-las na construção de valores, frente aos conteúdos adquiridos nos processos educativos (CALLEJA, 2008).

Destaca-se que a educação passou por reformulações importantes na década de 1960 e 1970 – aumento da demanda de educação, transformação do mundo do trabalho com necessidade de capacitações, mudanças na instituição familiar e etc. –, conseqüentemente, novos percursos foram traçados que culminaram no desenvolvimento de conceitos que têm se ampliado no atual cenário educativo (TRILLA; GHANEM, 2008), um desses conceitos refere-se à educação não-formal.

Nesse sentido, a educação pode ser compreendida e conceituada com base na extensão espacial ou institucional como: *educação formal* – que acontece nas escolas, hierarquicamente estruturada desde o primário à universidade; *educação não-formal*, caracterizada por atividades organizadas e sistematizadas fora do âmbito convencional da educação (escolar) com práticas não-formais de ensino desenvolvendo competências importantes para o desenvolvimento humano; e a *educação informal*, processo que dura a vida inteira e preconiza a aprendizagem de habilidades, condutas e acontece por meio das experiências diárias (TRILLA; GHANEM, 2008).

O contexto de estudo desta pesquisa constitui-se em um ambiente não-formal da educação que é o contexto futebolístico – integrando muitos adolescentes na prática de esporte e na aprendizagem de conteúdos técnicos e táticos, mas, também, conhecimentos referentes a comportamentos, valores e socialização.

De forma complementar, cita-se Gadotti (2005, p. 2) que ao discorrer sobre essa modalidade da educação pontua:

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática.

As definições que diferenciam educação formal e não-formal centram-se primordialmente na questão do espaço e tempo, uma vez que na educação formal há burocracias de formalidades no espaço, e hierarquias educativas, enquanto que na educação não-formal o espaço é eventual, descontínuo e informal (GADOTTI, 2005), como exemplo, cita-se os campos de treinamentos que reúnem os jovens jogadores nas práticas esportivas, as quais ocorrem com objetivos claros de desenvolvimento de competências técnicas, táticas nos futebolistas e implicações na aprendizagem de condutas diante das demandas do jogo e da vida.

Para Gadotti (2005), “a educação não-formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como “educação ao longo da vida” [...], englobando toda sorte de aprendizagens para a vida, para a arte e de bem viver e conviver” (GADOTTI, 2005, p. 03). Sendo este, um importante campo de estudo para compreensão das implicações dos saberes que são desenvolvidos para a vida do ser humano. Portanto, não se trata de sobrepor a educação formal, mas de conhecer as potencialidades dos diversos contextos educativos, harmonizando-as em benefício dos indivíduos.

Deste modo, os conhecimentos e experiências vivenciadas por crianças e adolescentes em ambiente não-formal de educação, como o contexto esportivo, mostra-se ser um possível aliado das práticas educativas escolares, uma vez que os saberes desenvolvidos por meio da educação não-formal repercutem nos comportamentos do sujeito em todos os meios sociais de vida. Além disso, “os princípios norteadores da relação entre escola e comunidade, partem também para uma relação de formação humana

complementar, contribuindo para o processo de desenvolvimento do capital humano” (BENDRATH, 2012, p. 125).

Atentando-se para a necessidade de pesquisas em contexto de educação não-formal, destacam-se as considerações de Bendrath (2012, p. 125):

Ao adentrarmos nas discussões sobre os processos educacionais envolvendo movimentos não-formais, nos deparamos com uma grande ausência de estudos e pesquisas que tratem do assunto. Toda produção acadêmica da área no Brasil, concentra-se em poucos estudiosos, o que dificulta a busca de uma compreensão lógica mais ampla das relações de eficiência, eficácia e efetividade social de qualquer política pública implantada pelo Estado, e que tenha como ferramenta motriz, o princípio da educação não-formal.

Nesta perspectiva, o esporte é um importante instrumento de transformação da realidade, além do mais contribui para o desenvolvimento de comportamentos sociais – cooperação, respeito e comunicação – benéficos para as relações interpessoais (AQUINO, 2010; ASSAD *et al*, 2013; SANCHES; RUBIO, 2011; ROCHA; MONTEIRO 2012; RIBEIRO, 2017) e para a redução de condutas sociais hostis, favorecendo o desenvolvimento de valores e liderança, sendo este um propósito educativo não-formal das práticas esportivas (BENDRATH, 2012). Portanto, para Bendrath (2012) o esporte é um contexto de educação não-formal ao passo que estabelece objetivos e plano de ação pertinentes.

Ressalta-se que toda interação humana envolve o processo de ensino-aprendizagem, “[...] inclusive aquelas que se desenvolvem no âmbito do esporte de rendimento” (UNESCO, 2013, p. 13). Deste modo, o esporte nas três manifestações destacadas anteriormente (esporte-educacional, esporte-participação e esporte-rendimento) realiza práticas educativas em diferentes instâncias da formação humana, como desenvolvimento físico, social, emocional e intelectual

De acordo com Scaglia (1999) no processo educacional pelo esporte são desenvolvidos aspectos essenciais para o ser humano, como a criticidade, autonomia, liberdade de expressão e capacidade de reflexão. Portanto, as interações sociais realizadas no contexto esportivo não são vazias de significados, mas, contribuem para a aprendizagem dos indivíduos, sejam em relação aos fatores técnicos do jogo ou referente aos modos de interagir em ambientes sociais.

Existem vários âmbitos de educação não-formal e o contexto investigado nesta pesquisa se constitui dos seguintes âmbitos pontuados por Trilla e Ghanem (2008), *âmbito da formação ligada ao trabalho* e *âmbito da educação social*, pois os jovens participantes



da equipe de base treinam constantemente visando profissionalizar-se no futebol; portanto, os saberes preconizados nesse espaço direcionam-se ao aprendizado de técnicas e táticas de jogo, bem como de comportamentos sociais necessários para a carreira futebolística. Além disso, caracteriza-se como projeto social pelo esporte visando envolver jovens em práticas esportivas para distanciá-los de condutas ilícitas.

Ressalta-se ainda que a educação é um processo contínuo, a todo momento o ser humano está constituindo aprendizagens sobre as atividades que realiza no percurso da vida. Dentre os aspectos educativos desenvolvidos por meio do esporte destacam-se os referentes a comportamentos sociais – por este estudo tratar do desenvolvimento de habilidades sociais por meio das interações sociais do contexto futebolístico.

Neste sentido, quando o jovem busca construir carreira no futebol passa a vivenciar experiências típicas do aspecto competitivo do futebol, como treinos intensivos e cobranças por desempenhos satisfatórios, dentro dessas demandas desenvolvem maneiras de reagir de acordo com as características pessoais, isto é, podem desenvolver comportamentos sociais que favorecerão a resolução de conflito, a comunicação, o trabalho em equipe e o respeito ao outro.

Desse modo, o ser humano se reconhece como sujeito social por meio das relações interpessoais que desenvolve no decorrer de sua vida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Tendo em vista, que a educação é um processo de desenvolvimento humano, os comportamentos sociais do indivíduo são construídos por meio de práticas educativas nos diversos contextos educacionais (família, escola, comunidade, igreja etc.). Contudo, para que as relações sociais ocorram de forma harmoniosa e apresentem resultados favoráveis para os indivíduos é imprescindível o desenvolvimento de habilidades sociais, as quais – conforme os estudos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1998, 2001; 2011; 2017) – são fatores de proteção para a qualidade das relações e bem-estar do ser humano.

Para a realização deste estudo em um ambiente não-formal da educação, sob enfoque das temáticas contextualizadas nas seções teóricas, foi traçado e percorrido um planejamento metodológico, o qual apresenta-se na seção a seguir.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Natureza da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, considerando-se os procedimentos metodológicos em duas principais etapas: pesquisa bibliográfica e de campo. Além disso, optou-se por uma investigação multimetodológica, pois, foram utilizados para coleta de dados a observação de campo não-participante, um instrumento quantitativo (Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes - IHSA) e a entrevista semiestruturada (MIRANDA, 2009).

Visto que os aspectos das relações sociais desse contexto são fenômenos que não podem ser quantificados, a pesquisa enquadra-se numa abordagem qualitativa permitindo “perceber aquilo que os sujeitos experimentam, o modo como interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51). Deste modo, acredita-se que é possível compreender com aprofundamento os aspectos sociais que fazem parte do grupo pesquisado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A partir dos resultados do levantamento teórico em relação à temática da pesquisa, em que se buscou conhecer o que tem sido produzido sobre habilidades sociais e esporte na literatura brasileira, observou-se que o estudo se caracteriza também como pesquisa exploratória. As pesquisas com este caráter consistem na construção de conhecimentos científicos sobre temática inédita ou pouco explorada em determinado contexto, trata-se de buscar conhecer mais profundamente sobre o fenômeno investigado, conservando-se a postura de descoberta nas ações do pesquisador (SEVERINO, 2007). O estudo classifica-se ainda como pesquisa descritiva, pois buscou-se observar, registrar, descrever, analisar e relacionar os fatos referentes às relações interpessoais do contexto do futebol, com ênfase nas interações dos jovens jogadores (TRIVIÑOS, 1987). Deste modo, o presente estudo apresenta tal direcionamento ao abordar os participantes e o contexto pesquisado.

## 4.2 Local da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma equipe da categoria de base do futebol da cidade de Santarém-Pará, município situado na Região Oeste do Pará, no Baixo-Amazonas. Ressalta-se que Santarém foi um dos primeiros locais da Amazônia em que o futebol foi introduzido, e por muitos anos praticou-se tal esporte com caráter amador, tendo a partir de 1987 a inauguração de um estádio com boa estrutura para promover jogos de qualquer equipe do país, nomeado de Colosso do Tapajós, fato este que também colaborou para a profissionalização do futebol santareno.

### 4.2.1 Caracterização da Equipe

Destaca-se que os times de categorias de base em Santarém constituem-se com uma abordagem informal e a maioria não é vinculado a nenhum clube profissional da cidade. De acordo com o diretor do time de futebol que foi *lôcus* da presente pesquisa, o mesmo teve sua origem basicamente de uma “*brincadeira*”. Conforme relatou o diretor, sua fundação deu-se a partir da mobilização de alguns participantes de um grupo de carimbó da cidade. Desse modo, observa-se que a trajetória do clube no futebol santareno possui origens no contexto de manifestação de práticas culturais, no caso da dança - manifestação cultural muito presente em comunidades de Santarém, nas quais se realizam diversas festividades com apresentações dos grupos de danças folclóricas e regionais.

O fundador e atual diretor discorreu sobre a própria atuação como coordenador e costureiro de grupos de danças de carimbó, pássaros e boi bumbá, o que o levou no ano 2000 a formar o próprio grupo de carimbó; com um ano e meio participando de festivais folclóricos, surgiu a proposta de criar um time de futebol que representasse o referido grupo em competições realizadas pelos grupos folclóricos que compunham estes festivais. Desta forma, os garotos que na época dançavam no grupo de carimbó, também, apresentavam-se nos torneios de futebol como jogadores. Portanto, observa-se que no início não havia a intenção em formar uma equipe futebolística para participar de competições, nem mesmo vislumbravam um nível profissional, fator este que passou a existir somente após iniciarem a participação em campeonatos mais abrangentes da cidade.

Antes de ingressarem de fato no futebol, o diretor ressaltou que a equipe formada inicialmente de dançarinos participava de campeonatos santarenos com times de futsal e handebol, conquistando títulos de campeão e vice-campeão, após essas

participações e títulos conquistados, começaram a ser convidados para outros campeonatos na cidade. A partir disso, o diretor começou a estabelecer contato com pessoas do ambiente futebolístico, passando a estreitar relação com um treinador, ex-jogador profissional de futebol, que auxilia os jogadores da equipe, desde o início, como técnico.

Fundado em 12 de junho de 2000 a equipe ainda representou um clube profissional da cidade como categoria de base; nas competições disputadas nesse período, adotavam o mesmo nome da equipe profissional, mas como não recebiam qualquer tipo de auxílio desta, a equipe amadora decidiu desvincular-se e criar um novo nome para o time. O diretor destacou em seu relato que desde o início a equipe é mantida por meio de apoiadores do esporte local, os quais doam diferentes materiais necessários para a prática. Outros são custeados pelo próprio diretor, como por exemplo, o uniforme, confeccionado por ele mesmo. Salienta-se que a equipe tem uma trajetória no futebol sem formalidades legais, entretanto, atualmente já é uma referência entre os times de categorias de base, pela organização, participação em vários campeonatos e pelas conquistas que acumulou nos anos de existência.

Os adolescentes que participam da equipe são da faixa etária de 13 a 17 anos, ressalta-se que para o ingresso no clube não são realizados processos de seleção, corriqueiramente denominados de peneiras no ambiente futebolista e que geralmente ocorrem em clubes de futebol de base, especialmente nos que possuem vínculos com clubes profissionais ou pretendem a profissionalização. Desse modo, quando um adolescente solicita a entrada no time e é autorizado, a ele são repassadas todas as regras e peculiaridades que envolvem a equipe; a partir da atuação desse jogador nos treinos e campeonatos, seu desempenho é observado e avaliado pela equipe técnica e pelo dirigente, os quais passam a incentivar a permanência e a busca por melhores desempenhos nos treinamentos e competições que venha a participar.

Os treinos ocorrem semanalmente, às quartas-feiras, possuem a duração de duas horas (de 15h às 17h) e, seguem a sistemática: a) os garotos se encontram na casa do diretor para organizarem-se com os uniformes; b) juntos caminham para um campo próximo, cedido pela prefeitura do município, local em que ocorrem os treinos e práticas esportivas decorrentes. Atualmente, participam da equipe 38 jogadores, e é constituído por 01 Diretor, 01 Treinador e 01 Preparador físico, sendo obrigatório para todos os adolescentes um cadastro com documento de autorização dos pais, cópias da identidade, do C.P.F e do cartão do SUS.

### 4.3 Participantes da pesquisa: critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos no estudo adolescentes do gênero masculino, com idade entre 15 a 17 anos, que atuam em uma equipe da categoria de base do futebol, ressaltando-se que no contexto futebolístico de tais categorias, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) somente escolhe jogadores a partir destas idades para integrar as seleções nacionais para as competições sul-americanas e intercontinentais do período de formação esportiva, devido aos clubes formadores considerarem com maior importância a preparação esportiva referente às idades que se enquadram na faixa etária citada.

Foram excluídos do estudo adolescentes que não realizavam os treinos semanais e somente participavam dos campeonatos e/ou aqueles que não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – utilizados em pesquisas com crianças e adolescentes de acordo com a Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (2012) - e/ou que os responsáveis não autorizaram a sua participação assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 4.4 Instrumentos e técnicas de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados foram selecionados conforme os objetivos traçados no presente estudo, portanto, como observa-se no Quadro 3 é possível conhecer de maneira didática e, resumidamente, cada instrumento em sua relação com os objetivos pretendidos, bem como, o modo como foram utilizados:

**Quadro 3** - Relação dos objetivos traçados e os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa

Objetivos Específicos	Instrumento de coleta	Técnica de coleta	Análise
Levantar o perfil sociodemográfico dos adolescentes	Questionário Sociodemográfico	Entrevista/Questionário	Estatística descritiva
Observar as interações sociais no contexto do futebol	Roteiro de observação	Observação não-participante	Categorização
Identificar o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores	Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA)	Inventário	Estatística descritiva a partir dos escores totais e fatoriais
Verificar a existência de relação entre as interações sociais do contexto futebolístico com o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores.	Roteiro de entrevista semiestruturada	Entrevista	Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora, 2019.

A seguir, pontua-se as características de cada instrumento e técnica utilizados na realização da fase empírica do estudo:

a) Roteiro de observação não-participante:

Na pesquisa qualitativa a observação é uma das principais técnicas para a coleta de dados. De acordo com Ribeiro, Azevedo e Turato (2013) nos estudos de abordagem qualitativa para que ocorra a compreensão de um fenômeno é importante que, antes da coleta de dados, por meio de entrevista, sejam estabelecidos contatos com o campo que possibilitem conhecê-lo, mesmo que o estudo não se caracterize como um trabalho etnográfico. Ressalta-se de modo geral, que a pesquisa qualitativa visa um aprofundamento e abrangência da compreensão do fenômeno e/ou do grupo social estudado. Desse modo, a observação, neste estudo utilizada na modalidade não-participante, possuiu a finalidade de aproximar a pesquisadora do campo de estudo, dando-lhe a possibilidade de conhecer as relações sociais estabelecidas no contexto do futebol, a rotina de treinos e campeonatos que os jogadores participam, tornando possível verificar de maneira mais ampla as peculiaridades das relações e dos sujeitos envolvidos nas categorias de base do futebol amador em Santarém.

Salienta-se que para a efetivação das observações não-participantes, elaborou-se um roteiro (APÊNDICE C), que serviu de base para todo o processo de inserção no campo durante a etapa das observações. Desta forma, foram registrados no roteiro de observação não-participante as conversas e impressões da pesquisadora referente às interações sociais dos adolescentes no contexto futebolístico que serviram de apoio para análise dos resultados do estudo, em suma coletados com auxílio de instrumentos, os quais basearam-se em técnicas de inquérito e entrevista. As informações registradas na observação caracterizam-se como anotações de campo de natureza descritiva (TRIVIÑOS, 1987).

b) Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (APÊNDICE D) foi construído com base nos modelos utilizados no estudo de Moura (2014) realizado com adolescentes que participavam de clubes e/ou projetos sociais esportivos. Pretendeu-se com este questionário obter dados dos participantes referentes à escolaridade, idade, constituição familiar e

situações relacionadas à prática de futebol, por exemplo, como e onde o atleta iniciou a prática nesta modalidade esportiva, portanto, serviu para caracterizar os participantes da pesquisa quanto às características sociodemográficas.

c) Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette)

O Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) foi utilizado para avaliar o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores de acordo com o objetivo da pesquisa. Tal instrumento é destinado à população de adolescentes de 12 a 17 anos de idade. Sua utilização é recorrente em pesquisas que buscam avaliar as habilidades sociais de adolescentes em diversos contextos. É um instrumento validado pelo Conselho Federal de Psicologia.

Caracteriza-se como um instrumento de autorrelato, que por meio de situações interpessoais cotidianas, possibilita avaliar o repertório de habilidades sociais de adolescentes, por meio da frequência e dificuldade com que esses indivíduos reagem em várias demandas de interações sociais, essas medidas foram devidamente validadas no Brasil por meio de grupos de pesquisadores de referência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

O IHSA-Del-Prette é composto por itens que descrevem, em cada um, uma situação de interação social e uma possível reação, contabilizando 38 itens. Para cada um dos questionamentos contidos nos itens, o respondente deve avaliar a frequência e a dificuldade que possui na realização dos comportamentos.

Para avaliar a frequência, é usada uma escala do tipo Likert, e as categorias de respostas são: de 0-2, em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo duas vezes; 2-4, em cada 10 situações, reajo dessa forma de 3 a 4 vezes; 5-6 em cada 10 situações, reajo dessa forma de 5 a 6 vezes; 7-8, em cada 10 situações, reajo dessa forma de 7 a 8 vezes; e 9-10, em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes. Para a avaliar a dificuldade, as categorias de respostas são apresentadas em escala de cinco pontos, que são: Nenhuma, Pouca, Média, Muita, Total (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Salienta-se que na presente pesquisa foi considerado somente a escala de frequência do instrumento em questão, uma vez que os dados obtidos com a escala de dificuldades não teriam relevância para o alcance dos objetivos propostos.

O Inventário apresenta a seguinte estrutura fatorial: Fator 1- Empatia; Fator 2- Autocontrole; Fator 3- Civilidade; Fator 4- Assertividade; Fator 5- Abordagem Afetiva; e

Fator 6- Desenvoltura Social. De acordo com as qualidades psicométricas, o estudo de validação original indicou que a escala tem elevada consistência interna (Coeficiente Alpha de 0,896 para frequência e 0,904 para dificuldade) e na estrutura dos seis fatores tem: Fator 1- (10 itens, alpha= 0,820), Fator 2 (8 itens, alpha=0,686), Fator 3 (6 itens alpha=0,751), Fator 4 (7 itens, alpha=0,679), Fator 5 (6 itens, alpha=0,615) e Fator 6 (5 itens, alpha=0,698) (ANEXO - A).

#### d) Entrevista Semiestruturada

O roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE E), utilizado na pesquisa, foi elaborado na forma de situações-problema relacionadas ao contexto futebolístico com demanda para apresentação de habilidades sociais, de modo que os jogadores entrevistados respondessem livremente, e, de acordo com suas concepções, os comportamentos que possivelmente apresentam em cada uma das situações questionadas e os comportamentos apresentados pelos outros envolvidos no contexto (colegas de time, diretor e treinador). No roteiro encontra-se uma ou duas situações-problema para cada uma das 07 classes de habilidades sociais consideradas por Del Prette e Del Prette (2013).

Salienta-se que a elaboração do roteiro de entrevista teve três principais referências, a primeira delas o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC-Del-Prette) de Del Prette e Del Prette (2005); a segunda, as situações apresentadas no Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, considerando-se cada classe de habilidades sociais a ser avaliada; e uma terceira complementar às anteriores, relacionada com as observações de campo realizadas no Campeonato Sub 16 e nos treinos da equipe no ano de 2018, ou seja, foram construídas com base em algumas situações ocorridas e observadas pela pesquisadora no contexto do futebol amador nas categorias de base de clubes em Santarém-Pará.

### **4.5 Etapas da pesquisa de campo**

#### ➤ Etapa 1: Estabelecimento de contato com o campo de pesquisa

Para a seleção dos participantes estabeleceu-se o contato com o campo de pesquisa, inicialmente por meio do vínculo do orientador deste estudo com o contexto futebolístico, uma vez que o mesmo atuou como jogador profissional no estado de São



Paulo em vários clubes, com permanência maior em uma equipe de prestígio do futebol brasileiro. Devido ao histórico como futebolista, tem influência e inserção em ambientes esportivos locais, além de desenvolver estudos na área da Educação que visam contribuir para as práticas preconizadas nesses espaços. Ressalta-se que a maioria dos times de futebol do município de Santarém não possuem equipes de categorias de base, deste modo, muitos são formados em comunidades/bairros de maneira informal e/ou em escolinhas de futebol comercial, assim, o acesso da pesquisadora ao campo de estudo e pessoas envolvidas neste segmento do futebol local, ocorreu por meio da participação em um campeonato local, o qual reuniu boa parte, senão todas as equipes amadoras da cidade.

O Campeonato coordenado por um servidor público, graduado em Educação Física foi desenvolvido com o apoio da Prefeitura de Santarém por meio do Núcleo de Esporte e Lazer. Normalmente, o campeonato ocorre no segundo semestre do ano. Em 2018, ocorreu no mês de novembro, num campo localizado em um bosque público, conhecido como Campo do “Parque da Cidade”, ocasião na qual diversos times das categorias de base participaram. Portanto, o universo da pesquisa constituiu-se dos times que disputaram o campeonato santareno no ano de 2018.

A partir deste contato, a pesquisadora foi inserida pelo coordenador do campeonato em um grupo de um aplicativo de conversas do qual faziam parte diretores, técnicos, massagistas e até mesmo alguns jovens jogadores e outros personagens que atuam de alguma forma no futebol santareno. Assim, foi por meio de conversas no referido grupo que a pesquisadora estreitou o contato com alguns diretores, responsáveis pelos times, e com os integrantes das comissões técnicas, além da participação nos jogos do campeonato, momentos utilizados para conhecer e observar o contexto e as relações sociais estabelecidas no ambiente futebolístico.

Ressalta-se que há um número expressivo de jovens que participam do campeonato, sendo notória a importância do contexto esportivo em Santarém em suas vidas, pois vislumbram desenvolverem-se por meio do esporte e alcançar o profissionalismo. Na ocasião do campeonato, a pesquisadora conversou com alguns diretores e/ou técnicos das equipes, vislumbrando a definição do lócus da pesquisa. Por meio de conversas informais constatou-se que a maioria das equipes participantes do campeonato naquele ano, não realizava treinos semanais.

No ano de 2018 participaram do referido campeonato 12 times, juntos somaram um total de 302 adolescentes participando da competição (Quadro 4).

**Quadro 4** – Demonstrativo do número de participantes por equipe

<b>Equipes participantes do campeonato</b>	<b>Nº de jogadores</b>
Escolinha Craque do Futuro	24
Cruzeiro Esporte Clube	18
Associação Futebolística Águia	20
Nova Esperança Futebol Clube	29
Valência Clube de Futebol	19
Projeto Arte, Esporte e Lazer	28
Barcelona Futebol Clube	30
São Francisco Futebol Clube	28
Clube Atlético Velosão	24
Clube Atlético Jardim Santarém	22
Real Tapajós Esporte Clube	29
Clube de Regatas do Flamengo	31
<b>Total</b>	<b>302</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa, (2019).

Devido a observação não-participante dos jogos e treinos semanais ser um dos instrumentos da presente pesquisa, optou-se por estabelecer e firmar o vínculo com apenas uma equipe; a equipe selecionada diferenciava-se de quase todas, pois, realizava treinamentos de maneira regular às quartas-feiras, independentemente de estar participando ou não de competições.

Assim sendo, foi apresentado ao diretor da referida equipe o projeto da pesquisa e o ofício de solicitação para realização do estudo. Tais documentos foram apreciados, obtendo-se em seguida a autorização para a realização dos procedimentos metodológicos do estudo. Ressalta-se que apesar da pesquisa englobar o contexto do futebol amador do município de Santarém-Pará, o qual é formado por dezenas de equipes amadoras, fizeram parte do estudo, exclusivamente, os adolescentes que integravam uma dessas equipes, selecionada com base em critérios que atendiam aos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, o presente estudo foi desenvolvido na cidade de Santarém-Pará em uma equipe da categoria de base do futebol santareno que participa de campeonatos locais e pratica treinos semanais.

➤ Etapa 2: Inserção no campo de pesquisa

A inserção no contexto pesquisado teve como objetivo ambientar a pesquisadora e os pesquisados, estabelecendo aproximação com a rotina de treinos realizada pelo time selecionado, tornando-se possível observar as relações sociais dos jovens jogadores no contexto futebolístico. Foram realizadas 24 visitas a campo, ocasião na qual realizou-se também a observação não-participante e o preenchimento do roteiro de

observação do estudo. Estas visitas iniciaram-se no ano de 2018, após o campeonato amador, contabilizando um total de 08 visitas ainda em 2018; a maior parte delas consistia no acompanhamento dos adolescentes nos treinos semanais, sempre com a presença do diretor e comissão técnica da equipe; outras visitas, em menor quantidade, também ocorreram em momentos de participação da equipe em competições locais.

Estas primeiras visitas realizadas no ano de 2018, possibilitaram conhecer o contexto estudado, bem como as equipes participantes de campeonatos da categoria de base no futebol amador em Santarém. Além disso, pôde-se observar como estavam organizadas as competições e equipes, bem como a quantidade de adolescentes participantes. Durante essas observações iniciais, também foi possível apreciar alguns rituais típicos do contexto futebolístico, os quais não são exclusivos do âmbito amador, mas ocorrem com frequência no segmento profissional, por exemplo: no início do jogo, os jogadores reúnem-se no campo em formação circular para realizarem orações, há a preleção e também a reunião com os jogadores principais no intervalo do jogo, no final repetem-se as orações iniciais e é possível constatar as diferentes emoções que encerram o jogo (geralmente tristeza de um lado e alegria do outro).

### ➤ Etapa 3: Coleta de dados

A coleta de dados iniciou-se com as observações de campo realizadas a partir do ano de 2019, conforme apontado anteriormente, estas aconteceram com frequência semanal, sempre às quartas-feiras, durante o treino da equipe, num campo localizado em um bosque denominado “Parque da cidade”. A sistemática das observações baseou-se no roteiro de observação, elaborado pela pesquisadora com base nas informações registradas nas visitas realizadas ainda no ano de 2018. Desse modo, do total de 24 observações realizadas, 08 ocorreram no ano de 2018, e 16 no ano de 2019. Reitera-se que as visitas realizadas no ano de 2018 tiveram como foco familiarizar a pesquisadora com o ambiente do futebol das categorias de base de Santarém-Pará, com intuito de conhecer e construir caminhos para melhor realização da fase empírica do estudo.

A aplicação dos demais instrumentos de coleta de dados já mencionados – Questionário sociodemográfico, Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e entrevista semiestruturada, respectivamente, foi realizada após a finalização das observações de campo ocorridas no ano de 2019.

Primeiramente, especificamente no dia 11 de setembro de 2019, foi solicitado ao diretor da equipe que entregasse aos jovens jogadores um envelope contendo o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido, os quais foram devidamente assinados, tanto pelos jogadores que assentiram a participação no estudo, quanto pelos seus respectivos responsáveis legais.

A aplicação dos instrumentos e técnicas de coleta de dados foi realizada de modo individual, durante os treinos semanais. Devido aos encontros/treinos ocorrerem em um campo público localizado dentro de um bosque de grande extensão, conforme apresentassem disponibilidade, os jogadores eram encaminhados a um ambiente próximo e acomodados em mesas para a realização das entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas com auxílio de aparelho celular com gravador de voz. Estas seguiram a seguinte ordem: aplicou-se primeiramente o questionário sociodemográfico, em seguida o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) e por último, a entrevista semiestruturada.

No dia 18 de setembro de 2019 ocorreu a primeira entrevista, com duração de 50 minutos. Ressalta-se que os jovens estavam tendo semanas intensivas de treinos por conta da participação da equipe em campeonatos, portanto, nesse dia foi possível realizar uma única entrevista com um jogador que apresentou disponibilidade, devido ter sofrido uma lesão na perna, que o fez sair do treinamento naquele dia.

Para a realização da segunda entrevista foi agendado com outro jogador no dia 19 de setembro de 2019 às 17 horas no Parque da Cidade. Saliencia-se a opção por agendar a entrevista com este jogador, decorreu por julgar importante a sua participação no estudo, pois o mesmo havia se desligado da equipe dias após o início da coleta de dados; por tratar-se de um dos jogadores que estava na equipe há mais de um ano, e que estava presente no momento das observações realizadas pela pesquisadora, manteve-se a sua participação no estudo.

As três próximas entrevistas aconteceram no dia 25 de setembro de 2019 também durante o treino, no mesmo local das anteriores e seguindo-se a mesma sequência de aplicação dos instrumentos: 1º questionário sociodemográfico, 2º IHSA e 3º entrevista semiestruturada. Considerando que durante os treinos era mais difícil que os jogadores tivessem disponibilidade para participarem das entrevistas, foi necessário realizar mais uma vez o agendamento de uma delas, fora do habitual horário de treinos da equipe, desta vez visando dar celeridade ao processo de coleta de dados do estudo. Desse modo, no dia 08 de outubro ocorreu mais uma entrevista agendada, no mesmo local das anteriores, dentro do

Parque da Cidade, com duração média de 45 minutos. Na sequência, no dia 09 de outubro, foram realizadas mais duas entrevistas, com jogadores que estavam no banco de reservas da equipe; e, no dia 16 de outubro de 2019 realizou-se a última entrevista, esta teve a duração média de 45 minutos.

Considera-se que a movimentação de outras pessoas no local da entrevista foi um obstáculo para a realização da coleta de dados, pois por vezes a pesquisadora precisou interromper a entrevista e pedir aos adolescentes participantes do estudo que se concentrassem, de modo que as possíveis distrações não prejudicassem a coleta. Apesar disso, considera-se que a coleta de dados foi realizada sem maiores intervenientes, a maior parte das entrevistas realizadas, no total de 09, durou em média 50 minutos, todas aconteceram individualmente e foram realizadas nas dependências do “Parque da Cidade”, local em que se situa o campo de futebol no qual ocorrem os encontros da equipe investigada para os treinos semanais.

#### ➤ Etapa 4: Análise dos Dados

Para analisar os dados do questionário sociodemográfico foi utilizada a estatística descritiva com o intuito de descrever as características dos participantes da pesquisa de acordo com os dados demográficos, pessoais, escolares, familiares e situações peculiares do futebol.

As informações do roteiro de observação foram categorizadas conforme as classes de habilidades sociais nas situações interpessoais que ocorreram no ambiente do futebol da equipe investigada. Para isso, primeiramente foi realizada uma leitura de reconhecimento do material anotado das observações de campo, após a leitura foram selecionadas partes das anotações que se referiam às interações sociais entre os jogadores e equipe técnica constatando a presença ou ausência de alguma das classes de habilidades sociais. Após esta etapa construiu-se a primeira tabela de categorização das interações sociais observadas, conforme o dia, hora e local, participantes, descrição da observação e classe de habilidade social ao qual a observação se enquadrava (APÊNDICE F).

Em seguida foi elaborado uma segunda tabela de classificação para as observações já selecionadas na tabela de análise 1. Nesta etapa reuniram-se o número de interações sociais conforme a classe de HS. Os participantes das interações e a avaliação destas, classificando-as com ausência de HS ou com presença de HS, conforme pode ser observado na Tabela 4 apresentada na página 113 na seção dos resultados. Ressalta-se que

as pesquisas de Molina (2007) e Angélico (2004) contribuíram para os *insights* da pesquisadora de como analisar e organizar os dados da observação de campo.

A análise do IHSADelPrette (2009) foi realizada por meio da apuração *on-line* disponibilizada pelo instrumento (IHSADelPRETTE; DEL PRETTE, 2015) no site: <[https://cprogerwin0927.websiteseuro.com/casadopsicologo2/testepsi\\_new/login.asp](https://cprogerwin0927.websiteseuro.com/casadopsicologo2/testepsi_new/login.asp)>.

Ressalta-se que essa apuração é feita por meio da computação dos escores somando-se os itens das questões para situar a posição percentil do respondente em relação à amostra normativa apresentada no instrumento. No formulário *on-line* há espaço para preenchimento de dados sociodemográficos dos entrevistados e das respostas do inventário; para a apuração os participantes são divididos conforme o sexo (feminino, masculino) e a faixa etária (adolescentes mais novos de 12 a 14 anos e adolescentes mais velhos de 15 a 17 anos). A ficha de apuração encontra-se no Anexo C.

Para analisar os dados das entrevistas e desenvolver os resultados foi utilizada a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado desenvolvida por Moreira, Simões e Porto (2005), a qual consiste em interpretar os significados dos relatos dos entrevistados sobre um determinado fenômeno por meio da elaboração de categorias que são as unidades de significado analisadas numa abordagem qualitativa. Para isso, devem ser realizados três momentos, que consistem juntos nas fases de análise da técnica: 1º Relato ingênuo, 2º Identificação de atitudes e 3º Interpretação.

Deste modo, no primeiro momento concentrou-se na compreensão do discurso do entrevistado, portanto o relato ingênuo se refere aos dizeres do entrevistado no seu formato original, sem sofrer qualquer tipo de modificação. Após isso, preocupou-se em não perder de vista o sentido geral do discurso do pesquisado. Para tanto, foram extraídos dos discursos dos participantes termos denominados de indicadores, os quais representam os significados, valores e atitudes mais significativos de cada resposta dada pelos participantes; posteriormente, com auxílio destes indicadores, a pesquisadora fez a releitura das respostas dos participante, e procedeu à criação das unidades de significado, que auxiliaram na interpretação dos resultados obtidos.

Por último, foi realizada a análise interpretativa do fenômeno, compreendendo-o em sua totalidade com base nas teorias de referência da pesquisa para embasamento das discussões e inferências da pesquisadora. Para isso, foram construídos quadros de análise utilizados para organizar o material das entrevistas e para realizar cada momento da técnica de elaboração e análise de unidades de significado, descrito anteriormente, os quais encontram-se disponíveis no Apêndice G.

#### 4.6 Aspectos éticos

De acordo com Minayo (2014) é necessário para compor a ética em pesquisa a observação do pesquisador em relação a si mesmo e aos comportamentos no campo de estudo, “visando a uma postura de respeito para com seus interlocutores, num movimento conhecido como “reflexividade”” (MINAYO, 2014, p. 1106). Isto é, no desenvolvimento da pesquisa o pesquisador precisa compreender as inter-relações que existem entre as próprias condutas e as do campo estudado, refletindo sobre o envolvimento pessoal para que a interpretação do material não seja prejudicada pelos vínculos que se constroem no decorrer da pesquisa, buscando assim respeitar o campo de estudo e direcionar as condutas de maneira reflexiva e ética.

Salienta-se que a realização deste estudo obedeceu às normas para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que incorpora respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, visando assegurar os direitos e deveres dos participantes do estudo.

Além do mais, o projeto da presente pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade do Estado do Pará (UEPA), de acordo com a Resolução nº 510/2016 que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, para assegurar a integridade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito pesquisado. Ressalta-se que o projeto e realização da pesquisa foi devidamente aprovado após as avaliações do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, sob o número CAEE: 06907018.0.0000.5168. (ANEXO B).

Obedecendo as normas éticas, cada participante passou por um processo de codificação para garantir o anonimato. Optou-se por obter dos jogadores a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE A), validando a livre escolha em participar ou não do estudo. Entretanto, por se tratar de uma pesquisa com menores foi também necessária a autorização dos responsáveis legais, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), os quais foram devidamente assinados em duas vias, ficando uma retida com a pesquisadora (por um período de 05 anos) e outra com os adolescentes e os respectivos responsáveis.

Os possíveis riscos do estudo consistiram na possibilidade de ocasionar nos participantes possíveis constrangimentos e/ou incômodos diversos, devido aos questionamentos que foram realizados nas entrevistas e demais instrumentos de coleta.

Entretanto, não houve por parte dos entrevistados durante a coleta de dados, nenhuma situação de constrangimento ou incômodo relatada. Deste modo, ressalta-se que todos os cuidados éticos foram observados e, inclusive com a preservação e comunicação prévia aos participantes do direito de não responderem e, até mesmo, de interromperem a participação no estudo a qualquer momento.



## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta seção apresenta os resultados obtidos no estudo a partir da pesquisa empírica. Os dados foram organizados em três subseções: na primeira apresenta-se a caracterização dos participantes do estudo - 09 jogadores de um equipe da categoria de base do futebol do Município de Santarém-Pará, a partir das informações sociodemográficas e daquelas relacionadas à prática futebolística; em seguida encontram-se os resultados referentes à identificação do repertório de Habilidades Sociais, juntamente com as observações de campo; na terceira, reuniram-se os resultados das entrevistas realizadas no campo de pesquisa.

### **5.1 Perfil sociodemográfico de jovens jogadores da categoria de base de uma equipe Santarena**

Os dados apresentados nesta subseção correspondem às informações sociodemográficas de nove adolescentes integrantes de uma equipe de futebol de base da cidade de Santarém-Pará. Para preservar a identidade dos participantes do estudo atribuiu-se um código numérico para cada um deles, conforme o exemplo: Jogador 1 – J01.

As informações versam sobre as particularidades pessoais como idade, escolaridade, constituição familiar e sobre a relação com o contexto futebolístico destacando-se a idade que ingressaram no futebol, tipo de ingresso e o tempo de vinculação com a equipe de base. Tais aspectos possibilitam delinear o perfil sociodemográfico dos jovens jogadores com ênfase nos aspectos familiares e na caracterização do vínculo com o futebol revelando algumas das expectativas que nutrem em relação a uma possível carreira no esporte.

No Quadro 5 apresenta-se o número de participantes do estudo especificando-se a faixa-etária, o grau de escolaridade e a naturalidade. De modo geral, observa-se que os nove adolescentes que participaram do estudo e frequentavam a equipe de futebol de base possuíam idades variando entre 16 a 17 anos; 05 jogadores encontravam-se com 16 anos e 04 jogadores com 17. Em relação aos dados escolares, notou-se que os adolescentes frequentam escolas públicas na modalidade de ensino regular, a maioria cursava o ensino médio e dois deles o ensino fundamental. Dentre estes que cursavam o ensino fundamental,

um deles frequentava o projeto de correção idade/série (Mundiar<sup>4</sup>). Todos são nascidos na cidade de Santarém-Pará.

**Quadro 5** – Dados pessoais dos adolescentes integrantes de uma equipe de futebol da categoria de base do Município de Santarém em 2019.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>NATURALIDADE</b>
<b>J01</b>	16	1ºano	Santarém
<b>J02</b>	17	7ºano	Santarém
<b>J03</b>	16	1ºano	Santarém
<b>J04</b>	16	1ºano	Santarém
<b>J05</b>	16	1ºano	Santarém
<b>J06</b>	17	Mundiar	Santarém
<b>J07</b>	17	2ºano	Santarém
<b>J08</b>	17	3ºano	Santarém
<b>J09</b>	16	1ºano	Santarém

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Embora todos os participantes da pesquisa sejam naturais e residentes no município de Santarém observou-se entre aqueles que não participaram do estudo que alguns residiam em cidades vizinhas como Mojuí, Belterra e Prainha, e deslocavam-se dessas localidades apenas para disputar campeonatos. Dessa forma é possível dizer que mesmo sem nenhum contrato ou ganho financeiro há um número considerável de adolescentes nesta região que jogam nos campeonatos locais de futebol nas categorias de base das equipes.

Ressalta-se que atualmente a profissionalização de jovens jogadores de futebol que se destacam pelas habilidades técnicas e táticas inicia-se em algumas equipes do país, especialmente naqueles de maior aporte financeiro, consideravelmente cedo. Os jovens adentram os círculos profissionais aproximadamente aos 17 anos - fato curioso quando se considera o processo de formação para o desempenho de outras profissões do mercado de trabalho e que exigem um tempo maior de capacitação; esta ocorrência expande nos jovens a necessidade de lidar precocemente com responsabilidades e exigências próprias da idade adulta (COUTO, 2014).

No contexto desta pesquisa, os jovens jogadores da categoria de base apesar de não atuarem como profissionais passam por muitas cobranças em relação à melhora do desempenho e por resultados para a equipe nos treinos e jogos, intensificando-se ainda

<sup>4</sup> Projeto da Secretária de Educação do Estado do Pará em parceria com a Fundação Roberto Marinho para correção de idade/série, para que alunos a partir dos 13 anos finalizem o ensino fundamental em dois anos e alunos a partir dos 17 anos concluam o ensino médio em um ano e meio (MESQUITA; SILVA CARDOSO, 2019)

mais, ao completarem 17 anos. Esta idade marca um momento de transição importante na formação futebolística, pois geralmente os jogadores mais jovens são mais solicitados ou selecionados para jogarem nas equipes profissionais. Dessa forma, conforme observou-se nas visitas ao campo de estudo, os jovens nessa faixa-etária passam a serem alvos de comentários vexatórios por conta do avanço da idade para atuarem como profissional.

Além disso, é importante evidenciar que Santarém está situada em uma região com baixo investimento e possibilidades para o desenvolvimento no futebol profissional. Dados observados no relatório da CBF evidenciam que a maior parte dos atletas profissionais do futebol originam-se das regiões Sudeste (39%), Nordeste (21%), Sul (20%), sendo apenas 9% da região Norte (CBF, 2019).

A Tabela 2 apresenta os dados relacionados à caracterização do grupo familiar dos participantes do estudo com base no questionário sociodemográfico.

**Tabela 2** - Dados relacionados à constituição familiar dos adolescentes da categoria de base do futebol Santarém

VARIÁVEIS	NÍVEIS	Nº DE PARTICIPANTES
<b>N</b>		
<b>Pessoas com quem reside</b>		
	Pai e mãe	1
	Mãe e irmão	3
	Pai, mãe e irmão	2
	Tio e primos	1
	Irmão e cunhada	1
	Mãe, irmão e avô	1
<b>Pais divorciados</b>		
	Sim	5
	Não	4
<b>Família incentiva jogar futebol</b>		
	Sim	9
	Não	0
<b>Escolaridade dos pais</b>		
	E.F. Incompleto	3
	Ens. Fundamental	3
	Ens. Médio	9
	Desconhece	3
<b>Profissão dos pais</b>		
	Dona de casa	2
	Autônoma	1
	Servente	1
	Manicure	2
	Emp. Doméstica	1
	Costureira	1
	Carregador	1
	Mecânico	1
	Pedreiro	1
	Autônomo	1
	Atendente	1
	Marceneiro	1
	Desconhece	4

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

No que se refere aos dados familiares ressalta-se que dos nove participantes, 04 moram com a mãe e outras pessoas do grupo familiar (irmão, avô e outros parentes), apenas 03 têm a presença do pai em casa e 02 moram com outras pessoas da família (tio e primos; irmão e cunhada). Deste modo, constatou-se que a maioria convive com o grupo familiar de origem ou com pessoas com grau de parentesco direto, no entanto, são filhos de pais separados. Sobre isso, considera-se que vivenciar a separação ou o recasamento dos pais pode resultar para o adolescente dificuldades emocionais e comportamentais, prejudicando a aprendizagem de habilidades sociais (HINES, 1997). Entretanto, não é a configuração familiar que resulta nas dificuldades apresentadas pelos adolescentes, mas a maneira como os pais se relacionam e lidam com a separação, isto é, o conflito conjugal (LEME; DEL PRETTE; COIMBRA, 2013).

Com relação à escolaridade dos pais verificou-se que 09 deles possuem o ensino médio completo e 06 o ensino fundamental; para os demais (03 pais) os adolescentes desconhecem essa informação. A maioria das mães possui escolaridade mais baixa em relação à figura paterna. As profissões desempenhadas pelos pais são variadas para ambos os gêneros e compreendem ocupações como dona de casa, manicure, pedreiro e trabalhadores autônomos.

De acordo com Souza, Vaz e Soares (2008) a família em muitos casos é a principal fonte motivadora para que o adolescente ingresse no futebol com o desejo de profissionalizar-se, principalmente àquelas oriundas de camadas populares. Salienta-se que todos os jovens jogadores da equipe investigada afirmaram que a família - considerada as pessoas que residem com eles - incentiva-os à prática desse esporte. Entretanto, durante as observações realizadas, apenas em um jogo do campeonato local observou-se a participação de pais acompanhando dois desses meninos; durante os treinos não houve a visita de nenhum dos familiares.

Por meio dos dados coletados sobre os aspectos do contexto futebolístico na vida dos jovens jogadores nota-se que todos os participantes pretendem desenvolver uma carreira profissional no futebol. Couto (2012) afirma que há um encantamento incontestável na maioria dos brasileiros pelo futebol, uma paixão notável e declarada por tal esporte, fato este que contribui para o desejo de muitos jovens de ambos os sexos em tornarem-se jogadores profissionais de sucesso. Corroborando com esta afirmação, Damo (2005) mostra em seu estudo a preferência pelo futebol como escolha profissional de pré-adolescentes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre, em que o futebol ocupou o primeiro lugar

como escolha profissional nas escolas públicas investigadas e terceiro lugar nas escolas privadas, ficando atrás apenas das profissões de Engenharia e Advocacia.

No entanto, neste estudo, observa-se que apenas um dos jogadores da equipe investigada recebeu convite para jogar na categoria de base de uma equipe profissional, conforme pode-se notar no Quadro 6. Tal aspecto evidencia que, embora muitos jovens nutram esse desejo/sonho, são poucos jogadores que conseguem construir uma carreira profissional no futebol, pois este é um cenário de grande competitividade (COUTO, 2014).

**Quadro 6** - Dados sobre o percurso dos adolescentes na prática futebolística

Participantes	Início da prática no futebol	Local	Tempo na equipe	Tempo que participa de competições	Convite para categoria de base de equipe profissional	Pretende ser profissional
J01	10 anos	Projeto Social	1 ano e 7 meses	7 anos	Não	Sim
J02	10 anos	Rua	6 meses	3 anos	Não	Sim
J03	8 anos	Projeto Social	8 meses	1 ano	Não	Sim
J04	12 anos	Rua	6 meses	6 meses	Não	Sim
J05	7 anos	Escola	2 meses	6 anos	Não	Sim
J06	7 anos	Escola	2 anos	5 anos	Não	Sim
J07	9 anos	Rua	1 ano e 8 meses	6 anos	Sim	Sim
J08	7 anos	Rua	1 ano e 1 mês	2 anos	Não	Sim
J09	9 anos	Rua/P. Social	2 meses	2 anos	Não	Sim

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Sobre a idade que começaram a jogar futebol, oito deles iniciaram antes mesmo dos 12 anos (entre 7 a 10 anos), o que de acordo com Damo (2005) acontece com a maioria dos meninos que visualizam o futebol como uma profissão. Destaca-se ainda que a participação da maioria dos jovens jogadores em campeonatos varia de 2 a 7 anos, enquanto que apenas um participa há 6 meses. Observa-se ainda, que a maioria dos adolescentes estão vinculados à equipe a menos de 1 ano, isso ocorre devido a rotatividade nas equipes de base.

Ressalta-se que o tempo em que os adolescentes vivenciam as interações no ambiente esportivo é um componente importante para compreender a aprendizagem dos comportamentos destes, uma vez que de acordo com Narvaz e Koller (2004) a continuidade dos processos proximais interferem de maneira significativa nos comportamentos sociais de um indivíduo, portanto, as vivências dos adolescentes no ambiente das categorias de base do futebol perpassam anos e contribuem diretamente para o desenvolvimento humano dos jovens jogadores.

Nesta perspectiva, de acordo com Almeida Neto e Santos (2015) a inserção de crianças e adolescentes no ambiente do futebol, por vezes, resulta na ocorrência de interações que exigem desempenhos não condizentes com a idade cronológica nos aspectos físicos e mentais. Salienta-se ainda que conforme o adolescente passa a participar de outros contextos (microssistemas) – fora do âmbito familiar – e a ampliar sua rede de relações, começa então a receber novas influências no seu processo de desenvolvimento cognitivo, social, emocional e etc., portanto, o ambiente futebolístico implica em aprendizagens que constituirão esses adolescentes (SENNA; DESSEN, 2012).

Dentre os locais que iniciaram a prática do futebol, a rua é o ambiente que mais se destacou nas respostas, em segundo lugar projetos sociais e em terceiro a escola. A rua é um dos principais cenários de início da prática futebolística no Brasil, todavia, as escolinhas de futebol também têm surgido com expressividade entre os lugares de iniciação ao esporte (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Fato que se diferencia dos resultados do presente estudo, hipoteticamente, porque em muitos casos os pais não têm condições de pagar para manterem os filhos em escolinhas de futebol, além disso, há projetos sociais em Santarém que proporcionam a participação em práticas esportivas, principalmente localizados nos bairros periféricos.

Por meio das informações expostas nos quadros e tabelas (2, 3 e 4) e discussões realizadas é possível identificar o perfil sociodemográfico e informações do percurso no futebol como início da prática no futebol, tempo que participa das competições, dos adolescentes entrevistados que compuseram a equipe investigada nos anos de 2018 a 2019. Conforme o objetivo principal desta pesquisa será apresentado a seguir os resultados do repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores, a fim de relacioná-los com as interações sociais observadas no contexto da categoria de base do futebol em Santarém-Pará.

## **5.2 Repertório de Habilidades Sociais dos jovens jogadores e Observações de Campo**

Nesta seção apresenta-se os resultados do repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores averiguado com auxílio do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA) de Del Prette e Del Prette (2015). As discussões relacionam e ponderam o repertório de HS dos participantes do estudo com as trocas sociais do contexto futebolístico, para tanto, o texto explicita as situações de interação social desempenhadas pelos adolescentes, registradas pela pesquisadora durante as observações de campo junto à

equipe. Ressalta-se que embora o objetivo desta seção seja demonstrar o repertório de HS dos adolescentes e as observações de campo, alguns trechos da entrevista também foram utilizados para dar ênfase à discussão conforme os exemplos de interação social relatados pelos participantes.

Os dados apresentados na sequência foram construídos a partir da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA). Trata-se de um instrumento avaliativo e de autorrelato constituído de um conjunto de situações interpessoais do cotidiano relacionadas à emissão de habilidades sociais. A interpretação dos resultados – escore total e escores dos fatores - do IHSA-Del Prette é baseada em termos percentis - valores acima de 50 significam que o respondente encontra-se entre 50% dos indivíduos com escores mais altos em HS, abaixo de 50 indicam que estão entre os que possuem escores mais baixos; acima de 75% significam repertório elaborado ou altamente elaborado em HS; abaixo de 25% é considerado um repertório em HS bastante deficitário demandando a intervenção com treinamento em habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015).

A interpretação da frequência, segundo Del Prette e Del Prette (2015), permite identificar o quanto o investigado está acima ou abaixo de seu grupo de referência sobre as habilidades sociais esperadas. Deste modo, o IHSA possibilita que se indique o repertório geral de HS por meio do escore total e o repertório de cada HS por meio dos escores dos fatores, que são divididas em: fator 1: empatia; fator 2: autocontrole; fator 3: civilidade; fator 4: assertividade; fator 5: abordagem afetiva; fator 6: desenvoltura social.

No fator 1 são avaliados comportamentos referentes à empatia, incluindo condutas como: identificar sentimentos e problemas do outro, expressar apoio, pedir desculpas, negociar soluções em situação de conflitos, elogiar, fazer amizades e etc. No fator 2 reúnem-se comportamentos referentes a HS autocontrole: reagir com calma em situações aversivas, expressar desagrado de maneira adequada em termos de controle emocional. No fator 3 estão os comportamentos de Civilidade: despedir-se, agradecer favores ou elogios, cumprimentar, elogiar e etc. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015).

Ainda conforme os autores, no fator 4 são avaliados os comportamentos da HS assertividade: recusar pedidos abusivos e não abusivos, demonstrar desagrado, conversar com pessoas de autoridade, defender seus direitos ou de outrem e etc. No fator 5 estão as HS referentes a abordagem afetiva: iniciar e manter conversação, expressar satisfação ou insatisfação a carinhos e outros. No fator 6 encontram-se os comportamentos referentes a desenvoltura social: conversação, apresentar trabalhos em grupo, conversar sobre sexo com

os pais, explicar tarefas a colegas, entre outros. Tais valores percentis do escore total e dos fatores podem ser observados na tabela a seguir:

**Tabela 3** – Descrição da interpretação da posição dos escores (total e fatores) do respondente no IHSA-Del Prette.

PERCENTIL	INTERPRETAÇÃO PARA FREQUÊNCIA
<b>76-100</b>	<b>Repertório altamente elaborado de Habilidades Sociais</b> com resultados acima da média para praticamente todos os itens e fatores em que aparecem. Indicativo de recursos altamente satisfatórios nesses itens
<b>66-75</b>	<b>Repertório elaborado de Habilidades Sociais</b> , com resultados acima da média para a maior parte dos itens e fatores em que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.
<b>36-65</b>	<b>Bom repertório de Habilidades Sociais</b> , com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens e fatores em que aparecem.
<b>26-35</b>	<b>Repertório médio inferior de Habilidades Sociais</b> , com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de Treinamento de Habilidades Sociais, especialmente naquelas subclasses e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
<b>01-25</b>	<b>Repertório abaixo da média inferior de Habilidades Sociais</b> . Indicativo de necessidade de Treinamento de Habilidades Sociais, especialmente naquelas subclasses e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

Fonte: DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015.

O repertório altamente elaborado de HS indica que o indivíduo emite nas suas interações sociais comportamentos satisfatórios de habilidades sociais e que resulta em relações benéficas para si e para as pessoas com as quais interage; repertório elaborado de HS aponta que o indivíduo emite de maneira satisfatória a maioria das HS de maneira efetiva, também, resultando em trocas sociais benéficas. O bom repertório de HS indica que a pessoa tem um equilíbrio entre a emissão de comportamentos satisfatório nas relações e os déficits, mas que requer treinamento em HS nos itens que ocasionam prejuízos para suas relações sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015).

Enquanto que o repertório médio inferior de HS mostra que a pessoa tem déficits em HS e apresenta dificuldades nas relações interpessoais, sendo necessário o treinamento de HS para que desenvolvam esses comportamentos; e repertório abaixo da média inferior de HS indica que o indivíduo dificilmente emite HS em suas interações sociais, ocasionando em prejuízos significativos para seu ajustamento pessoal e profissional.

Neste sentido, na Tabela 3 encontra-se o resultado do escore total do IHSA sobre o repertório de HS dos jovens jogadores participantes do estudo. O repertório de habilidades sociais da maioria dos jovens jogadores é *altamente elaborado*, uma vez que apenas um participante apresentou um repertório de HS *abaixo da média inferior*, além



disso, notou-se que a maioria dos adolescentes respondeu que emite o comportamento evidenciado em cada situação autoavaliativa do inventário com frequência de 9 a 10 vezes.

**Tabela 4** – Resultados obtidos no IHSA para o repertório de HS dos jovens jogadores integrantes de uma equipe da categoria de base do futebol santareno

Participantes	Frequência	Repertório de HS
J01	5	Repertório abaixo da média inferior de HS
J02	55	Repertório de HS dentro da média
J03	90	Repertório altamente elaborado de HS
J04	50	Repertório de HS dentro da média
J05	95	Repertório altamente elaborado de HS
J06	85	Repertório altamente elaborado de HS
J07	90	Repertório altamente elaborado de HS
J08	75	Repertório elaborado de HS
J09	97	Repertório altamente elaborado de HS

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

A análise dos resultados do IHSA aponta que cinco dos jovens jogadores apresentaram um *repertório altamente elaborado* de HS atingindo pontuações iguais ou superiores ao intervalo compreendido entre 76 e 100 percentis. Entre os outros quatro participantes os resultados indicam: 01 jogador apresentou *repertório elaborado* de HS ficando dentro da escala compreendida entre 66 e 75 percentis; 02 jogadores apresentaram *repertório dentro da média*, entre 36 e 65 percentis; 01 jogador apresentou *repertório abaixo de médio inferior*, entre 1 e 25 percentis.

Contudo, ressalta-se que nas observações de campo identificou-se a participação dos jovens jogadores em situações de interação social durante os treinos, cujo os desempenhos mostraram-se carentes em comportamentos habilidosos, notando-se na maioria uma baixa emissão de habilidades sociais nas relações sociais desempenhadas entre os pares e/ou com os integrantes da comissão técnica da equipe. Dessa forma, pode-se afirmar que os adolescentes responderam aos questionamentos do inventário mais de acordo com a deseabilidade social (conforme o que é conveniente e desejado socialmente), do que efetivamente com as práticas que costumam desempenhar nas comunicações sociais. Por exemplo: na situação que afirma “Consigo guardar segredo sobre o que os amigos me contam”, todos assinalaram que reagem assim de 9 a 10 vezes, sem nenhuma dificuldade.

Esse tipo de reação aos questionamentos do inventário já foi anteriormente relatado por Moura (2014) no estudo *Atitudes morais, Agressividade e Empatia: um estudo com atletas que participam de competições*, o instrumento utilizado (Escala de Atitudes Morais no Esporte – AMDYSQ), também emprega o autorrelato como base de avaliação dos comportamentos. Na ocasião, os participantes do estudo mencionado ao responderem perguntas relacionadas ao tipo de agressividade que apresentavam durante a prática esportiva basearam-se na desejabilidade social. De acordo com Del Prette e Del Prette (2011) esse é um fenômeno que ocorre com a maioria das pessoas, uma vez que tendem a se avaliar de maneira positiva e dando ênfase para seus atributos favoráveis, enquanto que minimizam os atributos favoráveis do outro.

A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos no inventário discriminando-os por fatores, dessa forma pode-se notar os scores alcançados individualmente e a média alcançada pelo grupo em cada um dos fatores analisados. Destaca-se que os maiores valores alcançados pelos participantes foram em relação ao Fator 1 (empatia), portanto, com base no IHSA esta é a HS mais desenvolvida no repertório geral dos adolescentes. Por outro lado, a pontuação alcançada para o Fator 6 (desenvoltura social) foi a que apresentou resultados mais baixos no repertório na maioria dos jovens jogadores entrevistados, como pode ser observado na tabela abaixo:

**Tabela 5** - Descrição e Média da frequência de cada fator dos IHSA-Del Prette dos jovens jogadores

FATORES	PARTICIPANTES	RESULTADOS	MÉDIA
		% Frequência	% Frequência
Fator 1 - Empatia	J01	10	32,55
	J02	85	
	J03	60	
	J04	60	
	J05	95	
	J06	85	
	J07	90	
	J08	60	
	J09	99	
Fator 2 – Autocontrole	J01	10	22,22
	J02	75	
	J03	97	
	J04	85	
	J05	85	
	J06	75	
	J07	90	
	J08	90	
	J09	85	
Fator 3 – Civildade	J01	10	20,11
	J02	65	
	J03	75	
	J04	30	
	J05	85	
	J06	85	
	J07	95	
	J08	85	
	J09	100	

Continua...

**Tabela 4** - Descrição e Média da frequência de cada fator dos IHSA-Del Prette dos jovens jogadores

<b>Fator 4 - Assertividade</b>	J01	10	20,77
	J02	30	
	J03	85	
	J04	50	
	J05	45	
	J06	85	
	J07	70	
	J08	90	
	J09	90	
<b>Fator 5 - Abordagem Afetiva</b>	J01	35	14
	J02	35	
	J03	80	
	J04	30	
	J05	90	
	J06	80	
	J07	70	
	J08	15	
	J09	85	
<b>Fator 6 - Desenvoltura Social</b>	J01	3	10,11
	J02	20	
	J03	20	
	J04	10	
	J05	85	
	J06	50	
	J07	45	
	J08	50	
	J09	85	

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Os comportamentos que fazem parte da classe de HS empatia (Fator 1) favorecem o respeito nas relações interpessoais, pois compreendem condutas como ouvir e dar apoio ao outro, expressar afeto, fazer elogios, reconhecer os sentimentos do outro, demonstrar respeito às diferenças, entre outros; e as habilidades do Fator 6 correspondem à desenvoltura social e são classes de HS “requeridas em situações de exposição social e conversação, como apresentar trabalhos em grupo, conversar sobre sexo com os pais, pedir informações [...] conversar com pessoas de autoridade” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009, p. 21).

Portanto, de acordo com as respostas dos participantes a maioria deles emite em suas relações comportamentos empáticos, enquanto que apresentam baixa emissão de comportamentos que envolvem iniciar conversação, exposição em público e conversar com pessoas de autoridade.

A fim de verificar como ocorrem as relações sociais no contexto da equipe de futebol investigada, identificando-se os participantes envolvidos em trocas sociais e os comportamentos emitidos nas interações, foram realizadas 11 observações de campo nos treinos semanais da equipe. Destaca-se que as habilidades sociais também podem ser

avaliadas por meio da observação do indivíduo durante as relações sociais nos contextos de interação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011).

As observações realizadas foram analisadas a partir do registro de situações favoráveis (com presença de emissão de HS) e situações desfavoráveis (com ausência de emissão de HS) e foram consideradas para análise apenas as situações com interações que correspondiam às classes de habilidades sociais propostas por Del Prette e Del Prette (2005): autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e HS acadêmicas.

Salienta-se ainda que não foram quaisquer ações registradas no roteiro de observação, mas sim aquelas em que ocorreram interações sociais entre os participantes da pesquisa com a equipe técnica e outros presentes no ambiente de observação, isto é, quando ocorriam ações interativas. Deste modo, os dados da observação foram categorizados de acordo com as condutas que correspondem às classes de habilidades sociais ou à ausência dessas HS, isto é, conforme comportamentos que indicavam presença ou ausência de HS (APÊNDICE F).

A avaliação dos comportamentos dos jovens jogadores se limitou nas interações que estes desempenham dentro do contexto futebolístico, portanto, cabe considerar as peculiaridades das interações dentro desses ambientes como a presença de relações de poder da comissão técnica frente aos adolescentes, o que em muitos casos resulta em condutas agressivas dos dirigentes. Couto (2014) ressalta que é comum existir no ambiente futebolístico problemas de relacionamentos, altas exigências, competições desleais, favorecimento de atleta conforme seu *status* no que diz respeito a melhor desempenho, por exemplo, ocorrendo até mesmo “atitudes de hierarquização e dominação” (COUTO, 2014, p. 27) entre atletas.

Desse modo, ressalta-se que o ambiente do futebol em parte se constitui de relações de poder, competições e exigências por desempenhos (COUTO, 2014). Com isso, é importante considerar que o contexto pode inibir ou estimular a emissão de comportamentos com a presença de habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Considera-se que por ser o futebol uma meta na vida desses jovens jogadores, as relações nesse espaço acabam interferindo de maneira direta na aprendizagem de comportamentos e construção da personalidade dos adolescentes.

Ressalta-se ainda, a importância que o futebol desempenha na vida dos jovens jogadores, conforme pode-se notar no trecho da entrevista realizada com um dos participantes, no qual o jogador traduz o significado desse esporte em sua vida:

O jogo (risos) cara, o futebol é alegria, futebol é diversão, futebol é tudo, futebol é maravilha, futebol é minha vida para tu ter uma ideia, eu vivo o futebol, eu acho assim que sem o futebol não tinha sentido a minha vida. (J01)

No trecho fica evidente a influência que o futebol desempenha na vida dos jovens, bem como pode-se conhecer as interferências que ele produz e repercute sobre os aspectos físico/motor, afetivo, cognitivo e social, ou seja, sobre o desenvolvimento humano desses adolescentes. Logo, a afetividade desenvolvida neste espaço provoca transformações na realidade desses indivíduos (SALES, 2014).

Dessa forma, os envolvidos com a prática futebolística, nesse caso, com as vivências desempenhadas na categoria de base têm o processo de construção da identidade imbricado aos aspectos existentes no ambiente futebolístico, de maneira que o significado que ocupa na vida dos adolescentes resulta na aquisição e internalização de conhecimentos próprios do futebol, como a linguagem, os costumes, os comportamentos, regras e elementos da rotina desse ambiente (vestimentas, rituais ligados a religiosidade, etc.), os quais vão sendo incorporados pelos jovens jogadores.

Sobre os resultados da observação de campo reuniram-se na Tabela 6 as situações de interação social observadas no ambiente do futebol entre os adolescentes, treinador e diretor, as quais indicam a presença e ausência da emissão de habilidades sociais. Destaca-se que ocorreram mais ausências (25) de habilidades sociais nas relações que foram observadas do que presença (12), sendo este um dado contrário ao resultado obtido no IHSA acerca do repertório de HS dos jovens jogadores. Entretanto, de acordo com Del Prette e Del Prette (2017b) as habilidades sociais apresentadas por um indivíduo modificam-se de acordo com o contexto em que se está interagindo.

Registrou-se maior número de interações referentes à classe de habilidades sociais assertivas (18) e em menor número as correspondentes à classe de HS acadêmicas (1). Não houve registro para a classe de HS solução de problemas interpessoais, entretanto, os comportamentos desta classe assemelham-se com os esperados na classe de HS de autocontrole e expressividade emocional. Nesse sentido a ocorrência de situações que demandavam habilidades desta última classe foram identificadas/registradas, para as quais os participantes demonstraram baixa emissão de autocontrole, pois na maioria das situações de conflito tanto os adolescentes, quanto a equipe técnica apresentaram condutas agressivas como: brigar, xingar, gritar, não esperar a vez para emitir sua opinião perante as dificuldades nas relações interpessoais.

**Tabela 6** - Categorização das HS observadas nas interações no campo

CLASSE DE HS	Nº DE INTERAÇÕES	PARTICIPANTES	AVALIAÇÃO	
			Ausência	Presença
Civildade	6	Pesquisadora e adolescente	2	3
		Treinador e adolescentes	1	0
Assertividade	18	Treinador e adolescentes	10	3
		Adolescentes	2	1
		Diretor e adolescente	2	0
Fazer amizade	5	Adolescentes	2	3
Empatia	3	Treinador e adolescentes	1	1
		Adolescentes	0	1
Autocontrole	4	Adolescentes	3	0
		Treinador e adolescentes	1	0
HS acadêmicas	1	Treinador e adolescentes	1	0
<b>TOTAL</b>			25	12

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Na classe de assertividade ocorreram mais interações entre os jovens jogadores e o treinador e ambos apresentaram mais ausência desta HS do que presença; os comportamentos dos jogadores nas situações de interação com o treinador caracterizou-se como passivo, pois com frequência a maioria dos jovens jogadores nem sequer respondiam ao treinador, nem mesmo quando solicitados. Conforme demonstra-se na situação relatada abaixo:

O treinador chamou atenção de um dos jogadores que é sempre muito quieto e passivo nas interações sociais na equipe; ele brigou com esse garoto porque o mesmo não chutou logo a bola em direção ao gol; o jogador não olhou para o treinador e, por isso, ele (treinador) ficou gritando insistentemente para que o garoto olhasse para ele e o respondesse, depois de algum tempo o jogador apenas

olhou em direção ao treinador e não falou nada (Observação de campo, 04/09/2019 as 15:20 no Campo do parque).

Sobre o comportamento passivo, é importante citar que caracteriza-se por condutas de retrair-se, isolar-se, omitir-se, submeter-se e similares podendo resultar em prejuízos relacionais e psicológicos para o indivíduo a médio e longo prazo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a), tais comportamentos foram identificados nas interações sociais no campo de estudo, em que a maioria dos jovens jogadores retraíam-se na interação com o diretor e com o treinador da equipe.

Destaca-se que após cerca de 6 meses do acompanhamento da equipe houve troca de treinador e no dia 07 de agosto ocorreu o primeiro treino com o novo treinador. Esta situação é importante de ser descrita, pois os comportamentos dos treinadores diferenciavam-se substancialmente; o primeiro emitia mais comportamentos agressivos (gritos) durante a comunicação com os meninos em relação ao novo treinador que apresentava uma postura assertiva, conversava mais e não se utilizava de gritos durante o treino.

Por exemplo, durante a segunda observação do trabalho do treinador novato notou-se que em um momento de concentração para um jogo-treino, ao final de suas instruções perguntou se algum dos jogadores ou o diretor gostariam de falar algo (“*Alguém quer falar alguma coisa? Quer falar alguma coisa diretor?*”). Enquanto que o treinador antigo emitia, na maioria das vezes, uma comunicação agressiva, exemplo: em um treino o treinador (antigo) estava irritado e falando com hostilidade, reclamando que os meninos têm que aprender a seguir as instruções, afirmando que: “*toda hora eu tenho que falar a mesma coisa, várias e várias vezes*”.

Especificamente, considera-se que a postura do treinador novato poderia favorecer nos jogadores o desenvolvimento de habilidades sociais de comunicação, como falar em público, comunicar-se e discutir ideias para a melhoria da equipe. Tendo em vista que a aprendizagem de comportamentos ocorre por meio das relações sociais desempenhadas nos contextos de vida dos indivíduos (DEL PRETTE; DEL PETTE, 2017a), ao dar oportunidade para que os jovens jogadores também se expressassem, automaticamente ele favoreceu o desenvolvimento de relações sociais igualitárias priorizando a qualidade das interações e a aprendizagem de comportamentos sociais benéficos.

Outro aspecto a ser abordado refere-se à aprendizagem das habilidades sociais por meio da observação dos comportamentos emitidos pelos outros (DEL PRETTE; DEL

PRETTE, 2017a). Nesse sentido, a situação também foi benéfica aos adolescentes, especialmente porque o treinador é uma figura de referência no ambiente do futebol, isto é, um modelo de condutas a ser seguido pelos jovens jogadores, influenciando-os diretamente na motivação e na aprendizagem de comportamentos sociais (SANCHES; RUBIO, 2011).

O treinador novato não ficou por muito tempo na equipe, após apenas 6 treinos o antigo treinador retornou, pois, era quem acompanhava a equipe desde o início das participações nos campeonatos. No ambiente de categoria de base do futebol em Santarém é comum haver nas equipes uma grande rotatividade entre treinadores e jogadores, um aspecto que pode ser prejudicial para o estabelecimento das interações sociais, pois de acordo com a teoria bioecológica para que os processos proximais se efetivem é necessário a ocorrência de um tempo consideravelmente estável de interação pessoa-contexto, assim há mais possibilidade de ocorrer reciprocidade nas relações (BRONFENBRENNER, 1999 *apud* NAVAZ; KOLLER, 2004).

Ainda sobre a assertividade, destaca-se que as interações sociais que tiveram ausência desta HS ocorreram principalmente entre os adolescentes com o treinador antigo, e as que foram apresentadas com desempenhos assertivos aconteceram entre o treinador novato e os adolescentes, sendo a assertividade emitida especificamente pelo treinador novato, uma vez que a maioria dos adolescentes permaneceram com a conduta passiva nas interações.

Neste sentido, em relação aos comportamentos dos adolescentes, na maior parte das interações efetivadas eles foram passivos (com o treinador) ou agressivos (entre si). Essa constatação diverge do resultado do IHSA que demonstrou a assertividade como terceiro fator mais desenvolvido no repertório de HS da maioria dos jovens jogadores (06).

Ressalta-se que a ausência de assertividade pode causar a diminuição da qualidade das relações, bem como contribui para a ocorrência de interações que enfraquecem a percepção da capacidade pessoal (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Considera-se um exemplo deste tipo de interação o relato de um dos jovens jogadores em uma conversa com a pesquisadora: *“eu sou considerado pelos professores (treinadores) como obediente, mas eu não acho isso, não é isso, eu faço tudo o que me mandam por medo de ousar, de errar e receber um ralho (crítica) do professor, por isso, eu faço tudo como ele manda”*(J08).

A partir do relato do adolescente fica expressa a “falta de confiança em si” característica que pode ser intensificada e/ou resultado da baixa frequência na emissão de comunicação assertiva entre ele e os treinadores da equipe frequentada. Pois, uma interação



acompanhada de críticas e comunicação agressiva acarreta prejuízos para autoestima e para a sensação de capacidade em si (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

A civilidade foi a segunda classe de habilidades sociais mais presente nas interações sociais observadas em campo o que pode estar relacionado com o obtido no IHSA em que a maioria dos participantes (05) obteve um repertório altamente elaborado nesse fator. Contudo, em três das seis interações registradas no âmbito da civilidade estas foram desempenhadas sem a presença de HS. Observou-se que os jovens jogadores se mostravam retraídos ao interagirem com a pesquisadora, especialmente durante as primeiras visitas quando ainda era uma pessoa desconhecida para eles; o fato continuou ocorrendo, ao serem cumprimentados pela pesquisadora muitos agiam como se a pesquisadora não estivesse presente, poucos respondiam, os que o faziam desviavam o olhar e falavam baixo.

De acordo com Nightingale e Fischhoff (2002) na adolescência o indivíduo encontra-se em uma fase de maior vulnerabilidade estando presente o sentimento de insegurança frente às mudanças que ocorrem (físicas, psicológicas e sociais), portanto, algumas habilidades ainda não estão desenvolvidas de forma adequada, além do mais, a exposição à pessoas fora do círculo de amizade pode acarretar em maior timidez e insegurança. Entretanto, ocorreram também interações sociais com presença desta HS; em uma situação o treinador elogiou a atuação dos jogadores e o comportamento de elogiar faz parte das HS de civilidade e das HS de empatia.

Sobre os resultados da classe de HS - Fazer amizade, notou-se que há na equipe um vínculo estabelecido, especialmente entre jogadores-jogadores. Alguns fatores protetivos e benéficos ao estabelecimento de amizade observados referem-se: ao contato do diretor com a família dos meninos (todos são autorizados pelos pais a participarem da equipe); ao contato do treinador com os jogadores que em momentos de descontração conversa com eles na expectativa de ter proximidade e fazer amizade. Embora em conversa informal tenha relatado à pesquisadora que nesses momentos busca cultivar amizade com eles como um meio de facilitar o trabalho com esses adolescentes. De todo modo, a formação de vínculos de amizade em contexto de práticas esportivas favorece a interação em grupos (SANCHES; RUBIO, 2014).

Nas relações entre adolescentes-adolescentes foi possível perceber que existem grupos de amizade formados por aqueles que estão há mais tempo na equipe e/ou se conhecem de outras equipes de futebol por quais já passaram. Nos resultados do inventário, os comportamentos que fazem parte desta HS encontram-se no Fator - abordagem afetiva, o

qual também foi bem avaliado no IHSA, mas surgiu na quinta posição, abaixo da maior parte dos fatores.

Outra constatação sobre a construção de vínculos de amizade no contexto do grupo pesquisado evidenciou-se durante as entrevistas. Quando questionados se os amigos que possuíam faziam parte do ambiente futebolístico, boa parte dos jogadores afirmou que desenvolveram grandes amizades através do esporte, as quais perduram há anos. Nesta perspectiva, o resultado evidencia que locais de práticas esportivas como as equipes de categoria de base do futebol, são facilitadores da construção e reafirmação de amizades, uma vez que os adolescentes compartilham a identificação com o futebol e nas interações sociais estabelecidas ocorrem conversas e diversões próprias da idade (ASSAD *et al*, 2013). Como se observa na fala de um dos adolescentes:

[...] as amizades [...] todas eu conheci através do futebol. Assim, quando eu não participava disso... assim quando eu jogava futsal... no futsal tinha poucas amizades, era mais no time, mas quando eu saí para campo foi quando eu comecei a fazer mais amizade dentro de campo e fora também; a gente sai para correr, a gente faz outras coisas também... assim, mas as minhas amizades são tudo através do futebol, foi o lugar das minhas amizades verdadeiras. (J07)

Entretanto, é notório que há uma divisão de grupos entre os jovens jogadores, pois com a grande rotatividade de adolescentes na equipe quase que semanalmente entram novos jogadores e muitos não se integram com facilidade; e os adolescentes de amizade já estabelecida desempenham pouca comunicação com os novatos, sendo até mesmo uma reclamação do treinador e diretor, uma vez que a falta de vínculo entre os jogadores pode acarretar prejuízos na comunicação durante o jogo.

Neste sentido, apesar da maioria ter preenchido no inventário e afirmado na entrevista que em situações sociais tem facilidade de fazer amizades, não foi observado nas visitas ao campo tais comportamentos ao receberem novos integrantes na equipe. Além disso, é importante evidenciar que o repertório comportamental de um indivíduo é correlacionado com características inatas, pessoais, dentre outras que podem exercer maior reatividade com os estímulos sociais, assim como há pessoas que tem baixa reatividade com o meio, portanto, também é necessário considerar tal informação na avaliação do retraimento observado em alguns jovens jogadores do estudo (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2017b).

Na classe empatia foram observadas 03 situações e em duas delas ocorreu a presença de empatia. Ressalta-se que durante todas as visitas ao campo desde o ano de 2018

foi comum perceber principalmente durante os jogos dos campeonatos que há muitos comportamentos relacionados ao *fair play* (exemplos, quando a equipe adversária ajuda um jogador adversário machucado, compartilhamento de água entre jogadores do outro time dentro de campo). De acordo com Ribeiro (2017) as atitudes de *fair play* demonstram a existência de empatia dentro do jogo, pois favorecem a manutenção do respeito entre as equipes dentro de uma competição.

Contudo, em várias situações durante a pesquisa empírica observou-se alta competitividade e agressividade entre os jogadores e as comissões técnicas das equipes que se envolviam em discussões e brigas durante campeonatos. Infere-se que esse tipo de conduta possui credibilidade no meio futebolístico sendo exigida dos jogadores em alguns momentos. Como ilustra a fala do treinador em uma das concentrações antes de um jogo-treino:

[...] vocês devem ser malandros, devem ser “jogador de futebol”, que tem que tratar sério, que se não quer ouvir palavrão ou ralhão não é para vim jogar, porque aqui eu não vou tratar vocês como adolescentes, mas sim como atletas (TREINADOR ANTIGO).

Constata-se que há na fala do treinador um direcionamento para que os meninos joguem com maior foco na competição, em ganhar e agir com “malandragem” como o mesmo ressalta, podendo ser uma situação que contribua para a ocorrência de condutas agressivas durante o jogo. Conforme Ribeiro (2017) um esportista deve manter um equilíbrio entre a vontade de vencer e a empatia, para que não perca de vista seu objetivo e o que o estimula a buscar melhorar dentro da competição, mas sem esquecer a necessidade de considerar o outro no jogo.

Além disso, ressalta-se que há por parte da comissão técnica exigências sobre o desempenho dos jogadores, uma vez que fica na equipe titular somente aqueles que participam semanalmente dos treinos e nos jogos conquistam seu espaço apresentando bons resultados. Dantas (2011) afirma que apesar desses adolescentes serem considerados aprendizes, acabam vivenciando uma rotina de treino e exigências que podem ser comparadas (em termos de esforços) com a de um jogador profissional, pois estão sempre em busca de destacarem-se nas competições. Contudo, de acordo com Amblard e Cruz (2017) as exigências vivenciadas por atletas de alto rendimento podem possibilitar o desenvolvimento de comprometimento, disciplina e responsabilidade com as próprias escolhas e comportamentos.

Outra habilidade social avaliada nas observações refere-se a de autocontrole e expressividade emocional, na qual foram constatadas apenas 04 situações e todas resultam na ausência desta HS no repertório comportamental dos jovens jogadores envolvidos nas interações. Salienta-se que a ausência de autocontrole nas interações sociais dos jovens jogadores no contexto futebolístico pode dificultar que o atleta apresente condições de regular-se diante de conflitos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012), sendo assim, aumenta a possibilidade de ocorrerem confusões nas relações sociais.

Sobre as habilidades acadêmicas foi observada apenas uma situação durante o treino:

Em relação aos meninos, observou-se que um deles comporta-se de maneira diferente dos outros, porque ele ouve atentamente as instruções do treinador, valida as instruções dadas e faz perguntas diretamente ao treinador quando tem alguma dúvida sobre como ele deve desempenhar as jogadas, os outros na maioria das vezes não param para prestarem atenção. (Observação de campo, 22/05/2019 as 15h no Campo do Parque da Cidade).

Nas subclasses das habilidades sociais acadêmicas existem comportamentos como: seguir regras e comandos orais, observar e prestar atenção, fazer e responder perguntas e etc. (DEL PRETTE; DEL PPRETTE, 2005), os quais podem ser constatados na situação observada em campo. Contudo, também foram percebidas situações em que os jovens jogadores não prestavam atenção aos comandos do treinador e ficavam conversando entre si.

Ressalta-se que o desenvolvimento das habilidades sociais ocorre por meio da interação dentro dos contextos sociais que o indivíduo faz parte, todavia, quando esses ambientes não favorecem a aprendizagem de HS provavelmente os interlocutores apresentarão déficits na emissão de habilidades sociais. Ressalta-se ainda, que o desenvolvimento das classes de HS contribuem para o processo de aprendizagem escolar do indivíduo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Por meio da análise das observações de campo constatou-se que no total foram registradas no roteiro 34 situações de interação social entre os jovens jogadores com treinadores e diretor, 25 dessas situações foram avaliadas com ausência de emissão de habilidades sociais e 12 com a presença de HS nas relações estabelecidas (Tabela 4). Esses resultados diferenciam-se da avaliação realizada por meio do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes-Del Prette, uma vez que sete, dos nove participantes, tiveram como resultado um repertório altamente elaborado ou elaborado de habilidades sociais e isso indica que nas relações sociais os mesmos deveriam apresentar um desempenho muito

satisfatório, entretanto, isso não foi observado nas interações desses jovens no campo investigado.

Destaca-se que as normas e regras dos contextos culturais implicam em mudanças nos comportamentos “esperados” ou “aceitáveis” em uma interação social, por exemplo, é comum observar em campeonatos gritos e palavrões entre os jogadores, comissão técnica e a torcida. Nesse contexto não há por parte dos envolvidos um estranhamento sobre essa conduta, entretanto, tal forma de se comunicar tem altas chances de não ser comum ou aceitável em outros ambientes de interação, como a escola, comunidade, trabalho, além de não ser benéfica para o desenvolvimento humano do indivíduo, uma vez que o desempenho destes comportamentos não favorece a construção/manutenção de relacionamentos com qualidade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Nesse sentido, é necessário considerar a existência de comportamentos que não são constituídos de habilidades sociais no ambiente do futebol, os quais são reforçados nas interações sociais estabelecidas, pois as trocas sociais passam a serem “controladas” pela competitividade existente entre as equipes e até mesmo entre atletas e treinadores que buscam o tempo todo destacarem-se, resultando na maior parte do tempo na emissão de comportamentos competitivos (FLEURY, 2004).

Portanto, com as observações das interações do contexto da categoria de base do futebol de Santarém-Pará, especificamente na equipe investigada, notou-se a existência de mais competição e exigência por alto desempenho, estando pouco relacionadas com aspectos educativos do esporte, sendo estes aspectos importantes para o desenvolvimento de habilidades sociais (SANCHES; RUBIO, 2011). Deste modo, o resultado do IHSA pouco se relaciona com as observações de campo.

Contudo, nos relatos das entrevistas que serão apresentadas a seguir os jovens jogadores verbalizaram que emitem vários comportamentos que indicam a presença de habilidades sociais nas relações, mas quando questionados sobre o que imaginam que os “*colegas fariam*” na situação-problema perguntada, as respostas indicaram mais ausência de habilidades sociais.

Portanto, a avaliação que fazem dos próprios comportamentos são mais positivas em relação as que realizam sobre os desempenhos dos colegas e as informações que relataram sobre os comportamentos dos colegas estão de acordo com as interações que foram observadas no campo de estudo. Neste sentido, tais relatos serão apresentados no

próximo tópico por meio dos quadros de análise da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado.

### **5.3 Análise das Unidades de Significado**

Os dados que serão apresentados foram construídos a partir da aplicação do roteiro de entrevista constituído de 10 situações-problema divididas entre as 07 habilidades sociais consideradas importantes para a adolescência, a saber: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizade, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). A partir das situações-problema realizou-se duas perguntas: a) O que você faria nessa situação? b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?

Nas situações-problema foram apresentadas um ou dois exemplos de casos que podem ocorrer no contexto futebolístico com intuito de identificar quais os comportamentos apresentados pelos adolescentes ao enfrentar tais situações e, conseqüentemente, quais possíveis habilidades sociais são emitidas nessas trocas interpessoais, ou seja, as situações foram elaboradas visando serem demandas para a emissão de comportamentos esperados (habilidades sociais) e/ou desejados nas relações interpessoais.

Os resultados das entrevistas foram analisados mediante a Técnica de Elaboração e Análise de Unidade de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005). Cada situação-problema gerou um quadro de unidades de significado elaboradas a partir da análise das respostas dos entrevistados. Deste modo, os resultados das entrevistas serão apresentados destacando-se as unidades de significado obtidas em cada classe de habilidades sociais averiguada com auxílio das situações-problemas.

#### **➤ HABILIDADE SOCIAL: Autocontrole e expressividade emocional**

A habilidade social de autocontrole e expressividade emocional é importante para que o indivíduo reconheça suas emoções e consiga autorregular-se, inibindo condutas impulsivas durante as relações interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Para avaliar essa classe de habilidades sociais utilizou-se a situação-problema descrita no Quadro 7.

**Quadro 7** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema da classe autocontrole e expressividade emocional

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> O seu time está disputando a final de um campeonato e durante o jogo você comete uma falta e os jogadores da equipe adversária vão para cima de você de maneira agressiva, reclamando e gerando uma grande confusão.					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Me afastaria	J01, J02, J03, J04, J05, J07, J08	77,8%	Iriam reagir	J03, J04, J05, J07, J08, J09	66,7%
Me acalmaria	J02, J04, J05, J06	44,4%	Agredir e xingar o adversário	J03, J05, J07, J08, J09	55,5%
Pediria desculpa	J03, J08, J09	33,3%	Tentam manter o respeito	J01, J04, J05, J06	44,4%
Tento evitar a briga	J07, J06, J09	33,3%	Iam defender o colega	J01, J02, J05, J07	44,4%
Não sou de brigas	J01, J07	22,2%	Deve respeitar as regras	J02	11,1%
Fico na minha	J04, J08	22,2%	Pressionaria e juiz para dar cartão	J07	11,1%
Deixo o capitão resolver	J07	11,1%			
Receberia o cartão amarelo e voltava a jogar	J01	11,1%			

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

A partir das respostas sobre **o que eles fariam** na situação surgiram 08 unidades de significados que demonstram a ocorrência de comportamentos como autocontrole, dado que se diferencia das observações de campo. Entretanto, nas respostas referentes **ao que eles imaginam que os colegas fariam** na mesma situação-problema surgiram duas unidades contrárias as primeiras e apontam para a ausência da HS de autocontrole e expressividade emocional, que são as unidades: *“iriam reagir e agredir”* e *“xingar o adversário”*, sendo essas as unidades de significados que se destacaram nas respostas dos jovens jogadores - (destaca-se que tais condutas foram observadas nas visitas a campo). Portanto, houve diferença nas respostas entre a avaliação que fazem dos próprios comportamentos e a avaliação que fazem das condutas dos colegas.

Conforme as Unidades de Significados (Quadro 7) 77,8% dos jovens jogadores diante da situação de conflito relataram que buscam *“afastar-se”* e 44,4% tentam *“acalmar-se”* para evitar a ocorrência de brigas durante o jogo, alegando não gostarem de confusões e/ou evitam para não prejudicarem a equipe com punições nos campeonatos.

Bom, como eu não sou muito de brigas, essas coisas...muita confusão, eu só viraria de costa e sairia (J01)

[...] o que eu faria, eu procuraria me afastar, me acalmar, sair de perto porque muitas vezes dá muita confusão (J02)

[...] é na verdade isso já aconteceu, mas tipo eu procurei, quando aconteceu, eu procurei sair fora da confusão para não prejudicar meu time (J05).

A conduta de afastarem-se diante de conflitos desse tipo pode possibilitar que os jovens jogadores não ajam com impulsividade, de acordo com Del Prette e Del Prette (2017a) isso acontece quando o indivíduo desempenha autocontrole nas interações, pois afastam-se e segundo os relatos procuram recorrer a outras alternativas para resolver a situação de conflito, como quando afirmam que: *deixo o capitão do time resolver tudo [...] deixaria a opinião do capitão pra falar com o juiz para parar a briga (J07); [...] eu acionaria o juiz que é o que o único que pode conter a situação (J09)*. Além disso, afirmaram que “*tentam evitar a briga*” e que “*pediriam desculpa ao adversário*”, sendo estes comportamentos pertencentes à outras classes de habilidades sociais (civildade, assertividade).

Para Del Prette e Del Prette (2017a) o desenvolvimento de autocontrole é necessário para a aprendizagem de vários conjuntos de HS, como a assertividade, empatia, solução de problemas interpessoais. Neste sentido, nas práticas esportivas é comum ocorrer um contraste, pois assim como podem incentivar o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais<sup>5</sup> também podem exercer influências na emissão de condutas agressivas incentivadas pela competitividade ou desejo de vencer (MOURA, 2014). Portanto, também surgiram unidades de significado em que expressam a existência de comportamentos benéficos para as relações sociais, que são: *tentam manter o respeito, iam defender o colega e deve respeitar as regras*.

#### HABILIDADE SOCIAL: Civildade

Nesta classe foi constatada a presença de comportamentos sociais de outras habilidades sociais, como a classe de **Fazer Amizades** com “*procura conhecer e fazer amizade*” e a classe **Empatia** com “*ajudar*”. Neste sentido, durante o procedimento de análise observou-se que a situação construída para avaliar a classe de HS de civildade mostra-se também e muito mais eficaz para a investigação de comportamentos referentes às classes **Fazer Amizades** e **Empatia**.

---

<sup>5</sup> Comportamentos que favorecem as pessoas ou grupos a terem relações interpessoais mais recíprocas e positivas (FERNANDES; MONTEIRO, 2016).



**Quadro 8** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema da classe civilidade

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> No time que você treina tem alguns garotos mais novos que ainda estão desenvolvendo as habilidades específicas, as técnicas e táticas do jogo de futebol, em um determinado jogo-treino você observa que um deles está se saindo melhor.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Incentivo	J03, J04, J05, J07	44,4%	Incentivam	J03, J04, J05, J06, J07	55,5%
Ajudar	J03, J06, J09	33,3%	Elogiam	J01, J04, J07	33,3%
Elogiar	J01, J07	22,2%	Conversam com o técnico	J02, J09	22,2%
Indicaria ele para o técnico	J02, J08	22,2%	Criticism	J07, J08	22,2%
Procura conhecer e fazer amizade	J01, J07	22,2%			
Prioriza o grupo	J09	11,1%			

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Nas respostas da pergunta sobre **o que fariam na situação** foram identificadas 6 unidades de significados, destacando-se a unidade “*Incentivo*”; e sobre **o que imaginam que os colegas fariam**, surgiram 04 unidades de significados, a maioria com resposta que concorda com as da pergunta anterior sobre **o que fariam**.

Salienta-se que a classe das habilidades de civilidade é constituída de comportamentos como: “Cumprimentar e/ou responder a cumprimentos, pedir “por favor”, agradecer, desculpar-se, fazer e aceitar elogios e outras” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 28). Neste sentido, nos resultados desta unidade constatou-se apenas a presença da HS “*elogiar*” como parte da civilidade. Portanto, considera-se que condutas como “cumprimentar” ou “agradecer” não foram possíveis de serem avaliadas por meio da situação-problema utilizada.

A unidade “*prioriza o grupo*” reflete o trabalho em equipe que é desenvolvido em função da melhoria dos atletas no jogo, portanto nota-se nas respostas que os jovens jogadores procurariam apoiar o colega, ajudando, incentivando, elogiando, indicando-o para o técnico e ainda procurariam fazer amizade, tais comportamentos quando emitidos resultam em construção de vínculo dentro da equipe.

Eu acho que eu ajudaria ele a melhorar mais, porque eu acho que aqui é um grupo, que a gente deve estar sempre priorizando o melhor da gente, do futebol, do grupo em si, mas não do individualismo (J05).

Ressalta-se que as relações estabelecidas neste contexto e constituídas pelas condutas referidas pelos jovens jogadores podem atuar como modeladoras no desenvolvimento afetivo e cognitivo dos envolvidos (VERISSÍMO; SANTOS, 2008), pois ao buscarem ajudar e incentivar o colega estão desempenhando relações que estimulam a atenção, exploração e vinculação, desenvolvendo uma reciprocidade nos relacionamentos entre a equipe (DINIZ; KOLLER, 2010).

Nesta perspectiva, as atividades realizadas pelas pessoas que estão nos contextos imediatos de interação do indivíduo ou as desempenhadas em sua presença são consideradas como principais eventos ambientais que afetam o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2011). Portanto as relações estabelecidas dentro do contexto futebolístico influenciam mudanças importantes nos comportamentos dos jovens jogadores e conseqüentemente ao desenvolvimento humano.

Entretanto, também surgiu a unidade “*criticam*” que diferencia-se das demais e aponta a presença de críticas quando o outro não tem um bom desempenho nos treinos ou jogos: [...] *quando a pessoa entra no time no treino a gente até critica... porque não acerta o passe (J07); meus colegas, eles já são tipo menos sem paciência [...] a maioria é tudo esquentado (J08)*. Salienta-se que nas observações de campo constatou-se que durante treinos e jogos os atletas criticavam o desempenho uns dos outros quando erravam dentro do campo.

Ressalta-se que as críticas em uma relação são necessárias, e fazem parte da classe de assertividade, mas para que seja caracterizada como uma HS e constituída de competência social a emissão da crítica deve ser realizada com as seguintes características: “falar em tom de voz pausada e audível, manter contato visual sem ser intimidatório, dizer o motivo da conversa, expor a falha do interlocutor, pedir mudança de comportamento” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 28). Entretanto, no campo foi observado que os jovens criticavam uns aos outros ou recebiam críticas do treinador por meio de gritos e de maneira agressiva.

Contudo, cabe citar que a subclasse “*elogiar*” está presente nas unidades das duas perguntas realizadas para avaliar civilidade; é importante destacar que as habilidades sociais são conjuntos de comportamentos que dependem do desenvolvimento de um para que outros ocorram, por exemplo, para que o indivíduo desempenhe assertividade em suas

relações é necessário que em seu repertório tenha desenvolvido a empatia (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a), uma vez que na comunicação assertiva é imprescindível que se considere as próprias necessidades e as do outro. Deste modo, será apresentada a seguir as unidades referentes à classe da empatia.

#### HABILIDADE SOCIAL: Empatia

Para avaliar a emissão de comportamentos da classe empatia utilizou-se duas situações-problema, apresentadas nos quadros com as respectivas unidades de significado, na primeira situação surgiram 07 unidades de significados sobre **o que fariam**, as quais dialogam com os comportamentos que demonstram empatia, tais como “*falaria para levantar a cabeça*”, “*conversar e consolar*” e “*incentivar*”, evidenciando a emissão de comportamentos empáticos nos jovens jogadores em situações que demandam a presença dessa habilidade.

Nas respostas sobre **o que os colegas fariam** surgiram 09 unidades de significados, as quais concordam com as ideias apresentadas nas respostas anteriores sobre **o que faria**, nas quais comportamentos como “*conversar*”, “*incentivar*” e “*motivar*” se sobressaíram, como pode ser constatado no Quadro 9, a seguir:

**Quadro 9** – Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe empatia

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> No intervalo do jogo um dos seus colegas recebeu muitas críticas do treinador que o apontou como o principal culpado para o time estar mal no jogo, no mesmo momento o garoto abaixou a cabeça e demonstrou ter ficado abalado com as acusações.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Falaria para levantar a cabeça	J01, J03, J05, J06, J07	55,5%	Iam apoiar e incentivar	J02, J03, J06, J08, J09	55,5%
Conversar e consolar	J02, J04, J05, J08, J09	55,5%	Iam conversar	J01, J05, J06, J07	33,3%
Incentivar	J02, J04, J07	33,3%	Iam motivar	J01, J05, J07	33,3%
Para o futebol tem que ter confiança	J01, J02, J09	33,3%	Uns criticam e outros motivam	J02, J03, J07	44,4%
Conversar com o treinador	J01, J04, J08	33,3%	Tenta levantar a autoestima	J01, J05	22,2%
A gente tem	J01	11,1%	A falha é de todos	J01, J06	

que aprender a lidar com essa emoção					22,2%
Ajudar	J01	11,1%	Chamavam o professor para conversar	J06, J08	22,2%
			Ajudar	J05, J07	22,2%
			Trazemos ele para perto de nós	J06	11,15

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Ressalta-se que por meio dos relatos dos jovens investigados e das observações de campo realizadas, nota-se a presença da emissão de empatia nas interações entre eles e os colegas de equipe, uma vez que afirmaram que apoiam uns aos outros e foi observado em campo situações em que os jovens jogadores ofereciam ajuda aos colegas, especialmente, quando se machucavam. De acordo com Del Prette e Del Prette (2013) todas as classes de habilidades sociais são fundamentais para que o indivíduo consiga ter resultados favoráveis nas interações que estabelece, entretanto, os autores ressaltam que há maior preocupação de pais e educadores em desenvolver classes específicas de HS e entre elas encontram-se as habilidades empáticas.

Nas observações percebeu-se que as equipes ajudam os adversários de maneira automática (*fair play*) quando se machucam ou dividem a água entre os jogadores de equipes adversárias dentro de campo, porém, nas situações que envolvem competição e sair ganhando os jovens jogadores e equipe técnica não mostram-se empáticos e priorizam sempre ganhar, mesmo que para isso seja necessário entrar em conflitos.

No esporte, a presença e aprendizagem pelos atletas de comportamentos competentes dependem dos valores e filosofia adotada pela equipe, uma vez que a cultura de um contexto direciona as práticas que serão desempenhadas pelos participantes (MOURA, 2014; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b). Deste modo, considera-se necessário que as condutas empáticas emitidas no contexto investigado sejam reconhecidas e fortalecidas pelos treinadores e diretores que são as figuras de referência da equipe e que direcionam as regras e filosofia adotadas.

Sobre isso, Ross e Sophia (2010 apud Moura, 2014) realizaram um estudo investigando a precisão empática entre treinadores e jogadores, no qual foi constatado que treinadores de esportes individuais obtém maior nível de empatia em relação a treinadores de esportes coletivos. Notou-se nas observações que o treinador principal incentiva muito

mais os jovens jogadores a desempenharem comportamentos competitivos (empurrar discretamente o adversário, “*agir na malandragem*”) em detrimento às condutas constituídas de empatia, respeito, cooperação e etc. De acordo com Sanches e Rubio (2011) no futebol as cobranças por bons desempenhos são o principal foco de trabalho com os jogadores e pouco se direciona para a preocupação com o bem-estar deles.

Nesta classe também surgiram duas unidades que retratam alguns aspectos esperados e cobrados dentro do contexto futebolístico, a saber: *a gente tem que aprender a lidar com essa emoção (desânimo) e no futebol tem que ter confiança*. Couto (2012) afirma que nas vivências e percursos no ambiente do futebol – buscando ingressar na carreira profissional – ocorrem situações de competitividades e cobranças que podem ocasionar desajustamentos emocionais e psicológicos nos jovens atletas.

Portanto, nessas unidades percebe-se a presença dessas exigências, as quais fazem esses adolescentes efetuarem autocobranças prejudiciais para seu desenvolvimento físico, cognitivo e social, como evidenciou o estudo de Almeida Neto e Santos (2015), em que crianças que visam a carreira futebolística afirmaram que para ser um “bom atleta” é necessário suportar e conviver com dores e cobranças por desempenhos.

Na segunda situação-problema (Quadro 10) utilizada para avaliar esta classe de habilidade social, as respostas sobre **o que fariam** deram origem a unidades de significado como: “*conversar*”, “*incentivar*”. Deste modo, constatou-se que os jovens jogadores desempenham na relação entre si condutas que se referem à expressar compreensão e apoio ao outro, podendo favorecer a ocorrência de empatia nas interações neste contexto esportivo, portanto, os vínculos afetivos dentro desses espaços podem ser desenvolvidos e fortalecidos pelos objetivos em comum que esses adolescentes têm no futebol.

Neste sentido, uma outra unidade que surgiu nesta classe foi: *Futebol é minha vida, sem futebol não tinha sentido minha vida*, a qual evidencia o papel do futebol na vida desses adolescentes – assim como já foi evidenciado nas discussões na subseção acima – quando um deles afirma que:

O jogo (risos) cara, o futebol é alegria, futebol é diversão, futebol é tudo, futebol é maravilha, *futebol é minha vida para tu ter uma ideia, eu vivo o futebol, eu acho assim que sem o futebol não tinha sentido a minha vida* (J01).

Percebe-se que a constituição da identidade desses adolescentes está imbricada ao contexto futebolístico, pois dispõem ao futebol muitas expectativas, sonhos e metas para a vida. Couto (2014, p. 33) discorre que os esportes em geral despertam entusiasmo e

“sentimentos coletivos de identidade de pertença”; as relações firmadas nesse ambiente interferem na construção da identidade e no modo de agir dos indivíduos (GONÇALVES, 1994). De acordo com Ampuro, Alces e Cárdenas (2004) a construção da identidade tem um caráter individual e social, pois implica em características do próprio eu e do outro (família, pares, instituições e comunidade), portanto, a identidade relaciona-se com o pertencimento aos contextos sociais e o “laço social ocupa um lugar fundamental na construção da identidade, particularmente no decurso da adolescência” (AMPURO; ALCES; CÁRDENAS, 2004, p. 13).

Neste sentido, o esporte é considerado uma ferramenta benéfica para o desenvolvimento de autoconceito e identificação de competências pelos jovens jogadores, proporcionando o reconhecimento de si próprio e atuando como contexto que desempenhará interferências na constituição da identidade e, logo, do repertório comportamental dos jogadores (ABI-EÇAB, 2017).

Ademais, ressalta-se que a maior parte das unidades que emergiram na pergunta **o que eles fariam** refere-se a aspectos ou situações próprias do ambiente futebolístico, como: “diria para deixar os problemas de casa fora de campo” e outra “chamaria atenção dele para ele se ligar no jogo”, evidenciando as cobranças exercidas no futebol. Emergiu também a unidade “jogadores ficam triste por conta de críticas de parentes”, ressaltando que a falta de apoio familiar acarreta em prejuízos emocionais para esses jovens. Bronfenbrenner (2011) discorre que a família é o principal microssistema e as relações nela vivenciadas são bastante significativas para o desenvolvimento humano.

**Quadro 10** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe empatia

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> No jogo decisivo de um campeonato disputado pelo seu time você percebe que um de seus colegas está cabisbaixo e apresentando um baixo desempenho.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Conversar	J01, J02, J05, J08	44,4%	Incentivam e motivam	J01, J05, J06, J07, J08	55,5%
Dá incentivo	J01, J05, J06, J08	44,4%	Conversaria	J01, J02, J07, J08	44,%
Esperar o intervalo e perguntar o que tinha acontecido com ele, pra mim poder saber, porque isso não é	J01, J04, J07	33,3%	Perguntariam o que está acontecendo	J01, J02, J05	33,3%

normal					
Chamaria atenção dele para ele se ligar no jogo	J03, J09	22,2%	Ralham e brigam	J03, J09	22,2%
Diria para deixar os problemas de casa fora de campo	J05, J09	22,2%	Ajudar	J02, J07	22,2%
Jogadores ficam triste por conta de críticas de parentes	J06	11,1%	Pedir concentração	J02, J05	22,2%
Fala para o treinador tirar ele do jogo	J02	11,1%	Traria para perto de nós	J06	11,1%
Futebol é minha vida, sem futebol não tinha sentido minha vida	J01	11,1%	O time depende de todos os jogadores	J08	11,1%
			Já cheguei num jogo mal, mas ninguém falou nada	J08	11,1%
			Pedir calma	J09	11,1%
			Criticam	J06	11,1%

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Quando questionados sobre **o que imaginam que os colegas fariam** surgiram 11 unidades de significados, em que novamente “*conversar*” e “*incentivar e motivar*” apareceram como principais. Contudo, emergiram também unidades com ideias diferentes destas, tais como: *ralham e brigam*, *criticam*, *pedir concentração* e *já cheguei num jogo mal, mas ninguém falou nada*.

A presença de empatia no repertório de um indivíduo facilita que reconheça as emoções emitidas pelo outro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a), portanto, a unidade “*já cheguei num jogo mal, mas ninguém falou nada*” pode indicar a ausência de empatia na relação dos colegas de equipe com este jovem jogador.

[...] Mas tipo já aconteceu de eu chegar no jogo mal e tal por ter trazido coisa pessoal para o jogo, [...] mas tipo ninguém chegou e falou assim para mim (risos) ... eu não sei nem se eles perceberam também (J08).

Conforme Ribeiro (2017) a ausência de empatia nas interações pode resultar na diminuição de comportamento de respeito e compreensão ao próximo. No entanto, dos relatos do participante J06 emergiu a unidade “*traria para perto de nós*”, evidenciando a preocupação dos jogadores em desenvolver proximidade entre a equipe para fortalecer o desempenho em jogo, como indicado na unidade: *o time depende de todos os jogadores*.

Assad *et al* (2013) ressalta que por meio do esporte o indivíduo tem a possibilidade de desenvolver valores como cooperação que podem ser transferidos para outros ambientes de interação.

Salienta-se que a comunicação é uma das classes de habilidades sociais consideradas essenciais para as relações e Del Prette e Del Prette (2017a) descrevem três tipos de comunicação, que são: agressividade, assertividade e passividade, sendo a assertividade uma HS e as outras caracterizam-se como comportamentos concorrentes que resultam em prejuízos nos relacionamentos e na ocorrência de danos psicológicos para os indivíduos envolvidos na relação. Deste modo, também foi avaliada a assertividade dos jovens jogadores em uma situação que demanda o enfrentamento de risco na relação com a comissão técnica.

#### HABILIDADE SOCIAL: Assertividade

Na classe assertividade utilizou-se uma situação-problema que demanda a emissão de comportamentos de enfrentamento, como: discordar, expressar raiva e desagrado e etc. Dentre as 11 unidades que surgiram na pergunta sobre **o que fariam** a maioria refere-se a comportamentos não-assertivos, pois conforme as repostas, os participantes não expressariam na ocasião seu desagrado, como quando afirmam que: “*pensaria se realmente estava fazendo o meu melhor*”, “*ficaria chateado*”, “*não falaria nada*”, “*baixaria a cabeça e ficaria na minha*”, “*difícilmente discordo do treinador*”. E na questão sobre **o que os colegas fariam** emergiram 12 unidades de significados, nesta ficaram mais evidentes comportamentos de discordar do treinador, sendo a unidade “*discutem*” a que mais apareceu nas repostas.

**Quadro 11** - Unidades de Significado elaboradas a partir das repostas obtidas na situação-problema referente à classe assertividade

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> Durante o treino semanal o treinador lhe acusa de estar errando os passes, cruzamentos e finalizações de propósito, alegando ainda que você não está se esforçando e que está sem interesse para treinar. Entretanto, você não concorda com ele e acredita que está fazendo o seu melhor durante o treinamento.					
<b>Unidades de Significado</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>



Melhorar a cada jogo	J01, J02, J03, J07	44,4%	Discutem	J01, J02, J03, J06, J07, J08, J09	77,6%
Baixaria a cabeça e ficaria na minha	J02, J03, J07, J09	44,4%	Ficam chateados	J02, J03, J07, J09	44,4%
Não falaria nada	J01, J04, J08	33,3%	Aceitam a critica	J03, J04, J05	33,3%
Difícilmente discordo do treinador	J02, J07, J08	33,3%	Tentam melhorar	J04, J05, J07	33,3%
Converso com ele	J05, J08	22,2%	Discordam	J01, J03, J08	33,3%
Ficaria chateado	J01, J02	11,1%	São cabeça quente	J07, J08	22,2%
Pensaria se realmente estava fazendo o meu melhor	J01	11,1%	Direcionam a palavra para o treinador	J02, J08	22,2%
A gente não é perfeito	J01	11,1%	Saem do time	J03, J04	22,2%
Ia debater	J06	11,1%	Acho um desrespeito com o atleta e com o treinador	J01	11,1%
Entra num acordo e resolve o problema	J06	11,1%	Falam mal do treinador	J05	11,1%
Acho feio quando os colegas respondem para o professor	J08	11,1%	Não tem calma para pensar	J08	11,1%

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Neste ponto, durante as observações de campo era comum ocorrerem situações em que os meninos permaneciam calados quando o treinador ou o diretor “chamava atenção” deles, até mesmo em situações que eram solicitados a se expressarem a maioria não se manifestavam. Ressalta-se que a maior parte dos registros realizados nas observações foi de situações que demandavam a emissão de comportamentos assertivos do treinador e dos jovens jogadores, porém o que se observou com frequência foi a ausência de assertividade na comunicação entre eles.

Sehnm e Cruz (2015) afirmam que há por parte de pais e professores ausência de encorajamento para que crianças e adolescentes se expressem, resultando na baixa emissão de comportamentos assertivos e ausência de HS assertivas em seus repertórios. Tais aspectos foram percebidos nas relações entre os jovens jogadores e o treinador, pois quando os adolescentes expressavam algo no treino, geralmente eram punidos pela comissão técnica.

Sanches e Rubio (2011), Rocha e Monteiro (2012), Ribeiro (2017), Sehnem e Cruz (2015) concordam que é mais provável que o esporte favoreça o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais quando suas práticas estão mais atreladas a aspectos educativos do que competitivos, entretanto, como já mencionado, foi comum observar que na equipe da categoria de base investigada predomina a competição, fato que corrobora com parte dos resultados encontrados, especialmente com aqueles em que há baixa emissão de comportamentos habilidosos ou ausência deles.

Conforme Branco e Ferreira (2006) ausência de assertividade nas interações sociais com maior presença de passividade pode ocasionar ao indivíduo autoimagem negativa, frustração e autodepreciação. Enquanto que com maior presença de agressividade pode resultar na perda da qualidade das relações e no prejuízo da autoestima e autoimagem dos envolvidos na relação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Neste sentido, é possível notar que nas unidades em relação ao que eles faziam, as respostas indicaram muito mais presença de condutas passivas, e nas unidades sobre o que imaginam que os colegas faziam, surgiram mais respostas referentes à presença de agressividade nos comportamentos emitidos pelos jovens jogadores, mais uma vez, indicando diferença entre a avaliação que fazem de si e dos colegas de equipe.

Destaca-se que ser assertivo é saber expressar seus sentimentos, direitos e discordâncias sem desrespeitar, magoar ou agredir o outro (MOREIRA, 2016). Deste modo, nessas unidades ficaram evidenciados comportamentos que podem ser classificados como não assertivos, pois os participantes durante as entrevistas afirmaram que as atitudes dos colegas são de discutir, ficar chateados e/ou sair do time. Também surgiram unidades que se referem a comportamentos passivos dos jovens jogadores, tais resultados correspondem com as observações de campo realizadas, uma vez que os adolescentes apresentavam durante suas interações condutas passivas ou agressivas.

Apesar da infância e adolescência serem fases importantes para a aprendizagem de condutas que se repercutirão para a vida adulta, é possível que no decorrer de toda a vida o indivíduo consiga desenvolver comportamentos mais satisfatórios para suas relações sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Dessa forma acredita-se que os déficits em HS apresentados pelos jovens jogadores dentro do contexto futebolístico podem ser superados, especialmente porque o desenvolvimento humano é um processo contínuo desencadeando mudanças biopsicológicas e comportamentais no indivíduo no decorrer de toda a vida (BRONFENBRENNER, 2011).

Considerando-se que no futebol existem agressividades que fazem parte do jogo, as quais constituem a luta de forças entre a vontade de vencer e a empatia (RIBEIRO, 2017). Há no esporte um espaço para a expressão de condutas violentas que direcionam a competição e o desejo de vencer, os quais dentro dos limites, e não confundindo com violência, são esperados e necessários para se manter a qualidade do desempenho dos atletas (TRUSZ, 2018; RIBEIRO, 2017). Portanto, assim como no esporte se desenvolve vínculos de amizades e relações sociais que contribuem com a aprendizagem de comportamentos sociais benéficos (cooperação, respeito, amizade etc.) para as interações, há também a ocorrência de condutas agressivas próprias do jogo, como foi evidenciada no relato de um dos participantes:

[...] Assim, muitos ficam chateados porque a briga ocorreu dentro de campo e quando o jogo acaba eu tenho minhas amizades fora, dentro de campo eu não tenho nenhum amigo [...] tipo se for para mim chegar com treinador e o treinador falou... pega chega e bate aquele ali, ele pode ser meu irmão, eu vou fazer o que o treinador mandar. Então eu vou lá chegar e bater ele, mas quando acabar o jogo eu vou lá, peço desculpa aí converso com ele normal, ele pode até ficar chateado comigo, mas é eu tô fazendo o meu papel, o que o treinador mandou [...] (J07).

Deste modo, no relato é possível constatar que a competição exercida nesse contexto prejudica a emissão de comportamentos pró-sociais, portanto, é necessário haver um equilíbrio nos relacionamentos desempenhados dentro do esporte. Além disso, deve haver por parte de treinadores e/ou comissão técnica em geral clareza sobre a diferença entre a competição e a violência ao trabalhar com os adolescentes, uma vez que os comportamentos aprendidos dentro do ambiente esportivo podem ser transferidos para outros contextos e ao ser ensinada e reforçada a emissão de condutas violentas, possivelmente o adolescente buscará sempre ou na maioria das vezes resolver as situações por meio de agressão/violência.

Contudo, ressalta-se que a competitividade vivenciada no meio esportivo não deve ser vista apenas como um viés negativo, pois dependendo de como ela é trabalhada dentro do campo pode proporcionar que o atleta aprenda a construir estratégias de jogo, cooperação, ajuda, amizade e resolução de conflitos (SANCHES; RUBIO, 2014). Neste sentido, serão apresentadas a seguir as unidades de significados referente a classe de habilidade sociais de fazer amizades.

## HABILIDADE SOCIAL: Fazer amizades

Para avaliação desta classe de HS utilizou-se apenas uma situação-problema. Nas respostas dadas à pergunta **O que você faria nessa situação?** obteve-se 10 unidades de significados, dentre estas as unidades “*fariam ele se enturmar*” e “*conversaria*” foram as mais convergentes entre os jogadores indicando presença de HS de fazer amizade.

**Quadro 12** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema referente à classe fazer amizades

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> Em um dia de treino o diretor apresenta um novo integrante ao time e você percebe que o menino está tímido e não conversa com ninguém.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Faria ele se enturmar	J01, J03, J04, J07, J09	44,4%	Conversar	J02, J03, J05, J07, J08, J09	66,6%
Conversaria	J02, J03, J07, J09	44,4%	Criar amizade	J01, J02, J05, J06, J07	55,5%
Tem que ter união	J01, J04, J08	33,3%	Manda se entrosar / enturmar	J02, J03, J09	33,3%
Novatos são tímidos	J02, J07, J08	33,3%	Uns vão até o menino, outros não	J04	11,1%
Fazer amizade	J05, J08	22,2%	Ficam só olhando	J07	11,1%
Jogador separado do grupo pode prejudicar o time em campo	J01, J02	11,1%	Minhas amizades são todas do futebol	J07	11,1%
Somos um time	J01	11,1%	Só falam se o menino jogar bem	J08	11,1%
Todo mundo se apoia	J01	11,1%			
Não chegaria	J06	11,1%			
Esperaria o grupo se entrosar	J06	11,1%			

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Nota-se que apenas as unidades: “*novatos são tímidos*”; “*não chegaria*” e “*esperaria o grupo se entrosar*” referem-se à ausência de HS de fazer amizade. Para as respostas da pergunta **O que você imagina que os seus colegas fariam nessa situação?**, emergiram 07 unidades e a maioria expressa que as condutas dos jovens jogadores se direcionam para o estabelecimento de vínculos de amizade entre os atletas.

Conforme as unidades, apresentadas no Quadro 12, percebe-se que na equipe investigada são desenvolvidos vínculos de amizade entre os jovens jogadores, os quais são

benéficos para o desenvolvimento humano. Souza (2010) afirma que o envolvimento com o esporte proporciona a construção de relações mútuas muito importantes na vida de crianças e adolescentes. Portanto, as vivências no contexto esportivo propiciam aos jovens jogadores o desenvolvimento de relações que podem contribuir para aprendizagem do trabalho em grupo e estabelecimento de novas amizades, como expressam as unidades: *jogador separado do grupo pode prejudicar o time em campo, tem que ter união, somos um time e todo mundo se apoia*.

De acordo com Del Prette e Del Prette (2017a) fazem parte da classe de HS “Fazer Amizade” desempenhos como: iniciar conversação, apresentar informações livres, ouvir/fazer confidências e demonstrar gentileza. Destaca-se a presença, nas unidades de significado encontradas para essa classe de HS, de dois desses comportamentos: *iniciar conversa* e *fazer amizade*, evidenciando que é comum ocorrer entre atletas a formação de vínculos de amizade e relação de companheirismo (SANCHES; RUBIO, 2014).

Nos relatos foi evidenciado que a maioria das amizades dos jovens investigados foi construída no meio esportivo, produzindo possibilidades de interação com novas pessoas, mudanças a nível pessoal e coletivo nos jovens jogadores, além de fomentar o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2011; AQUINO, 2010). Dessa forma, também possibilitaram desenvolver a capacidade de trabalho em grupo, a diminuição da timidez e o aumento da segurança em si diante das relações sociais.

[...] assim, eles chegam, eles falam com jogador, eles conversam, eles falam que posição joga... qual a idade... que seja bem-vindo à equipe [...] tem, sempre tem um grupo unido, sempre tem um grupo conversador principalmente para tirar a timidez do jogador, aí trazer ele para o campo, tipo uma união acho que assim que é o futebol...(J05).

No relato é possível constatar que o jovem jogador atribui ao futebol o significado de unir os atletas. Sanches e Rubio (2011) ressaltam que os esportes são considerados fenômenos sociais que proporcionam a vivência de competições e ao mesmo tempo possuem a capacidade de unir os indivíduos de uma maneira que poucas atividades fazem.

Ressalta-se que nas relações interpessoais ocorrem situações que demandam do indivíduo além do estabelecimento de vínculo de amizade a emissão de comportamentos para manejar conflitos, praticar autocontrole e elaborar alternativas para resolver problemas. Conforme apresenta-se a seguir.

## HABILIDADE SOCIAL: Solução de problemas interpessoais

Nesta classe de HS foram utilizadas duas situações-problema. Na primeira situação emergiram 07 unidades na pergunta sobre **o que fariam** e 07 unidades na pergunta sobre **o que imaginam que os colegas fariam**, como apresenta o Quadro 13:

**Quadro 13** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe solução de problemas interpessoais

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> Durante um jogo do campeonato, o time adversário mostra-se muito violento nas jogadas, por este motivo as comissões técnicas começam uma discussão com o organizador do campeonato. Nesse momento um dos jogadores adversários esbarra num companheiro do seu time e logo começam a se xingar e depois a brigar.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Separa briga	J01, J02, J03, J05, J07, J08, J09	77,6%	Iriam separar	J01, J02, J05, J07, J08, J09	66,6%
Evitaria a briga	J02, J04, J06, J08	44,4%	Iriam para cima, xingar e agredir	J03, J04, J06, J07, J08, J09	66,6%
Incentivam	J03, J07	22,2%	Maioria tem respeito	J05	11,1%
Fora de campo não resolvo nada	J01	11,1%	Jogo com briga é feio	J01	11,1%
Chamaria arbitragem	J01	11,1%	Saem de perto	J07	11,1%
Resolvo na conversa	J08	11,1%	Tem jogadores agressivos e tem jogadores de boa	J08	11,1%
Futebol é grupo	J02	11,1%	Uns iam pedir desculpa	J08	11,1%

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Os comportamentos que fazem parte da classe de HS solução de problemas interpessoais são:

Acalmar-se exercitando autocontrole diante de indicativos emocionais de um problema, reconhecer, nomear e definir o problema, identificar comportamentos de si e dos outros associados à manutenção ou solução do problema (como avaliam, o que fazem, qual a motivação para mudança), elaborar alternativas de comportamentos, propor alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar cada alternativa ou combinar alternativas quando for o caso. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 30).

Neste sentido, a partir das unidades apresentadas é possível afirmar a presença de condutas com HS de solução de problemas interpessoais, uma vez que para evitar briga

em uma situação de conflito é necessário que o indivíduo consiga controlar suas emoções, pelo menos minimamente (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Além disso, buscam alternativas para evitar ou parar a briga como: *separar a briga, chamaria a arbitragem, resolve na conversa, saem de perto e uns iam pedir desculpa*.

Acredita-se que no esporte é imprescindível que o atleta consiga desenvolver a capacidade de autodomínio e resolução de problemas, pois o contexto esportivo é constituído de diversas interações sociais e exigências por desempenho que os desafiam a encontrar meios de superar os obstáculos, quaisquer que sejam.

Ressalta-se que nas observações de campo realizadas foram mais constatadas situações em que os jovens jogadores e a comissão técnica se envolveram em brigas e discussões durante os campeonatos. Acerca disso ressalta-se o relato do jovem jogador (J06) sobre uma confusão que ocorreu em um campeonato disputado no ano de 2018:

[...] se não a gente acaba sendo expulso e ia perder os pontos da tabela, porque já aconteceu isso aqui, deu até polícia. A gente estava disputando... acho que era contra o V., mas só que foi o jogador que xingou nosso técnico, aí ele não gostou e revidou, aí o banco do adversário revidou também. Aí no final do jogo o menino veio e esbarrou no nosso ex-jogador, aí ele caiu no chão, e aí começou um confronto das duas equipes. Aí era só chute, tapa na cara....até que chegou a polícia para resolver, aí a gente perdeu o ponto também.

De acordo com Starepravo e Mezzadri (2003) na prática esportiva é comum ocorrer pouca emissão de comportamentos de autocontrole, uma vez que discussões e ameaças verbais fazem parte desse contexto e, por vezes, são condutas até certo ponto aceitas. No entanto, ressalta-se que para resolver problemas interpessoais é necessário que os indivíduos envolvidos tenham um bom repertório de autocontrole (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Além disso, também é importante a capacidade de “[...] elaborar alternativas de comportamentos, propor alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar cada alternativa ou combinar alternativas quando for o caso” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 30).

A segunda situação-problema utilizada para avaliar a classe resolução de problema interpessoal buscou analisar os comportamentos emitidos pelos jovens jogadores quando precisam decidir algo junto à comissão técnica. Na pergunta sobre **o que fariam** destacaram-se as unidades: “*Conversa para chegar em um acordo*” e “*Direção resolve*”, evidenciando que há uma divisão entre os jogadores no que diz respeito ao tipo de comportamento que emitem, pois seis unidades decorrem de comportamentos espontâneos

dos jogadores e cinco demonstram que os jovens apenas fazem o que a comissão técnica impõe.

**Quadro 14** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe solução de problemas interpessoais

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> Durante uma reunião da comissão técnica com vocês (jogadores) é discutido se irão ou não participar de um campeonato que no ano passado gerou diversas confusões, nas quais vários companheiros seus e você saíram machucados. Portanto, apenas a comissão técnica e mais dois jogadores concordam em participar.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Conversa para chegar em um acordo	J02, J05, J06, J07, J08	55,5%	Falariam	J02, J03, J04, J05, J06, J07	66,6%
Direção que resolve	J05, J07, J09	33,3%	Iam participar	J01, J03, J05, J06	44,4%
Tem que obedecer	J05, J07	22,2%	Comissão ia convencer eles	J02, J03, J08	33,3%
Ficariam calado e observa	J03, J04	22,2%	Não iam concordar	J03, J09	22,2%
Ia disputer	J05, J07	22,2%	Obedecer a comissão	J01, J08	22,2%
Não é só a opinião do técnico e do presidente que tem que ser dada	J02	11,1%	Sairiam do time	J05, J09	22,2%
Sempre com a segurança em primeiro lugar	J01	11,1%	Iam ficar calado	J04, J06	22,2%
Tentar convencer os outros jogadores	J01	11,1%	Depende da conversa	J08	11,1%
Como atleta não devo opinar	J09	11,1%	Alguma situação diretoria pergunta quem quer participar	J07	11,1%
Se os jogadores não concordam, eles não vão	J03	11,1%			
Diretor e técnico pegam outros jogadores	J03	11,1%			
Jogadores saem do time	J03	11,1%			

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Na pergunta sobre **o que imaginam que os colegas fariam** as unidades coincidiram com as encontradas na pergunta sobre **o que fariam**, destacando-se entre elas as seguintes: *falariam, iam participar e comissão ia convencer eles*.

Ressalta-se que a partir desta situação-problema também foi possível avaliar a assertividade dos investigados, uma vez que fazem parte da classe *Solução de problemas interpessoais*, os comportamentos “questionar, opinar, discordar, solicitar explicação sobre



o porquê de certos comportamentos, manifestar opinião, concordar, discordar” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 28). A análise das unidades aponta uma divisão nos comportamentos dos jogadores, em que a maioria manifestaria opinião (66,6% dos jogadores), outra parte apenas observaria calada a situação e acataria a decisão da comissão técnica; entre os que opinariam 22,2 % discordaria da participação no campeonato e 11,1% respondeu que “*depende da conversa*”.

Ressalta-se que a resolução de problema é uma habilidade que auxilia o indivíduo a identificar e buscar o maior número de alternativas para solucionar o problema, sendo necessário dispor de competências prévias como comunicação assertiva, empatia e autocontrole. Dessa forma essa HS se vincula com as demais habilidades sociais para garantir a manutenção e a qualidade das relações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Alguns participantes afirmaram que os colegas jogadores “*conversam para chegar em um acordo*”, demonstrando que o grupo possui alguns comportamentos compatíveis com aqueles que fazem parte da classe de HS requerida para a situação. Contudo, também emergiram unidades que demonstram a passividade dos jovens jogadores e o maior controle da comissão técnica sobre as decisões a serem tomadas: *direção que resolve, como atleta não devo opinar, tem que obedecer, ficaria calado e observa, ia disputar e jogadores saem do time*.

Nos relatos obtidos na pergunta sobre o que imaginam que os colegas fariam, destacou-se o do participante (J05) - que compõe a unidade “*falariam*” 66,6% dos jogadores - no qual ele afirma que:

Eles falariam sim acho que tinham muitos que iam desistir, por causa do que aconteceu... eles iam falar assim com a diretoria, acho que muitos iam participar também, sabem que foi pesado, mas com futebol não tem barreira, eles vão realizar o sonho deles, então acho que eles iam falar sim que queriam ou não queriam. ponto de vista, eles iam falar sim.

Por outro lado, em resposta à mesma questão o participante J06 respondeu que: “*alguns iam dar sua opinião, outros não, iam ficar calados e iam ficar na sua*”. Mais uma vez é evidente a diferença entre as condutas dos jovens jogadores, enquanto alguns emitem opiniões, outros permanecem calados e apenas obedecem aos comandos da direção da equipe. Couto (2014, p. 19) afirma que em suas vivências no futebol observou diferença no relacionamento entre os jogadores e a comissão técnica, pois “*havia maiores ou menores afinidades, mais ou menos diálogo*”, dependendo muito do posicionamento e *status* do jogador.

Neste sentido, nas observações de campo era comum observar que quando o jogador apresentava melhor desempenho em campo e jogava há mais tempo na equipe, geralmente possuía maior afinidade com o técnico e o diretor. Sobre isso, Del Prette e Del Prette (2017a) destacam que o papel social de um indivíduo direciona os desempenhos sociais emitidos e socialmente esperados, por exemplo, o papel social de técnico demanda que este consiga desempenhar na relação com os jovens jogadores a habilidade de coordenar grupo. Além disso, os autores ressaltam que o repertório de HS emitidas por um sujeito diferencia-se conforme o contexto cultural que está inserido e as pessoas com as quais se relaciona.

Também foram avaliadas no contexto futebolístico a presença de HS acadêmicas por meio de duas situações-problema, em que uma demandava a presença de comportamentos como: fazer e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

#### HABILIDADE SOCIAL: acadêmicas

Nesta classe foram utilizadas duas situações-problema para avaliar o repertório de HS dos adolescentes quanto à presença e emissão da classe de HS acadêmicas. Na primeira situação surgiram no total 12 unidades de significados referentes às perguntas sobre o que fariam e sobre o que imaginam que os colegas fariam; nessas unidades nota-se que de acordo com os relatos dos jovens jogadores a maioria deles emitem os mesmos comportamentos em situações como a narrada na questão.

Nas unidades que se destacaram nota-se a emissão da HS fazer pergunta e solicitar ajuda, pois as duas que alcançaram maior convergência nas respostas foram: *perguntaria novamente e perguntariam para o professor*. Entretanto, com menos porcentagens de participantes surgiram unidades que evidenciam comportamentos de passividades na situação, como: *pedir para ir atrás, observa o outro fazendo, deixa passar na frente, têm medo de perguntar*, ou seja, alguns iriam trocar de lugar para não ser o primeiro a executar o exercício e a errar.

**Quadro 15** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 1 da classe HS acadêmicas

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo, você é o primeiro da fila, mas não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Perguntaria novamente	J01, J02, J04, J05, J06, J07, J08	55,5%	Perguntariam para o professor	J01, J02, J04, J05, J06, J08	66,6%
Pedir para ir para trás	J03, J06, J08	33,3%	Muitos fazem errado	J07, J08, J09	33,3%
Observar o outro fazendo	J03, J08	22,2%	Perguntaria para o colega	J05	11,1%
Vou levando até acertar	J09	22,2%	Deixa passar na frente	J06	11,1%
Falaria que não entendeu	J02	22,2%	Têm medo de perguntar	J07	11,1%
A gente não entende bem o que o treinador passa	J09	11,1%	Perguntam meio tímido	J07	11,1%

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

A segunda situação-problema utilizada demandava a emissão de comportamentos como oferecer ajuda ao colega; nesta surgiram 05 unidades na pergunta sobre **o que fariam** e 08 unidades sobre **o que imaginam que os colegas fariam**. Nas duas perguntas a unidade que mais se destacou foi: “*troca de lugar*”, isto é, afirmam que iriam trocar de lugar com o colega que não entendeu o exercício para ajudá-lo.

Na segunda pergunta evidenciou-se também a unidade “*explicam*”, a qual demonstra que os jovens jogadores buscam explicar o exercício para o colega que ainda não entendeu, caracterizando a presença de HS acadêmica, pois de acordo com Del Prette e Del Prette (2005) a emissão de oferecer ajuda ao outro em situações de execução de atividades faz parte da classe de habilidades sociais acadêmicas. Sendo essa HS importante para o desempenho do indivíduo nas interações de ensino-aprendizagem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

De acordo com as unidades de significado apresentadas é possível observar a presença de habilidades sociais nas relações interpessoais do contexto futebolístico (*me acalmaria, pediria desculpa, elogiar, ajudar e etc.*), assim como, também, foram constatados nos relatos situações que demonstram a ausência de HS nas interações (*agredir e xingar o adversário, têm medo de perguntar, discutem e etc.*).

**Quadro 16** - Unidades de Significado elaboradas a partir das respostas obtidas na situação-problema 2 da classe HS acadêmicas

<b>SITUAÇÃO-PROBLEMA:</b> O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo. Seu colega, que era o primeiro da fila, olha para trás e diz que não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício, entretanto você compreendeu perfeitamente o que devia ser executado.					
<b>UNIDADES DE SIGNIFICADOS</b>					
<b>a) O que você faria nessa situação?</b>			<b>b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?</b>		
<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>	<b>Unidades</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
Troca de lugar	J02, J0, J04, J08, J09	55,5%	Trocam de lugar	J02, J03, J06, J07, J08	66,6%
Explicaria o exercício	J01, J04	22,2%	Explicam	J04, J05, J06, J07	33,3%
Conversa	J05, J07	22,2%	Sempre tem companheirismo dentro do clube	J01, J05	11,1%
Ajudando o outro	J05	11,1%	Pedem para o professor ou grupo explicar	J04	11,1%
Ia pedir para o professor para eu fazer o fundamento para os colegas	J06	11,1%	Iam falar para ele ir do mesmo jeito	J03	11,1%
			Insistem	J06	11,1%
			Observa outro fazendo	J08	11,1%
			Não pergunta para o professor	J08	11,1%

**Fonte:** Dados da Pesquisa, 2019.

Nos resultados das observações de campo surgiram situações que evidenciaram mais ausência de habilidades sociais, diferenciando-se do repertório de habilidades sociais que foi identificado nos jovens jogadores por meio da aplicação do IHSA, uma vez que a maioria apresentou repertório de HS altamente elaborado, o que significa que durante as relações interpessoais esses jovens emitem (na maior parte do tempo) comportamentos habilidosos.

Ressalta-se que por meio da utilização do IHSA, da observação de campo e das entrevistas pôde-se alcançar resultados relevantes, visando o objetivo do estudo de averiguar a relação entre as interações sociais no contexto futebolístico e o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores. Neste sentido, constatou-se que assim como o ambiente esportivo pode proporcionar interações sociais que favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais, há neste características (competitividade) que

prejudicam a emissão de comportamentos sociais benéficos para a qualidade das relações interpessoais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou averiguar a relação entre as interações sociais no contexto futebolístico e o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores. Para isso, buscou-se levantar o perfil sociodemográfico de tais jovens; observar as interações sociais no contexto do futebol; identificar o repertório de habilidades sociais dos referidos jogadores e verificar a existência de relação entre as interações sociais do contexto futebolístico com o repertório de habilidades sociais dos jovens jogadores.

Ressalta-se que o estudo tem um viés inovador, pois teve como foco as implicações que as relações interpessoais ocorridas no contexto da categoria de base de uma equipe de futebol desempenham no desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes, sendo esta temática ainda pouco explorada na literatura brasileira. Portanto os resultados desta pesquisa podem ampliar discussões vinculadas a este assunto e dar ênfase para os aspectos comportamentais e interpessoais que os adolescentes podem desenvolver por meio da prática futebolística e/ou esportiva, com a preocupação de averiguar como essas relações direcionam – ou não – o desenvolvimento de habilidades sociais que são necessárias para a construção e manutenção de relacionamentos saudáveis e consequentemente de bem-estar para os indivíduos envolvidos.

Ao realizar o levantamento teórico constatou-se em pesquisas que os ambientes esportivos podem proporcionar relações sociais benéficas para a aprendizagem de valores como respeito e cooperação. Entretanto, a maior parte desses estudos não abordou o constructo das habilidades sociais propriamente dito. Porém, evidenciaram que contextos esportivos que preconizam a prática esportiva no viés educativo tem mais possibilidade de contribuir de maneira benéfica no desenvolvimento humano dos praticantes.

Ressalta-se que as práticas desenvolvidas no ambiente investigado neste estudo se direcionam mais ao esporte de alto rendimento, pois mesmo sendo organizado de maneira informal há uma rotina de treinos, campeonatos e cobranças no desempenho dos jovens jogadores que fazem parte dessas equipes visando a possibilidade de serem contratados por clubes profissionais de Santarém ou outros estados, isto é, todos estão em busca de construir uma carreira no futebol profissional. Deste modo, direcionam ao futebol as expectativas de projeto de vida e não apenas se inserem nesse ambiente por mera diversão.

Neste sentido, foi comum perceber nas interações sociais nesse contexto esportivo condutas (comunicação agressiva, competitividade e etc.) que podem provocar

prejuízos para a aprendizagem de habilidades sociais empáticas, assertivas e de respeito ao outro. Portanto, constatou-se que as habilidades sociais que menos são desenvolvidas por meio das interações sociais no espaço observado foram: assertividade, autocontrole e expressividade emocional e empatia com o adversário. Nas análises das observações ocorreram diferenças importantes em relação aos relatos dos jovens jogadores, uma vez que nas entrevistas relataram a presença de comportamentos como: separar brigas, elogiar o outro, oferecer ajuda ao outro, pedir desculpa, incentivar o colega, fazer amizade e etc. que demonstram a ocorrência de situações de interação social com a emissão de habilidades sociais importantes para o desenvolvimento de relações com qualidade.

Entretanto, durante as observações ocorreram várias situações de conflito no ambiente da categoria de base do clube de futebol estudado. Sobre isso, salienta-se que os desempenhos sociais variam de acordo com os papéis sociais dos envolvidos, com a cultura do lugar, com comportamentos comuns e esperados no ambiente. Portanto, devido ser um contexto esportivo com presença de competitividade ocorrem comunicação agressiva e comportamentos que ao serem emitidos em outro espaço têm altas chances de não serem aceitos, pois não são benéficos para as interações.

Por exemplo: no ambiente esportivo pesquisado, de maneira recorrente observou-se que a comunicação entre os jogadores e a equipe técnica era por meio de comportamentos agressivos, como xingamentos, ironias e ameaças, com tom de voz exaltado e com presença de palavrões, mas em outro espaço como o escolar tal comportamento é punido, afinal não é benéfico para a construção e manutenção de relacionamentos mais saudáveis, uma vez que podem prejudicar a autoimagem e autoestima dos envolvidos. Entretanto, neste contexto futebolístico esses comportamentos naturalizaram-se, tornando-se comuns.

Contudo, também se constatou por meio dos resultados que as relações estabelecidas neste ambiente proporcionam o desenvolvimento de habilidades sociais de construção de amizades, de resolução de problema, trabalho em grupo, lidar com sentimentos envolvidos na derrota e vitória, construir formas de comunicar-se com novas pessoas e possibilidade de desenvolver habilidades de liderança na equipe.

Com isso, os resultados apontam que as habilidades sociais desenvolvidas por meio das interações dos jovens jogadores no ambiente futebolístico são: fazer amizade, civilidade e empatia (dentro da equipe e fora do jogo); enquanto que as HS assertividade, autocontrole e expressividade emocional e solução de problemas interpessoais são menos desenvolvidas e merecem foco em possíveis programas de intervenção.

Portanto, é evidente a necessidade da realização de intervenções nesses ambientes de categoria de base do futebol em Santarém-Pará direcionadas ao desenvolvimento de competências comportamentais (habilidade social) que podem proporcionar aos jovens jogadores possibilidades de lidar com os conflitos existentes, próprios da idade, dos ambientes que vivem, bem como lidar com as mudanças advindas de cada etapa do desenvolvimento humano.

A pesquisa mostra-se relevante ao apontar a necessidade da realização de estudos que se preocupem com o desenvolvimento humano de jovens jogadores/esportistas, uma vez que os esportes e em especial, o futebol, desempenha na vida de muitas crianças e adolescentes interferências significativas ao ser visto como um dos principais focos de realização profissional e pessoal. Além disso, por meio do estudo verificou-se que em Santarém-Pará, apesar de ser considerada uma região com baixo investimento esportivo e distante dos principais centros que reúnem os clubes profissionais de futebol do Brasil, há um número considerável de crianças e adolescentes envolvidos em práticas esportivas, e não somente no futebol, portanto, esses contextos participam do processo de desenvolvimento humano desses indivíduos e as interações sociais vivenciadas neles podem direcionar quais condutas ou desempenhos sociais estes irão desenvolver no decorrer de sua adolescência e, logo, na vida adulta.

Sendo as habilidades sociais fatores de proteção para o envolvimento com práticas infracionais e acometimento de problemas psicológicos e comportamentais, investir em projetos que visem o ensino dessas HS no meio esportivo e educacional pode ser favorável para que esses ambientes esportivos contribuam não somente para a possibilidade de construir trajetórias no futebol profissional, mas com a construção de comportamentos sociais que serão benéficos para o indivíduo e suas interações no decorrer de toda sua vida e nos diversos lugares que atuam.

Neste sentido, a pesquisa possibilitou um aprofundamento e conhecimento a respeito das habilidades sociais desenvolvidas por meio das interações sociais do ambiente da categoria de base no futebol contribuindo para a ampliação dos estudos sobre espaços de educação não-formal que fazem parte da vida de muitos adolescentes, tornando-se possível conhecer quais os desempenhos sociais emitidos estão favorecendo a aprendizagem de HS e que, portanto, precisam ser fortalecidos. Assim como conhecer quais os comportamentos sociais que estão dificultando o desenvolvimento das HS e trabalhar na melhora destes.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (UFOPA) visa a realização de estudos que contribuam com o desenvolvimento da educação na região Oeste do Pará,



sendo a educação um processo contínuo que acontece mediante as interações sociais e faz parte dos diversos ambientes de vida das pessoas; a presente pesquisa adentrou em um espaço de educação não-formal ainda pouco explorado nos estudos desenvolvidos na região, mas que é promotor de atividades com intencionalidade de participação, aprendizagem e transmissão de saberes próprios do esporte e, também, de condutas para a vida, como o ensino de comportamentos sociais.

Ressalta-se que durante as entrevistas houveram instantes de interferências de agentes externos, pois foram realizadas no espaço aberto do Parque da Cidade que é frequentado por diversas pessoas e em alguns momentos foi necessário interromper brevemente a entrevista para que não fosse prejudicada, contudo, foram em poucas entrevistas que ocorreram este tipo de interrupção. Entretanto, é necessário compreender que a realização de pesquisas com equipe de uma categoria de base do futebol que funciona de maneira informal e sem um lugar próprio de treino perpassa por esse tipo de circunstâncias.

Uma limitação que ocorreu na pesquisa diz respeito a rotatividade de adolescentes dentro da equipe; as visitas a campo ocorreram desde o final de 2018 e durante todo o período de pesquisa houveram muitas mudanças no elenco da equipe, alguns meninos saíram próximo ao período das entrevistas e praticamente em todos os treinamentos entravam novos jogadores. Para que as entrevistas fossem realizadas com aqueles que estavam sendo acompanhados desde o ano de 2018 solicitou-se que o diretor entregasse o TCLE aos jogadores mais antigos na equipe. Além disso, foi marcada entrevista fora do horário do treino com dois jogadores que estavam na equipe desde o ano de 2018, mas que haviam saído semanas antes da entrevista. Portanto, a rotatividade de jogadores nas equipes se mostrou bastante comum.

Salienta-se que o processo de pesquisa é sempre um desafio para o pesquisador, e neste estudo não foi diferente, mas a investigação resultou em inúmeros conhecimentos como constatar de que modo as relações sociais do contexto futebolístico colaboram para o desenvolvimento de habilidades sociais, contribuindo para a ampliação de estudos que se ocupem desta temática no ambiente esportivo da região Oeste do Pará, bem como conhecer a realidade de adolescentes que estão diariamente em busca de profissionalizar-se no futebol.

Deste modo, adentrar ao ambiente futebolístico da categoria de base de Santarém-Pará foi um momento de sair totalmente da zona de conforto, dos espaços conhecidos da universidade e de outros ambientes profissionais já ocupados pela

pesquisadora. Tratando-se de interações sociais e desenvolvimento de habilidades sociais é interessante destacar que foi um desafio a construção de vínculo com os jovens jogadores, pois inicialmente mostraram-se distantes nas investidas da pesquisadora de iniciar uma aproximação e conversa.

Com os resultados obtidos tornou-se possível conhecer as interações sociais do ambiente futebolístico investigado que certamente contribuem para o desenvolvimento de algumas classes de habilidades sociais pelos jovens jogadores. Contudo, a pesquisa teve como foco apenas um microssistema que esses jovens adolescentes fazem parte, sendo importante destacar a necessidade de outros estudos objetivarem conhecer como as interações sociais de outros ambientes que os jovens jogadores participam estão contribuindo com a aprendizagem de HS, ainda mais, como esses contextos se relacionam e, logo, proporcionam o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural desses adolescentes.

Sugerem-se, também, a realização de pesquisas complementares como: comportamentos sociais de treinadores e o desenvolvimento de habilidades sociais; treinamento de habilidades sociais dos jovens jogadores e treinadores; estudo de caso sobre desenvolvimento de HS em jovem jogador, o esporte como contexto de desenvolvimento humano e outras possibilidades que possam surgir por meio das discussões desta pesquisa. Nesta perspectiva, ao incentivar a realização de outras pesquisas no contexto das categorias de base no futebol, aponta-se a necessidade de estudos que tenham como foco contribuir com as práticas de atividades que favoreçam a aprendizagem de comportamentos sociais benéficos para o desenvolvimento humano dos jovens envolvidos.

Por fim, espera-se que o estudo contribua com a construção e ampliação de conhecimento sobre as interações sociais do ambiente futebolístico e o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores e, assim, promover ações que beneficie o fortalecimento dos espaços esportivos e de práticas favoráveis para o desenvolvimento humano dos jovens envolvidos.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. *et al.* **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.
- ABERASTURY, A. *et al.* **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- ABI-EÇAB, A. A função social do esporte na construção identitária dos sujeitos. **Serviço Social em Revista**, v. 19, n. 2, p. 45-62, 2017.
- ALMEIDA NETO, H; SANTOS, E. R. Futebol e infância: formação de crianças e adolescentes das categorias de base do Sport Club Internacional. **Revista Prâxis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 16-33, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525552633004>. Acesso em: 13/07/2018.
- ALVES, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. Orientadora: Denise Nuernberg, 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/J04aMacileAlves.pdf>. Acesso em: 07/05/2018.
- AMBLARD, I.; CRUZ, F. M. L. Sentidos da adolescência no contexto do esporte de alto rendimento. **Revista de Administração Educacional**, Recife, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/234757/27918>. Acesso em: 20/05/2018.
- AMPURO, A. M.; ALVES, P. B.; CARDENAS, C. J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. **Rev. Bras. Cresc Desenv Hum**, São Paulo, v.14, n.1, p.11-20, 2004.
- ANGÉLICO, A. P. **Estudo descritivo do repertório de habilidades sociais de adolescentes com síndrome de Down**. Orientador: Almir Del Prette. 2004.138 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial: Universidade Federal de São Carlos, 2004.
- AQUINO, G. B. de. O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens. **Revista Científica da Faminas**, v. 6, n. 2, p. 125-140. 2010.
- ARANHA, M. S. F. A interação social e o desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 19-28, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n3/v1n3a04.pdf>. Acesso em: 20/06/2018.
- ARGYLE, M. Some new developments in social skills training. **Bulletin of British Psychological Society**, v. 37, p. 405-410, 1984.
- ARGYLE, M. **Psicologia del comportamiento interpersonal**. Madri: Alianza Universidad, 1994.
- ASSAD, D. *et al.* O valor do futsal como um meio de desenvolvimento moral de adolescentes com dificuldade de relacionamento social. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 16, p. 8, 2013.

BAKER, J. *et al.* Learning from the experts: Practice activities of expert decision makers in sport. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 74, n. 3, p. 342-347, 2003.

BALZANO, O. N.; MORAIS, J. S. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 17, n. 172, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm>. Acesso em: 10/07/2018.

BENDRATH, E. A. Esporte e educação não-formal no contexto do Programa Abrindo Espaços da UNESCO. **Motrivivência**, n. 38, p. 123-134, 2012.

BERLIN, A. **The hedgehog and the fox: an essay on tolstoy's view of history**. 2. ed. revised. Princeton, New Jersey: Publisher Princeton University Press, 2013.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANCO, C. M.; FERREIRA, E. A. P. Descrição do atendimento de uma criança com déficit em habilidades sociais. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 8., n.1, p. 25-37, 2006.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata [recurso eletrônico]. **Edições Câmara, Série legislação**, Brasília: Câmara dos Deputados, 9. ed. n.83. p. 207, 2010. Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_adolescente\\_9ed.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf). Acesso em: 10/05/2019.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G.W. A ciência do desenvolvimento no século 21: questões emergentes, modelos teóricos, projetos de pesquisa e descobertas empíricas. **Desenvolvimento social**, v. 9, n. 1, p. 115-125, 2000.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Artmed Editora, 2011.

CABALLO, V. E. El papel de las habilidades sociales em el desarrollo de las relaciones interpersonales. *In*: ZAMIGNANI, D.R. (Org.). **Sobre Comportamentos e Cognição**. Santo André, SP: AR Bytes, v. 3, p. 229-233, 1997.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CALLEJA, J. M. R. Os professores deste século. Algumas reflexões. **Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó Investigación Biodiversidad y Desarrollo**, v. 27, n. 1, 2008.

CARDOSO, E. O que é categoria de base?. Instituto Valente, 8 de abril, 2019. Disponível em: <http://blog.institutovalente.com/o-que-e-categoria-de-base/>. Acesso em: 25/01/2020.

CAPITANIO, A. M. Educação através da prática esportiva: missão impossível? **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 8, n. 58, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd58/esport.htm>. Acesso em: 05/05/2019.

CAVICHIOILLI, F. R. *et al.* O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631-47, 2011.

CIAMPA, A.; LEME, C. G.; SOUZA, R. F. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. **Diversitas: Perspectivas En Psicología**, v.6, n.1, p. 27-36, 2010.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Relatório Impacto do Futebol Brasileiro**. Ernst & Young, 2019. Disponível em: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213722843\\_346.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213722843_346.pdf). Acesso em 21/01/2020.

COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CÔTÈ, *et al.* The dynamic process of development through sport/Dinamicni proces razvoja prek sporta. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

COUTO, H. R. F. **Esporte do oprimido**: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol. Orientador: José Eustáquio Romão. 2012. 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

COUTO, H. R. F. de. **Esporte do oprimido**: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol. Brasília: Liber Livro, 2014.

DAMO, A. **Do dom a profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Orientador: Ruben George Oliven. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DANTAS, M. de M. **Futebol de base e produção de subjetividade**: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo. Orientador: Heliana de Barros Conde Rodrigues. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, K. P., *et al.* Repertório comportamental: Uma reflexão sobre o conceito. **Comportamento em foco**, v.7, p. 155-164, 2018.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 9, n. 2, p. 287-389, 1996.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: Enfoque das habilidades sociais. **Temas de Psicologia**, v. 6, n. 3, p. 205-215, 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n3/v6n3a05.pdf>. Acesso em: 25/08/2018.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais**: terapia, educação e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Treinamento em Habilidades Sociais: panorama geral da área. In: HAASE, Vitor Geraldi *et al.* (Org.). **Psicologia do desenvolvimento humano**: contribuições interdisciplinares. 1. ed. Belo Horizonte: Health, 2000. p. 249-264.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades Sociais e Educação: Pesquisa e Atuação em Psicologia Escolar Educacional. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.). **Psicologia Escolar, Saúde e Qualidade de Vida**. Campinas: Alínea, 2001. p. 113-141.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC-Del-Prete)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Relações interpessoais e habilidades sociais na Educação** (Texto online), 2006. Disponível em: <http://www.rihs.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/02/relacoes-interpessoais-e-habilidades-sociais-na-educacao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.18.n.41, p. 517-530, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 08/05/2020.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prete)**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Enfoque e modelos do treinamento de habilidades sociais. In: DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Org.). **Habilidades sociais**: intervenções efetivas em grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 19-56.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e Trabalho**. 9. ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância**: teoria e prática. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das relações interpessoais**: Vivências para o trabalho em grupo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette)**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: 2. ed., Casa do Psicólogo, 2015.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Competência Social e Habilidades Sociais**: manual teórico-prático. Petrópolis: Vozes, 2017a.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. O campo das habilidades sociais – conceitos básicos e importância. *In*: DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Org.). **Habilidades sociais e competência social para uma vida melhor**. São Carlos: EdUFSCAR, 2017b. p.9-24.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **A relação entre habilidades sociais e análise do comportamento**: história e atualidades. Livro do Congresso de Psicologia e Análise do Comportamento (CPAC). Londrina: UEL, 2018.

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar em Revista**, n. 36, p. 65-76, 2010.

DOMINGUES, M. P.; CAVICHIOLI, F.; GONÇALVES, C. E. Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 249-261, 2014.

SANTOS, F. S. F. O Futebol e o Desenvolvimento Positivo dos jovens: das percepções às ações dos treinadores. Orientador: 2017. f (Tese de Doutorado) – Instituto - Programa Universidade do Porto, 2017.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalheartigo.asp?id=167>. Acesso em: 10/08/2018.

FALCONE, E. M. Habilidades sociais: Para além da assertividade. *In*: WIELENSKA, R.C. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos. Santo André: ESETEC, v.6, 2001. p.211-221.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, A. C. M. **Influência de um programa de esporte educacional com base no atletismo sobre o desenvolvimento motor e social de crianças de 8 a 11 anos**. Orientador: Vanildo Rodrigues Pereira, 2014. f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

FLEURY, S. de F. **Estudo das faltas e condutas antidesportivas de atletas de futebol profissional em decisões de campeonato brasileiro**. Orientador: Pablo Jodra. 2004. 102 f. (Dissertação de Mestrado), Universidade Autónoma de Madrid, São Paulo, 2004.

FONTES, R. de C. C.; BRANDÃO, M. R. F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 151-159, jan./mar. 2013.

FREITAS, L. C. **Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais para crianças com deficiência mental**: validação e padrões normativos. Orientador: Almir Del Prette, 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2991/1880.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30/05/2018.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. **Sion: Institut International des Droits de 1<sup>o</sup> Enfant**, p. 1-11, 2005.

GALATTI, L. R. **AFEs, Desenvolvimento Humano e Esporte de Alto Rendimento**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. [S. l.]: PNUD, 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Alto-Rendimento.pdf>. Acesso em: 20/05/2018.

GOMES, A. R.; CRUZ, J. F. A. Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: a percepção de treinadores de alta competição. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 5-15, 2006.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 1994.

HAMBURG, D.; HAMBURG, B. **Becoming mature**. La Salud de los Adolescentes - un compromiso con el futuro. Washington, 1985.

HASSENPFUG, W. **Educação pelo Esporte** – Educação para o desenvolvimento humano pelo Esporte. São Paulo: Saraiva/Instituto Ayrton Senna, 2004.

INFANTE, F. A. A resiliência como processo: uma revisão de literatura recente. *In*: MELILO, A.; OKEDA, E. N. S. (Ed.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

LEE, M. J.; WHITEHEAD, J.; NTOUMANIS, N. Development of the attitudes to moral decision-making in youth sport questionnaire (AMDYSQ). **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 3, p. 369-392, 2007.

LEME, V. B. R. *et al.* A. Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, 2015.

LEME, V. BR; DEL PRETTE, A.; COIMBRA, S. Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. **Psico**, v. 44, n. 4, p. 560-570, 2013.

LEONARDI, T. J.; *et al.* Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58, 2014.



LINDERN, D. *et al.* Impacto de uma intervenção psicológica para atletas de futebol de categorias de base. **Contextos Clínicos**, v. 10, n. 1, p. 60-73, 2017.

MARQUES, M.; SAMULSKI, D. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rbefe/article/view/16714/18427>. Acesso em: 20/05/2018.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MENEZES, A. B. N. T. de; PAIVA, M. M. de; STAMATTO, M. I. S. **Práticas educativas: educação escolar e não escolar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

MESQUITA, M. R.; SILVA CARDOSO, W. R. O pacto pela venda da escola pública no Pará. **Revista Educação e Emancipação**, v.12, n.1, p.317-334, 2019.

MCFALL, R. M. A review and reformulation of the concept of social skills. **Behavioral Assessment**, v. 4, p. 1-33, 1982.

MINAYO, M. C. de S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014.

MIRANDA, R. J. P. Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: um estudo no 1º Ciclo. Orientadora: Maurícia Maria Marques Mano de Oliveira, 2009. f. Tese de mestrado, Educação (Didáctica das Ciências), Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 2009

MOITA, M. R. **Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol**. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal - Academia Sporting/Puma. Orientador: Júlio Garganta. 2008. 253 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Desporto e Educação Física) - Universidade do Porto, Porto, 2008. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14926/2/38059.pdf>. Acesso em: 15/08/2018.

MOLINA, R. C. Avaliação de programas de treinamento de professores para promover habilidades sociais de crianças com dificuldades de aprendizagem. Orientadora: Zilda Aparecida Pereira Del Prette. 2007. f. (Tese de Doutorado). São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos (SP), 2007.

MORAES, I.; BASTOS, F.; CARVALHO, M. Formação de Jogadores de Futebol: Processo Histórico e Bases para a Evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v 5, 2016. Disponível em: <http://www.podiumreview.org.br/ojs/index.php/rgesporte/article/view/142>. Acesso em: 10/08/2018.

MOREIRA, A. M. C. A competência social de assertividade: estudos no primeiro ciclo do Ensino Básico. Orientador: Suzana Nunes Caldeira; Osvaldo Dias Lopes Silva. 2016. 140 p. Dissertação. Mestrado em Psicologia da Educação. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/3932>. Acesso em 20/08/2019.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Revista brasileira de ciência e movimento*, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MOURA, M. A. R. **Atitudes morais, agressividade e empatia**: um estudo com atletas que participam de competições. Orientador: Antônio Roazzi. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

NARVAZ, M. G.; KOLLER S. H. O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. *In: KOLLER, S. H. Ecologia do desenvolvimento humano*: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NIGHTINGALE, E. O.; FISCHHOFF, B. Adolescent risk and vulnerability: Overview. *Journal of adolescent health*, v. 31, n. 1, p. 3-9, 2002.

NOBRE, F. S. S. **Desenvolvimento motor em contexto**: contribuições do modelo bioecológico de desenvolvimento humano. Orientador: Nadia Cristina Valentini. 2013. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ORTENBURGER, D.; WASIK, J.; GORA, T.; TSOS, A.; BIELIKOWA, N.; Taekwondo: a chance to develop social skills. *Ido Movement For Culture. Journal of Martial Arts Anthropology*, v. 17, n. 4, p. 14-18, 2017.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEIXOTO, E. M. *et al.* Inventário de Coping para Atletas em Situação de Competição: Evidências de Validade. *Avaliação Psicológica*, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2019.

PEREIRA, P. R. R. **As Habilidades Sociais na prática docente do professor de escolinhas comerciais de futebol**. Orientador: Hergos Ritor Froes de Couto, 2019. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

PINTO, V. C.; SOUSA, W.; SAEMI, M. O papel da representação social na construção da identidade adolescente. *In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL. Anais eletrônicos [...]*. Maceió: ABRAPSO, 2008. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/AnaisXVENABRAPSO/273.%20o%20papel%20da%20representa%C7%C3o%20social%20na%20constru%C7%C3o%20da%20identidade%20adolescente.pdf>. Acesso em: 10/07/2018.

PORTELLA M.; PADULA C. Treinamento em Habilidades Sociais. *In: PORTELLA, Mônica (Org.). Estratégias de Treinamento em Habilidades Sociais*. Rio de Janeiro: CPAF-RJ, 2011.

RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2010. Disponível em: <https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Artigo-Vygotsky-e-o-desenvolvimento-humano.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.

REVERDITO, R. S. **Pedagogia do Esporte e Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo.**

Orientador: Roberto Rodrigues Paes. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

RIBEIRO, D. V. de A.; AZEVEDO, R. C. S. de; TURATO, E. R. Por que é relevante a ambientação e a aculturação visando pesquisas qualitativas em serviços para dependência química? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 6, p. 1827-1834, 2013.

RIBEIRO, E. P. **Esporte competitivo: empatia ou vontade de vencer?** Orientador: Marco Antônio Oliveira de Azevedo. 2017. 104 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

ROCHA, G. M; MONTEIRO, M. F. B. Programa de treinamento de habilidades sociais para a prática do futebol. **Psicologia argumento**, v. 30, n. 68, p.63-74, 2012.

SALES, M. S. O processo de constituição da identidade na adolescência: Trabalho, classe e gênero. **Psicologia & Sociedade**, n.26. p.161-171, 2014.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-841, 2011.

SANTOS, A. L.P.; ALEXANDRINO, R. R. Desenvolvimento da carreira do atleta: análise das fases e transições. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 185-205, 2015.

SARTORI, R. F. **Projeto esporte escolar e o impacto no desenvolvimento de seus participantes em uma comunidade de São José (SC).** Orientador: John Peter Nasser. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.** Orientador: João Batista Freire. 1999. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SEGABINAZI, J. D. *et al.* Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2012.

SEHNEM, S. B.; CRUZ, D. R. Avaliação do repertório de habilidades sociais de crianças em um programa de educação pelo esporte. **Pesquisa Em Psicologia - Anais eletrônicos**, 2015. Disponível em: [https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp\\_ae/article/view/8552](https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8552). Acesso em: 30/05/2019.

SENNA, S. R.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SMITH, R. E.; *et al.* Development and validation of a multidimensional measure of sport-specific psychological skills: The Athletic Coping Skills Inventory-28. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, p. 379-398, 1995.

SOUZA, V. H. de. **Iniciação esportiva no basquetebol**: Uma análise à luz do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. Orientador: Maria Regina Ferreira Brandão. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4018204.pdf>. Acesso em: 20/05/2018.

SOUZA, C. A. M. VAZ A. F.; A. J. G. SOARES. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832008000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004). Acesso em: 10/08/2018.

TRILLA, J. **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos / TRILLA, J; GHANEM, E; ARANTES, V. A (org.). São Paulo: Summus, 2008.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUSZ, R. A. **A relação entre a prática de judô e o desenvolvimento de comportamentos socialmente competentes na infância**: a experiência dos professores do Projeto Bugre Lucena da ESEFID/UFRGS. Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinoti. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

UNESCO. **O esporte como possibilidade de desenvolvimento**. Cadernos de referência de esporte, Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013.

VERISSIMO, M.; SANTOS, A. J. Desenvolvimento social: Algumas considerações teóricas. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 3, p. 389-394, 2008. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312008000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000300002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 20/11/2019.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WAGNER, M. F.; OLIVEIRA, M. S. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Psicologia Clínica**, v. 19, n.2, p. 101-116, 2007.

# APÊNDICES

## **APÊNDICE A- MODELO DE TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa de Mestrado em Educação – UFOPA, que será realizada pela discente Nizianne Andrade Picanço com Orientação do Professor Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto. A pesquisa tem como título: “Habilidades Sociais e Futebol de Base: desafios educacionais para o desenvolvimento humano”, com o objetivo de averiguar as interações sociais no contexto futebolístico e suas implicações para o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores.

A participação no estudo é voluntária, podendo decidir em participar ou não nesta investigação. Se concordar em participar será solicitado que responda algumas questões de cunho pessoal e as demais referentes às relações sociais estabelecidas dentro do clube de futebol, no qual participa como jogador. Caso, em algum momento, se sinta constrangido ou pressionado pelas perguntas realizadas poderá desistir de participar da investigação em qualquer instante, sem precisar dar justificativa, podendo impedir que o material da entrevista seja utilizado, sem qualquer tipo de prejuízo físico, moral ou psicológico.

A entrevista será realizada pela pesquisadora em local e horário marcado com antecedência e de acordo com a disponibilidade do entrevistado, de modo que não lhe cause nenhum incômodo, Todas as informações coletadas ficarão sob responsabilidade da pesquisadora, e serão utilizadas para a presente pesquisa, guardada por um período de 5 anos, processadas em computador e ao fim da análise serão destruídas.

Para isso, os dados serão apresentados e discutidos em um trabalho de Dissertação de mestrado que será exposto para uma banca avaliadora e para a comunidade acadêmica e poderá ser acessado por você por meio do acervo físico e digital da Universidade Federal do Oeste – UFOPA, podendo solicitar uma cópia digital através do e-mail: niziannepsc@gmail.com.

O responsável por você deverá autorizar e assinar o termo de consentimento para que possa participar deste estudo. Não haverá nenhum custo nesta participação, nem receberá qualquer vantagem financeira. Estará livre para participar ou recusar-se a qualquer momento da pesquisa e será esclarecido(a) todo aspecto necessário que desejar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a participação a qualquer momento também.

A participação no estudo respeitará o anonimato, portanto, em nenhum momento a identidade será divulgada. Sendo comprovados danos pessoais decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil e a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Esta pesquisa passou pela avaliação de um Comitê de Ética que é constituído por um grupo de pessoas comprometidas (das mais diversas áreas), que se reúnem, debatem e avaliam se projetos de pesquisa atendem aos requisitos éticos necessários para serem desenvolvidos, buscando defender os interesses, a segurança e a dignidade dos participantes destas investigações científicas.

A pesquisadora responsável pela pesquisa, Nizianne Andrade Picanço – aluna do Mestrado em Educação – PPGE/UFOPA sob orientação do Professor Doutor Hergos Ritor Fróes de Couto, podem ser

encontrados na UFOPA Campus Rondon, localizada na Av. Marechal Rondon, s/n – Caranazal, Santarém-PA, 68040-070, fone: (93) 21016771 ou pelo telefone pessoal (91) 91925371.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) menor

Eu, Nizianne Andrade Picanço, RG 6130296 e Hergos Ritor Fróes de Couto, RG: 28082469-5, responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado “Habilidades Sociais e Futebol de Base: desafios educacionais para o desenvolvimento humano” declaro cumprir o compromisso ético exigido pela RESOLUÇÃO 466/12 do CNS e de confidencialidade e sigilo.

\_\_\_\_\_  
Nizianne Andrade Picanço  
Pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_  
Hergos Ritor Fróes de Couto  
Pesquisador responsável

Santarém, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

## APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS

O menor de idade pelo qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de Mestrado em Educação-UFOPA que tem como título: **“Habilidades Sociais e Futebol de Base: desafios educacionais para o desenvolvimento humano”**, com o objetivo de averiguar as interações sociais no contexto futebolístico e suas implicações para o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores.

Caso você autorize, seu filho participará de uma entrevista. As entrevistas serão gravadas, transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador. A entrevista somente será gravada mediante autorização. Ao final os dados serão discutidos em um trabalho de Dissertação apresentado para uma banca avaliadora e para a comunidade acadêmica, que poderá ser acessado pelos participantes da pesquisa. A participação dele (a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir. A recusa não trará prejuízos físicos, morais ou psicológicos.

Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele (a), porém se ele (a) sentir desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto. Apesar disso se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, ele terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil e a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Esta pesquisa passou pela avaliação de um Comitê de Ética que é constituído por um grupo de pessoas comprometidas (das mais diversas áreas), que se reúnem, debatem e avaliam se projetos de pesquisa atendem aos requisitos éticos necessários para serem desenvolvidos, buscando defender os interesses, a segurança e a dignidade dos participantes destas investigações científicas.

O (a) senhor (a) e o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele (a) poderá contribuir em um repensar crítico e reflexivo das práticas que são desenvolvidas nos ambientes das categorias de base do futebol de Santarém, possibilitando a elaboração de treinamentos sobre aspectos de comportamentos sociais e/ou fortalecimento de práticas que já acontecem e são importantes para o desenvolvimento humano.

As respostas de seu filho não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação dele. Em caso de dúvidas, a pesquisadora responsável pela pesquisa, Nizianne Andrade Picanço – aluna do Mestrado em Educação – PPGE/UFOPA e orientador Professor Doutor Hergos Ritor Fróes de Couto, podem ser encontrados na UFOPA Campus Rondon, localizada na Av. Marechal Rondon, s/n – Caranazal, Santarém-PA, 68040-070, fone: (93) 21016771 ou pelo telefone pessoal (91) 91925371.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.



**CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, \_\_\_\_\_, sendo que:

(    ) aceito que ele (a) participe    (    ) não aceito que ele (a) participe

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

Eu, Nizianne Andrade Picanço, RG 6130296 e Hergos Ritor Fróes de Couto, RG: 28082469-5, responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado “Habilidades Sociais e Futebol de Base: desafios educacionais para o desenvolvimento humano” declaro cumprir o compromisso ético exigido pela RESOLUÇÃO 466/12 do CNS e de confidencialidade e sigilo.

\_\_\_\_\_  
Nizianne Andrade Picanço  
Pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_  
Hergos Ritor Fróes de Couto  
Pesquisador responsável

Santarém, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

## APÊNDICE C – ROTEIRO PARA FICHA DE OBSERVAÇÃO

**Pesquisa:** Alô mundo, me ajude a ser gente: interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais

**Responsável:** Nizianne Andrade Picanço

Observação

efetuada

em:

---

1. Descrever o espaço:

2. Atividade (descrição detalhada):

2.1 Participantes:

2.2 Dia da semana:

2.3 Horário:

2.4 Outras observações:

3 Ações observadas referentes as interações sociais

3.1 Quantidade de interações sociais

3.2 Participantes das interações sociais

3.3 Como ocorre as interações sociais

3.4 Tempo de interações sociais

4. Outras observações:

(utilize quantas folhas forem necessárias, numerando as observações, por item).

## APÊNDICE D – MODELO DE QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Este questionário tem como objetivo coletar dados para o desenvolvimento do estudo de investigação, dirigido aos jogadores que participam dos clubes de categorias de base do futebol em Santarém-Pará.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Código: \_\_\_\_\_

1. Idade: _____	2. Data de Nascimento: ___/___/___
3. Estado Civil <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Divorciado	
4. Que ano escolar você cursa? <input type="checkbox"/> 6º ano <input type="checkbox"/> 7º ano <input type="checkbox"/> 8º ano <input type="checkbox"/> 9º ano <input type="checkbox"/> 1º ano do ensino médio <input type="checkbox"/> 2º ano do ensino médio <input type="checkbox"/> 3º ano do ensino médio <input type="checkbox"/> Outro: _____	
5. Cidade natal: _____	
6. Cidade que reside atualmente: _____	
7. Contando com você, quantas pessoas moram na sua casa (residência)? _____	
8. Das opções a seguir, assinale quem são as pessoas que moram (residem) com você: <input type="checkbox"/> irmão(s) <input type="checkbox"/> pai <input type="checkbox"/> mãe <input type="checkbox"/> padrasto <input type="checkbox"/> madrasta <input type="checkbox"/> avô/avó <input type="checkbox"/> outro familiar (primos, tio, tia...) <input type="checkbox"/> outro não familiar (amigos, convidados...)	
9. Seus pais são divorciados: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	

10. Mãe - Profissão: _____ Idade: _____ Escolaridade: _____ Pai - Profissão: _____ Idade: _____ Escolaridade: _____
11. Tem filhos: ( ) Sim ( ) Não Se sim, quantos: _____
12. Com qual idade começou a praticar futebol? _____
13. Onde você iniciou a prática do futebol? Na rua? Em projetos sociais? Na escola? _____
14. Há quanto tempo você está jogando nesse time? _____
15. Posição: _____
16. Participa de competições há quanto tempo? _____
17. Quais os tipos de campeonatos que você já disputou? Marque mais de uma opção, caso seja necessário. ( ) Municipal ( ) Regional ( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional
18. As pessoas que moram na sua casa incentivam você a praticar esportes? ( ) Sim. ( ) Não. Por quê? _____
19. Já teve alguma proposta para jogar na categoria de base em algum clube profissional? ( ) Sim ( ) Não
20. Pretende ser profissional nesse esporte? ( ) Sim ( ) Não

## APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### CÓDIGO IDENTIFICADOR DO PARTICIPANTE \_\_\_\_\_

TEMA: Alô mundo, me ajude a ser gente: interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais

OBJETIVO DA PESQUISA: averiguar a relação das interações sociais no contexto futebolístico e as implicações para o desenvolvimento de habilidades sociais em jovens jogadores.

HABILIDADE SOCIAL: Autocontrole e expressividade emocional

**1. Situação-Problema:** O seu time está disputando a final de um campeonato e durante o jogo você comete uma falta e os jogadores da equipe adversária vão para cima de você de maneira agressiva, reclamando e gerando uma grande confusão.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: Civilidade

**2. Situação-Problema:** No time que você treina tem alguns garotos mais novos que ainda estão desenvolvendo as habilidades, as técnicas e táticas do jogo de futebol, em um determinado jogo-treino você observa que um deles está se saindo melhor.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: Empatia

**3. Situação-Problema:** No intervalo do jogo um dos seus colegas recebe muitas críticas do treinador que o apontou como o principal culpado para o time estar mal no jogo, no mesmo momento o garoto abaixou a cabeça e demonstra ter ficado abalado com as acusações.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

**4. Situação-Problema:** No jogo decisivo de um campeonato disputado pelo seu time você percebe que um de seus colegas está cabisbaixo e apresentando um baixo desempenho.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: Assertividade

**5. Situação-Problema:** Durante o treino semanal o treinador lhe acusa de estar errando os passes, cruzamentos e finalizações de propósito, alegando ainda que você não está se esforçando e que está sem interesse para treinar. Entretanto, você não concorda com ele e acredita que está fazendo o seu melhor durante o treinamento.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: Fazer amizades

**6. Situação-Problema:** Em um dia de treino o diretor apresenta um novo integrante ao time e você percebe que o menino está tímido e não conversa com ninguém.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: Solução de problemas interpessoais

**7. Situação-Problema:** Durante um jogo do campeonato, o time adversário mostra-se muito violento nas jogadas, por este motivo as comissões técnicas começam uma discussão com o organizador do campeonato. Nesse momento um dos jogadores adversários esbarra num companheiro do seu time e logo começam a se xingar e depois a brigar.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

**8. Situação-problema:** Durante uma reunião da comissão técnica com vocês (jogadores) é discutido se irão ou não participar de um campeonato que no ano passado gerou diversas confusões, nas quais vários companheiros seus e você saíram machucados. Portanto, apenas a comissão técnica e mais dois jogadores concordam em participar.

- a) *O que você faria nessa situação?*
- b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

HABILIDADE SOCIAL: acadêmicas

**9. Situação-Problema:** O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo, você é o primeiro da fila, mas não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício.

*a) O que você faria nessa situação?*

*b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

**10. Situação-Problema:** O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo. Seu colega, que era o primeiro da fila, olha para trás e diz que não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício, entretanto você compreendeu perfeitamente o que devia ser executado.

*a) O que você faria nessa situação?*

*b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

**APÊNDICE F – QUADRO DE ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DE CAMPO**

DIA E HORA	PARTICIPANTES	DESCRIÇÃO DA OBSERVAÇÃO	CLASSE DE HS
17/04/2019 as 14h as 17h. Casa do diretor	Pesquisadora e adolescentes	Ao chegar cumprimentei os meninos que estavam lá e solicitei que avisassem o diretor. Com uma <u>postura retraída</u> me olharam desconfiados, <u>não me responderam nada</u> , olharam uns para os outros e um deles foi avisar e informou que o seu Lindomar pediu que eu sentasse para aguardar.	Civilidade
17/04/2019 as 14h as 17h. Casa do diretor	Pesquisadora e adolescentes	[...] em alguns momentos conversei com os adolescentes mais próximos sobre suas idades e tempo no time. Nesse momento, <u>somente um me respondeu</u> , <u>eles apresentaram uma postura tímida e retraída</u> , <u>estavam visivelmente intimidados com minha presença</u> .	Civilidade
17/04/2019 as 14h as 17h. Casa do diretor	Adolescentes	[...] notei que há uma divisão entre os meninos, uns são tímidos, ficam sentados, calados e/ou mexendo no celular, enquanto que um grupo menor estava interagindo mais, com um clima de amizade e intimidade, ficavam rindo, tirando fotos, assistindo a vídeos de um aplicativo e conversando sobre relacionamentos amorosos, jogos em colégios e sobre a violência que acontece nesses jogos.	Fazer amizade
17/04/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinadores e adolescentes	No campo todos foram sentar na arquibancada, o treinador e o preparador físico <u>conversaram mais uma vez com os meninos [...]</u> <u>elogiaram o desempenho de vários no jogo</u> , <u>parabenizaram a equipe</u> , em meio a isso o preparador físico <u>relatou que os meninos devem sempre reconhecer seus erros</u> , <u>pedir desculpa quando necessário</u> e <u>falar abertamente quando não estiverem satisfeitos com algo</u> .	Civilidade
17/04/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	Observou-se que os meninos não respondem ao treinador, pelo menos a maioria, entretanto, um deles foi chamado atenção de maneira hostil e respondeu ao treinador que naquele momento não dava de fazer o chute da maneira como ele gostaria e na mesma hora foi punido verbalmente (treinador afirmou que mais uma resposta iria sair do treino).	Assertividade
08/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	No campo o treinador estava bem agitado, nervoso e gritando com os meninos para que corrigissem erros no jogo; além disso, exigia que eles se comunicassem mais entre si dentro do campo, alegando a necessidade de se comunicarem para promover maior integração entre eles e desempenharem melhor as estratégias de jogo.	Assertividade
08/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	Alguns meninos se comunicam no campo, gritam, chamam palavrão, xigam os outros de burro e etc. Os meninos estavam bem tensos hoje, agitados por conta da disputa de amanhã, como já aconteceu várias confusões no campeonato estão bastante tensos e pressionados a ganhar; inclusive o treinador estava bem agitado, nervoso e muito falante. Chamava atenção o tempo todo dos meninos. Quando isso acontecia, alguns meninos reagem e tentavam responder, mas logo eram punidos pelo treinador que não permitia que falassem, e outros baixavam a cabeça e não falavam nada.	Assertividade
22/05/2019 as 14h as 17h.		No meio do treino dois meninos brigaram para valer, um deles retornou agora para o time e vários falam	



Campo do parque	Adolescentes	que ele quer jogar sozinho e que pensar ser melhor que todos. Observou-se que nem o treinador e nem o diretor interrompeu ou falou algo para eles pararem com a confusão, mas não houve agressão física.	Assertividade
29/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	O treinador estava instruindo bastante os meninos e estava irritado e falando com hostilidade, reclamando que os meninos têm que aprender a seguir as instruções, afirmando que: “toda hora eu tenho que falar a mesma coisa, várias e várias vezes”.	Assertividade
12/06/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	Durante o jogo-treino o treinador chamou especificamente muita atenção do R, e em um desses momentos gritou para o menino chamando-o de burro, mas R. não respondeu e ficou rindo. Depois na terceira vez R. se irritou com o treinador fez cara feia e respondeu, mas logo se calou.	Assertividade
16/06/2019 as 14h as 17h. Campo do São Braz	Adolescentes	Durante o jogo os meninos estavam exaltados e brigando uns com os outros, eles se xingavam. Durante o jogo o treinador ficou o tempo todo na beira do campo brigando com os jogadores. Chamando atenção. Quando o jogo retornou começou uma briga entre o goleiro do Real e um jogador do outro time, nesse momento um jogador do Real falou par ao treinador “Ei professor olha a disciplina” - pedindo q chamasse atenção do goleiro. De repente quase se forma uma briga entre as equipes no meio do campo e o juiz interferiu e parou o jogo dizendo ia expulsar os jogadores caso ocorresse mais uma vez e o treinador do Real chamou atenção do goleiro que foi o que iniciou a discussão com um jogador da equipe adversária.	Assertividade
28/08/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescente	Durante o treinamento o novo treinador chamou atenção de um dos meninos, mas não gritou, se aproximou dele e pontuou o que ele estava fazendo de errado no campo, mandou ele trabalhar melhor a bola e o menino ficou atento ouvindo, mas não falou nada.	Assertividade
04/09/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescente	Junto com os meninos do sub 16 um jogador do sub 18 foi correr também porque foi mandado pelo treinador novato, mas quando retornou o treinador antigo perguntou ao menino porque ele tinha ido correr se ele era do sub 18 e deveria estar em jogo, ele respondeu que foi correr porque o treinador mandou.  O treinador chamou atenção de um meninos que é sempre muito quieto e passivo nas interações sociais na equipe; ele ralho com esse menino porque o mesmo não chutou logo a bola em direção ao gol, o menino não olhou para o treinador eu ficou gritando insistentemente para que o menino olhasse para ele e o respondesse, depois de muito gritos o meninos apenas olhou em direção ao treinador e não falou nada.	Assertividade
16/10/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Diretor e adolescente	Durante o treino um dos meninos machucou o braço e teve que ser socorrido no meio do campo e nesse momento um dos jogadores gritou para que outro entrasse no lugar, mas o diretor repreendeu ele e disse que jogador não manda em nada e que é o diretor que manda, jogador deve só ficar calado e jogar.	Assertividade
16/10/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Diretor e adolescente	Outra interação observada foi do treinador que foi conversar com o diretor no meio do campo e um jogador se aproximou deles e o diretor chamou atenção dele dizendo: “vai para lá p####, só quer	Assertividade

		escutar conversa dos outros”, o menino na mesma hora se afastou e deu um sorriso constrangido.	
17/04/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Adolescentes	[...] hoje os meninos estavam mais comunicativos durante o jogo, entretanto, o ponto negativo é a forma de se comunicarem, pois é por meio de gritos, palavrões e ofensas.	Assertividade
24/04/2019 as 14h as 17h. Campo do Velosão		[...] durante o jogo de treino os meninos estavam comunicativos em relação às estratégias que deveriam ser tomadas para melhorar o desempenho da equipe.	Assertividade
07/08/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	O treinador conversou com os meninos afirmando que “futebol é coisa séria” e por isso frisou várias vezes que vai cobrar muito a responsabilidade dos meninos. Disse: “eu não escalo ninguém, é vocês que se escalam nos treinamentos”. Enquanto ele fala os meninos estavam sentados e prestando atenção e ao finalizar, <u>o treinador perguntou se algum menino gostaria e falar ou perguntar algo (alguém quer falar alguma coisa; quer falar alguma coisa Lindomar), mas nenhum se manifestou.</u>	Assertividade (presença no treinador, “ausência” nos meninos)
21/08/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	O diretor conversou com os meninos falou da necessidade de se desempenharem bem no jogo e <u>sobre não entrarem com intuito de brigar e sim para jogarem bem e se reforçarem.</u> O treinador também conversou com ele e ressaltou que no futebol é preciso que eles tenham muita responsabilidade e que “ <i>tem que começar ser homem nessa idade</i> ”; afirmando que mesmo que ainda sejam adolescentes eles precisam ter atitudes de homem, responsabilidades e se empenharem muito no jogo. Falou que os meninos precisam ter mais preparação física e que devem ter humildade e caráter, não deixar nenhum sucesso subir para cabeça, devem respeitar a todos e principalmente a todos professores que eles tem na vida. Depois tiraram fotos e foram para campo aquecer e o treinador foi escalar o time lá.	Assertividade
04/09/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescente	No meio do jogo, um dos meninos foi chamando atenção pelo treinador e ele respondeu de maneira moderada e respeitosa, esse é um menino que interage muito com os treinadores durante os treinamentos, respondendo quando solicitado e fazendo perguntas quando é necessário.	Assertividade
17/04/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescente	O treinador conversou comigo sobre o trabalho deles na equipe, relatou sobre a dificuldade encontrada na relação com os meninos, segundo ele alguns têm comportamentos desrespeitoso e agressivo: “ <i>respondem e não obedecem na hora da jogada</i> ”. Portanto, ressaltou que busca ter uma amizade com os meninos, aconselhar e direcionar dentro do campo.	Civilidade
24/04/2019 as 14h as 17h. Campo do Velosão	Adolescentes	A namorada de um dos meninos apareceu no treino e os outros ficaram “zoando” dele. Percebe-se que há um vínculo de amizade entre eles, nos intervalos do treino estão sempre falando sobre namoro, escola, jogos e acontecimentos do contexto do futebol profissional.	Fazer amizade
08/05/2019 as 14h as 17h.		Fiquei sentada próximo aos meninos e ao treinador, conversando sobre o campeonato que eles estavam participando, há um clima de amizade e descontração entre os meninos e o treinador. Durante estarmos na	Fazer amizade

Casa do diretor	Adolescentes	casa do diretor uns ficavam jogando bola em círculo, outros sentados e calados, alguns brincando, conversando, rindo e bagunçando com o treinador.	
28/08/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Adolescentes	Ainda no campo o diretor e o treinador antigo falaram com novos jogadores, de maneira separada dos outros, enquanto isso o restante dos meninos ficaram sentados, conversando e brindando, outros foram pegar água. Os jogadores que já estão algum tempo na equipe em nenhum momento foram cumprimentar ou falar com os novos jogadores.	Fazer amizade
22/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	Em relação aos meninos observou-se que um deles, comporta-se e nesse treino ainda mais, de maneira diferente dos outros, porque na maioria das vezes ele ouve atentamente as instruções do treinador, valida e faz perguntas diretamente ao treinador quando tem alguma dúvida sobre como ele deve desempenhar as jogadas em jogo, os outros nem sempre param para prestarem atenção.	Civilidade
22/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescente	[...] o treinador tirou o um menino e chamou ele p meio do campo p explicar as jogadas, ele fica atento, e seguiu as instruções ao retornar para o jogo.	HS acadêmicas
16/06/2019 as 14h as 17h. Campo do São Braz	Treinador e adolescentes	O treinador chamou todos para reunirem-se no campo e cumprimentou cada um, em seguida rezaram e depois fizeram o grito da equipe antes de iniciar o jogo.	Civilidade
16/06/2019 as 14h as 17h. Campo do São Braz	Treinador e adolescentes	[...] em alguns momentos elogiou alguma jogada, mas foram poucas vezes.	Empatia
16/06/2019 as 14h as 17h. Campo do São Braz	Treinador e adolescentes	No segundo tempo levaram dois gols e começaram a ter mais reclamação do treinador, que estava muito estressado, assim como os jogadores dentro do campo também estavam estressados e xingando muito uns aos outros. Além disso, <u>visivelmente ficaram desestabilizados, agoniados e passaram a errar mais e a se machucarem também.</u> [...] a cada erro os meninos ficavam visivelmente agoniados, insatisfeitos, fazendo críticas e autocríticas e chamando palavrões uns para os outros. É o clima que percebo vindo da comissão para eles e vice-versa.	Autocontrole
22/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Adolescentes	No meio do treino dois meninos brigaram para valer, um deles retornou agora para o time e vários falam que ele quer jogar sozinho e que pensar ser melhor que todos. Observou-se que nem o treinador e nem o diretor interrompeu ou falou algo para eles pararem com a confusão, mas não houve agressão física.	Autocontrole
16/06/2019 as 14h as 17h. Campo do São Braz	Adolescentes	Durante o jogo os meninos estavam exaltados e brigando uns com os outros, eles se xingavam. Durante o jogo o treinador ficou o tempo todo na beira do campo brigando com os jogadores. Chamando atenção. Quando o jogo retornou começou uma briga entre o goleiro do Real e um jogador do outro time, nesse momento um jogador do Real falou par ao treinador “Ei professor olha a disciplina” - pedindo q chamasse atenção do goleiro. De repente quase se forma uma briga entre as equipes no meio do campo e o juiz interferiu e parou o jogo dizendo ia expulsar os	Autocontrole

		jogadores caso ocorresse mais uma vez e o treinador do Real chamou atenção do goleiro que foi o que iniciou a discussão com um jogador da equipe adversária.	
08/05/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	No campo o treinador estava bem agitado, nervoso e gritando com os meninos para que corrigissem erros no jogo; além disso, exigia que eles se comunicassem mais entre si dentro do campo, alegando a necessidade de se comunicarem para promover maior integração entre eles e desempenharem melhor as estratégias de jogo.	Autocontrole
11/09/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Treinador e adolescentes	Apenas o treinador que está há mais tempo estava no treino e fez uma conversa com os meninos antes de começar o jogo, afirmando que os meninos devem ser <i>“malandros, devem ser jogador de futebol, que tem que tratar sério, que se não quer ouvir palavrão ou ralho não é para vim jogar, porque aqui (no Real) ele iria tratar todos não como adolescentes, mas sim como atletas”</i> .	Empatia
18/09/2019 as 14h as 17h. Campo do parque	Adolescentes	O goleiro recebeu uma bolada no rosto e dois meninos foram ajudar, o treinador levou água para ele e o diretor pediu que ele se levantasse logo, a maioria dos meninos foram para cima do goleiro para ajudá-lo.	Empatia Fazer amizade

## APÊNDICE G – QUADROS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

**1. Situação-Problema:** O seu time está disputando a final de um campeonato e durante o jogo você comete uma falta e os jogadores da equipe adversária vão para cima de você de maneira agressiva, reclamando e gerando uma grande confusão.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Bom, como eu não sou muito de brigas, essas coisa...muita confusão. Eu só viraria de costa e sairia, se o juiz me chamasse assim para dar um cartão amarelo eu voltaria, receberia o cartão amarelo e voltava a jogar...a disputar a partida...voltava ao jogo.	a) Não sou muito de brigas b) Viraria de costa e sairia c) Receberia o cartão amarelo e voltava a jogar	1) Me acalmaria J02, J04, J05, J06 2) Me afastaria J01, J02, J03, J04, J05, J07, J08 3) Pediria desculpa J03, J08, J09 4) Não sou de brigas J01, J07
J02: é... o que que eu faria, eu procuraria me afastar, me acalmar, sair de perto porque muitas vezes dá muita confusão também eu procuro me afastar.	a) Procuraria me afastar b) Me acalmar c) Sair de perto	Tento evitar a briga J07, J06, J09 5) Fico na minha J04, J08
J03: É... desculpava com os parceiros né pedia desculpa. Aí eu ia me afastar.	a) Desculpava com os parceiros b) Pedia desculpa c) Eu ia me afastar	6) Deixo o capitão resolver J07 7) Receberia o cartão amarelo e voltava a jogar J01
J04: eu fico calmo assim, eu saí fora. Do as costas para o jogador, eu não reclamo muito com eles, não bato boca. Tipo eles partem para agressão, aí o jogador...como é?! Não vai na corda dele. A gente sai fora.	a) Eu fico calmo b) Eu saí fora c) Do as costas para o jogador d) A gente sai fora	
J05: é na verdade isso já aconteceu, mas tipo eu procurei, quando aconteceu, eu procurei sair fora da confusão Para não prejudicar meu time, aí quando os cara vieram para cima e tal eu fui saindo e Os Meninos Do meu próprio time foram me puxando também aí tipo para amenizar ele a confusão. É foi eu procuro no máximo é tentar manter a calma para não revidar e tal Porque piora as coisas porque eu tenho a cabeça muito frio em relação a isso.	a) eu procurei sair fora da confusão Para não prejudicar meu time b) eu procuro no máximo é tentar manter a calma para não revidar c) eu tenho a cabeça muito frio em relação a isso	
J06: é só manter a calma só tirar o nosso jogador de lá para não ser expulso nenhum, tipo separar confusão não piorar dentro do Campo.	a) É so manter a calma b) tirar o nosso jogador de lá	
J07: eu tento evitar mais um pouco a briga, saindo de perto e deixo o capitão do time resolver tudo.... e sairia de perto deixaria a opinião do capitão pra falar com o juiz para parar a briga.	a) eu tento evitar mais um pouco a briga b) saí de perto c) deixo o capitão do time resolver tudo	
J08: quando eu tô errado aí eu me afasto do jogador que eu bati, fico na minha até o professor que é o juiz chegar e vir conversar comigo para eu poder pedir desculpa.	a) quando eu tô errado aí eu me afasto do jogador que eu bati b) fico na minha c) espero o juiz	

	conversar comigo para eu poder pedir desculpa	
J09: eu primeiramente eu pediria desculpas para quem eu fiz a falta e logo em seguida eu acionaria o juiz que é o que o único que pode conter a situação.	a) Pediria desculpas b) Acionaria o juiz para conter a situação	

b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Eles iriam me defender, se o time adversário viesse para cima de mim eu ia me defender. Eles iam me defender, só sei que eles não iam deixar nada acontecer comigo. Conheço...eles são meus parceiros, são meus irmãos. Se me empurrassem eu poderia encarar, ai meus amigos iam entrar em ação, iam me separar...um vai para um lado... todos é... é sempre assim, quando um time briga, por exemplo: eu brigo com uma pessoa que eu não conheço, um cara que eu não conheço, ai os dois times separa esse pessoal ai, ai acalma a coisa. Ai se o juiz quiser punir com cartão amarelo, ele dá cartão amarelo para os dois que estavam brigando, sempre assim.	a) Eles iriam me defender b) Eles não iam deixar nada acontecer comigo c) Os dois times separa esse pessoal	1) Iriam reagir J03, J04, J05, J07, J08, J09 2) Agredir e xingar o adversário J03, J05, J07, J08, J09 3) Tentam manter o respeito J01, J04, J05, J06 4) Iam defender o colega J01, J02, J05, J07
J02: Bom pelo minha opinião assim eu acho que ele deveria fazer a mesma coisa assim também se afastar por que o futebol tem regras a gente tem que respeitar as regras e é isso eu acho que ele eu procuraria se afastar também para poder evitar confusão com os outros adversários que a gente tem né então a gente procura se afastar	a) Procura se afastar b) A gente tem que respeitar as regras c) Evitar confusão com os outros adversários	5) Deve respeitar as regras J02 6) Pressionaria e juiz para dar cartão J07
J03: ele iria eles iriam reagir né eles iam ficar se empurrando... E o que mais eu vejo.	a) Iriam reagir b) Iam ficar se empurrando	
J04: se eles fizessem a falta no nosso jogador? é...talvez ele fosse para cima também do outro jogador. Mas a gente tem essa calma, de não se meter em confusão com outro adversário.	a) talvez ele fosse para cima também do outro jogador b) a gente tem essa calma c) não se meter em confusão com outro adversário	
J05: Como assim que. Acho que eles iam se reagir acho que eles iam para bater tipo tá xingando ali o colega parceiro ele chega começa a xingar o outro vem tipo querendo proteger o colega ele vem que é partir para violência Tipo nem todos vão por medo de ser expulso do jogo e manter o respeito dentro do Campo e é isso que eu penso acho que eles iam partir para violência né.	a) Iam reagir b) Iam defende o colega c) agredido xingando o adversário d) Nem todos reagem por medo de ser expulso e) Tentam manter o respeito dentro campo f) Eu penso que eles vão partir para violência	
J06: acho que ele faria o mesmo(manter a calma), para não prejudicar o time para não levar cartão para não ser expulso....com o arthur... ele pegou o cartão, e ele queria brigar... a gente tipo, chamou ele mas aí foi resolvido... só que o juiz deu o cartão para o outro menino e aí ele deu dois cartões amarelos só para um time.	a) Manteria calma para não prejudicar o time	

J07: se fosse assim... agredido eles... eu ia para defender se eu ver se se eu visse que...que tava tomando as pessoas assim para querer gerar uma briga entre eles aí eu vou assim com agressividade também porque eu não consigo me controlar muito assim no jogo. A gente a gente só ia para cima do juiz pressionar ele para pedir Cartão essas coisas assim só agora se fosse uma coisa muito grave a gente vai querer ir para cima para gerar briga mas às vezes a gente tenta se controlar na hora.	<p>a) Eu ia para defender se houvesse briga</p> <p>b) Vou com agressividade</p> <p>c) Eu não consigo me controlar no jogo</p> <p>d) Pressionaria o juiz para dar cartão</p> <p>e) Se fosse muito grave íamos para cima gerar briga</p> <p>f) A gente tenta se controlar na hora</p>	
J08: a maioria, a maioria deles iam reagir, são tudo agressivos. tipo se os caras empurrarem eles iam querer revidar, eles iam para cima do cara que tivesse empurrado ele, que tivesse agredido ele de alguma forma. aqui mesmo Teve até briga, foi no sub-16 aí tá né os cara... foi falta, tipo o menino era até zagueiro do nosso time então a galera foi todinha para cima dele... aí foi aí ele era esquentado da cabeça e ele revidou e aí todo mundo se juntou aí começou a envolver torcida e tudo aí Nosso time foi até prejudicado perder 6 pontos mas como a gente tinha feito 9 a gente conseguiu se manter com três pontos aí a gente conseguiu ir até final e fomos campeão.	<p>a) a maioria ia reagir</p> <p>b) são tudo agressivos</p>	
J09: eu acho que ele se exaltariam, se exaltariam um pouco e partiriam mais para um para um para uma discussão mais séria. Foi um pouco desagradável porque acaba desconcentrando todo time na hora do jogo que é uma coisa muito séria.	<p>a) Eles se exaltariam</p> <p>b) Partiriam para uma discussão mais seria</p>	

**2. Situação-Problema:** No time que você treina tem alguns garotos mais novos que ainda estão desenvolvendo as habilidades, as técnicas e táticas do jogo de futebol, em um determinado jogo-treino você observa que um deles está se saindo melhor.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: a) Eu ia elogiar né, “tá jogando muito”, dizendo assim: “muito bem, é assim mesmo”, a gente tem que incentivar, futebol é muito incentivo, muita raça. Quando um colega meu assim, que eu não conheço assim, não é meu colega assim, aquele que não conheço. Eu procuro ir lá conhecer, fazer amizade, procuro ir lá elogiar: “êh mano, é assim mesmo, vamo, tá jogando muito e tal” é assim.	<p>a) Eu ia elogiar</p> <p>b) Eu procuro ir lá conhecer e fazer amizade</p>	<p>1) Elogiar J01, J07</p> <p>2) Incentivo J03, J04, J05, J07</p> <p>3) Indicaria ele para o técnico J02, J08</p>
J02: Bom primeiramente, eu chegaria com professor né e explicaria como é que tá a situação dele, olha esse aqui tá jogando melhor e tal, tá tocando a bola mais, aí eu procuraria falar com o técnico e indicar quem sabe ele aceitaria minha opinião e alguma coisa dê certo.	a) eu procuraria falar com o técnico para indica-lo	<p>4) Ajudar J03, J06, J09</p> <p>5) Procura conhecer e fazer amizade J01, J07</p>
J03: eu dava uma oportunidade para ele né. ah eu...eu treinava mais com ele né porque tem muitos né que tem dificuldades assim, que não vem assim já 100% assim, botava pra treinar né, como eu sempre fiz né.	<p>a) Eu dava uma oportunidade para ele</p> <p>b) Eu treinava mais com ele</p>	<p>6) Prioriza o grupo J09</p>
J04: a tipo assim, quando ele tá num bom jogo né a gente incentiva ele a ficar com a...melhorar cada vez mais	a) A gente incentiva ele a	

também.	melhorar cada vez mais	
J05: acho que dá um apoio para ele acho que ele tá se esforçando para aquilo né para ser um jogador bom que se esforce ... que isso que eu acho eu acho dele que ....é uma pessoa que se esforça para uma coisa que ele quer ... que ele se esforça eu vou dar um apoio para ele, agradecer a ele que ele se esforce Mais ainda para ele para frente para realizar o sonho dele.	a) Dá um apoio para ele b) Agradecer e pedir que ele se esforce mais ainda	
J06: eu dava mais exemplo para ele não desistir do sonho dele, para ele se esforçar mais ainda no treino que ele pode ter um alcance melhor no seu treino, e, porém pode ir para o profissional se destacando.	a) Eu dava mais exemplo para ele não desistir do sonho dele	
J07: eu ia chegar nele eu ia conversar com ele elogiar que ele tá evoluindo no futebol dele e que ele para ele não desiste que a hora dele vai chegar e que é para ele dar o melhor em cada treino em cada jogo.	a) Eu ia conversar com ele b) Elogiar c) Diria para ele não desistir d) Diria para ele dá o melhor em cada treino e jogo	
J08: Ah quando tipo eu não chego nele, e falo tal o que ele tem que melhorar aí às vezes, teve momento em que eu chamei o professor para falar disso tal que o menino tava desenvolvendo bem e tal que era para prestar atenção melhor nele.	a) Quando não falo para ele o que tem que melhorar, falo para o professor	
J09: Eu acho que eu ajudaria ele a melhorar mais porque eu acho que aqui é um grupo que a gente deve estar sempre priorizando o melhor de da gente do futebol do grupo em si, mas não do individualismo.	a) Ajudaria ele a melhorar mais b) aqui é um grupo c) a gente deve estar sempre priorizando o melhor da gente do futebol do grupo em si	

b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: b) Eles iam elogiar também. Todos nós companheiros, todos já elogiaram uns ao outros. Por exemplo, o H..., o baixinho, nossa lá... que usa aparelho, ele é novato, entrou um dia desses, tá ai titular, tá jogando muito, elogiando com os trabalhos que o professor pede para gente fazer, elogiando e tá melhorando a cada dia, cada treino. E é assim que a gente tem fazer, a gente tem que buscar não perfeição, mas a melhora em cada jogo., cada treino aperfeiçoar ainda mais aquilo que a gente tá aprendendo.	a) Eles iam elogiar também b) todos já elogiaram uns ao outros c) a gente tem que buscar não perfeição, mas a melhora em cada jogo	1) Elogiam J01, J04, J07 2) Incentivam J03, J04, J05, J06, J07 3) Conversam com o técnico J02, J09 4) Criticam J07, J08
J02: eu acho que eles fariam.... alguns outros não ... mas eu acho que eles fariam a mesma coisa que eu também, procurariam conversar com o técnico para mostrar né para apontar qual é o que está se desenvolvendo melhor. Eu acho que não eu acho que com o técnico com técnico eles fariam...	a) procurariam conversar com o técnico para apontar qual é o que está se desenvolvendo melhor	
J03: Ah, eles também ajudaria. Ah eu acho que dá força assim para ele, tem vez que erra assim, dAva uma força para ele assim continuar.	a) Eles também ajudariam b) Dariam uma força para ele continuar	
J04: Como tá acontecendo agora né... tipo eu tô me	a) eles elogiam,	



desempenhando no futebol aí eles não querem que eu falte muito no treino.... que eu venha sempre...eles querem que eu esteja presente nesse jogo contra o boto; eles elogiam, eles me incentivam assim...continuar sempre no futebol. eles chegam em mim dizem que eu tô jogando muito, só que ainda precisa melhorar mais.	eles b) me incentivam c) eles querem que eu venha sempre nos treinos	
J05: para mim acho que acho que eles também davam apoio assim vou contar um exemplo, num jogo eu tava jogando tipo normal, eles observam que eu não tava rendendo muito e aí um outro jogo já me esforcei mais e eles me incentivaram... mesmo se eu tivesse com cabeça baixa eles iam lá e diziam vai para cima sei que tu garante tu tem um sonho para realizar Tu tem capacidade para fazer, Aí eu tipo é um incentivo para mim .	a) Eu acho que eles também davam apoio b) me esforcei mais e eles me incentivaram	
J06: acho que eles também fariam o mesmo.... que eles iam incentivar mais ele pelo esforço que ele tá tendo que é um sonho dele ser jogador, que ele possa buscar o sonho dele.	a) Eles iam incentivar mais pelo esforço dele	
J07: assim eu acho que eles vão apoiar também porque tipo quando a pessoa entra no time no treino a gente até crítica... porque não acerta o passe o toque alguma coisa assim a gente começa a criticar aí depois dos treinos ele vai melhorando melhorando... A gente vai observando vai ver que ele tá evoluindo aí a gente vai elogiar ele.	a) Eles vão apoiar também b) quando a pessoa entra no time no treino a gente até crítica... porque não acerta c) quando tá evoluindo a gente vai elogiar ele.	
J08: meus colegas Eles já são tipo menos sem paciência.. Eles não têm muito a cabeça para isso não, a maioria deles lá no nosso time no real Ixi a maioria é tudo esquentado não tinha essa paciência... o professor mesmo falava que eu era muito calmo em relação a isso e tal. É talvez eles não tenham essa paciência de tá prestando atenção nele e tal, e de falar para o professor ou para o menino mesmo... já, teve um menino que ele saiu muito bem não tem, a partir do segundo e terceiro treinamento dele aí eu cheguei e falei que ele tava jogando bem aí tá aí foi que ele foi melhorando cada vez mais e eu falando para ele como era, não tem, como era as vezes ele se sair bem no treino, Mas tipo ele ficava botando a cabeça dele que não era capaz entendi aí tal eu fui cheguei e falei para ele e tal que a maneira que ele tinha que pensar que isso aí ia prejudicar ele aí ele foi melhorando e ele tá aí agora.	a) Eles são sem paciência b) Não têm cabeça para isso	
J09: acho que eles também comunicariam... Acho que eles comunicariam o presidente o treinador que tem um menino que tá jogando bom e que vai agregar no grupo e que vai ajudar a gente muito no desenvolver do trabalho.	a) Acho que eles comunicariam o presidente o treinador que tem um menino que tá jogando bom	

**3. Situação-Problema:** No intervalo do jogo um dos seus colegas recebe muitas críticas do treinador que o apontou como o principal culpado para o time estar mal no jogo, no mesmo momento o garoto abaixa a cabeça e demonstra ter ficado abalado com as acusações.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Primeiramente se ele continuasse do mesmo jeito,	a) tudo pode	

<p>assim de ficar de cabeça baixa e não melhorasse assim...ai houve um desequilíbrio emocional, mas a gente tem que aprender ah, ah, ah...lidar com essa emoção. E qualquer...jogo é jogo, tudo pode acontecer em um jogo; em um jogo você pode tá bem,em outro você pode tá mal. É assim uma...uma montanha russa, uma hora tá la em baixo, na outra você ta lá em cima. E se eu vesse um caso desse, eu acho que eu iria lá e falaria com ele assim: mano joga o que tu sabe que eu sei que - se eu soubesse que ele joga bem – mano joga, joga teu jogo, eu sei que tu é capaz cara, levanta a cabeça, vamo para o jogo, faz teu nome mano, te entrega, dá teu sangue no jogo po, entre é...é...como assim... raça, jogo é raça, jogo é jogo, tem que jogar para ganhar, cada jogo tem que pra cima, tem que intimidar os adversários desde a reza, desde a oração, desde que quando a gente entra em campo, tem que mostrar um coisa diferente, tem que ir para cima deles, tem que coisa desde o começo do jogo. Falaria para ele levantar a cabeça e focar no jogo... porque quando assim recebe um critica é doloroso, assim porque é muito difícil tu tá ali jogando, ai.. pra ti, tem gente assim que eu não joguei mal, mas lá fora é outra coisa, dentro do campo é uma coisa bem diferente, é uma outra dimensão bem diferente das pessoas que estão fora do campo.. mas assim né, treinador sabe o que ele faz, treinador é um...uma, tipo um mestre, uma assim...posso falar, é uma pessoa assim mais preparada, assim profissionalmente do que quem tá jogando, entendeu.</p>	<p>a) acontecer em um jogo b) jogo é raça, jogo é jogo, tem que jogar para ganhar, cada jogo tem que pra cima, tem que intimidar os adversários desde a reza, desde a oração, desde que quando a gente entra em campo, tem que mostrar um coisa diferente, tem que ir para cima deles, tem que coisa desde o começo do jogo. c) falaria para ele levantar a cabeça e focar no jogo d) o treinador é mais preparado profissionalmente do que quem tá jogando</p>	<p>1) Falaria para levantar a cabeça J01, J03, J05, J06, J07 2) Incentivar J02, J04, J07 3) Conversar e consolar J02, J04, J05, J08, J09 4) A gente tem que aprender a lidar com essa emoção J01 5) Para o futebol tem que ter confiança J01, J02, J09 6) Ajudar J02 7) Conversar com o treinador J01, J04, J08</p>
<p>J02: é eu chegar lá tem que falar conversar com ele para ele não porque muita das vezes não é só com esse, com a gente também acontece isso de vez em quando na maioria das vezes o treinador chega e fala de cabeça quente né, então a gente procura ajudar dá o incentivo, fala olha não baixa a cabeça levanta a cabeça, futebol é isso, se caí, levanta.</p>	<p>a) tem que falar conversar com ele b) a gente procura ajudar c) dá o incentivo d) futebol é isso, se caí, levanta.</p>	
<p>J03: Falo para ele levantar a cabeça né que não é todo do jogo que a gente vai estar 100%.</p>	<p>a) Falo para ele levantar a cabeça</p>	
<p>J04: é a gente troca uma palavras, assim uma ideias, põe assim ...incentiva o jogador que ele solte mais a bola, que ele faça o que o treinador tá pedindo, mesmo certo ...se certo ou errado é para ele fazer o que o treinador tá falando para ele fazer. As vezes ele faz, dá certo ou hora dá errado e é isso...</p>	<p>a) a gente troca uma palavras b) incentiva o jogador que ele solte mais a bola c) certo ou errado é para ele fazer o que o treinador tá falando para ele fazer</p>	
<p>J05: eu consolava ele assim eu chegava com ele falava Olha tu errou errou mano Errar é humano falava com ele não... levanta a cabeça bola para frente que a vida que segue não adianta baixar a cabeça para uma coisa assim a gente errou Aí vem uma pessoa que só vem criticar a gente aí a gente vai melhorar para aquilo não acontecer de novo melhorando A.. o erro que tu fez entendeu isso que eu falava para ele assim.</p>	<p>a) Eu consolava ele b) Falava para ele levantar a cabeça</p>	
<p>J06: eu ia voltar o jogo e chegar nele manda ele levantar a cabeça que ainda tem mais um jogo pela frente que ele pode resolver isso na calma...</p>	<p>a) chegar nele manda ele levantar a cabeça</p>	
<p>J07: isso já Acontece muito isso com a gente assim tipo já deu muito assim quando eu vejo que ele tá muito mal eu vou lá tipo motivar ele para ele não baixa a cabeça e que é para ele levantar a cabeça e voltar para o segundo</p>	<p>a) quando eu vejo que ele tá muito mal eu vou lá tipo motivar ele b) digo para ele</p>	

tempo melhor e da melhor dele dentro do campo para a gente sair com a Vitória.	levantar a cabeça	
J08: isso já aconteceu muito no nosso time... e tipo quando terminar o jogo eu não falava na hora mas quando terminar o jogo eu chamava o professor e falava que ele tinha que ele tava pegando pesado mesmo que o menino tivesse sido culpado de alguma coisa e tal mas não era para ele tratar ele dessa forma também eu procurava chegar no menino falar que cada jogo tem sua proporção que esse jogo podia ter sido se saído mal e tal mas tinham vários outros para melhorar e que as críticas que ele se girava em torno dele era para ter como botar na cabeça dele que era só para ele melhorar não tem.	a) quando termina o jogo eu chamava o professor e falava que ele tinha pegando pesado b) procura chegar no menino para conversar	
J09: assim que acaba que a gente voltar para o campo acho que eu tentaria dar força para ele porque eu acho que para o futebol a gente tem que ter confiança e com depois de ter levado vários ralhos assim eu acho que não fica legal muito psicológico da pessoa ela volta menos confiante para o jogo.	a) eu tentaria dar força para ele b) para o futebol a gente tem que ter confiança	

*b) O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: b) Eles iam conversar comigo, eles iam falar comigo, iam falar mano bora levantar cabeça, levanta a cabeça, joga o que tu sabe. Que eles sabem que...eu quando entrei aqui no Real Tapajós eu não pegava nem camisa, nem camisa...ai ficava assim cabisbaixo, assim frustrado comigo mesmo, num era nem com o time, era comigo mesmo, porque a gente se força, a gente se esforça; eu moro meio um pouco longe daqui, a gente se força vim de lá uma hora da tarde pra se arrumar, ai depois vem para ca para jogar nesse sol quente, ai nem jogava, quando era jogo de campeonato nem jogava, ficava no banco, nem jogava e nem entrava no jogo, era frustrante e hoje eu to ai titular, graças ao trabalho que o professor ta fazendo com nós ai, trabalho que tá fazendo no grupo ai, ele...como já falei aqui não são gente, não são atleta, não são coisa...aqui é um grupo, aqui é um time que...unido, entendeu... a cada jogo estão melhorando, eu tenho certeza que esse pessoal do Real Tapajós estão melhorando muito. No jogo passado nós demos uns vacilos, meio assim que não era para gente ter feito e nós saímos derrotados por conta desses vacilos e tipo quando alguém fica cabisbaixo nós tem que motiva, tem levantar a autoestima dele novamente, é difícil, mas se a gente conseguir fazer isso ele vai jogar melhor ainda.	a) Eles iam conversar comigo b) aqui é um grupo, aqui é um time que...unido c) quando alguém fica cabisbaixo nós tem que motiva d) tenta levantar a autoestima dele	1) Iam conversar J01 J05, J06, J07 2) Iam apoiar e incentivar J02, J03, J06, J08, J09 3) Tenta levantar a autoestima J01, J05 4) Iam motivar J01, J05, J07 5) Uns criticam e outros motivam J02, J03, J07 6) Chamavam o professor para conversar J06, J08 7) Ajudar J05, J07 8) Trazemos ele para perto de nós J06 9) A falha é de todos J01,J06
J02: Uns...a maioria iam falar né continuar dando críticas, acho que outros que eu conheço, eu acho que isso não né... isso	a) Uns iam criticar também b) Outra metade ia apoiar c) Iam incentivar ele a prosseguir	

alguns a metade, mas a outra metade ia procurar apoiar também a incentivar ele incentivar ele a prosseguir.		
J03: uma parte e criticar o desempenho dele e outros irão apoiar. ... a chamada na hora que tava todo mundo junto né na hora que a gente vai orar e vai conversar que ele vai levantar a cabeça da pessoa né é isso é o que mais a gente faz.	a) uma parte ia criticar o desempenho dele b) outros iam apoiar	
J04: ah eu acho que eles iam fazer a mesma coisa, incentivar o jogador... é que o jogador tava perdendo muito a bola, tava dando muitas falhas, aí tipo quando ele. perdia a bola dava um contra-ataque do outro dia...o time todo...aí a gente falava solta mais a bola, gritava assim para o jogador, mas não na agressão. é, eles vão...eles fazem a mesma coisa, chegam no ...falam para ele ser mais ativo.	a) iam incentivar o jogador b) falam para ele ser mais ativo	
J05: eles fariam a mesma coisa ... quase a mesma coisa comigo, assim... eles me ajudavam, eles chegavam ... aí olha tu errou mano é só tu melhorar aquilo que tu errou e levanta a cabeça e foi para frente tipo uma motivação para mim... é conversando bola para frente vamos vencer.	A) Eles me ajudavam B) Eles me motivam conversando	
J06: Eles vão dar uma força também para ele... que não tinha mais .... não é só um jogador dentro de campo, a falha não é só dele a falha de todos de todos os jogadores eles vão incentivar ele. Foi assim meio que eu posso dizer, quando a gente fomos jogar no .... Que foi substituído um jogador né, ele ficou muito abalado e o peso ficou tudo em cima dele, aí ele se sentiu muito mal ele ficou sentindo muito mal... Aí gente chegamos nele, dissemos que não era assim e tal, que ele podia fazer o próximo jogo melhor e isso ele pegou aquilo para ele no próximo jogo ele fez melhor ainda mostrar o futebol dele para o treinador. ÀS VEZES A GENTE COSTUMA CONVERSAR PARA NÃO DEIXAR ELE SOZINHO, porque praticamente às vezes tem um grupinho ali outro prali que é chamada a famosa panelinha e para ele não ficar muito abalado a gente tenta trazer ele assim mais para perto de nós conversar com treinador e resolver tudo numa boa.	a) Eles vão dar uma força para ele b) a falha não é só dele a falha de todos c) eles vão incentivar ele d) as vezes a gente conversa para não deixar ele sozinho e) para ele não ficar muito abalado a gente tenta trazer ele assim mais para perto de nós f) conversar com treinador e resolver tudo numa boa.	
J07: logo no começo quando eu entrei né para o time aí logo no meu terceiro jogo que eu fui um péssimo jogo aí ele sempre estava ali do meu lado alguns outros porque é meio separado uns criticam e outros vão lá motivar... aí Acho que uns três ou quatro do time foi lá me motivar e me ajudar né para eu voltar para o segundo tempo melhor e fazer uma boa	a) Uns criticam e outros motivam b) quando a gente vê que alguém tá fazendo um péssimo jogo a gente vai lá para ajudar c) na concentração ou no final do jogo conversamos	

<p>partida aí tipo sempre a gente tá unido né quando a gente Alguém vê que alguém tá fazendo um péssimo jogo aí que tá mal a gente vai lá para ajudar. Para mim acho que eles iam lá motivar assim não podia ser na mesma hora mas quando a gente chegar na concentração ou no final do jogo a gente a reunir e até aquela conversa que a gente sempre tem e a gente é motivar ele para voltar ali para o treino mais focado para o jogo mais focado e que a gente ia sempre está ali motivando ele aos poucos assim para ele melhorar cada dia mais.</p>		
<p>J08: até os meus colegas também eles chegaram no professor, chegaram no menino e tal eles falaram que não era preciso ele tá falando tudo aquilo eles também apoiaram.... não era na hora do jogo na hora do intervalo.... era quando acaba o jogo por que quando acaba o jogo a gente vai para lá aí depois do jogo toda vez a gente conversa não tem para falar do jogo como tinha sido e tal aí era nesse momento que a gente chamava o professor e falava que no próximo jogo ele não fizesse mais isso eu mesmo fui cheguei ter jogo aí que chegou para mim falando num tem, mas eu não deixei não levarem... veio falando que tipo eu tava mal na partida que alguns lances que geram o gol tinha sido minha culpa não tem aí tá mas eu tipo não deixei subir para minha cabeça não eu sou um tipo de pessoa que é muito difícil me abalar com alguma coisa não tem aí tá eu levei de boa mas tipo eu sabia que ele tava falando ali aí eu voltava na minha cabeça como não como uma crítica que era só para mim melhorar que não era para baixar a cabeça não tem Eu sempre tive esse pensamento.</p>	<p>a) No final do jogo eles chegam no professor b) Eles também apoiaram</p>	
<p>J09: acho que eles também apoiariam e incentivariam ele voltar com confiança para o jogo e melhorar os pontos que eu errei.</p>	<p>A) Apoiariam B) Incentivariam</p>	

**4. Situação-Problema:** No jogo decisivo de um campeonato disputado pelo seu time você percebe que um de seus colegas está cabisbaixo e apresentando um baixo desempenho.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
<p>J01: Eu iria assim, se ele continuasse do mesmo jeito, eu ia esperar o intervalo e perguntar o que tinha acontecido com ele, pra mim poder saber assim, porque isso não é normal. O jogo (risos) cara, o futebol é alegria, futebol é diversão, futebol é tudo, futebol é maravilha, futebol é minha vida para tu ter uma ideia, eu vivo o futebol, eu acho assim que sem o futebol não tinha sentido a minha vida.... Não agora, não sei né.... Mas assim eu ia esperar dar o intervalo, eu ia</p>	<p>1) esperar o intervalo e perguntar o que tinha acontecido com ele, pra mim poder saber, porque isso não é normal b) ia esperar o intervalo para conversar com ele</p>	<p>1) Conversar J01, J02, J05, J08 2) Dá incentivo J01, J05, J06, J08 3) Diria para deixar os problemas de casa fora de campo</p>

<p>conversar com ele “o que aconteceu mano”, e tal ele ia me explicar e ai eu ia dar uma direção para ele, poder focar no jogo.</p>	<p>c) futebol é minha vida d) sem o futebol não tinha sentido a minha vida e) eu ia dar uma direção para ele</p>	<p>J05, J09 4) Pergunta o que está acontecendo J04, J07 5) esperar o intervalo e perguntar o que tinha acontecido com ele, pra mim poder saber, porque isso não é normal J01</p>
<p>J02: Eu chegaria né com ele ia conversar perguntar o que tá acontecendo se ele queria sair no jogo você tá falando né na hora do jogo eu ia perguntar e tal se ele não tivesse sentindo bem ... chega lá com o treinador dizer que tá passando por isso aquilo então eu acho melhor que tirar ele que ele não tá muito bem para poder preservar o time e a ele também...já aconteceu já, mas foi assim que eu como eu posso dizer, foi um amigo meu que eu conheço desde pequeno ele tava passando por um momento muito difícil da vida dele, que ele veio até aqui treinar com a gente e tal, e quando chegou aqui a mãe dele sofreu um acidente e ele ficou meio abalado, e ele chegou aqui, não queria voltar, queria desistir... e acabou voltando para lá e até hoje incentivo ele a voltar para o futebol, só que aí ele se meteu com umas amizades e não sei o quê, aí eu... mas mesmo assim ainda continuo incentivando ele para vir para o futebol, para voltar porque ele joga bem, mas só que esse negócio de amizades e de drogas acabam com a pessoa.</p>	<p>a) Chegaria com ele para conversar b) Falaria com o treinador para tirar ele do jogo</p>	<p>6) Chamaria atenção dele para ele se ligar no jogo J03, J09 7) Jogadores ficam triste por conta de críticas de parentes J06 8) Fala para o treinador tirar ele do jogo J02 9) Futebol é minha vida, Sem futebol não tinha sentido minha vida J01</p>
<p>J03: eu já eu chamaria atenção .... ia falar para ele se ligar no jogo é o que eu faria né.</p>	<p>a) Eu chamaria atenção dele para se ligar no jogo</p>	
<p>J04: ... é aí eu chego com ele... pergunto o que tá acontecendo, as vezes é problema familiar, ai isso deixa a gente meio triste...</p>	<p>a) chego com ele e pergunto o que tá acontecendo</p>	
<p>J05: acho que assim... um colega desses um problema familiar assim... Acho que eu chegava com Ele começava a conversar o que ele tava passando aí chegava com ele falava Normal tipo Olha... que tipo bora ver você tá triste por causa de um problema que teve.... Tipo na casa de vocês teve um problema, aí se... vamos tentar deixar os problemas de casa assim fora do campo ... no campo a gente apresentar outro .... outros problemas né que é da parte do jogo ... dava um incentivo para ele assim ... para assim de tipo não, não trazer os problemas de casa para o campo.... melhorar o desempenho dele... para ele melhorar mais e deixar os problemas de casa fora do Campo. Assim acho que.... acho que na maioria dos atletas acho que tem isso tem vez que pai não apoia filho a jogar futebol e o jogador quer porque quer jogar bola acho que acontece assim não apoiar o jogador não apoiar o menino a seguir o sonho dele acho que isso acontece assim....</p>	<p>a) chegava com ele para conversar b) dava um incentivo para ele melhorar mais e c) deixar os problemas de casa fora do campo</p>	
<p>J06: dentro de jogo... Eu faria deixa eu ver... motivar ele né, motivar ele para ele mostrar para as pessoas.... porque a maioria dos jogadores que ficam triste, é porque é críticas que vem de fora, dos próprios parentes o que dizem para ele que aquilo não é pra ele, que o futebol nunca vai ser nada para ele, não vai trazer nada só vai trazer prejuízo. Aí incentivar ele que ele possa ter um futuro melhor e levar aquelas críticas como se fosse um...como uma caminhada, que um...um obstáculo que ele possa vencer a cada passo.</p>	<p>a) Ia motivar ele b) Maioria dos jogadores ficam triste por conta de críticas dos parentes c) Ia incentivar ele</p>	
<p>J07: Ah eu ia lá perguntar o que que ele tava acontecendo E por que que ele tava daquele jeito e também é por ele trazer</p>	<p>a) ia lá perguntar o que tava acontecendo</p>	

<p>muito problema familiar para o dia a dia isso Acaba atrapalhando né o cara fica com o psicológico meio fraco a gente vai lá e Mano Esquece aquilo esquece namorada se te traiu uma coisa assim esquece mano só foca no jogo. Sabe assim quando ele tá muito triste algum motivo assim familiar na casa dele assim ou negócio de namoro a gente tá sempre lá conversando com ele para ele não abaixar a cabeça e focar mais no jogo do que no que está ocorrendo fora de campo.</p>		
<p>J08: a maioria dessas situações que você tá falando aí já aconteceu, não tem principalmente no sub-16. Nesse negócio que aconteceu aqui toda vez assim tipo eu procurava chamar o colega assim eu cheguei falar para ele que era para ele se concentrar no jogo que ele era capaz não tem... que não era para estar colocando coisa negativa na cabeça e que ele jogava muito e que nosso time precisava dele assim tipo ele ia melhorando aí começava se sair bem no jogo.</p>	<p>a) Procuro chamar o colega b) não coloca coisa negativa na cabeça</p>	
<p>J09: Eu acho que eu pediria para ele esquecer o que tá fora de campo e se concentrar em campo mas não de uma forma que ele se sinta pressionado mas de uma forma calma e que ele tenha controle que ele começa a entender o que eu tô falando e que ele tenha mais controle no jogo e se concentre no jogo... todos os jogadores já aconteceu e a gente acaba que vai pensando naquilo e desconcentra muito no campo fica pensando naquilo. falaram que era para mim esquecer o que tava acontecendo fora e para mim focar no que eu tava fazendo naquele momento ali que aí depois eu ia conseguir resolver.</p>	<p>a) pediria para ele esquecer o que tá fora de campo e b) se concentrar em campo</p>	

a) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
<p>J01: Acho que eles faria o mesmo que eu. Iam chamar, num momento do jogo assim numa determinada partida assim, num momento desse para conversar. Iam tentar descobrir o houve com ele, entendeu?! O que que houve para ele tá assim com o desempenho muito baixo. Eles iriam tentar é...assim, reanimar ele...tentar como assim?! Tentar é...Oh meu Deus. Assim, tentar é coisar, falar alguma coisa assim que ele possa assim meio que se voltar para o jogo e se inspirar, entendeu?! Falar uma coisa de motivação para ele, tentar motivar ele ainda mais, tentar motivar ele novamente para ele poder desempenhar um bom futebol no decorrer da partida.</p>	<p>a) Iam chamar num momento do jogo para conversar b) Iam tentar descobrir o que houve com ele c) Iam tentar reanimar ele d) Falar uma coisa de motivação para ele</p>	<p>1) Conversaria J01, J02, J07, J08 2) Incentivam e motivam J01, J05, J06, J07, J08 3) Ralham e brigam J03, J09 4) Criticam J04</p>
<p>J02: Bom primeiramente eles iam chegar com ele também né conversar perguntar o que tá acontecendo e tal, ia chegar com técnico chamar o técnico todo mundo ali junto para perguntar ou então...chamava ele assim o técnico e ele e o técnico para conversar e perguntar o que estava acontecendo E assim a gente podia ajudar o...a conversar com ele e ajudar em alguma coisa.</p>	<p>a) Iam chegar com ele para conversar b) Iam chegar com o técnico e com todo mundo junto para perguntar o que tava acontecendo c) Ajudar em alguma coisa</p>	<p>5) Perguntariam o que está acontecendo J01, J02, J05 6) Ajudar J02, J07 7) Pedir concentração J03, J09</p>
<p>J03: aí eles iam ralar muito (risos) ralar bem assim Ah eles vão falar também né para ele se ligar no jogo tipo para ele se ligar no jogo. Para ele prestar mais atenção para ele se concentrar.</p>	<p>a) Iam ralar muito b) Iam falar para ele se ligar no jogo c) Pedir concentração</p>	<p>8) Traria para perto de nós J06 9) O time depende de todos os jogadores</p>

<p>J04: talvez os meninos não iam saber o que tá acontecendo e iam criticar o jogador. Aí depois no intervalo de jogo o jogador ia se explicar porque ele tava mal. Ah, o jogador tava mal mas ele não tava mal para problema familiar ele tava gripado Aí tipo ele não tava reagindo direito aí o treinador tirou ele de jogo.</p>	<p>a) Não iam saber o que tá acontecendo e iam criticar o jogador</p>	<p>J08 10) Já cheguei num jogo mal, mas ninguém falou nada J08 11) Pedir calma J09</p>
<p>J05: ah, eles... chegar comigo e perguntar para mim que eu tava passando aí eu ia contar o meu problema para ele aí chegava falando para mim Tipo olha vamos vamos levantar essa cabeça vamos motivar vamos jogar futebol eles iam me incentivar para ver se eu esqueço aquele problema deixa para dentro de casa fora do campo Bora jogar futebol acho assim uma motivação né para não deixar Acho que muita o cara muito abalado. acho que porque quando eu chego eu chego conversando com as pessoas eu chego batendo papo aí eu vou conhecendo cada um aí eu não fico muito isolado porque eu vou conhecendo a gente fica na bagunça aí eu já chego conversando justamente para evitar isso.</p>	<p>a) Iam chegar comigo e perguntar o que eu tava passando b) Eles iam me incentivar c) Motivam</p>	
<p>J06: Ah eles iam motivar ele, iam chamar ele para mais perto deles, porque a maioria das vezes quando o jogador fica triste ele gosta de ficar um pouco afastado, não mostra muito o seu desempenho dentro de campo, fica um pouco triste e a gente ia querer trazer ele mais para perto de nós, para o meio da brincadeira para onde a gente fica mais localizado. Que antes da gente disputar um campeonato a gente sempre ora, agradece a Deus por mais um dia, que possamos ter aquela Vitória e levar os três pontos para casa. só isso.</p>	<p>a) Iam motiva ele b) a maioria das vezes quando o jogador fica triste ele gosta de ficar um pouco afastado c) a gente ia querer trazer ele mais para perto de nós</p>	
<p>J07: é isso aconteceu né um tempo em que meu pai se separou da minha mãe aí eu fui para jogo assim meio triste aí eu contei para lá e para o W. que a gente ia mais junto e aí a gente se motivou a gente ia eles conversaram comigo os meninos lá conversar comigo e me ajudaram na hora que eu tava muito de cabeça baixa e eles me ajudaram muito bem.</p>	<p>a) a gente se motivou b) os meninos lá conversaram comigo c) me ajudaram muito bem</p>	
<p>J08: Bom, tipo assim na maioria das vezes isso é normal de acontecer, num tem... porque o jogador leva problema de casa, problema pessoal para o jogo e tal, ai ele não sabe diferenciar ou as vezes ele nem consegue... ai tipo isso é normal de acontecer... na maioria das vezes meus colegas foram até o menino ali num tem... as vezes o jogador não quer falar, num tem... mas mesmo assim eles incentivam, procuram incentivar o cara, para dar seu melhor num tem, falar assim as coisas tipo motivar mesmo para que ele possa fazer, jogar bem e tal dar seu melhor, porque o time sempre vai depender de todos os jogadores, não é so de um ou de dois, ai por isso que a maioria das vezes os meninos chegam e falam isso, motivam para poder ele ficar bem porque se não desestabiliza o time. Mas tipo já aconteceu de eu chegasse no jogo mal e tal por ter trazido coisa pessoal para o jogo não tem mas tipo Ninguém chegou e falou assim para mim ... (risos) eu não sei nem se eles perceberam também.</p>	<p>a) Isso é normal de acontecer b) Procuram incentivar c) o time sempre vai depender de todos os jogadores d) motivam para poder ele ficar bem porque se não desestabiliza o time. e) Já cheguei num jogo mal, mas ninguém falou nada</p>	
<p>J09: ) acho que da parte de um teria um ralho, uma briga, mas da parte de outro por exemplo da minha e do R. acho que ele chegaria e conversaria com o atleta, pediria para</p>	<p>a) Da parte de um teria um ralho e briga</p>	



<p>ele ter calma acho que até mesmo o R. poderia brigar mas depois ele ia pôr a cabeça no lugar e pedir para o atleta tomar calma e ter mais concentração do que ele tá fazendo... eu acho que falar brigando é tu chegar gritando estressado e apontando os erros e falar de uma forma Calma é tu no lugar de tu tá interrogando não é criticando tu chega lá numa forma mais calma e fazendo uma crítica que ele entenda que possa ser uma crítica construtiva e falando com outras palavras por exemplo na se a pessoa erra aí tem uns que chegam falando palavrão isso não é legal agora se tu chega mano tu errou aqui tal tal agora concentra aí no jogo é uma forma diferente de conversar com atleta.</p>	<p>b) Chegaria e conversaria com o atleta c) Pediria para ele ter calma d) pediria para ter mais concentração do que ele tá fazendo</p>	
---	---	--

**5. Situação-Problema:** Durante o treino semanal o treinador lhe acusa de estar errando os passes, cruzamentos e finalizações de propósito, alegando ainda que você não está se esforçando e que está sem interesse para treinar. Entretanto, você não concorda com ele e acredita que está fazendo o seu melhor durante o treinamento.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
<p>J01: No meu caso, não sei os outros, mas no meu caso eu iria assim se eu não tivesse concordando com ele eu ia parar para pensar se realmente eu tava fazendo o meu melhor, porque a gente tem que, como já falei a gente tem que melhorar a cada jogo, cada treino a gente tem que melhorar, aperfeiçoar, a gente não é perfeito, ninguém é perfeito, aah...aah, a nossa vida não é cheia de... nós somos falhos, cada ponto... ninguém é... nunca vai fazer o certinho assim, sempre tem erros, sempre tem erros, por isso que a gente tem que parar para pensar que se realmente a gente está fazendo aquilo que é certo, porque quando a gente acha que está fazendo certo, está fazendo errado e quando menos assim, por exemplo, eu hoje, eu não tava jogando bem, por exemplo, eu no meu treino eu não tava jogando bem, até me lesionei aqui, até que pude sair, eu acho que eu poderia dá o meu melhor, poderia dá melhor... Eu acho que iria ficar meio chateado, chateado, com o diretor, porque assim ele pode tá vendo uma coisa, e eu tô vendo outra, e tipo isso é frustrante no futebol, pra um atleta é frustrante então assim isso não é legal no futebol, isso é frustrante pro atleta. Eu ficaria meio chateado sim, meio com raiva, mas não falaria nada.</p>	<p>a) eu ia parar para pensar se realmente eu tava fazendo o meu melhor b) a gente tem que melhorar a cada jogo, a cada treino c) a gente não é perfeito d) porque quando a gente acha que está fazendo certo, está fazendo errado e) ficaria chateado e com raiva, mas não falaria nada</p>	<p>1) Pensaria se realmente estava fazendo o meu melhor J01 2) A gente não é perfeito J01 3) Melhorar a cada jogo J01, J02, J03, J07 4) Ficaria chateado J01, J02 5) Não falaria nada J01, J04, J08 6) Baixaria a cabeça e ficaria na minha J02, J03, J07, J09 7) Converso com ele J05, J08</p>
<p>J02: bom nessa situação é eu abaixaria a cabeça, escutava procurava melhorar ficava chateado um pouco também mas com passar do tempo a gente vai melhorando vai adaptando e a gente tenta melhorar cada vez mais buscar o buscar o nosso objetivo que é chegar ao seu lado profissional de futebol e é isso aí.</p>	<p>a) eu abaixaria a cabeça b) escutava c) procurava melhorar d) ficava chateado um pouco</p>	<p>8) Ia debater J06 9) Dificilmente discordo do treinador J02, J07, J08</p>
<p>J03: Ah eu ia ficar na minha né porque treinador né... eu ia ficar na minha, só de boa, aí eu ia passar a me esforçar mais, bem mais...</p>	<p>a) eu ia ficar na minha b) eu ia passara me esforçar mais</p>	<p>10) Entra num acordo e resolve o problema J06</p>
<p>J04: (Fica em silêncio). É porque eu não sou muito de falar assim para treinador eu prefiro mostrar o futebol para ele aí eu reagiria assim jogando o meu futebol.</p>	<p>a) eu não sou muito de falar assim para treinador b) reagiria</p>	<p>11) Acho feio quando os colegas respondem para o professor J08</p>

	jogando meu futebol	
J05: Ah eu falaria sim ... se eu não tava rendendo muito no treinamento eu falaria com ele tipo... tipo assim eu tô me esforçando para aquilo que ... que eu quero melhorar naquilo.... eu tô me esforçando naquilo que eu quero melhorar.. acho que se a gente erra é uma parte nossa. tipo a gente erra assim uma parte que a gente não sabe.. tipo cruzar uma bola... a gente pega e começa aprender... querendo aprender aquilo...a gente erra os passos aí ele vem criticar a gente .... tipo a gente tem que ir chegar com ele e falar ...se “não a gente tá se esforçando para aquilo para melhorar”... acho que assim .... que na minha causa assim se eu.... quero me esforçar “praquilo” para mim melhorar ...aí eu erro um passo aí ele vem me criticar aí eu fico... poh, mas eu vou me esforçar mais ... eu converso com ele: “não, tô me esforçando para melhorar naquilo que eu tô errando”.. isso que eu falava com ele.	a) Eu converso com ele b) a gente tem que ir chegar com ele e falar	
J06: eu ia debater com ele, eu ia falar que não é assim, porque foi... Se a bola passou de mim foi falha de quem tava na frente com ela, de quem perdeu a bola, então eu ia debater com ele, a gente entra num acordo e ia resolver o problema... foi um pouco assim irritante né, porque ele me brigou né, aí eu sempre abaixava a cabeça e ele disse que nunca era para mim abaixar a cabeça, que isso era para mim, pra levar para mim como aprendizado e que eu ia passar pelo jogo.	a) Eu ia debater com ele b) a gente entra num acordo e ia resolver o problema	
J07: não... porque quando o professor está observando do lado de fora ele sabe o que tá acontecendo dentro de campo né então se ele tá me acusando assim muita das vezes eu aceito porque ele é treinador ele sabe o que tá acontecendo porque que não tá aí quando ele me a coisa assim eu procuro melhorar meu foco é só melhorar cada vez mais aí ... mas quando eu não aceito é eu vou buscar melhorar vou vir para o treino mais focado quando eu vejo que ele tá certo que eu tô que eu tô bem né quando ele me elogia aí se eu fico na minha do mesmo jeito eu procuro melhorar cada vez mais.	a) muita das vezes eu aceito porque ele é treinador b) mas quando eu não aceito é eu vou buscar melhorar c) quando ele me elogia aí eu fico na minha do mesmo	
J08: isso já aconteceu muito nos treinos .... Tipo ele chegar para mim falar que eu não tava levando sério treinamento mas tipo não era questão de não tá levando a sério é por causa do meus colegas não têm eles levam muito na brincadeira aí tipo eu já ficava meio que desmotivado e tal aí quando a gente tá sem vontade começa a errar e tal mas tipo não é questão de eu estar com sem vontade e tal aí por causa o fato de eu ver meus colegas ali mas na brincadeira e não prestar atenção isso que me desmotivou.... tipo eles lá tudinho falo isso daí não tem Eu sou da minha disciplina é muito difícil eu direcionar a palavra para professor assim na hora que eu tô dentro do campo e que ele tá explicando assim tal ou comanda nosso treino tipo só quando tá na hora da brincadeira aí que o diretor da palavra para ele mas só na brincadeira mas na hora do treino é muito difícil eu não gosto não tem ... eu acho feio quando ele tá falando com algum colega meu e tal aí eles ficam respondendo aí eu mesmo vou lá e brigo com meus colegas fala o que é para fazer o que ele tá pedindo e não para ficar respondendo ele é muito difícil está direcionando a palavra ou discordando mesmo que ele possa tá errado mas tipo é procuro chamar ele só depois que acabou treino para falar porque na hora que ele tá ali comandando ele tá de cabeça quente aí eu não gosto de falar não porque ele vai se estressar e tipo vai	a) é muito difícil eu direcionar a palavra para professor b) eu acho feio quando ele tá falando com algum colega meu e tal aí eles ficam respondendo c) é muito difícil está direcionando a palavra ou discordando mesmo que ele possa tá errado d) procuro chamar ele só depois que acabou treino para falar	

querer descontar em mim não tem aí por isso que eu espero treino acabar e aí eu falo isso para ele aí ele vinha entendia quando eu cheguei me fala isso.		
J09: Eu particularmente hoje eu não tô bem e aconteceu isso e eu não me exaltei eu pedi calma e que eu tô um pouco cansado por isso que eu não rendi hoje e eu acho que é isso eu só pedi calma para o L. porque meu esgotamento físico não tá bem aí Eu pedi calma não costumo me exaltar nessas situações.	a) Não me exalto b) Peço calma	

b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Alguns reclamam com o professor, alguns discutem, alguns discordam, eu acho que é um desrespeito com o atleta, consigo mesmo e com o treinador do time.	a) Alguns reclamam com o professor b) Alguns discutem c) Alguns discordam d) eu acho que é um desrespeito com o atleta, consigo mesmo e com o treinador do time	1) Discutem J01, J02, J03, J06, J07, J08, J09 2) Acho um desrespeito com o atleta e com o treinador J01 3) Aceitam a critica J03, J04, J05 4) Tentam melhorar J04, J05, J07
J02: Ah com certeza eles vão debater com ele né, eles iam falar mas eu...eles iam para cima dele para falar e tal, não gostar, ficar brabo, baixar a cabeça, olhar torto né como eles falam, mas depois de um tempo aí com a cabeça melhora.	a) Vão debater com ele (treinador) b) Eles iam para cima dele (treinador) c) Ficar brabo d) Baixar a cabeça	5) Ficam chateados J02, J03, J07, J09 6) São cabeça quente J07, J08
J03: depende porque tem uns que aceita e outros que não já já ficam com raiva saem do time e pedem para sair. Ah, eles discutem com treinador, dizem que não dá mais... já aconteceu muitas vezes isso.	a) Uns aceitam e outros não b) Ficam com raiva c) Saem do time d) Discutem com o treinador	7) Discordam J01, J03, J08 8) Direcionam a palavra para o treinador J02, J08
J04: é tem uns que não aceita crítica, tem uns que pedi para sair né?! Aí tem outros que tenta melhorar, é isso? ...é porque tipo o jogador tava no campo aí nosso outro jogador ficou mexendo com ele aí como aí ele foi discutindo com jogador aí o treinador chamou ele disse que não era para ele fazer isso que era para ele jogar futebol dele.	a) Uns aceitam a crítica e b) uns que pedi para sair c) Outros tenta melhorar	9) Saem do time J03, J04 10) Falam mal do treinador J05 11) Não responde J05
J05: acho que tipo Eles vão querer falar fala mal do treinador, mas eu acho que eles vão dar o melhor deles também dá o melhor para ele se esforçar naquilo que ele estava levando acho que tem uns que escuta que vão escutar aquilo não responde fica só escutando para ver se ele melhora naquilo que ele que ele pegou o ralhó né não responde fica só na cabeça só pensando isso que eu penso.	a) Eles vão querer falar mal do treinador b) Eles vão dar o melhor deles c) Tem uns que vão escutar d) Não responde	12) Não tem calma para pensar J08
J06: eles iam debater também porque sempre eles debatem, eles brigam..., como o W... um exemplo, ele se esforçou né para pegar bola, mas só que a bola passou dele aí jogaram... o presidente e o treinador jogaram muito aaaa culpa em cima dele aí ele ficou com raiva e	a) Eles iam debater b) Eles brigam	

saiu do time.		
J07: acho que para todo jogador né ... jogador que participa de campeonato acho que é o mesmo pensamento deles Mesmo ele estando certo no treino pensamento dele é cada vez que focar e melhorar e ele “tando” errando então o Foco é melhorar cada vez mais.... tem uns né que são muito cabeça quente que recusa né discuti com professor na mesma hora, mas depois passa por que na hora que estamos treinando tá com sangue quente aí depois a gente fala e pensa Não ele tá certo ele é treinador vou fazer o que ele tá mandando.	a) ele “tando” errando o Foco é melhorar cada vez mais b) são muito cabeça quente c) tem uns que recusa d) discute com o professor na mesma hora e) depois a gente fala e pensa Não ele(treinador)a tá certo	
J08: diferente ele já são mais cabeça quente tava eles não tem essa essa calma para pensar e tal eles toda vez a maioria dos treino eles direcionavam a palavra para para o treinador discordando ... o professor falava alguma coisa para eles, eles iam lá e responde ... dizendo que não dava... sendo que dava de fazer para eles como eles não acertaram e tal então eles falaram que não dava eles não esperava a hora tipo depois chamar o professor e falar ele queria falar na hora.	a) são mais cabeça quente b) não tem calma para pensar c) a maioria dos treino eles direcionavam a palavra para o treinador d) discordam	
J09: acho que é bem dividido alguns e ficaram calado outros se exaltariam ... como o Y. já falou, já chegou a falar alto com o treinador mais outros faria a mesma coisa que eu... eu iria... faria a mesma coisa que eu porque uma crítica construtiva para o atleta. Então é pedir calma e saber tá focado...E que alguns Lances você acerta e outros não tem como.	a) Alguns ficaram calado e outros se exaltariam b) chegou a falar alto com o treinador	

**6. Situação-Problema:** Em um dia de treino o diretor apresenta um novo integrante ao time e você percebe que o menino está tímido e não conversa com ninguém.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Eu faria com que ele se enturmasse né, como eu sou o capitão desse time eu tenho que impor uma ... um ambiente assim que ele possa se enturmar com a gente entendeu, porque um jogador assim separado do grupo pode prejudicar o time dentro de campo entendeu, por isso o grupo tem que tá unido tem que tá focado no jogo, tem que ter uma união entre os atletas de um clube.	a) Eu faria ele se enturmar b) um jogador assim separado do grupo pode prejudicar o time dentro de campo c) tem que ter uma união entre os atletas de um clube	1) Faria ele se enturmar J01, J03,J04, J07, J09 2) Jogador separado do grupo pode prejudicar o time em campo J01 3) Tem que ter união J01, J03, J06 4) Conversaria J02, J04, J05, J08
J02: bom a gente chegaria com ele lá ...eu né.. chegaria com ele “oh chega aí mano, se enturma ... todo mundo aqui é uma família só”... somos um time, todo mundo se apoia, chega aí, que aqui não tem vergonha não ... tem que ser sem vergonha né como técnico fala.	a) Chegaria com ele b) Somos um time c) Todo mundo se apoia	5) Fazer amizade J05, J08 6) Novatos são tímidos J03,J06,J07
J03: o que a gente faz aí é, é manda se enturmar né, olha se enturma, tem que tá aqui junto, junto com nós, junto com a gente né, pra se entrosar, pra se entrosar, tem que se entrosar...A gente convida, mas tem muito jogador que é muito na dele, não é de ficar falando muito.	a) Manda se enturmar b) Tem que se entrosar c) Tem que tá aqui junto d) tem muito jogador que é muito na	7) Somos um time J02 8) Todo mundo se apoia J02

	dele	9) Não chegaria J09
J04: quando chega jogador novo a gente chega Pergunta a posição dele Quantos anos ele tem e a gente diz para ele assim como é assim se entrosar no grupo para ele conversar mais e é isso.	a) Conversa com ele b) Diz para se entrosar no grupo	10) Esperaria o grupo se entrosar J09
J05: Eu acho que... eu sei que treinador traz muita jogador de fora acho que eu chegava assim conversando assim logo perguntando assim a idade dele Qual a posição que ele joga conversando com ele tipo querendo conhecer ele conhecer ele aí para ele ficar mais alegre no grupo né pegando amizade com a gente para quando eu chegar no campo a gente tem uma amizade saber tocar bola saber jogar acho que isso que eu trazia falava com ele com jogador novato.	a) Conversaria com ele para conhecer b) Faria amizade	
J06: A gente vai se aproximando aos poucos para ver se ele se solta, a gente começa as brincadeiras, a gente chama para ele para acompanhar nós. Alguns veem mas, às vezes, uns demoram para se entrosar. E é assim que a gente acaba fazendo amizade dentro do time.	a) A gente vai se aproximando aos poucos para ele se soltar b) a gente chama para ele para acompanhar nós c) uns demoram para se entrosar	
J07: a gente no time quando tivesse assim...tipo hoje tinha muito menino novato... assim eles são muito tímido, mas assim como eu já cheguei atrasado não foi lá para casa lá para concentração e não observei , mas que eu vi tinha muito menino assim tímido, mas assim o único que eu consegui falar foi com o zagueiro que eu tava conversando com ele lá que é para ele começar se inteira no grupo... porque a gente a resenha que é a bagunça né a gente leva tudo... não é pesado... é Nossa brincadeira é pesada, mas tem que entender que é só uma brincadeira que não é para levar a sério e que é para ele se entrosar mais com a gente.	a) Falo para se inteirar no grupo b) Os novatos são tímidos c) Fazemos brincadeiras para eles se entrosarem	
J08: Tipo isso aconteceu, mas tipo na hora ele quando a gente está se arrumando lá eu nunca cheguei e falei assim eu começo a falar quando a gente tá na hora do treino eu vejo que o menino tá muito tímido e Tal... distante do jogo não tá conversando com ninguém aí tipo eu mesmo vou lá e falo começo a fazer tipo amizade com ele, para ver se ele se solta mais porque tipo eu penso assim tipo se eu chegar nele começar a amizade comigo a partir de mim ele vai começar a se aproximar dos outros não tem E aí por isso que... mas é mais na hora do treino dentro do campo já, mas na hora de hora de se arrumar é difícil chegar assim.	d) eu começo a falar quando a gente tá na hora do treino e) começo a fazer amizade com ele f) a partir de mim ele vai começar a se aproximar dos outros	
J09: eu não sou... não chegaria, mas eu acho que Eu esperaria o grupo como eu já fiz com o J., o J. entrou depois de mim esperei o grupo se entrosar e assim eu cheguei perto dele porque é cobrado entrosamento dos atletas, porque às vezes a gente entra no jogo tá desentrosado E acontece brigas aí a gente acaba perdendo a cabeça, mas eu acho que o grupo ele começa a se entrosar lentamente depois ... lentamente não, o grupo se entrosa muito rápido na verdade.	a) Não chegaria b) Esperaria o grupo se entrosar para chegar perto dele c) é cobrado entrosamento dos atletas d) o grupo se entrosa muito rápido	

*b)O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Ixi, eu acho que eles fariam o mesmo que eu ou eles poderiam tirar até brincadeira e o garoto que tava meio assim, meio tímido ele poderia até se enturmar assim no primeiro treino dele.	a) Poderiam tirar brincadeira	1) Manda se entrosar / enturmar J02, J03, J09  2) Conversar

<p>J02: a mesma coisa também chegar chamar para roda para conversar dialogar né colocar o papo em dia... um rapaz novo entrou aqui para o time e ficou mufino, pro um lado e pro o outro, aí eu cheguei lá e chamei né, era até o goleiro da equipe... eu chamei ele, joguei ele lá pra dentro do pessoal lá pra brincar e conversar e tal para ele se enturmando com time porque a gente diz assim tem que se enturmar para poder o time evoluir cada vez mais.</p>	<p>a) Chamar para roda b) Conversar c) tem que se enturmar para poder o time evoluir cada vez mais</p>	<p>J02, J03, J05, J07, J08, J09 3) Criar amizade J01, J02, J05, J06, J07 4) Uns vão até o menino, outros não J04</p>
<p>J03: É o que também eles iam fazer, eles iam chamar mandar se entrosar, ficar perto para não ficar afastado... ficar afastado é chato. Por que quando a gente é afastado assim é muito difícil ... se dá muito mal no treino quando não é entrosado... é ruim porque a gente se dá muito mal no treino não tem entrosamento, não fala, fica na dele, aí fica difícil.</p>	<p>a) Eles iam chamar ele b) Iam mandar se entrosar c) Quando não se entrosa é ruim para o treino</p>	<p>5) Ficam só olhando J07 6) Minhas amizades são todas do futebol J07 7) Só falam se o menino jogar bem J08</p>
<p>J04: fica em silêncio. Tem uns que vão até o menino outros não.</p>	<p>a) Tem uns que vão até o menino outros não.</p>	
<p>J05: aí que observei assim eles chegam eles falam com jogador eles conversam eles falam que posição joga Qual a idade... que seja bem-vindo à equipe assim sempre tem um sempre... tem sempre tem um grupo unido sempre tem um grupo conversador principalmente para tirar a timidez do jogador aí trazer ele para o campo tipo uma união acho que assim que é o futebol.... acho que para mim a maioria das amizades foi na escola tem colega meu que joga no mesmo time acho que a maioria deles são tudo da escola, mas depois a gente cria uma amizade assim nós no futebol que nem um colega de infância mesmo da gente, e acho que tem uns três atletas que joga nesse time tem três atletas que eu conheço desde criança desde a escola desde o tempo escolar.</p>	<p>a) Eles conversam com o jogador b) Dão boas-vindas a equipe c) tem um grupo conversador para tirar a timidez do jogador d) a gente cria uma amizade assim nós no futebol</p>	
<p>J06: Por ser um colega novo na nossa base né, a gente ia puxar uma brincadeira com ele para vê se ele interagia com nós para também ter o desenvolvimento dentro de campo, que lá ele já ia conhecer mais como nós brincamos, o que a gente não gostamos, e aí a gente ia saber um pouco mais dele também, a gente ia trazer ele para o nosso meio através da brincadeira que a gente ia puxar para incentivar ele a interagir com nós no meio de todo mundo.</p>	<p>a) ia trazer ele para o nosso meio através da brincadeira b) fazer ele interagir com nós</p>	
<p>J07: alguns fica... fica só olhando né os outros procura conversar com ele explicar como é que ocorre dentro do time... fora nos jogos no treino para ele começar a se inteirar mais com a gente.... a resenha é assim é quando acaba o jogo né a gente fica lá naquela brincadeira entre nós tipo lá na casa do L. ou quando acaba o treino mesmo no mesmo local que a gente fica tira brincadeira com outro fica brincando e tirando graça é aquela coisa entre a gente né fica arriando calção essas coisas assim bagunçando conta piada faz um monte de coisa.... as amizades todas são do futebol todas eu conheci pelo futebol, todas eu conheci através do futebol assim quando eu não participava disso assim quando eu jogava futsal no futsal tinha poucas amizade era mais no time mas quando eu sair para Campo foi quando eu comecei a fazer mais amizade dentro de campo e fora também. a gente sai para correr a gente faz outras coisas também assim, mas a minha amizade são tudo através do futebol foi onde fiz da minha amizade verdadeira essas coisas.</p>	<p>a) Alguns fica só olhando b) Outros procura conversar c) Minhas amizades são todas do futebol</p>	

J08: é meus colegas já são mais diferentes ... tipo Eles muitas vezes eles iam chegar assim para conversar com menino, mas é muito difícil ... tipo Eles tem o ego muito sei lá você é muito orgulhoso sabe aí tipo se depois talvez... talvez não ele só começa a falar com o menino Esse novato depois do segundo treino terceiro já que que eu ver como e também lá ele só começa a falar se o menino jogasse bem bola, num tem, se ele fosse meio ruinzinho assim tal aí ele já ficava mais com pé atrás não é por causa sei lá meio que preconceito.	a) Iam chegar para conversar, mas é muito difícil a b) Só falam se o menino jogar bem bola	
J09: acho que eles chegariam ... sempre chegar um e vai conversando aí conversa com outro e acaba aqui todo mundo se entrosa....Na minha opinião é bom porque sempre a gente tem que tá buscando o melhor para si e se a gente busca o melhor para se acaba contribuindo com o grupo e essa competição ela é bom para sempre um se destacar e mostrar o que veio fazer aqui.	a) Eles chegariam b) todo mundo se entrosa c) competição é bom para sempre um se destacar e mostrar o que veio fazer aqui.	

**7. Situação-Problema:** Durante um jogo do campeonato, o time adversário mostra-se muito violento nas jogadas, por este motivo as comissões técnicas começam uma discussão com o organizador do campeonato. Nesse momento um dos jogadores adversários esbarra num companheiro do seu time e logo começam a se xingar e depois a brigar.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Eu dentro do campo eu poderia separar a briga né, eu fora de campo eu não me resolvo nada, eu não posso sair de campo, não posso abandonar a partida para resolver uma briga fora de campo, isso aí é com eles, com o pessoal de fora que tá discutindo. Eu iria separar a briga, ia chamar a arbitragem para observar mais, o que ta acontecendo nesse jogo, para poder haver um jogo limpo e organizado	a) dentro do campo eu poderia separar a briga b) fora de campo eu não me resolvo nada c) ia chamar a arbitragem para observar mais	1) Evitaria a briga J02, J04, J06, J08 2) Separa briga J01, J02, J03, J05, J07, J08, J09 3) Fora de campo não resolvo nada J01
J02: é eu chegaria afastar os dois... o que é o que a gente poderia fazer afastar evitar na verdade a briga discussão... porque isso no futebol é uma coisa muito feia na verdade né ... porque o futebol ele é arte ele é como eu posso dizer é grupo aí a gente tem que ser .. não é porque somos adversários que a gente vai querer bater eles ... são adversários, mas nós temos que respeitar os nossos adversários e assim por diante.	a) Eu afastaria os dois b) Evitar a briga c) O futebol é grupo d) não é porque somos adversários que a gente vai querer bater eles e) temos que respeitar os nossos adversários	4) Chamaria arbitragem J01 5) Resolvo na conversa J08 6) Incentivam J03, J07 7) Futebol é grupo J02
J03: Ah, eu afastava né... tirava puxava meus companheiros de time né porque tem uns que incentiva né, mas eu já sou de afastar, porque não é certo ficar brigando assim... aí eu puxo né os jogadores os companheiros assim para longe... afasta puxo eles para minha.	a) Eu afastava b) Tem uns que incentiva c) Não é certo ficar brigando	8) Respeitar os adversários J02, J03, J05 9) Dentro de campo não tenho amigo J07
J04: eu reajo, tipo eu saio para beirada do Campo.	a) Eu saio para beirada do campo	
J05: acho que para mim eu tipo vendo assim uma violência física acho que eu ia chegar eu separava aquela eu ia separar briga para não evoluir muito a briga, a violência entre eles	a) ia separar briga para não evoluir muito	10) Sou uma pessoa calma J09

<p>né. Acho que chegava com ele vamos se comportar vamos ficar só na nossa vamos manter o foco no jogo assim se se o jogador do outro time pegue bate no parceiro nós aí fica naquela confusão aí eu chegava e bora jogar nosso futebol Bora levantar a cabeça bora vencer o jogo bola para frente não ligar muito para violência... que pode ser eliminados, pode ser expulso o jogador aí fica difícil né acho assim que eu mesmo separava assim a briga... prestar mais atenção no jogo do que na violência.</p>	<p>b) chegava com ele e pedia para se comportar c) pediria para prestar mais atenção no jogo do que na violência</p>	
<p>J06: eu ia pedir para o time se recuar, para manter a calma, para a gente buscar o resultado... para... se não a gente acaba sendo expulso e ia perder os pontos da tabela, porque já aconteceu isso daqui, deu até polícia. A gente tava disputando acho que era contra o velosão, mas só que foi o jogador que xingou nosso técnico, aí ele não gostou e revidou, aí o banco do adversário revidou também. Aí no final do jogo o menino veio e esbarrou no nosso ex-jogador do nosso, aí ele caiu no chão, e aí começou um confronto das duas equipes. Aí era só chute, tapa na cara....até que chegou a polícia para resolver aí a gente perdeu o ponto também. P. Quando acontece? O que você pensa em fazer? Saio de perto. P.e se tiver amigo seu? Vai ficar lá...levando tapa.</p>	<p>a) ia pedir para o time se recuar b) pedir para manter a calma c) saio de perto</p>	
<p>J07: quando é assim... é quando estão só discutindo a gente vai para separar, mas quando é ocorre a agressão mesmo tipo chegou bateu... bateu no nosso jogador. Aí nós já vai para dar soco nele bate nele aí já não tem mais como controlar briga ... Aí já vamos no soco se socando tudo, mas quando é assim só agressão verbal assim, fica só discutindo.... pega separa, pega no peito do no peito do outro e manda separar. Jogar na bola jogar limpo. Assim muitos ficam chateado porque a briga ocorreu dentro de campo e quando o jogo acaba eu tenho minhas amizades fora, dentro de campo eu não tenho nenhum amigo, tem amizade fora de campo dentro de campo não tenho nenhum amigo tipo se for para mim chegar com treinador o treinador falou pega chega e bate aquele ali ele pode ser meu irmão eu vou fazer o que o treinador mandar então eu vou lá chegar e bater ele, mas quando acabar o jogo eu vou lá peço desculpa aí converso com ele normal ele pode até ficar chateada comigo, mas é eu tô fazendo o meu papel o que o treinador mandou por que o treinador me passar eu vou fazer dentro de campo.</p>	<p>a) Quando estão só discutindo a gente separa b) Quando ocorre agressão a gente vai para dar soco c) dentro de campo eu não tenho nenhum amigo</p>	
<p>J08: é como eu falei tipo eu sempre procuro é dá um jeito de amenizar eu não vou lá procurar fazer mais confusão não tem ... tipo eu sempre procuro amenizar ali para que não se torne tipo uma violência.... tipo eu vou falo com meus colegas e tal Poxa eles falam que tipo a violência não vai levar nada que nós tem que resolver no futebol aí a gente tá lá dentro do campo para jogar bola não para tá discutindo deixa os cara bater para lá por quê Professor sempre falou que no campo lá tem o juiz não tem ... ele é que marca as faltas que sabe administrar o jogo a gente só tá ali para jogar bola para fazer nosso papel e esse negócio de briga lá... eu procuro então é resolvendo conversa tipo primeiro com meus colegas aí tá se eu conseguir entrar na cabeça dele convencer eles que isso não é assim tal aí eu os cara lá não vou fazer confusão sozinhos não tem ... isso depende mais do nosso time não entrar no entrar no conflito.</p>	<p>a) Procuo amenizar b) Eu não procuro fazer mais confusão c) Procuo resolver na conversa</p>	
<p>J09: Eu acho eu sou uma pessoa muito calma não gosto de briga e eu acho que eu puxaria o meu atleta tiraria ele da briga ou que em qualquer pessoa que tivesse na briga eu</p>	<p>a) Eu sou uma pessoa muito calma b) Tiraria o</p>	



tentaria tirar para evitar qualquer confusão e prejudicar até a equipe No final da competição.	atleta da briga	
--	-----------------	--

b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Também a mesma coisa, se fosse por exemplo, um companheiro nosso na briga, a gente ia separar como eu já falei no começo, ainda agora, a gente... eles iriam separar assim porque um jogo com briga é feio, fica feio	a) eles iriam separar b) jogo com briga é feio	1) Iriam separar J01, J02, J05, J07, J08,J09 2) Iriam para cima, xingar e agredir J03, J04, J06, J07, J08,J09
J02: Eles iam tentar apartar também né porque muita das vezes isso traz prejuízos para o time e para... para os jogadores tá brigando dentro do campo né porque ele pode ser suspenso...pode ser suspenso de vários campeonatos e etc por aí...	a) eles iam tentar apartar	3) Maioria tem respeito J05
J03: eles iriam para cima, iriam para cima do outro do outro time....Ah eles iam xingar agredir tudo que já aconteceu aqui já, mas só que daí foi mais ... uns foram outros ficaram que tem uns que já....Uns foram outros ficaram ... o treinador aí foi... foi treinador primeiro para cima do juiz...rapaz depois de um bom tempo uma boa hora de discussão acho que cansaram né Aí cada um foi para o seu canto e terminou a partida na hora.	a) Eles iriam para cima b) Iam xingar c) Iam agredir	4) Jogo com briga é feio J01 5) Saem de perto J06 6) Tem jogadores agressivos e tem jogadores de boa J08
J04: meus parceiro vão para cima do outro jogador, mas tipo não vai para agressão.	a) Vão para cima, mas não para agressão	7) Uns iam pedir desculpa J08
J05: acho que tem alguns que iam separar né, porque a maioria desse time tem respeito dentro do campo acho que eles vão chegar e bora jogar o futebol.. Vamos manter um foco no jogo acho que assim eles para Manter o Respeito Acho que tudo isso a gente leva no jogo...	a) Alguns iam separar b) Maioria desse time tem respeito	
J06: a maioria dos jogadores alguns deles se intrometem né, é para defender e aí outras não, outros saem para não se prejudicarem... Para não levar em cartão ou vermelho para não ficar fora da próxima partida outros porque às vezes a expulsão do campeonato por violência aí eles... Alguns eles nem sempre vão, nem se metem.	a) Se intrometem b) Defendem c) saem para não se prejudicar	
J07: é assim quando tem como foi como eu falei para você a gente vai lá tentar separar se for uma agressão verbal agora se for aí vai em conjunto A gente vai assim para porque a gente não vai querer deixar o nosso parceiro nosso amigo lá no chão apanhando a gente vai para tentar ajudar ele defender ele aí vai gerar briga entre a gente lá. Porque assim na hora do jogo a gente tá com Sangue Quente a gente fica com a cabeça esquentada gente vai para querer brigar mas quando acaba o jogo a gente esfria a cabeça e aí volta amizade normal.	a) Se for agressão verbal, a gente separa b) a gente vai para tentar ajudar c) a gente defende ele d) a gente vai brigar	
J08: com certeza eles iam querer puxar confusão...é assim o time as vezes tem jogadores assim que são muito agressivos num tem, tipo assim tem um temperamento muito forte, mas também tem jogadores que são de boa, ia depender com quem fosse o jogador, porque tem uns que por exemplo se acontecesse isso,com certeza eles iam querer puxar confusão e tal...querer ali esquentar mais o clima. E tem outros que não, que ia ser boa....ia la pedir desculpa e tal.. ou então tentar amenizar o negocio num te, porque uns lá	a) Iam puxar confusão b) Tem jogadores agressivos e tem jogadores de boa c) Uns iam pedir desculpa d) Uns iam tentar amenizar	

pensam de uma forma e outros e outra, então ...sei la ia depender muito de quem fosse os jogadores...e é isso.		
J09: eu acho que depende muito da ocasião porque de fora tem alguns que vão tentar tirar e outros vão querer partir para cima, da forma que eles forem abordados na hora que eles forem tirar o atleta deles porque aí eu acho que se não fosse tirar e recebesse o empurrão eu acho que ele já exaltaria eu acho que...é bem dividido nessa parte também... no já aconteceu no jogo passado contra o T. os meninos do T. estavam batendo muito e acabou que os atletas do nosso time se exaltaram mas não chegou a ter a confusão ele só tava reclamando com arbitragem.	a) Alguns vão tentar tirar, outros vão para cima	

**8. Situação-problema:** Durante uma reunião da comissão técnica com vocês (jogadores) é discutido se irão ou não participar de um campeonato que no ano passado gerou diversas confusões, nas quais vários companheiros seus e você saíram machucados. Portanto, apenas a comissão técnica e mais dois jogadores concordam em participar.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Eu já falei como eu sou o capitão, eu poderia convencer os meus companheiros a participar, mas assim com mais cautela, com mais cuidado, com mais empenho, assim com mais dedicação. Mas, sempre com a segurança em primeiro lugar né, tem sempre que se prevenir a cada jogo	a) Como capitão convenceria meus companheiro a participar b) Sempre com a segurança em primeiro lugar	1) Conversas para chegar em um acordo J02, J05, J06, J07, J08 2) Tentar convencer os outros jogadores J01
J02: é chegaria né a gente teria que chegar num acordo comissão técnica com jogadores e os atletas temos que chegar em um acordo porque não é só a opinião do técnico e do presidente que tem que ser dado... os jogadores também tem que ter suas opiniões então assim a gente tinha que chegar num acordo chegar com os técnicos com técnicos com presidente e conversar e falar que a gente não tá afim de jogar porque aconteceu isso e aquilo e a gente não vai poder jogar.	a) teremos que chegar em um acordo b) não é só a opinião do técnico e do presidente que tem que ser dado c) teria que conversar com o técnico e presidente	3) Direção que resolve J05, J07, J09 4) Como atleta não devo opinar J09 5) Sempre com a segurança em primeiro lugar J01
J03: como se se a gente... é se os jogadores não concordar eles não vão né?! é... não vão não, porque não vai ter também né....eu ficaria calado Por que não ia porque eles dependem muito também dos jogadores né Tem uns que já são mais ali na frente de tudo, mas tem muita das vezes que eles (diretor/treinador) pega outros jogadores e outros saem mesmo de verdade.	a) se os jogadores não concordar eles não vão b) eu ficaria calado c) o diretor e técnico pegam outros jogadores d) jogadores saem do time	6) Tem que obedecer J05, J07 7) Ficariam calado e observa J03, J04 8) Ia disputar J05, J07
J04: por mim assim a gente jogava o campeonato, mas tem uns colegas que não querem e uns que querem e os que não querem. Tipo treinador quem escreve eles nos campeonatos.... eu mais observo.	a) Por mim a gente jogava b) Eu mais observo	9) Não é só a opinião do técnico e do presidente que tem que ser dada J02
J05: Eu acho assim que a gente ia eu ia falar eu ia falar com jogadores, ele teve muito problema que no campeonato que foi passado jogadores saiu machucado acho que conversava com ele para ele se porque depende muito o que faz o time o jogador acho que depende muito do jogador acho que tipo assim a gente pode querer muitas... não querer jogar Tem muita gente que já passou por lá e sabe como é que é acho que tipo	a) Ia falar com os jogadores b) A gente ia disputar c) Íamos entrar em um acordo d) A gente ia ouvir a diretoria	10) Se os jogadores não concordam, eles não vão J03 11) Diretor e técnico pegam outros jogadores J03

assim a diretoria tem mais é responsabilidade do time acho que a gente ia disputar sim falando conversando com jogadores E íamos entrar em um acordo com eles acho que a gente ia ouvir a diretoria.		12) Jogadores saem do time J03
J06: essa conversa eu deixava para os...para os dois técnicos né para os dois porque sempre ele que resolve tudo aí alguns jogadores às vezes não querem jogar aí alguns querem então eles pegam os jogadores que estão mais interessados para disputar o campeonato E participar aí ele bota o time do campeonato para disputar.	a) Essa conversa eu ia deixar para os técnicos b) Os técnicos que resolvem	13) Procurava entender cada um J08
J07: se eu tivesse Entre esses dois né que foi selecionado para reunião eu ia fazer de tudo para a gente ir assim entrar no campeonato tentar conversar com os outros que estavam querendo recusar falar que é o campeonato novo e que a gente vamos para jogar e que nós vamos pedir os melhores juízes para apitar nosso jogo para não gerar nenhuma confusão e nem briga essas coisas. ... porque assim eu sou muito fominha de bola eu nunca ia recusar um campeonato nem pelada Eu recuso assim eu ia ficar do lado que queria participar do campeonato mas tipo se se o combinado foi de não participar eu ia aceitar numa boa também porque isso se ele não aceitou ele que é da comissão eles que organizam Então a gente tem que fazer o que eles mandam né obedecer e eles não concordaram em participar Então tudo bem numa boa agora treinar e focar no próximo.	a) Eu ia fazer de tudo para gente participar b) Conversaria com os que queriam recusar c) eu nunca ia recusar um campeonato d) se o combinado foi de não participar eu ia aceitar numa boa também e) a comissão que organiza f) a gente tem que fazer o que eles mandam g) obedecer	
J08: sei lá tipo eu procurava conversar com professor e tal Presidente primeiro falar situação deles entender o qual é o motivo de eles quererem participar e tal aí tipo conversar com cada um dos jogador não tem e falava para eles também procurar primeiro conversamos jogadores para poder a gente entrar no campeonato tipo assim nós entrasse com a os meninos não querendo isso talvez poderia prejudicar nosso próprio time porque os meninos não.... tá sem vontade não ia querer participar aí o rendimento do time não ia ser muito bom tipo procurava a primeira conversa então não tem procurar entender o lado de cada um.	a) Conversar com o professor b) Conversar com cada jogador c) Procurava entender cada um	
J09: eu acho que da minha parte como atleta eu não devo opinar porque é uma parte que a direção que tem que se envolver se eles estão se a direção Quer pôr a gente no campeonato eu acho que com isso igualmente eles não podem interferir no nosso jogo se eles botaram treinadores não devem interferir no nosso jogo assim como a gente não deve interferir na administração deles por isso que cada um tem a sua o seu trabalho dentro de um time.	a) como atleta eu não devo opinar b) a direção que tem que se envolver c) a gente não deve interferir na administração	

*b)O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: eu acho que eles iam ouvir a comissão técnica, se é uma ordem...se é um pedido deles para participar desse campeonato é temos que obedecer né...tem uma comissão, tem um diretor, presidente, tem tudo...para isso que a gente entra no clube e a gente tem que saber disso desde já...eu acho que eles iam participar sim.	a) Iam ouvir a comissão técnica b) Temos que obedecer a comissão c) Eles iam participar	1) Obedecer a comissão J01, J08 2) Iam participar J01, J03, J05, J06
J02: Ah eu acho que eles fariam a mesma coisa que eu	a) Chegar num	3) Não iam concordar

também, chegar com os técnicos, com presidente, chegando num acordo, no diálogo... de chegar num acordo na verdade, porque muita das vezes acontece de eles conversarem mas não dá certo aí para os jogadores espalham e sai do time e o time acaba.	acordo com os técnicos b) Diálogo	J03, J09 4) Comissão ia convencer eles J02, J03, J08
J03: Eles não iam concordar de ir a maioria falaria...Aí eles falaram que que não ia dar certo por exemplo tá falando da questão deles saírem batido ...então sendo assim eles iam eles vão participar sim então eles vão concordar com certeza... Eles iam falar, mas os treinadores e o presidente iam convencer eles Com certeza.	a) Eles não iam concordar de ir b) A maioria falaria c) Eles vão participar d) os treinadores e o presidente iam convencer eles	5) Falariam J02, J03, J04, J05, J06, J07 6) Sairiam do time J05, J09 7) Depende da conversa J08
J04: uns falam e outros ficam calados.	a) uns falam e outros ficam calados.	8) Iam ficar calado J04, J06
J05: eles falariam sim acho que tinham muitos que iam desistir, por causa do que aconteceu... eles iam falar assim com a diretoria, acho que muitos iam participar também, sabem que foi pesado mais com futebol não tem barreira, eles vão realizar o sonho dele então acho que eles iam falar sim que queriam ou não queriam. Ponto de vista eles iam falar sim.	a) Muitos iam desistir b) Iam falar com a diretoria se queriam ou não c) Muitos iam participar d) Futebol não tem barreira	9) Alguma situação diretoria pergunta quem quer participar J07
J06: sim, sim... alguns iam dar sua opinião, outras não, iam ficar calado e iam ficar na sua. Alguns iam dizer que sim, dizer que queriam participar, que era mais uma esperança de levar a Vitória para casa, para ter o título, mais um título nas costas, ia ser bom para equipe.	a) Alguns iam dar sua opinião b) Outros iam ficar calado c) Iam querer participar	
J07: eles falariam ..eles iam querer discutir lá porque já ocorreu isso no time muito assim foi conversar para gente participar E aí no campeonato da acho que foi no ... na Copa Norte Eu acho que o da Integração no ano passado a gente não queria voltar para o segundo turno por causa de briga mas aí a gente conversou lá tudinho resolveu e a gente voltou aí voltamos a gente foi campeão aí deu tudo certo para o nosso lado....caso grave assim é com eles lá eles não comunicam muito com a gente, ele só deu uma vez Agora nós vamos participar disso pelo motivo tal e tal e tal aí a gente fica meio chateado né mas depois a gente aceita mas tem algumas situações que eles pegam e comunicam pergunto quem é que vai querer ir e se aquilo aí a gente vê a gente combina lá.	a) Eles falariam b) Iam querer discutir c) Algumas situações eles(diretoria) perguntam quem quer participar	
J08: meus colegas eles iam tipo depender muito da conversa que ia ter entre a gente não tem porque tipo de alguma forma para entrar no campeonato desse se a gente tivesse uma boa conversa lá então entre nós mesmo acho que eles conseguiram convencer os meninos a participar. Os meninos iam falar sobre o campeonato passado como tinha sido que tinha acontecido e tal mas tipo Eles de primeiro assim eles não iam aceitar mas depois eles ia entender que que ia ser até melhor para gente entendeu participar do campeonato e tal porque a maioria deles gosta de participar...tipo questões do jogo e tal é todo mundo não tem quando tem mais uma parte da diretoria mais	a) Depende da conversa b) de primeiro assim eles não iam aceitar mas depois eles ia entender c) eles(diretoria) conseguiram convencer os meninos a participar d)	

só eles, é pq tipo quando ele já fala não tem o campeonato que vão participar E aí eles começam a formar o time aí as vezes os meninos ... aí começa a entrar meninos aí é difícil entrar todo mundo numa roda de conversa para conversar sobre se entra ou não ele já vão com a ideia de participar já tipo só com os meninos que já estão e outros campeonatos passada aí eles falam Primeiro qual é o campeonato que vai entrar e tal.		
J09: eu acho que muitos recusariam a jogar e acho que não viriam acho que a maioria sairia do time e não iam participar dos treinos.	a) Recusariam jogar b) Sairiam do time	

**9. Situação-Problema:** O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo, você é o primeiro da fila, mas não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício.

*a) O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Eu perguntaria novamente como é para ser feito o exercício.	a) Perguntaria novamente como é para ser feito o exercício	1) Perguntaria novamente J01, J02, J04, J05, J06, J07, J08
J02: eu perguntaria, eu chegaria professor como é que se faz isso eu não entendi direito, você pode me explicar de novo...eu chegaria com ele e falava né, que eu não entendi direito como é que era o exercício e tal, para ele me ajudar a entender de novo, para ele fazer de novo para mim ver.	a) Perguntaria b) Falaria que não entendi c) Pediria para explicar de novo	2) Pedir para ir para trás J03, J06, J08 3) Observar o outro fazendo J03, J08
J03: Ah eu ia pedir para ir para trás né para ver o que os outros iam fazer para depois eu fazer.	a) Ia pedir para ir para trás b) Observaria os outros fazendo	4) Vou levando até acertar J09 5) Falaria que não entendeu J02
J04: é, a gente pede para o professor explicar de novo, até entender.	a) Pediria para o professor explicar de novo	6) A gente não entende bem o que o treinador passa J09
J05: acho que para mim eu não entendi então eu ia chegar lá com ele e perguntava de novo olha Professor eu não entendi e tal o trabalho que o senhor quer é que a gente faz no campo Não entendi eu queria que você me explicasse como é que é acho que assim ele ia explicar para mim novamente e aí é prestar atenção e fazer o que ele fez.	a) Perguntava de novo	
J06: eu mandava ele explicar mais uma vez como que era para fazer aí se eu não tivesse entendido eu ia deixar o que tava atrás de mim passar para frente para ver se ele entendia que ele pode fazer a prática e eu poderia fazer depois.	e) Mandava ele explicar mais uma vez f) ia deixar o que tava atrás de mim passar para frente	
J07: ) é eu ia pedir ajuda né para ele repetir eu ia falar que tava com problema que se ele podia me explicar mais uma vez para eu entender que é para eu fazer o certo né porque se eu tô comandando a fila se eu fizer errado meus colegas que tiver atrás para fazer, Vão fazer errado também ai e todo mundo vai pagar e eles vão pagar por mim também. Aí eu vou falar com treinador para ele explicar mais de duas vezes.	a) Pediria para explicar mais uma vez	
J08: vez que isso acontecer tipo é difícil é ser o primeiro da fila mas às vezes que aconteceu que eu não	a) Pediria para o professor explicar de	

entendi e tal eu pedi o professor explicar de novo não tem ou então quando eu não entendia eu dava um jeito de sair lá da frente de não ser o primeiro aí os outros lá chegava e perguntava como era os outros perguntar para o professor quando eles não entende não tem Eu quando não perguntava eu dava um jeito de ir para o final até ver meus colegas fazenda e eu poder entender.	novo b) Dava um jeito de sair lá da frente c) Observa os colegas	
J09: eu faço....tipo eu levo, eu errei aí ele vai me corrigir aí eu vou levando eu vou levando até acertar e mostrar para meus companheiros como é. isso acontece direto quanto em treino físico como o treino técnico aqui que a gente vai treinar finalização e a gente não entendi muito bem o que o treinador Passa ele só passa oralmente ele não demonstra como é que é e acaba que alguns atletas não assimilam de primeiro mas depois a gente aprende Como é o que é para fazer.	a) Vou levando até acertar b) a gente não entende muito bem o que o treinador Passa	

*b)O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICAD ORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: A mesma coisa, a mesma coisa sim.		
J02: eu acho que eles fariam a mesma coisa também pediu para professor ensinar de novo explicar de novo porque não entendeu E não adianta a gente fazer uma coisa que a gente não sabe...eu observei uma vez é...ele tentou fazer né, só que não acertou e aí pegou ralho, mas ante ele falar com o professor pra mostrar de novo como é que foi né do que pegar ralho.... Ele só foi fazendo errado.	a) Pede para o professor explicar de novo	1) Perguntariam para o professor J01, J02, J04, J05, J06, J08
J03: a mesma coisa.		2) Perguntaria para o colega J05
J04: ) também, eles pedem para o professor explicar.	a) Pedem para o professor explicar	3) Deixa passar na frente J06
J05: acho que eles vão fazer a mesma coisa e eu perguntar também aí é tipo uma união eles não souberam é um ajudando o outro acho que eles vão perguntar Ou eu perguntar para os colegas que sabiam que era para fazer acho que Ia ter essa união entre eles entre diretor técnico e jogador.	b) Iam perguntar para o professor c) Iam perguntar para os colegas	4) Muitos fazem errado J07, J08, J09
J06: eu acho que eles iam fazer o mesmo também iam pedir para o treinador explicar mais uma vez, porque às vezes a dificuldade é tanta, que é muitas coisas...e aí iam pedir para explicar e iam deixar o próximo passar para ver se ele conseguia fazer, aí na próxima tentativa que ele pudesse fazer.	a) Iam pedir para o treinador explicar mais uma vez b) iam deixar o próximo passar para ver se ele conseguia fazer	5) Têm medo de perguntar J07
J07: Olha tem muitos que eles fazem errado né Aí ele manda voltar acho que no pensamento dele eles faz errado já sabendo que o treinador vai mandar voltar explicar de novo. acho que eles têm medo de perguntar porque o professor é muito chato também mas assim eu acho que é isso muita das vezes eles perguntam né só que ele perguntou assim meio tímido para o professor explicar mais uma vez aí ele pega e explica.	a) Muitos fazem errado b) eles têm medo de perguntar c) perguntam meio tímido	6) Perguntam meio tímido J07
J08: é alguns iam perguntar para o professor não tem... outros não outros vão querer fazer na tora E tipo E o errar aí depois eles iam entender.	a) Iam perguntar b) Iam querer fazer na tora(erro)	
J09: mesma reação, mesma coisa que eu faria e que eu já vi acontecer também eles levam e esperam o professor corrigir eles.	a) Levam e esperam o professor corrigir eles	

**10. Situação-Problema:** O treinador dividiu a equipe em pequenos grupos, cada um deles posicionado em determinado ponto do campo para a realização de um exercício de finalização que envolve movimentações específicas e sincronismo. Seu colega, que era o primeiro da fila, olha para trás e diz que não entendeu o comando do treinador para a execução do exercício, entretanto você compreendeu perfeitamente o que devia ser executado.

a) *O que você faria nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: Explicaria para ele como se deve fazer o exercício para que ele não possa assim levar meio que um ralho do treinador	a) Explicaria para ele o exercício	1) Troca de lugar J02, J0, J04, J08, J09
J02: bom eu chamo ele para trás né para ficar no meu lugar, e eu ia lá pra frente dele pra poder executar para ele ver direito como é que era e depois executar o exercício.	a) Chamo ele para meu lugar (troco de lugar com ele)	2) Explicaria o exercício J01, J04
J03: eu ia para frente para mostrar como é como é que é.	a) Ia para frente para mostrar como é (troco de lugar)	3) Conversa J05, J07
J04: quando é assim eu entendi e ele tá na frente aí eu tipo falo para ele explico para ele como é aí quando ele entende mais ou menos aí eu mando ele passar para trás eu pego para ele pegar minha vaga eu pego a dele só para ele entender mais ou menos.	a) Explico para ele b) Troco de lugar com ele	4) Ajudando o outro J05 5) Ia pedir para o professor para eu fazer o fundamento para os colegas J06
J05: eu eu falava acho que eu chegava com Ele começava conversar com ele tipo falar com ele o que eu entendi ele falava com ele olha tem que fazer tal coisa chega lá com ele conversava com ele falava Olha tem que fazer isso isso isso para ti que o treinador mandou fazer para fazer acho que é uma união entre jogador um ajudando o outro dentro do Campo se ajudando.	a) Conversaria com ele b) Ajudando o outro	6) Chamo o professor e digo que ele não entendeu J07
J06: Primeiramente eu ia levantar a mão e ia pedir a ordem do professor, se eu pudesse fazer o o fundamento que ele explicou para os meus parceiros entenderem, como era para fazer o... o fundamento e que eles pudessem interagir, colocar na cabeça e praticar.	a) Ia pedir para o professor para fazer o fundamento para os colegas	
J07: assim eu tento conversar com ele né Eu falo isso e aquilo aí se ele continua não entendendo eu falo comunicado do professor para ele te ensinar de novo aí uns já aconteceu isso aí mas ele ficou com vergonha eu chamo o professor e professor ele ainda não entendeu aqui ainda não entendeu, tem como o senhor explicar de novo para ele? Muitas vezes ele explica né às vezes não ele já faz na prática vai lá e faz aí ele faz errado ele manda voltar e explicar mais uma vez para ele para poder entender.	A) Tento conversar com ele B) Chamo o professor e digo que ele não entendeu	
J08: é como eu falei ainda agora a gente troca não tem tipo por exemplo se fosse eu que tivesse lá e não entendesse e tal eu ia pedir para trocar com ele se ele tivesse entendido como era para fazer e aí a gente trocava...	a) Troca de lugar	
	b)	
J09: eu perguntaria para ele se ele não queria deixar eu já que eu entendi o comando que o treinador passou	a) pediria para mim ir no lugar dele	

mas dependeria também do treinador se ele deixaria eu ir ou se o atleta queria que eu fosse dependeria muito da situação Mas eu particularmente pediria para mim ir no lugar dele.		
--	--	--

b) *O que você imagina que seus colegas fariam nessa situação?*

ENTREVISTA	INDICADORES	UNIDADE DE SIGNIFICADO
J01: também a mesma coisa... assim é uma união, sempre tem um companheirismo dentro do clube assim, sempre tem que ter uma ajuda de cada um.	a) sempre tem um companheirismo dentro do clube	1) Explicam J04, J05, J06, J07
J02: Acho que fariam a mesma coisa também, trocar de lugar para procurar executar de maneira certa né, pra poder ajudar ele também a executar o exercício.	a) Troca de lugar	2) Trocam de lugar J02, J03, J06, J07, J08
J03: ) também uns iam falar né para ele ir aí se ele não entendesse iam falar para ele ir do mesmo jeito... aí depois uns iam mostravam como é para fazer aí se ele não entendesse Aí iam botar outro jogador que soubesse.	a) Iam falar para ele ir do mesmo jeito b)Iam mostrar como é c)Iam botar outro jogador que soubesse	3) Pedem para o professor ou grupo explicar J04 4) Sempre tem companheirismo dentro do clube J01, J05
J04: é isso também explicam como é para fazer Ou eles pedem para o professor explicar para o que não entendeu. Aí as vezes eles perguntam para o grupo.	a) Explicam como é para fazer b) Pedem para o professor explicar c) Perguntam para o grupo	5) Iam falar para ele ir do mesmo jeito J03 6) Insistem J06 7) Observa outro fazendo 8) Não pergunta para o professor J08
J05: eles vão fazer a mesma coisa acho que teve treinamento que já aconteceu esse mesmo fato assim acontece ajuda, foi tipo assim um jogador não entendeu Aí tinha uma filha tinha vários a metade entendeu só que primeiro não entendeu aí chegou e agora o que que é para fazer aí começaram explicar para ele que era para fazer aí chega na hora agora eu sei como é que é para fazer aí tem uma união entre jogadores.	a) Explicam b) Tem uma união entre os jogadores	
J06: acho que eles iam fazer o mesmo também eles iam explicar eles não iam para frente... iam explicar como era para eles fazerem acho que eles iam entender um pouco e o tentar fazer.... a maioria troca de lugar, mas a maioria dos outros querem insistir, querem tentar fazer. Eles querem aprender com o erro deles, eles querem ficar tentando até conseguir.	a) Iam explicar b) Maioria troca de lugar c) Outros insistem d) Querem aprender com erro e) Tentam até conseguir	
J07: muitos pede para fazer no lugar dele Tipo ele é o primeiro né aí o último da fila entendeu aí ele fala olha para trás e como você tava falando e diz que ainda não entendeu Aí o último falar eu entendi então deixa aí na frente muitas vezes ocorre essa troca do primeiro e para trás às vezes não às vezes não os outros fica falando p**** é muito burro só que a gente vai explicando mesmo assim chateado com ele porque ele não entendeu a gente explica às vezes.	a) Troca de lugar b) A gente explica	
J08: a mesma coisa e você com ele... não tem às vezes quando aconteceu que ele não tivesse entendido aí ele não queria perguntar ele não queria ir lá aí ele pediu para trocar... perguntava para alguém que tivesse entendido aí ele ia lá e trocava aí a partir daí ele via o menino fazendo e aprendia sem precisar perguntar para o professor.	a) Troca de lugar b) Observa outro fazendo c) Não pergunta para o professor	
J09: também pediram para ir no lugar dele do meu colega ou no meu lugar caso eu não assimila se o que deveria fazer	a) Troca de lugar	



# ANEXOS

**ANEXO A – INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES  
(IHSA-DEL-PRETTE)**

ITENS DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES  
(IHSA-DEL PRETTE, 2009b)  
AGRUPADOS DE ACORDO COM OS SEIS FATORES DO INSTRUMENTO.

Fator	Itens
Fator 1: Empatia	<p>7. Quando alguém faz algo de bom, eu elogio.</p> <p>19. Nos trabalhos de grupo, explico as tarefas aos colegas, quando necessário.</p> <p>24. Consigo guardar segredo, sobre o que os amigos me contam.</p> <p>26. Consigo perceber os sentimentos (medo, raiva, vergonha, tristeza, etc.) de um (a) amigo (a) em dificuldade.</p> <p>28. Ao perceber que fui inconveniente (grosso, desagradável) e ofendi alguém, eu peço desculpas.</p> <p>29. Quando um amigo tem uma posição contrária à minha, consigo negociar uma solução boa para nós dois.</p> <p>31. Ao notar que um (a) colega está triste ou com algum problema, eu lhe ofereço meu apoio.</p> <p>32. Na relação sexual, quando meu/minha parceiro (a) discorda de usar camisinha, procuro convencê-lo (a) sobre essa necessidade.</p> <p>34. Quando um colega está com dificuldade em alguma tarefa da escola ou do trabalho, eu ofereço minha ajuda.</p> <p>35. Quando quero fazer amizades, convido as pessoas para algum programa ou atividade.</p>
Fator 2: Autocontrole	<p>5. Consigo aceitar críticas, quando elas são justas.</p> <p>8. Mesmo quando meu grupo está perdendo em um jogo, eu consigo manter a calma.</p> <p>14. Ao ser injustamente criticado, consigo responder sem perder o controle.</p> <p>18. Quando alguém “apronta comigo”, peço-lhe, numa boa, que se explique.</p> <p>22. Quando meus pais ou professores criticam o meu comportamento, consigo controlar minha irritação.</p> <p>30. Reajo com calma quando as coisas não saem como eu gostaria.</p> <p>33. Quando meus pais insistem em dizer o que devo fazer, contrariando o que penso, falo calmamente o que acho.</p> <p>38. Consigo controlar minha raiva quando meu/minha irmão (ã) me critica de alguma forma.</p>
Fator 3: Civildade	<p>2. Ao entrar em um local (por exemplo, consultório médico, casa de parentes, etc.), cumprimento as pessoas.</p> <p>3. Quando alguém me faz uma gentileza ou um favor, eu agradeço.</p> <p>4. Ao sair de um local, eu me despeço das pessoas.</p> <p>6. Quando surge oportunidade, faço pequenos favores (oferecer a cadeira, abrir a porta para alguém, etc.) sem que me peçam.</p> <p>7. Quando alguém faz algo de bom, eu elogio.</p> <p>9. Ao ser elogiado sinceramente por alguém, eu agradeço.</p>
Fator 4:	<p>11. Consigo tomar a iniciativa de encerrar a conversa (bate-papo) com</p>

Assertividade	<p>outra pessoa.</p> <p>12. Quando uma pessoa faz um pedido que acho abusivo (exagerado ou injusto), eu recuso.</p> <p>15. Se não quero ficar com um (a) menino (a), eu recuso, mesmo que ele (a) seja muito insistente.</p> <p>16. Quando não gosto da roupa ou sapato que o vendedor insiste em me vender, eu digo com educação que não gostei e não vou levar.</p> <p>21. Consigo conversar com pessoas de autoridade (diretor da escola, chefe no trabalho, padre ou pastor na igreja, etc.) sempre que necessário.</p> <p>23. Se acho errado fazer uma coisa, mesmo os colegas me pressionando, eu fico na minha (não faço).</p> <p>27. Demonstro meu aborrecimento a meu/minha irmão (ã) quando ele (a) apronta comigo (mexe nas minhas coisas, implica, etc.).</p>
Fator 5: Abordagem Afetiva	<p>10. Quando estou afim de ficar com alguma pessoa, eu digo isso a ele (a) na primeira oportunidade.</p> <p>13. Quando quero participar de um grupo da escola ou do trabalho, dou um jeito de entrar na conversa (me enturmar).</p> <p>25. Ao conhecer alguém que quero ter como amigo (a), eu lhe faço perguntas pessoais.</p> <p>35. Quando quero fazer amizades, convido as pessoas para algum programa ou atividade.</p> <p>36. Em relação a carinhos, seja com quem for, eu digo francamente o que me desagrada.</p> <p>37. Ao sentir desejo de conhecer alguém a quem ainda não fui apresentado (a), eu mesmo (a) me apresento a essa pessoa.</p>
Fator 6: Desenvoltura social	<p>1. Ao receber uma tarefa para fazer, peço todas as informações necessárias para realizá-la.</p> <p>17. Converso sobre sexo com meus pais numa boa.</p> <p>19. Nos trabalhos de grupo, explico as tarefas aos colegas, quando necessário.</p> <p>20. Na escola ou no meu trabalho, faço apresentações orais em grupo quando solicitado.</p> <p>21. Consigo conversar com pessoas de autoridade (diretor da escola, chefe no trabalho, padre ou pastor na igreja, etc.) sempre que necessário.</p>

## ANEXO B – DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA

UEPA - UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS  
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 3.199.266

### Recomendações:

Manter o comprometimento ético durante todo o processo de realização desta pesquisa.

### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram devidamente respondidas.

### Considerações Finais a critério do CEP:

Os(As) Pesquisadores(as) deverão apresentar relatórios parciais informando à este CEP sobre o andamento da pesquisa, assim como deverão apresentar um relatório final, informando os principais resultados alcançados ao final desta investigação.

### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1261198.pdf	25/02/2019 09:29:53		Aceito
Outros	CEP.doc	25/02/2019 09:28:45	NIZIANNE ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOS.doc	25/02/2019 09:18:52	NIZIANNE ANDRADE PICANCO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	25/02/2019 09:02:01	NIZIANNE ANDRADE PICANCO	Aceito
Outros	CARTA.pdf	31/01/2019 11:10:50	NIZIANNE ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	DOCUMENTO.pdf	26/11/2018 17:48:17	NIZIANNE ANDRADE	Aceito

### Situação do Parecer:

Aprovado

### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

**Endereço:** Av. Plácido de Castro, 1399

**Bairro:** Aparecida

**CEP:** 68.040-090

**UF:** PA

**Município:** SANTAREM

**Telefone:** (93)3512-8013

**Fax:** (93)3512-8000

**E-mail:** cepuepa@outlook.com

## ANEXO C – FICHA DE APURAÇÃO (FRENTE) DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA ADOLESCENTE (IHSA)

### Ficha de Apuração dos Resultados do Respondente (IHSA-Del-Prette) Masculino: 15 - 16 - 17 anos Almir Del Prette & Zilda A. P. Del Prette

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade/Escola: \_\_\_\_\_

Aplicador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Frequência	Posição percentil do respondente																							
	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore Total =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 1 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 2 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 3 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 4 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 5 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 6 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100

Dificuldade	Posição percentil do respondente																							
	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore Total =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 1 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 2 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 3 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 4 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 5 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Subescala 6 =	01	03	05	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100

Subescalas	Itens do IHSA-Del-Prette	Frequência				Dificuldade									
		M	dp	0	1	2	3	4	M	dp	0	1	2	3	4
F1 Empatia	31. Ao notar que um(a) colega está triste ou com algum problema, eu lhe ofereço meu apoio.	2,83	1,13	.	.	.	.	.	1,08	1,12	.	.	.	.	.
	34. Quando um colega está com dificuldade em alguma tarefa da escola ou do trabalho, eu ofereço minha ajuda.	2,6	1,14	.	.	.	.	.	1,1	1,10	.	.	.	.	.
	26. Consigo perceber os sentimentos (medo, raiva, vergonha, tristeza etc.) de um(a) amigo(a) em dificuldade.	2,92	1,03	.	.	.	.	.	1,07	1,15	.	.	.	.	.
	28. Ao perceber que fui inconveniente (grosso, desagradável) e ofendi alguém, eu peço desculpas.	2,89	1,06	.	.	.	.	.	1,23	1,23	.	.	.	.	.
	29. Quando um amigo tem uma posição contrária à minha, consigo negociar uma solução boa para nós dois.	2,45	1,06	.	.	.	.	.	1,42	1,05	.	.	.	.	.
	32. Na relação sexual, quando meu/minha parceiro(a) discorda de usar camisinha, procuro convencê-lo(a) sobre essa necessidade.	3,15	1,21	.	.	.	.	.	1,01	1,23	.	.	.	.	.
	24. Consigo guardar segredo sobre o que os amigos me contam.	3,31	1,04	.	.	.	.	.	0,75	1,13	.	.	.	.	.
	7. Quando alguém faz algo de bom, eu elogio.	2,66	1,16	.	.	.	.	.	1,03	1,13	.	.	.	.	.
	35. Quando quero fazer amizades, convido as pessoas para algum programa ou atividade.	2,2	1,25	.	.	.	.	.	1,51	1,16	.	.	.	.	.
19. Nos trabalhos de grupo, explico as tarefas aos colegas, quando necessário.	2,83	1,18	.	.	.	.	.	1,12	1,21	.	.	.	.	.	